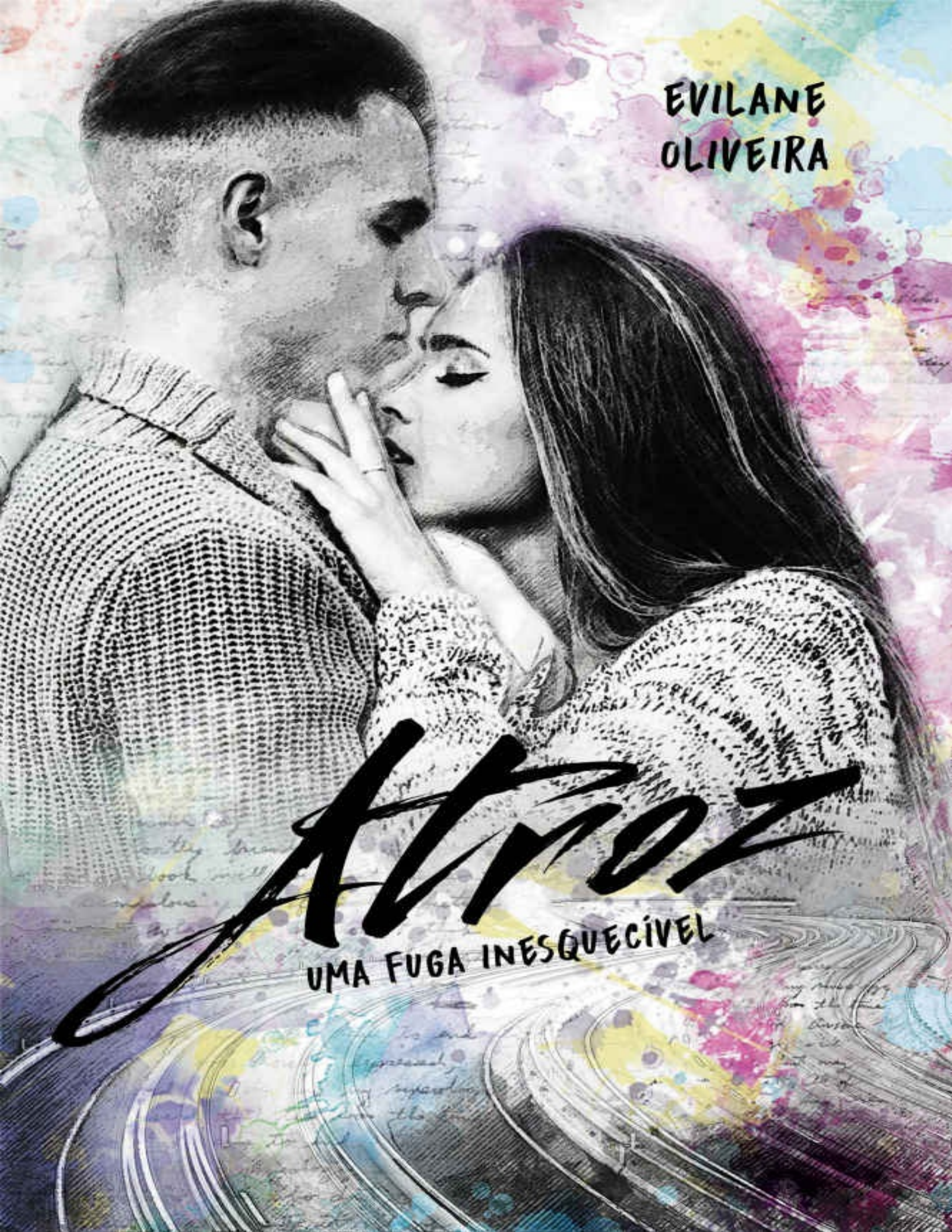




EVILANE
OLIVEIRA

Atroz

UMA FUGA INESQUECÍVEL



Atroz

UMA FUGA INESQUECÍVEL

EVILANE OLIVEIRA

Copyright © 2017 Evilane Oliveira

ATROZ: Uma Fuga Inesquecível

1ª Edição

Capa: Capas Criativas

Revisão: Evelyn Santana

Diagramação digital: April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos que aqui serão descritos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. /98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 2](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 3](#)

[Luca](#)

[Capítulo 4](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 5](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 6](#)

[Luca](#)

[Capítulo 7](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 8](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 9](#)

[Luca](#)

[Capítulo 10](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 11](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 12](#)

[Luca](#)

[Capítulo 13](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 14](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 15](#)

[Luca](#)

<u>Capítulo 16</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 17</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 18</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 19</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 20</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 21</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 22</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 23</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 24</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 25</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 26</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 27</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 28</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 29</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 30</u>	<u>Luca</u>
<u>Epílogo</u>	<u>Alícia</u>
<u>Epílogo 2</u>	
<u>Agradecimentos</u>	
<u>Sobre a autora</u>	
<u>Contato</u>	



Prólogo

Ando com Caio até seu carro e olho para o de Luca ao lado, vendo-o sentado e segurando o volante. Lorena está sorrindo e eu vejo sua mão na coxa dele, massageando. Engulo em seco e finjo esquecer isso.

Nunca vim a corridas ilegais e de um jeito estranho eu estou alegre e ansiosa por isso. Claro, se eu estivesse com Luca seria mil vezes melhor, mas nada é perfeito sempre. Tento me convencer disso em pensamentos.

Entro no carro e espero Caio entrar também. Coloco meu cinto rapidamente com medo dessa corrida dar errado. Os meninos se encaram por um momento e por último vejo os olhos de Luca travados em mim.

Sinto meu estômago cair quando vejo que ele está com raiva. Muita raiva.

— Relaxa, querida. Vamos curtir. — Caio chama minha atenção e eu lhe dou um sorriso enquanto aceno.

Os gritos das pessoas cortam o céu quando uma garota com uma roupa parecida com a de Lorena, shorts que parecem calcinhas e top que deixa os seios

quase pularem para fora, vai para o meio da pista para dar a largada.

Seguro-me firmemente no banco e sinto minha barriga dar uma volta em euforia. Sério? Sim, estou animada. Uma onda de adrenalina entra em minhas veias e eu sorrio. Isso é bom.

Quando a garota baixa uma bandeira vermelha e diz “já”, os meninos voam pela pista. É surreal. Caio está tenso enquanto Luca, no seu carro ao nosso lado, está com a mão nos lábios.

Imagino que a corrida esteja acirrada, mas quando, de um segundo para o outro, Luca voa na pista, eu sei que ele não estava na frente porque não queria. Ele permanece à nossa frente a corrida quase inteira, às vezes alternando ao ficar ao nosso lado.

— Filho da puta! Ele está me humilhando — Caio esbraveja, batendo no volante, e pisa mais fundo no acelerador. Meus olhos se arregalam vendo uma curva se aproximar e eu me viro, pronta para gritar com ele.

— Pisa no freio! Agora, Caio, nós vamos sair da pista! — grito assustada enquanto ele ri do meu desespero.

Que cara idiota! Meus dedos tremem, temendo um acidente, e eu quero bater nele, mas o medo me paralisa.

Quando chegamos à curva, o que eu falei se concretiza. O carro dá uma volta inteira e vamos parar no acostamento. Minhas costas doem e eu solto um gemido sentindo lágrimas acumularem em meus olhos. Oh, Jesus!

— Você é louco?! — questiono, tentando retirar o cinto de segurança, mas não consigo. Minhas mãos estão tremendo mais ainda.

Tento respirar fundo algumas vezes para me acalmar, mas minha porta é aberta de repente e eu encontro Luca me encarando. Seus dedos voam para meu cinto e rapidamente ele me tira de dentro do carro.

Engulo meu choro de medo e limpo meu rosto. Solto um suspiro e coloco minhas mãos em seu peito, enquanto ele me segura contra seu corpo.

— Caralho! Eu vou matar esse filho da puta — ele rosna, me segurando

pela cintura, enquanto retira fios do meu cabelo do meu rosto.

— Luca — começo sem saber o que falar e me seguro contra ele.

Firmo meus pés no chão e, como num passe de mágica, ele se foi. Eu me viro, vendo-o caminhar em direção a Caio, e ando com minhas pernas ainda bambas atrás dele.

— Me dá uma razão para eu não te matar, porra! Você está de sacanagem? Não sabe mais correr nessa droga de pista? — ele grita, empurrando Caio contra a porta do carro enquanto aperta a gola de sua camisa.

— Cara, vai se foder! Quem diabos você pensa que é? Não estou entendendo seu desespero. Alícia não é nada sua e ela está bem. — Ele tenta se soltar, mas Luca o empurra mais forte.

— Quem disse que ela não é? Se mantenha longe. Ou você vai se ver comigo novamente. E isso não é um aviso, é uma ameaça. — Ele puxa Caio do carro e o empurra para o chão, fazendo-o cair.

Oh, meu Deus!

— Luca — chamo novamente, mas ele não se vira. Pelo contrário. Ele chuta Caio nas costelas duas vezes e, em seguida, dá um murro em seu nariz. Eu escuto a coisa quebrar e fecho meus olhos, assustada com a explosão dele.

Como se ele não tivesse deixado um homem ensanguentado no chão, ele se vira e começa a caminhar até mim.

— Para o carro, Alícia.



Capítulo 01

Alícia

Minha língua desliza pelos meus lábios secos, tentando umedecê-los. Seu olhar frio me faz tremer, mas encubro isso com um sorriso gentil. Aliso minha saia lápis rosa bordô e o blazer que faz parte do conjunto. Resolvi usar algo mais sofisticado para vir até aqui, falar com papai.

— Só quero dizer que eu quero muito fazer algo que eu tenha certeza que eu goste. O senhor entende? — Meu pai respira fundo e se levanta de sua poltrona pomposa.

Engulo em seco, me sentindo uma criança. Ele faz isso comigo. Trata-me como uma estúpida para que eu volte atrás e sempre faça o que ele quer. Mas, desta vez, não. Eu não quero ser uma advogada e muito menos ficar nesse escritório escuro o dia inteiro.

Não. Eu quero pintar. Quero sentir o cheiro das minhas tintas, sentir meus dedos rasparem no pincel velho, mas que eu adoro usar. Eu só quero me sentir viva, e é lá dentro do meu ateliê que me sinto assim.

— Isso é uma bobagem, Alícia. Você tem que seguir meus passos. Você pensa que isso dá dinheiro? Ou talvez pense que irei te sustentar pelo resto de nossas vidas? — ele diz impaciente, e eu vejo a veia da sua testa se elevar, me mostrando que ele está com muita raiva.

— É uma decisão minha, pai. Irei cursar artes visuais. Eu não sou mais uma criança e com certeza o senhor não pode me obrigar a cursar Direito. — Minhas mãos tremem quando me levanto, o enfrentando.

— Não pagarei faculdade idiota para você! Pare com essa ideia absurda! — Sr. McLaren grita, me assustando por meio segundo, então pego minha bolsa e me afasto dele.

— O senhor deve saber que mamãe me deixou dinheiro suficiente para viver por mim mesma. Eu não quero me afastar de você, mas não irei fazer sua vontade. Não dessa vez. Então, se é assim que o senhor quer, assim será — digo com a garganta seca e me viro correndo para a porta quando minhas lágrimas descem por minhas bochechas.

Escuto quando ele grita por mim, mas não paro e saio do seu escritório rapidamente. Não preciso de sua permissão, porém, eu gostaria que ele me apoiasse. Entendesse e, talvez, gostasse da minha ideia de cursar meu maior sonho.

Estou vendo que não.

Entro em meu carro e sigo para minha casa. Talvez eu possa juntar meu material antes que ele chegue e queira quebrar tudo, como fez com os de minha mãe, quando ela foi embora.

Tranco a porta do meu ateliê assim que chego em casa e deixo minha bolsa cuidadosamente em cima de um dos cavaletes. Aproximo-me e me sento, olhando para a tela que comecei a pintar hoje pela manhã.

São os olhos da minha mãe.

Mesmo que ela tenha me abandonado, eu não consigo sentir nada além de muito amor por ela.

Ela é tão linda. Todos dizem que sou muito parecida com ela, mas não

acho tanto. Sim, nossos olhos azuis são idênticos, os cabelos loiros e estatura, mas algo em seu olhar me faz ver o quanto ela foi infeliz enquanto vivia conosco.

Seu olhar me lembra o de um passarinho preso. Sem poder voar. Sem liberdade. E por mais que meu pai seja um pouco rígido, eu sou feliz, diferente dela. Eu não sou um passarinho preso.

Eu sou liberta.

E eu acho que é por isso que não consigo sentir rancor por ela ter partido. Ela não era feliz morando aqui, em nossa casa. Eu só espero que agora ela seja. Espero que seus olhos não transpareçam mais essa prisão em que ela vivia.

Pego o pincel e, depois de limpar a tinta seca dele, volto a mergulhar a ponta na tinta azul. Em algumas pinceladas seus olhos se tornam mais expressivos e muito mais brilhantes.

Passo o resto da tarde terminando sua pintura e, quando a última pincelada toca o pano, minha porta é atacada por batidas.

— Saia desse lugar agora, Alícia. Se não sair, queimarei tudo. — Sua promessa me faz levantar e abrir a porta rapidamente.

— Não quero mais discutir, papai — digo cansada e estremeço, quando ele pega meu braço e me leva para fora.

— Odeio esse lugar. Odeio que você herdou a porcaria de afeição por tintas idiotas daquela vagabunda — ele grita, ainda me arrastando, e eu aperto meus dentes, me impedindo de chorar.

— Me solte. Agora — grito enquanto descemos as escadas.

— Você vai cursar Direito, Alícia. — Ele me solta na sala e rapidamente me afasto, o olhando assustada.

Meu pai sempre foi rigoroso, mas nunca, nenhuma vez sequer, pegou em mim de maneira agressiva. Passo minha mão pelo machucado e engulo a vontade de me encolher e chorar. Não vou de modo algum.

— Não. Eu não vou! Nós dois sabemos que eu não gosto de Direito. Eu amo pintar, pai. O que isso tem de mais? — pergunto, tentando me acalmar enquanto ele anda pela sala como um bicho enjaulado.

— Se continuar com essa ideia absurda, você pode sair da minha casa. E eu não estou brincando, Alícia. — Ele para e se vira, me encarando.

E eu sei que ele está falando sério. Como ele pode? Eu sou sua filha.

— Eu sinto muito, pai. — As lágrimas cegam minha visão e eu as afasto com as pontas dos meus dedos. — Só irei pegar minhas coisas — aviso baixo e, então, eu corro para meu quarto e ateliê.

Depois de empacotar tudo que posso colocar no meu carro, peço a ajuda de um dos empregados para levar para fora. Só fiz duas malas e deixei o restante para trás. Depois venho pegar o restante. Já meus materiais de pintura, eu trouxe todos, e são eles que estão abarrotando meu carro.

Paro de me mover em direção ao estacionamento para sair daqui e me viro, vendo papai na janela, me observando. Eu vejo as lágrimas que brilham em seus olhos e uma onda de vontade me bate para que eu volte para dentro e o abraçe. Porém, quando ele apenas se vira e fecha as cortinas, eu sei que ele não vai mudar sua opinião.

Entro em meu carro e sigo para a avenida. Beatrice tem um apartamento e disse que eu sempre poderia ficar com ela. Ela tem minha idade, estudamos juntas no colegial, porém quando ela terminou os estudos e correu para a faculdade, eu dei um tempo para que pensasse no que queria, lógico, isso foi uma desculpa para adiar o confronto com meu pai. O que não adiantou nada.

Agora tenho 21 anos, entrando na faculdade que eu escolhi. Enquanto ela já está no seu segundo ano em administração.

Receber a carta de aceitação da Universidade foi um dos dias mais felizes da minha vida. Eu fiz tudo que era preciso e só tinha que esperar a resposta. O que veio em seguida.

Suspiro, deixando um sorriso se estender por meus lábios. Eu fiz o certo. Eu sou uma adulta e não preciso do apoio de ninguém, nem mesmo do homem que eu mais amo no mundo.

Estaciono na vaga ao lado do carro de Bea e saio do meu carro andando até sua porta. Sim, o prédio só tem a saída na calçada. Eu acho perigoso, mas ela diz que é o que pode pagar com seu salário de garçonne na lanchonete do bairro.

Assim que levanto a mão para bater, a porta se abre, me mostrando Bea. Meus olhos crescem quando vejo sua saia jeans curta e seu top que mal cobre seus seios. Bea se assusta e tenta cobrir seu corpo de mim, mas eu balanço a cabeça, trazendo minha atenção para seu rosto.

— Desculpe, é que nunca te vi vestida de forma tão reveladora. — Sorrio, tentando dissipar a tensão.

— Ah, Alícia, o que faz a essa hora nesse bairro? Meu Deus! Entra. Vamos. — Ela puxa meu pulso enquanto subimos as escadas e juntas entramos em seu apartamento.

— Desculpe, eu... você está de saída, né? Eu lamento. — Sinto-me uma idiota. Eu deveria ter ligado, avisado que estava vindo.

— Estou, mas ainda é cedo. O que aconteceu? — Seus olhos suavizam e eu relaxo, caindo em seus braços. — Oh, Ali. O que aconteceu, amiga?

Seu murmúrio é amigável e preocupado.

— Meu pai me expulsou de casa, Bea. Ele disse que se eu não cursasse Direito, eu deveria ir embora — digo me afastando, antes que as lágrimas caíssem. — Eu pensei que talvez... eu pudesse ficar aqui por um tempo. Até eu arrumar um lugar... eu sei que deveria ter te ligado... — argumento, lembrando que isso deveria ter sido a primeira coisa a ser pensada por mim, mas ela me interrompe, rindo.

— Isso é tudo que eu sempre quis. Meu Deus! Vou ter uma colega de quarto. Isso não é o máximo? — Sorrio, vendo que ela gostou da ideia, e um suspiro aliviado é solto por mim.

— Muito obrigada. Eu ajudarei com o que for preciso. Eu tenho dinheiro que minha mãe deixou, você sabe... Só muito obrigada. — Agradeço, segurando minha bolsa com um aperto de morte.

— Não falaremos sobre isso agora. Estou indo para meu turno na

lanchonete e de lá eu iria a uma corrida de rachas... — ela fala, suspirando, e arregalo meus olhos ao ouvi-la. — Não se assuste, é uma amiga que me perturba desde sempre para eu ir e, hoje, é inevitável, já que ela vai me buscar. Você quer ir? — Engulo em seco e, por fim, sorrio.

Não quero que Bea pense que sou metida e uma patricinha rica. Mas eu não acho legal ir a rachas, eles são ilegais! E se a polícia aparecer?

— Não. Ficarei por aqui mesmo. Espero que entenda. Eu... não curto rachas. — Dou de ombros, com medo de sua reação.

— Eu também não, mas ela está sendo uma cadela quanto a isso. Se mudar de ideia, me liga. — Aceno e a observo sair.

Sento-me em seu sofá e suspiro, olhando ao redor. O apartamento é simples e com dois quartos pequenos. Um é o de Bea e o outro está vazio. Não me acomodo em nenhum lugar. Esperarei até que ela retorne para pegar minhas coisas no carro. Não quero me sentir tão em casa. Bea está sendo uma amiga maravilhosa, mas eu não estou 100% certa de que faço o certo vindo me meter em sua vida.

Prendo meus cabelos com um elástico e me estico no sofá limpo e bem-cuidado. Com o passar das horas me pego andando pela sala. Eu estaria mais confortável, se minhas coisas de pintura estivessem aqui, mas, novamente, não quero pegar nada e colocar dentro da casa de Bea sem ela aqui.

Quando vejo que foi idiotice recusar seu convite, me pego discando seu número. Depois de rir levemente, ela me passou o endereço do tal racha e disse que me esperaria numa esquina antes do local, pois a corrida já havia começado.

Saio de casa e entro em meu carro, vendo todas as minhas tralhas nele. Gemendo uma maldição, saio com ele assim mesmo. A única que entrará nele será Bea e ela não ligará para minha bagunça.

Assim que chego aonde ela me disse, estaciono o carro e espero ver Bea, mas passa cinco minutos e ela não chega. Pego meu celular para ligar para ela e grito quando batem no vidro da minha janela.

Viro-me pensando ser Bea e já querendo matá-la pelo susto, mas meu grito ecoa quando vejo um homem me encarando da maneira mais tenebrosa que

já vi.

Sua boca se move, mas não consigo escutar pelo vidro e agradeço, pois, suas feições me dizem que ele está irritado. Viro-me colocando a mão na ignição para correr daqui, mas ele volta a bater e eu fico paralisada ao ver que ele tem uma arma. *Meu Deus!* Ele vai me matar.

Destranco a porta e ele a abre rápido. Eu tento sair do carro, mas sua mão quente me impede, então volto a minha atenção para seu rosto.

— Passa para o outro banco. Vamos, menina! — ele grita, empurrando meu ombro, e eu me atrapalho tirando meu cinto de segurança e corro para o banco do passageiro.

Minhas mãos tremem quando ele entra no carro e sai do acostamento correndo pela rua. Seguro-me no estofado do banco quando o velocímetro marca cem quilômetros por hora.

Meu Deus!

Grito assustada e levo minha mão para meus lábios, tentando não chamar sua atenção para mim. Ledo engano.

— Por que está chorando? — Franzo minha testa ao ouvir sua voz rouca me questionar de maneira confusa e até irritada.

Eu não tinha percebido que estava chorando.

— Para onde você está indo? Por que não me deixou lá? Não é só o carro que quer? — pergunto me encolhendo mais perto da porta.

— Eu só estou saindo do racha e precisava de uma carona. Você estava na rua e eu aproveitei. — Sua voz é tão calma que parece que ele está conversando sobre o sol ou como o asfalto fica quente ao meio-dia.

— Você é louco? — grito, me descontrolando. — Pare já meu carro. Saia!

— Olha, patricinha, eu vou te deixar sozinha depois que eu estiver seguro. Longe daqueles policiais que estão nos seguindo. — Arregalo meus

olhos, olhando pelo ombro para ver que ele fala a verdade. Uma viatura nos segue na velocidade da luz. Sinto minhas mãos tremerem, meu estômago revirar e as lágrimas se acumularem em meus olhos.

Como me meti nisso?

Oh, meu Deus!



Capítulo 02

Alícia

Volto a sentar direito e o vejo rir, olhando para mim. Idiota.

— Patrícia, não precisa ficar apavorada. Vou despistar eles e depois te levo para casa. O que acha? — Ele continua rindo enquanto fala e a minha vontade de socá-lo instantaneamente cresce.

— Você é idiota? E meu nome não é Patrícia. — Solto um grunhido, lembrando-me de colocar meu cinto de segurança. Estou com medo, nervosa e irritada, a pior combinação que já existiu para uma mulher. Meus olhos fogem para a arma e eu sinto meu coração apertar. Por que ele está armado?

— Okay, Patrícia. — Ele se vira, olhando pelo vidro, e eu engulo em seco quando ele acelera mais, se distanciando das viaturas.

Depois de mais alguns minutos, ele diz que despistamos a polícia. Eu quero chorar. Se meu pai souber que fugi de polícia na primeira noite longe de casa, acho que ele teria um infarto.

— Agora você pode encostar e descer do meu carro? — pergunto nervosa e ele se vira para me olhar.

— Patrícia, não entendo seu medo. Não vou te machucar. — Sua fala mansa e confusa é interrompida pelo toque do seu celular.

Depois de segundos falando com alguém no celular, ele volta à pista e acelera.

— O que está fa-fazendo? — Engulo meu nervosismo, me sentindo estúpida por estar gaguejando.

— Theo avisou que eles pegaram a placa do seu carro, Patrícia. É uma merda, mas não posso ficar aqui ou deixar você ser presa por ignorar ordem de parada, então vamos passar um tempo juntos até eles se acalmarem e Theo falar com um amigo para ele desfazer essa merda e, então, eles esquecerão o número da sua maldita placa. — Enquanto ele fala eu sinto minha barriga dar mais voltas. O vômito sai assim que me viro para a janela e coloco a cabeça para fora.

Depois de sentir minha barriga revirar novamente, giro a tempo de vê-lo fazer uma careta de desgosto. Limpo meus lábios com um lenço, me sentindo tremer dos pés à cabeça.

— Você sabe o que está me-me di-dizendo? — As lágrimas brilham em meus olhos, mas as afasto antes de voltar a olhá-lo.

Seu rosto está com vincos, e suas sobrancelhas, tão juntas que me pergunto quão idiota ele deve me achar agora.

— Patrícia, eu só estou tentando salvar sua bunda! Se quiser que eu te deixe em casa agora, para a polícia te prender, me fala que irei fazer... — Ele nem precisa terminar e eu já digo em alto e bom som:

— Sim! Eu quero que me deixe em casa. — Mas o idiota me ignora, voltando sua atenção para a pista. — Ei! Já disse! Eu quero ir para minha casa. — Bem, a de Bea, mas não importa. Eu só quero ir para casa e esquecer essa porcaria de noite.

Até xingar eu aprendi, que ótimo!

— Mas não vai. — Meu queixo cai com seu tom irritado e penso ter ouvido errado. Ele falou que me deixaria...

— Mas você disse...

— Eu menti. Eu não vou te deixar em lugar algum até que eles tenham limpando essa merda, agora cala a boca e se concentra em não vomitar em mim. — Sua voz denuncia sua irritação, mas olhando para seu rosto eu vejo mais que isso. Ele está frustrado e eu estou começando a temer de verdade esse cara.

— Você está me sequestrando, não é? — questiono, olhando para seus braços grandes e os riscos pretos que os envolvem.

Deus, ele é um bandido? *Não, Alícia, ele só foi para um racha, roubou seu carro e está te levando, Deus sabe aonde... Nada demais.* Mando minha voz interna se calar e aperto a mandíbula, o vendo rir de lado.

— Patrícia, eu não estou te sequestrando. Quero dizer, talvez, já que você está indo contra sua vontade, mas não quero o dinheiro dos seus pais ricos. — Meu coração acelera quando entramos em uma rua parecida com a de Bea.

Tudo está escuro, os postes de luz estão quebrados e eu me pergunto se foi esse Atroz que quebrou tudo. Ele estaciona no meio-fio e eu gemo, me mandando não derramar uma lágrima. Vai ser rápido. O idiota do Theo vai ligar e dizer que está tudo resolvido, então eu posso voltar para casa e nunca mais vou ver esse cara.

Tudo certo. Mas não está. Estou tremendo, com medo e assustada. Olho para minhas coisas de pintura e temo que elas sejam roubadas, já que não vejo uma garagem e o Atroz já está saindo do carro.

— Siga-me, Princesinha. — Não respondo ao seu chamado tosco, só me desloco para o lugar do motorista e fecho minha porta. Solto um gemido quando vejo que as chaves não estão na ignição.

— Me dê minhas chaves — minha voz sai um tanto fraca, mas resisto a gemer diante da minha estupidez.

— Patrícia — ele grunhe e sinto minhas pernas amolecerem. — Saia da porra desse carro. — Eu me recuso a deixá-lo me intimidar.

Estou sendo sem noção e até um pouco corajosa demais para minha natureza, mas temo que, se eu ficar aqui, serei estuprada, esquartejada e enterrada no quintal sujo dessa casa. Tremo internamente só de pensar nisso.

— Atroz, eu só quero ir para casa. Eu estava fazendo meu caminho para ir a esse racha idiota encontrar minha amiga, e você veio e me roubou. Agora eu só quero ir para casa... — Minhas palavras se perdem quando ele abre a porta do meu carro.

— Do que diabos você me chamou? — Arregalo meus olhos, percebendo que o chamei pelo adjetivo feio, e logo me preparo para pedir desculpas, mas ele explode em uma gargalhada histérica.

Ele se inclina para trás, ainda rindo, e eu consigo ver a tatuagem espreitando da camisa para seu pescoço. Engulo, vendo que é uma serpente, e levo minha atenção para os seus braços nus. Neles tem alguns rabiscos que não tenho a mínima ideia do que significam, então suspiro e o olho nos olhos.

Eles são castanho-escuros, as bordas brilham como pontos amarelados e eu sinto minha garganta fechar, quando constato que o Atroz é um cara muito bonito, tipo, muito mesmo. Seus lábios são finos, suas bochechas, magras, mas ainda, quando sorri, uma covinha se faz presente.

— Eu amei o apelido. Agora saia antes que Tina apareça. — Faço careta diante do nome de uma mulher e tremo de pensar que ele tem uma namorada, ou pior, uma esposa.

— Atr... Desculpe, você, sequestrador, pode me levar para casa? O carro pode ficar aqui. Eu só preciso ir... minha amiga deve estar preocupada... — tento falar com ele civilizadamente, mas vejo que se eu estivesse falando com um poste teria mais resultado.

— Já disse para se calar — resmunga sob sua respiração e eu mordo meu lábio, me mandando me acalmar. Saio do carro e o sigo.

Ele abre a casa e entra, me deixando para trás. Caminho entrando no espaço e me assusto quando ele acende a luz. Tem uma garota deitada no sofá, seus cabelos longos são castanho-escuros e sua pele é branca como a do meu sequestrador/Atroz. O cara, de quem ainda não sei o nome, anda até ela e a acorda devagar com um balanço de braço. Seus olhos se abrem e eu engulo um

suspiro, diferente dos do Atroz, os olhos dela são verdes. Completamente linda.

Ela se senta e eu vejo um sorriso se estender por seus lábios pequenos.

— Luca, você chegou. — Ela continua sorrindo e eu me retraio com medo de acabar com o momento deles.

— Sim, pequena. Vamos para o quarto? Onde está Felipe? — Sua voz se suaviza com ela e eu olho diretamente para seus olhos. Ele a olha como se ela fosse seu mundo.

Meu coração relaxa e me diz que posso confiar, pelo menos um pouco, nele. A menina levanta e começa a caminhar para o quarto, mas para como se sentisse que estou escorada na porta. Ela se vira e me vê, inclina a cabeça, mas não vejo nada além de uma carranca em sua face.

— Outra vadia, Luca? — Arregalo meus olhos e minhas mãos caem do meu lado. Totalmente assustada e absorta. Ela me chamou de vadia?

Que menina.... Mal-educada!

— Valentina! — Luca grita com o rosto retorcido em raiva. — Peça desculpas agora. Já disse para não falar esses palavrões. — O rosto da menina aquece e eu me retraio mais ainda, pensando que, talvez, se eu fizesse mais força, poderia ultrapassar a madeira.

— Luca, estou cansada de você trazer meninas para cá...

— Eu mandei se desculpar, Tina. E eu não estou ouvindo suas desculpas...

— Tudo bem. — Engulo em seco, tentando fortificar minha voz quando eles se viram. — Tudo bem. Não precisa, mas quero deixar claro que eu não sou vadia e de modo algum, nunca do Atr... do Luca. — Seu nome desliza por meus lábios e eu respiro fundo. Sim, eu consegui falar.

— Como é seu nome? — Tina pergunta ao mesmo tempo em que ele diz:

— Nunca?

Faço careta para ele e me viro, focando minha atenção na menina de olhos verdes.

— Meu nome é Alícia. Prazer em conhecê-la. — Sorrio, tentando ser simpática, mas ele morre quando ela se vira gargalhando para seu irmão.

— Uma burguesinha? — Ela gargalha mais alto e eu franzo minha testa, sem saber se ela está me insultando.

— Você está falando em modo pejorativo? — questiono confusa e me viro a tempo de ver o sorriso no rosto do Atroz.

— Pejo o quê? — Ela ri mais ainda e se vira indo para seu quarto.

— Pe-jo-ra-ti-vo — explico mais alto, para que ela ouça, mas vejo que fiz papel de estúpida novamente, quando ela ri mais.

— Felipe está aqui no quarto — ela grita da porta do quarto e a fecha, nos deixando a sós.

— Alícia... — Luca começa, se aproximando de onde estou, e eu sinto minha pulsação acelerar. — Um nome ótimo para uma Patrícia e, como minha irmã falou: uma burguesinha. — Seu sorriso convencido me faz odiá-lo em dimensões muito grandes, muito mesmo.

— Luca, nome de um cara Atroz. Luca, nome de cara mau, muito mau. — Seguro seu olhar risonho e me sinto aquecer, minha barriga girar e minhas mãos suarem. O que é isso?

— Sim, como o lobo e a Chapeuzinho. — Eu começo a rir da sua frase idiota e ele aproveita para me encurralar.

Seu peito largo toca meus seios e eu suspiro longamente, fazendo meu corpo ficar totalmente duro. As mãos tatuadas de Luca se colocam em minha cintura e, devagar, seu dedo anelar faz movimentos suaves na minha pele.

— Mas, diferente do lobo desse desenho idiota, eu vou devorar você, não a vovozinha. — E pela, bem, já perdi as contas, estou com a boca totalmente aberta.

— Como se atreve? Se afaste agora, Luca! Vou denunciar você por abuso... — Ele tampa minha boca com sua mão e sinto seus músculos se tensionarem. Vejo-o olhar para trás e seu corpo relaxar. Ele se afasta, me deixando com meu espaço pessoal salvo e eu agradeço.

— Ei, campeão! Vamos voltar para a cama? — Saio de trás das suas costas e vejo por que sua voz se suavizou.

No meio da sala há um menino de não mais que 6 anos, coçando os olhos. Eu me pergunto se eles são irmãos. Luca não deve ter idade para ter dois filhos, Tina é grande. Uma adolescente, acho que não mais que 12 anos.

— Luca! Você disse que iríamos brincar de futebol ontem — ele fala bocejando e abre os olhos. O verde de Tina está lá e, do mesmo modo quando ela me viu, eu volto a repetir o sorriso que lhe dei, mas, diferente dela, Felipe sorri.

— Sua namorada, Luca? — Ele tem um vinco bonito na testa e eu balanço a cabeça, negando.

— Não. É só uma amiga. Agora vamos para o quarto, campeão. — Luca pega Felipe nos braços e ele sorri, me dando tchau.

Devolvo o aceno de mão e os vejo sumir no corredor. Ando para o meio da sala e me sento no sofá, olhando para a casa desgastada. As paredes precisam de pintura e os móveis são um pouco velhos, penso na condição de vida deles e quase me vejo assim também, já que moro com Bea agora e nós duas não temos dinheiro suficiente. Em contrapartida, percebi o carinho que eles sentem um pelo outro. Diferente da minha casa, aqui é um lar.

Suspiro e aperto minha têmpora. Sinto meu celular tocar e o pego, vendo que é Bea. Ela deve estar querendo me matar.

— Aonde você se meteu, Alícia? — Seu grito preocupado me faz querer chorar. — Pensei que tivesse desistido de ir para o racha e voltado para casa, mas não há ninguém aqui. Nem suas coisas você deixou...

— Eu fui sequestrada...

— O quê? Porra! Como eles estão deixando você falar no celular? Me

passa o endereço, vou chamar uns amigos...

— Alícia — a voz de Luca verbera na casa e eu tremo, imaginando que estou fazendo algo errado.

— É ele? Que voz é essa? Ele te chama pelo nome? — Suas perguntas me deixam zonha.

— Me passa o celular. — Eu me levanto quando Luca fala, ficando na minha frente.

— É minha amiga. — Encaro-o com raiva e ele respira fundo, completamente irritado, e toma o celular das minhas mãos. — Luca! — Tenho vontade de gritar, mas me lembro de Tina e Felipe, então me acalmo e somente sai um murmúrio.

Ele aperta a tecla, deixando o celular no viva-voz, e a voz enlouquecida de Beatrice reverbera na sala.

— Foda-se você, seu sequestrador estúpido! Me diga onde está, estou ligando para Luca agora e ele vai chutar sua bunda da China até São Paulo... — Eu franzo minhas sobrancelhas, estranhando ela conhecer alguém que pode chutar a bunda de outra pessoa de um país ao outro, mas deixo isso passar vendo o Atroz sorrir.

— Quem diabos está falando? Quero o nome dela, Patrícia — ele pede, achando graça, e eu tenho vontade de matar esse idiota.

— Por que ele te chamou de Patrícia? — Bea pergunta, mas antes disso já respondo seu nome.

— Beatrice. — Luca ri, concordando, e leva o celular para perto dos seus lábios.

— Então a minha garota está ameaçando chamar a mim mesmo? — A linha fica muda por dois segundos e então tudo desaba.

— Luca, seu filho da puta! Traga minha amiga para casa, se não nunca mais vou resolver seu caso de bolas azuis. E eu não estou brincando! Não entre nas calças dela também! Eu vou arrancar seu pinto com meus dentes. — Tampo

meus ouvidos para não ouvir mais nada.

Bea sai com Luca? Eles são amantes, é isso? Sinto-me enjoada. Droga!



Capítulo 03

Luca

Caminho para meu quarto com Alícia nas minhas costas depois que desliguei o celular, deixando Bea falar sozinha. Amanhã irei ligar e explicar tudo, não tenho paciência para os gritos dela. Abro a porta do quarto e deixo Alícia passar. Seu lábio está sendo moído por seus dentes e sua atenção está pelo quarto. Ela está calada demais para o meu gosto.

— O gato comeu sua língua, Barbie Girl? — Seus olhos chegam até mim e uma chama irritada cruza os olhos azuis límpidos.

— Não. Só... — Ela se cala e balança a cabeça. — Nada.

— Tudo bem. Pode dormir, pela manhã voltarei aqui e abrirei a porta — digo enquanto ela anda pelo quarto, evitando meu olhar.

— Você vai me deixar trancada? — Tenho vontade de acariciar a voz dela. Foda-se, parece seda, e eu quero me enroscar nela inteira.

A garota está mexendo com meu juízo mais do que eu quero admitir.

Imaginei mil maneiras de me afundar nela durante nossa interação desde que a roubei junto com seu carro. Seu rosto corado e com amostras de choro me faz me aproximar dela. Suas pérolas azuis se arregalam quando chego antes de ela perceber, correr em rachas me fez rápido, não só na pista, mas também correndo com meus próprios pés.

— Alícia, você pretende sair? — questiono, tirando uma mecha do seu cabelo loiro da frente de seu rosto. Ela parece um anjo, ingênua, tímida e malditamente proibida. Isso é uma merda, já que eu gosto do proibido.

Na verdade, eu amo.

— Se a-afaste... — Já percebi que sua gagueira é algo que só acontece quando estou próximo a ela, então eu sei que ela está atraída por mim também.

— Ou o quê, burguesinha? — Ela empurra meu peito e sai pelo lado, correndo até a cama. — Aí só vai facilitar meu trabalho, você sabe... — Observo, indicando a cama com um aceno.

— Você não vai me estuprar... não é? Digo, porque eu nunca, no inferno, vou fazer isso por vontade própria... — Sua voz se eleva um pouco e eu decido retroceder. Ela está com medo e isso é a última coisa que eu quero que ela sinta.

— Por que você não iria querer? Eu sei que sou um cara bonito, merda, mais bonito que muito mauricinho que você conhece ou já fodeu. — Inclino meu rosto, pegando a vermelhidão que suas bochechas ganham.

— Você é um porco! — Ela me fulmina irritada e eu rio, sentindo que tenho algo divertido nas mãos.

— Eu quero saber por que, Alícia. Será que é por que sou pobre? — Elevo minha sobrancelha e cruzo meus braços diante do meu peito.

Já sofri preconceito por viver do lado menos favorecido da cidade, mas eu não ligo para isso. Eu não ligo que patricinhas com a mesma aparência de Alícia venham para os rachas atrás de um cara atroz, como ela falou, e corpo pobre. Na verdade, eu gosto, e muito. Elas fingem inocência e blá-blá-blá, mas, quando estão na cama, fazem coisas que a maioria das minhas vizinhas nem sabe que existe.

De olhar para Alícia eu sei que isso não é algo que eu vou ter com ela. Essa menina é inocente como um maldito bebê. É foda, mas é a verdade, e de um jeito estranho eu sinto alívio.

— Eu não sou preconceituosa! Você não me conhece! — Ela bate o pé e eu tampo minha boca, não querendo começar a rir. Porra, agora ela pareceu uma criança mimada.

— Então explique...

— Eu não fico com amantes das minhas amigas e, se você não percebeu, Bea é uma amiga. — Sua boca treme enquanto fala e eu me aproximo, querendo desvendar seu olhar irritado e seus punhos cerrados.

— Por que está com raiva? Você não gosta de dividir? Podemos fazer um trio. Adoraria ter você no meu rosto e ela lá em baixo. O que acha? — Nem preciso dizer que ela está chateada além do entendimento da palavra.

— Pare de falar assim! Eu... Jesus! Nunca, você me ouviu? Eu nunca farei essa depravação. — Ela se levanta, pronta para me bater, pelo menos eu acho que ela está rígida e seu punho, cerrado.

Lambo meus lábios, vendo em Alícia um desafio. Eu tenho todos os porquês de não me meter com ela, mas eu não sigo regras, e muito menos sigo minha intuição.

— Você está com ciúmes, Patrícia? O quê? Paixão à primeira vista? — instigo rindo baixo.

Alícia parece ficar vermelha como um tomate, seus dentes se fincam no seu lábio e de repente eu escuto algo caindo atrás de mim. Sigo o barulho e arregalo os olhos. Porra! Ela jogou o celular em mim?

Encaro o iPhone no chão e vejo que mesmo com a porrada que ele sofreu, batendo na parede, nada aconteceu com ele. A porcaria está intacta.

— Você?... — Eu me calo, sem saber o que falar.

— Eu não estou com ciúmes de você ou de Bea, seu Atroz, arrogante. Estou surpresa que minha amiga se relacione com pessoas como você! Que

repito, é um arrogante, atroz e coisa muito pior, já que corre em rachas ilegais — ela fala tudo em um único fôlego enquanto dá um passo na minha direção.

— Você pensa que sabe algo sobre mim, Patrícia? Deixa eu te falar um segredo, você não sabe! Agora cala a porra da sua boca antes que eu a cale — grito, não me importando que talvez eu tenha acordado meus irmãos novamente. Eu odeio que todos sempre pensam o pior de mim. Eu me acostumei, mas ouvir uma burguesinha mimada dizer isso é demais. — E não vai ser com minha boca, pode ter certeza. — Encaro seu rosto retorcido em raiva, mas ela suspira e volta para a cama, se sentando de costas para mim. Bem, isso é bom.

Saio do quarto sem nada para forrar o sofá e me sento, tirando meus sapatos. Decidir dormir no sofá e deixar uma patricinha dormir em minha cama é... estou louco, só pode. Porém explico isso com o fato de que ela poderia querer fugir. Eu não posso deixá-la ir agora, que está em minha casa, conhece meus irmãos e sabe meu nome. De modo algum.

Theo vai me ligar e dizer que Jeferson já resolveu essa confusão. Ele tem que resolver. Jeferson é um policial amigo de Theo e, quando me meto em merda, ele é capaz de me tirar. Ele não é meu fã, mas faz o que pode pelo Theo e por meus irmãos pequenos.

Deito-me e meus pensamentos voltam para Alícia. Ela é um mistério. Vi como se sentiu encurralada por mim e, nas vezes que olhei em seus olhos, eu via a necessidade e atração, mas o pior, eu senti a mesma coisa por ela. Só que ela não tem consciência disso. Eu me pego rezando para ela não ser virgem, porque, bem, eu a quero em minha cama. Ela já está lá, agora só falta eu estar ao lado dela.

Perto de amanhecer escuto algo cair na cozinha. Pulo do sofá e pego minha arma em cima da estante. Ando nas pontas dos pés e chego à cozinha, vendo uma sombra perto da geladeira. Quando a sombra se mexe, eu levanto a arma, mirando no filho da puta que se atreveu a entrar na minha casa, e então eu vejo o idiota Theo.

— Filho de uma puta! — Suspiro baixando a arma e a deixo no balcão.

— Eu digo o mesmo, porra! Você ia atirar, merda? — Seus olhos estão arregalados, e sua boca, aberta. — Eu já mandei se livrar dessa porra, Luca. — Ele aponta para a pistola e eu reviro os olhos.

— Pare de entrar sorrateiramente na minha casa, Theo. Eu não gosto. Entre pela porta da frente e batendo nela como uma pessoa normal. — Caminho para a cadeira da mesa e me sento.

Meu melhor amigo demora para fazer o mesmo, ainda olhando para a arma, mas logo ele faz. Ele me encara e um suspiro deixa sua boca. Lá vem o sermão...

— Estou cansado, Luca. Para com essa merda. Eu vou te ajudar com os meninos. Pode contar comigo, cara. — Encosto-me à cadeira e deixo um suspiro sair.

Theo é um mauricinho que conheci quando arrumei seu carro na oficina em que trabalho durante o dia. Conversamos por umas três horas sobre carros e afins, depois disso, ele sempre ia lá e me chamava para sair com ele para bares e etc. Até hoje somos inseparáveis. Isso já faz quatro anos.

— Nós já conversamos sobre isso. Eu nunca vou pedir dinheiro seu, Theo. Agora me fala o que aconteceu ontem. Jeferson ajeitou a merda? — questiono ansioso.

Quero que Alícia possa ir para casa. Sei que não sou um cara bom, mas mantê-la aqui contra sua vontade me dá dor de cabeça. Imaginar o que minha mãe acharia me dá náuseas.

— Até a tarde ele disse que estará feito. Ele está entrando em contato com outro cara. — Aceno suspirando e me levanto. Pego a chaleira e encho com água para colocar no fogão.

Theo me observa atentamente e eu sei que ele deve estar pensando em maneiras de me colocar nos trilhos certos. É por essas e outras que ele é meu amigo. Ele sempre tenta ajeitar a vida de todos.

— Meu dinheiro é seu, cara. Eu amo seus irmãos. Eles são meus irmãos também, Luca. Vamos parar de foder com isso...

— Você fala como se não andasse lá também. Além do mais, eu nunca fui pego e não vai ser agora que vou ser...

— Você sabe que só vou para aquele lugar por sua causa. Para manter sua

bunda limpa! — Eu me calo, sabendo que isso é verdade.

Levei Theo para o racha uma semana depois que nos conhecemos. Ele gritou e me mandou ir me foder um milhão de vezes quando me viu entrando num carro para participar.

Naquele dia, ele quase chorou quando saí do carro e caminhei com ele para pegar meu dinheiro, dizendo que essa merda é errada e que, se seus pais o pegassem fazendo isso, ele era um homem morto e deserdado. Porém, finalmente se calou quando uma garota o pegou pela blusa e o levou para um lugar reservado.

— Eu sei. Olha, deixa só esse começo de ano passar. Como ganhei a corrida de ontem, eu vou comprar o material escolar de Tina e Felipe, depois irei pensar nisso — minto, querendo desviar do assunto e fazer Theo esquecer essa merda.

— Beleza. Eu comprei as mochilas. Prometi a Tina de presente de aniversário e para Felipe, vou dar porque ele é pequeno e merece. — Engulo o caroço que cresce em minha garganta e aceno.

— Eu iria comprar. Só não vou fazer você devolver porque tem bom gosto e sei que eles vão gostar — digo dando de ombros e termino de fazer o café vendo Theo se levantar e ir para fora.

Depois de alguns minutos ele volta com duas sacolas plásticas de tamanho grande e, dentro delas, estão as mochilas dos meus irmãos. Não quero que Theo gaste com eles, mas só de saber que ele perdeu um pedaço do seu dia indo a uma loja comprar coisas para eles, me sinto mais grato por tê-lo como amigo.

— Obrigado, cara. De verdade. — Ele acena e deixa as sacolas dentro do armário mais alto na parede.

— Deixarei escondido aqui e, à noite, venho mostrar a eles. Tudo bem? Agora tenho que ir para a construtora. Te vejo mais tarde. — Aceno concordando e ele sai sem outra palavra.

Deixo café pronto na garrafa térmica e pães que Theo trouxe em cima da mesa e caminho para o quarto de Tina. Ela dorme pacificamente, então a deixo

dormindo e só rabisco um pedaço de papel, avisando que estarei na oficina e que ela deve cuidar de Felipe.

Quando passo por meu quarto, eu o abro e entro, vislumbrando um corpo loiro no meio dos meus lençóis. Alícia dorme com os lábios entreabertos e por um momento imagino beijá-los, mas sorrio balançando a cabeça. *Nem fodendo, Luca.*

A menina te chama de Atroz. Que porra de nome é esse?

Saio de casa depois de tomar banho e vestir meu uniforme de mecânico. Trabalhar na oficina é minha única renda fixa, e só consegui esse emprego por causa de Júlio, meu patrão. Não terminei o ensino médio e, consequentemente, ninguém em sã consciência aceita uma pessoa sem conhecimento básico para trabalhar em um cargo mais elevado. Então, quando ele me ofereceu um emprego para limpar a loja, eu aceitei. Já éramos eu e meus irmãos contra o mundo. Ninguém nunca olhou por nós desde que nossa mãe morreu, há cinco anos. Eu terminei de crescer sozinho. Eu criei meus irmãos sozinho.

Assim que entro em casa, no fim da manhã, eu sei que algo está errado. Procuro por meus irmãos pela casa e os encontro no quarto com Alícia. Minha boca se abre, vendo-a dar colheradas de alguma sopa para Felipe. Nunca vi ninguém dar alimento a meus irmãos, senão eu e Theo. Isso me deixa surpreso.

— Sua febre baixou, pequeno guerreiro — Alícia sussurra tirando um termômetro de baixo do braço dele.

Aproximo-me e coloco o almoço que comprei no caminho em cima da cômoda que Tina e ele dividem. Os três se viram, me vendo, e então me abaixo, olhando para meu irmão.

— Ei! Você foi abatido? — Ele ri levemente e concorda com um aceno.

— Ele acordou com febre. Alícia cuidou dele comigo — Tina sussurra e olha agradecida para Alícia. Eu também a olho agradecido, mas ela desvia seus olhos de mim.

Sorrio para Felipe e beijo sua testa. Confuso, eu me levanto e saio do quarto. É estranho alguém cuidar deles depois de tanto tempo sendo somente nós três contra o mundo.

Alícia é uma feiticeira.

Felipe foi o primeiro a ser enfeitado.

Quem vai ser o próximo?



Capítulo 04

Alícia

Quando acordo, demoro para perceber que não estou no meu antigo quarto e aí lembro que pedi a Bea para morar com ela, mas novamente minha memória melhora e eu recordo que estou na casa do Atroz. Quero gemer de desgosto, revivendo o dia de ontem. Bea transar com Luca me faz querer apertar o pescoço dos dois. É ridículo, mas, Jesus, mais ridículo ainda é essa situação na qual estou.

Um cara rouba meu carro, no processo, ele me rouba e depois eu tenho que ficar trancada em seu quarto durante a noite. Que história maluca é essa?

Sinto alguém puxando o lençol que me cobre e, instantaneamente, me sento, tensa, pensando que a pessoa dever ser Luca, mas, para minha surpresa, quem está na ponta da cama é Tina. Engulo em seco e tento sorrir enquanto acalmo meu coração.

Pode ser uma bobagem, mas não confio em Luca. O modo como olha para mim me faz se sentir nua, eu deveria sentir nojo ou algo parecido com repugnância, mas eu... bem, eu me sinto quente. Eu desejo que ele me beije. É

uma loucura, obviamente, mas é o que é.

— Bom dia — saúdo prendendo meus cabelos, mas o olhar em seu rosto me faz parar meu movimento. Algo está errado. — O que houve? — pergunto preocupada.

— Felipe está com febre. Eu... — Tina engole algumas vezes, talvez tentando parar as lágrimas que se acumulam em seus olhos. — Eu preciso de ajuda. Não tem o remédio para a febre e Luca esqueceu de deixar dinheiro para que eu possa comprar. Ele está suando muito... Por favor, eu estou apavorada — ela termina de falar enquanto tiro as cobertas das minhas pernas e pulo para fora da cama.

— Está tudo bem. Vamos lá. — Ando na sua frente e paro quando entro na porta do quarto dos dois. Suspiro, vendo Felipe coberto de suor, e tiro sua camisa molhada com Tina me supervisionando. Ele abre os olhos algumas vezes e sorri para mim.

— Querida, você pode pegar minha bolsa na sala? Dentro tem uma carteira. Pode pegar o dinheiro e comprar o antitérmico para Felipe. A farmácia fica próximo? — questiono, ainda retirando as roupas do seu irmão caçula.

— Sim, na rua de baixo.

— Então corre lá e compra, está bem? Cuidado — advirto, e ela acena e sai do quarto, me deixando sozinha.

Volto a olhar para Felipe e sinto meu coração derreter, o vendo sorrir tão inocente, mas balanço a cabeça, pegando-o no colo e o levando até o banheiro. Não consigo deixá-lo em pé, então entro no chuveiro com ele, depois de deixar a água morna, e molho seu corpo. Felipe geme, incomodado, mas eu faço barulhos com a boca, acalmando-o.

Fecho os olhos, suspirando quando saio do banheiro com ele enrolado numa toalha. Tina me entrega o remédio e água enquanto deito seu corpo na cama e faço Felipe tomar. Peço para que ela pegue o termômetro na cozinha, onde disse que estaria, e ela vai sem reclamar. Minha roupa está ensopada, mas não quero deixá-los sozinhos para trocar.

Tina volta ao quarto e me entrega o bastão de plástico para que eu possa

colocar debaixo do braço de Felipe. Não demora muito e ele apita, me mostrando que a febre dele baixou um pouco. Graças a Deus! Vai baixar completamente quando o remédio fizer efeito. Sorrio, vendo que ele acordou.

— Sua febre baixou, pequeno guerreiro — sussurro sorrindo levemente.

Peço a Tina que o observe enquanto preparo uma sopa e me encaminho para a cozinha. Junto alguns legumes que estavam na geladeira, que não eram muitos, e um pedaço de frango. Depois de alguns minutos, eu volto para o quarto e começo a alimentar Felipe, sorrindo amplamente.

Meu sorriso morre quando escuto passos e me viro, vendo Luca entrar no quarto. Ele deposita um saco na cômoda e anda até Felipe.

— Ei! Você foi abatido? — Felipe ri levemente e concorda com um aceno.

— Ele acordou com febre. Alícia cuidou dele comigo — Tina sussurra.

Imaginar que ela cuida dele sozinha quando seu irmão mais velho sai para trabalhar me faz querer embalá-la em meus braços. Tão pequena e tão responsável.

Luca me encara com algo em seu olhar e eu só posso dizer que é um agradecimento. Desvio os olhos dele e volto minha atenção para Felipe. Ele está bem melhor. Seus cabelos castanhos estão molhados, e suas bochechas, com cor. Eu agradeço aos céus por ele ter melhorado.

Sorrindo para seu irmão, Luca beija sua testa e, então, sai do quarto com a sacola plástica que trouxe. Levanto-me e peço a Tina uma roupa para Felipe. Ela me ajuda a vesti-lo e logo ele está arrumadinho. Beijo seu rosto e volto a me pôr de pé.

— Vou trocar de roupa. Fique de olho nele, tá? — sussurro, vendo-o brincar com um boneco do Hulk.

— Obrigada, Alícia. E desculpe... por ontem, eu pensei que você tinha algo com Luca. — Aceno entendendo seu ponto e sussurro um sem problema. Distancio-me devagar, fechando a porta atrás de mim.

Pulo quando vejo Luca na minha frente. Seus braços fortes estão cruzados sobre o peito e eu respiro fundo, o vendo sujo de graxa em alguns lugares dos braços. Ele é mecânico?

— Obrigado por cuidar de Felipe. Sério — ele murmura e eu sinto que ele está odiando ter que falar isso para mim. Pouco me importo, fiz isso por seu irmão.

— Eu fiz por ele. Não se preocupe — digo sincera e ele acena, deixando seus olhos vagarem para baixo do meu rosto. Eles crescem escuros por algum motivo e eu o vejo chupar uma respiração pesada. Sigo seu olhar e quase sinto todo o meu sangue subir para meu rosto.

Minha blusa está molhada, deixando o tecido branco transparente e meus seios aparecem sem deixar nada para a imaginação. Aperto meus braços neles e fecho os olhos forte, não querendo ver Luca rir de mim. Eu tirei meu sutiã quando fui dormir, ontem, eu detesto dormir com aquela peça desconfortável.

— Luca! — Viro-me escutando um grito de homem e solto outro também, quando sinto Luca me puxar para suas costas. Ele me escondeu, literalmente, de alguém que está no corredor conosco.

— Theo, foda-se, vai embora. — As mãos dele me apertam junto às suas costas musculosas e sinto a vibração de sua voz por sua pele. Ele está irritado, posso dizer por sua voz.

— Que merda? — O tal Theo pragueja confuso. — O que você... porra! Quem é ela?

— Ela quem? — o idiota máster pergunta, tentando despistar o idiota substituto.

— Seu idiota, eu estou vendo as pernas dela. Droga, Luca, você trouxe alguém? Cara, eu já falei que isso não é legal, ainda mais de dia, pois as crianças estão em ca... — Theo desata a falar e eu me remexo, querendo vê-lo, então Luca afrouxa seu aperto, um pouco.

Estico minha cabeça, curiosa para ver o falador, e me deparo com um cara loiro e, bem, muito bonito. Ele está de terno e gravata e com uma pasta na mão. Sério? Quem ele é? Ele parece um advogado.

— Porra! Ela é uma coisa bonita. — Ele sorri piscando para mim, e eu sinto minhas bochechas corarem. Meu Deus.

— Ei! — gemo quando Luca me aperta mais, amassando meu rosto nas suas costas e me escondendo novamente.

— Não olhe, Theo. — Sua voz sai uma pasta fria e eu tremo, sentindo pena do Theo. — Sala, agora! Já estou indo. — Theo deve ter feito o que ele mandou, pois logo escuto seus passos e Luca se vira, me atirando um olhar zangado.

— Vá se trocar, Alícia... — Mordo meu lábio e aceno, me virando, e corro para o quarto.

Não quero brigar com ele novamente, então só sumo da sua vista. Pego uma toalha em seu guarda-roupa e vou para o banheiro. Deixo a água quente cair em minhas costas e relaxo, jogando minha cabeça para trás. Molhando meus fios dourados e longos.

Quando termino o banho, lembro que minha bolsa ficou no carro e todas as minhas roupas estão lá. Ótimo. Inacreditável.

— Tina! — grito, abrindo um pouco a porta, já com a toalha em volta do meu corpo. Quero enterrar minha cabeça na areia em um barraco bem fundo, quando quem vem me socorrer é Luca.

— Oi, Patrícia. O que foi? A água está fria para a realza? — Aperto meus olhos, com vontade de arrancar seu nariz, e suspiro para me acalmar.

— Minhas roupas estão no carro. Preciso delas, Luca — digo, implorando com os olhos para que ele não faça disso uma coisa absurda.

— Entendi. Eu gosto de você com as antigas, mas a toalha vai servir. Boa sorte. — Ele se vira e sai andando para a sala.

Meu queixo está no chão. Ele só foi embora? Que cara escroto!

— Jesus. Eu vou matar ele — praguejo, saindo do banheiro.

Ando a passos lentos até a sala e suspiro de alívio ao ver que não tem

ninguém aqui. Ando para a porta e a abro, olhando para os lados, e um sorriso surge quando penso ser meu dia de sorte. Corro até meu carro e pego minha mochila. Quando já fechei o carro e estou andando rapidamente para a casa de Luca, um assovio me faz parar.

— Gostosa. — Escuto a voz de um cara e me viro de olhos arregalados, vendo um homem de cabelos claros e olhos avermelhados me encarar de cima a baixo.

— É... Eu... — tento formular alguma coisa para dizer, mas sinto minha bile subir, imaginando que ele está desejando meu corpo. Diferente de quando Luca me olha, esse cara me dá nojo.

— Jesus! Vamos lá, boneca. Você é uma coisa quente. — Aperto minha toalha em volta do meu corpo nu e olho para os lados, não vendo Luca em lugar algum.

Será que ele saiu? Jesus, não.

— Já estou imaginando eu e você juntos, princesa. Venha cá. — Sua voz nojenta revira meu estômago e faz as lágrimas se acumulam em meus olhos.

Eu grito quando ele se aproxima e tenta pegar em mim. Corro em direção à porta, mas sua mão se fecha em torno do meu braço, me fazendo parar. Seguro minha mochila com a outra mão, apertando-a contra meu corpo para manter a toalha no lugar.

Soluço, vendo-o pegar o pano da toalha e tentar puxar, mas ela não vai, pela força com a qual estou apertando-a com minha mochila. Rezo pedindo que ele caia desmaiado, para que eu possa fugir, mas seu aperto não afrouxa.

De repente, não sinto mais suas mãos, e ele já não está em cima de mim, e sim no chão, com Luca batendo em seu rosto. O sangue jorra do rosto do homem e eu volto a mim quando sinto outra mão deslizar por meu braço. Grito novamente, mas agora quem tenta me agarrar é Theo.

— Não me toque! — grito, me afastando e parando rente à parede.

Arrasto-me ainda segurando minha mochila e percebo que estou tremendo dos pés à cabeça. Tento me acalmar, respirando devagar, mas quando

Theo volta a tentar me pegar, eu grito e me retraio mais.

— Calma. Não vou te tocar, eu juro. — Balanço a cabeça, querendo sumir daqui, e as lágrimas rompem de mim. — Luca! Vem, porra — ele grita e, em questão de segundo, é Luca em seu lugar.

Seu rosto está retorcido, suas mãos estão com respingos de sangue e, por mais que seja estúpido, eu me acalmo um pouco, o tendo por perto. Seus braços me rodeiam e ele me embala contra seu peito.

Parece um pesadelo horrível, mas aconteceu e foi por culpa dele. *Eu sei*, mas no momento, eu não confio em ninguém além dele.

— Calma, Alícia. Vamos para dentro — Luca murmura calmo e me afasta em direção à entrada da casa.

Caminho devagar, ainda sem olhar para Theo ou para o cara nojentto com meu rosto colado no peito de Luca e os soluços na garganta. *Não chore!*, minha consciência grita incontáveis vezes e então eu me acalmo.

Ele me senta em sua cama depois de, sem eu perceber, vestir uma camisa em mim. *Uma camisa dele*. Limpo os resquícios de lágrimas e me levanto, indo para o banheiro. Visto uma calcinha limpa que retiro da bolsa e volto para o quarto com um short fino em meu corpo também. Deixo sua blusa. Eu ainda não quero retirar.

— Eu estou tentando, mas juro, eu não consigo te entender. — Fecho os olhos ao ouvir a voz dele. Ele parece chateado. Muito, na verdade, mas eu não entendo.

— O que você não entende, Luca? — Encaro seus olhos castanhos cruzando meus braços. A raiva é uma coisa boa de sentir, agora que o medo deixou meu sistema.

Aquele cara iria me estuprar. Eu sei que sim. Seus olhos disseram sem antes eu formular isso na minha cabeça.

— Você sair assim. De toalha, porra. — Seus braços se tensionam, apertando a colcha da sua cama, e eu aperto meus olhos, não acreditando nisso.

— Você não me deu alternativa, seu idiota! — grito, querendo bater nele.

Quão estúpido ele é? Ele está sinceramente me culpando por aquele doente querer me pegar a força?

— Você está me culpando? — Minha voz baixa um pouco quando percebo que é isso que ele está fazendo.

— Nunca! Não estou culpando você. — Ele pula, falando seriamente, e anda até que estou contra a parede e ele, na minha frente.

— Então o quê? — desafio, encarando seu olhar escuro.

Luca é uma incógnita para mim. Eu tento desvendar algo olhando para seu rosto. Qualquer coisa, mas eu não encontro nada. Já eu, sou uma bagunça grande. Ele enxerga isso em mim. E o pior; ele enxerga que eu desejo que ele me beije uma hora e na outra quero que nossa distância seja quilométrica. Ele vê isso. E acha divertido.

— Você, porra, está me deixando louco, Alícia! Eu só fiquei fora de mim porque Michel te viu quase nua, e Theo também te viu assim, merda! — Engulo o caroço enorme que cresceu em minha garganta e finjo um sorriso de ironia.

— Você estava pensando nisso agora, Luca? Aquele cara iria me estuprar e você está me dizendo que só está com ciúmes de que outro cara me viu de toalha? — Eu quero gritar, mas mantenho minha voz baixa. — E eu não acredito que você é amigo daquele cara nojento...

— Não, eu não sou seu amigo. Ele mora por aqui... — Luca passa a mão por seu rosto rigidamente e solta um suspiro, voltando a me encarar. — Eu não estava...

— Não minta! — grito, sentindo meu rosto em chamas logo após. Tina e Felipe ouviram. Certeza.

— Foda-se, Alícia! Que merda isso tem de importante? — Seu resmungo é inquieto. Eu saio de seu aperto e ando em direção à minha mochila.

— Nada. Não tem nada de importante. Eu estou indo embora... — aviso e caminho para o banheiro novamente.

Retiro sua blusa idiota, jogando-a no balcão, e coloco meu sutiã. Pego uma camiseta simples e a visto rapidamente. Quando meus olhos batem no espelho, eu vejo uma menina tola e incrivelmente medrosa.

Tola por pensar que Luca estaria com ciúmes dela e medrosa por ter que enfrentá-lo ao sair do banheiro.



Capítulo 01

Alícia

Quando encontro Luca no quarto, perto da minha mochila, eu só o ignoro. Pego a bolsa de sua mão e caminho para o quarto de Tina e Felipe, mas para o meu martírio ele retira a bolsa da minha mão e segura meu braço.

— Solte, Luca — peço, me virando, e vejo seus olhos presos nos meus.

— Você não vai embora. — Ele balança a cabeça para enfatizar suas palavras e eu ouço meus dentes rangendo.

— Você disse que até hoje tudo estaria resolvido. — Eu o lembro, vendo-o desviar seu rosto de mim.

— Mas não está. Amanhã, talvez... ainda não sei — ele me avisa como se isso fosse algo banal. Mentiroso! Posso ver em seu rosto que é uma mentira.

— Eu não vou ficar aqui — aviso, puxando meu braço do seu aperto, e com sorte ele me deixa ir.

— Luca... — Pulo assustada quando a voz de Theo se eleva no quarto.

Eu me viro e o encontro na porta. — Alícia. Eu... você está melhor? — Sua gagueira me faria sorrir, se eu não estivesse tão irritada com Luca.

— Sim. Desculpe pelos gritos e tudo o mais. — Engulo em seco, sentindo minhas bochechas corarem.

Fazer papel de medrosa na frente de pessoas que podem me machucar foi estúpido, mas, para mim, foi algo vergonhoso. Papai uma vez me disse que o fraco chora, o forte permanece de pé, impassível.

— Jesus! Ela ainda cora. — Seus olhos estavam deslumbrados e sinto vontade de revirar os meus.

— Theo... — A voz de Luca soa como um aviso e imediatamente eu não gosto disso. Não gosto dele ao redor, fazendo as pessoas pararem de me tratar bem.

— Obrigada, Theo. Você é um cavalheiro. — Sorrio e disfarço quando a mão de Luca vem para minha cintura e a aperta.

— De nada, querida... então, antes disso eu só vim avisar que Jeferson já resolveu tudo. A princesa pode ir para casa, se quiser carona... — Ele pisca divertido.

— Oh? Realmente? — Eu me afasto de Luca e caminho para pegar minha mochila novamente. Ele a jogou na cama enquanto conversávamos. Atroz!

— Realmente para a carona? — Theo sorri levantando a sobrancelha e eu balanço a cabeça, não acreditando nesse cara.

— Não — digo ao mesmo tempo em que Luca diz:

— Não, porra.

— Obrigada, querido, estou de carro. — Viro as costas para Luca e saio do quarto, indo até o de Felipe e Tina, mas ainda escuto a risada de Theo quando Luca diz:

— *Querido?*

Não acho os irmãos do Atroz no quarto, mas encontro-os na sala. Eles têm mochilas no colo, enquanto olham para elas, admirados. Seus sorrisos denunciam o quanto gostaram e que as mochilas são um presente.

— Que lindas. — Forço um entusiasmo maior do que o normal enquanto falo e me agacho na frente do sofá.

— Tio Theo deu de presente — Felipe responde orgulhoso e Tina acena com os olhos em minha mochila, que seguro no ombro.

— Você está indo embora? — ela questiona baixinho para que Felipe não possa escutar, mas foi em vão, pois ele levanta sua cabeça rapidamente.

— Sêrio? Eu ainda estou doente, Lili. — Meu coração aperta com o apelido. Ninguém nunca me chamou assim, eu gosto.

Eu me sento no chão e trago Felipe para meu colo. Passo a mão por seu corpo, tentando sentir alguma parte quente que indicasse a febre, mas não há.

— Você está ótimo, Lipe. — Pisco pelo apelido e volto a falar: — E bem, eu preciso ir para casa — digo sorrindo e aperto seu corpo, quando ele me abraça.

— Tá bom. Você volta para ver minha febre? — Sua pergunta me faz sorrir e em seguida engolir o caroco na garganta.

— Eu... — tento formar alguma frase e olho para a porta, onde vejo Luca de braços cruzados. Seu rosto é impassível enquanto ele encara a interação entre mim e seus irmãos. Só de vê-lo eu sei que não posso voltar aqui. — Não posso. Mas vou lembrar de vocês para sempre. Eu juro... — Encaro seus rostos e eu sei que sempre vou me lembrar deles.

— Por quê? — o questionamento baixo sai de Tina e, quando encaro seu rosto, sinto meu coração cair. Seus olhos estão brilhantes e eu sei que ela está odiando ter a umidade lá.

Como me apeguei a eles em poucas horas? Eu não tenho resposta para essa pergunta.

— Porque, bem, eu moro longe...

— Eu pensei que você e Luca fossem amigos — ela me corta, mordendo seu lábio.

— Eu... na verdade, eu não sou amiga dele, e é por isso que não posso vir. Você entende? Só amigos voltam à nossa casa e eu não sou amiga dele...

— Mas é nossa. — Dessa vez quem me corta é Felipe.

— Sério? — pergunto sorrindo, e ele acena com seu rosto supersério.

— Sim. Então, você vai voltar? — Eu me viro para Tina quando escuto sua pergunta e suspiro acenando.

— Vou. — Suspiro de alívio quando deixo essa palavra sair por meus lábios. Coloco Felipe para o lado e pego o celular de Tina. Disco meu número nele, colocando para chamar algumas vezes e agendo meu nome. — Meu número. Qualquer coisa, pode ligar. Virei o mais rápido que eu puder. — Pelo sorriso dos dois eu acho que fiz o certo.

— Você jura? — os dois perguntam ao mesmo tempo, e eu arregalo os olhos, surpresa.

— Pelas estrelas. — Um arrepio sobe pela minha espinha quando escuto a voz de Luca responder para ambos. Eu o olho e sei que é uma deixa para que eu repita isso.

Então eu o faço.

— Pelas estrelas.

Felipe e Tina sorriem e se aproximam para me abraçar. Beijo os cabelos de ambos e os afasto, procurando coragem para apenas ir embora.

— Fiquem bem. Felipe, nada de febre. Você, Tina...

— O que tem eu? — ela me corta novamente e eu sorrio, balançando a cabeça. Alguém tem que dizer a essa menina que é rude interromper as pessoas.

— Você é uma menina incrível por cuidar de Felipe quando Luca não está. Deixe isso em sua mente. — Aponto meu dedo para sua testa e ela acena,

sorrindo.

Saio da casa deles com minha mochila e abro a porta do meu carro. É inevitável olhar para os lados com medo de Michell aparecer. Jesus. Nunca mais quero ver aquele demente.

— Você não vai se despedir de mim? — Meu corpo tensiona e eu fecho meus olhos, tentando evitar virar e encarar seus olhos castanhos com pequenas partes amarelas.

Jogo minha mochila no banco do passageiro e ando depressa para o outro lado. Abro a porta e me sento rapidamente, mas gemo quando vejo que a chave não está na ignição. Luca. Não preciso me virar para vê-lo ao lado do carro, encostado na porta de trás.

— Deus, apenas me dê as chaves, Luca — peço calma, tentando não gritar e bater o pé.

— Venha pegá-las, Barbie. — Sua voz rouca me faz apertar os dentes.

— Luca, para com essa merda e me dê as chaves — resmungo irritada e com certeza essa irritação se eleva quando ele começa a rir. — O quê?

— Onde aprendeu isso? Você não parece ser uma garota que fala esse tipo de coisa. — Sua fala calma e divertida me faz suspirar.

Sim. Eu não falo palavrões, amaldiçoo e etc. Eu gosto de mim assim, mas agora eu queria que ele estivesse errado. Que eu falasse isso todo dia. Que fosse algo normal para que ele estivesse errado sobre mim.

— Luca...

— Venha pegá-las aqui, Alícia. — Mordo meu lábio com seu comando, que envia choques pelo meu corpo.

Contra minha vontade, eu saio do carro e vou para sua frente. Sua mão se eleva com minha chave e eu pulo, tentando pegá-la, mas é inútil, ele é mais alto que eu, pelo menos, vinte centímetros.

— Luca... — Meu aviso é como algo divertido, pois seus lábios se

separam e eu posso ver seus dentes brancos.

Quando sua mão baixa um pouco, eu pulo novamente e quase a pego, mas antes disso Luca agarra minha cintura e, então, estou presa em seus braços. Seu olhar desce para minha boca e em nenhum segundo a mais eu sinto seus lábios se chocarem contra os meus.

Meu corpo tensiona e então eu quero correr, fugir para longe de suas mãos e de sua boca, mas quando sua língua lambe a comissura dos meus lábios, eu sei que isso é o fim. Relaxo contra seu peito e abro a boca, recebendo seu beijo urgente, mas carregado de sutileza.

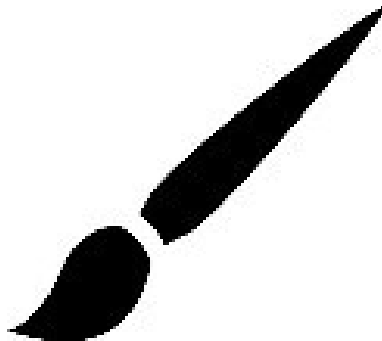
Sem perceber, minhas mãos estão em seus cabelos, puxando Luca para mais perto do meu corpo, uma inutilidade, já que estou colada em seu peito. Um gemido rouco sai dos lábios de Luca diretamente para os meus quando minha língua entra em sua boca. A maciez de seus lábios me faz criar uma poça em volta de mim mesma. Jesus!

Quando nossos lábios se afastam à procura de ar e vejo seu rosto; seus dentes fincam em meus lábios e seus cabelos estão intactos. Sinto minhas bochechas corarem e me afasto rapidamente, tomando minha chave, que ele deixou, em um momento de distração, perto de mim.

— Te vejo por aí, Barbie. — Ele pisca enquanto entro no carro.

— Espero que não, Atroz. — Saio do acostamento, escutando sua risada.

Idiota.



— O quê? — Beatrice está me olhando estupefata.

— Isso aí. Ele me sequestrou. — O olhar de Bea parece surpreso, mas novamente eu não sei o que dizer dela. Porque, bem, ela transa com Luca. Jesus, só de me lembrar disso eu quero vomitar.

— Luca não faria isso. — Ela balança a cabeça veemente, começa a andar em direção à sua bolsa e pega seu celular.

— O que vai fazer? — pergunto inquieta. Só de saber que eles vão falar de mim com o outro quero me esconder. Quão traíra eu sou por beijar o amante dela?

— Só perguntas. Não se preocupe, ele não vai se aproximar de você novamente. — ela promete e se senta ao meu lado, na mesa em sua cozinha. — Eu teria ido até a casa dele, mas minha mãe chegou aqui e eu não tive como sair, então hoje ela me chamou para sair...

— Tudo bem, Bea...

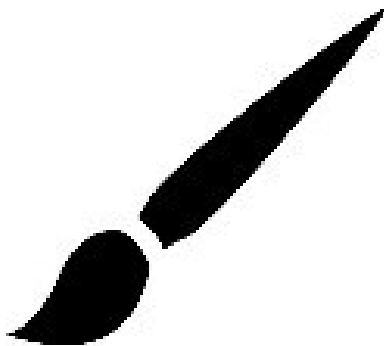
— Se eu não soubesse que Luca nunca faria mal a você, eu teria ido. Não duvide disso, por favor — ela pede enquanto escuta o celular de Luca chamar.

— Você parece conhecer ele muito bem — solto antes que eu possa pensar. Bea se vira com os olhos enrugados e algo parece se encaixar, pois ela solta um suspiro.

— Você não está me contando algo. O que é? — Seu rosto está focado em mim, mas quando a voz do Atroz surge na linha, ela me esquece, pelo menos é o que espero.

Saio de lá, a deixando sozinha, pois não quero mais ouvir sobre Luca. Estou cansada, só quero me deitar e dormir até amanhã. Meu primeiro dia na faculdade.

Entro no quarto e me sinto totalmente agradecida por ver que Bea o arrumou. Eu me deito na cama sem nem mesmo pensar em trocar de roupa. Apenas adormeço.



Acordo com o som do meu celular tocando em algum lugar. Pela luz que entra no quarto, o dia amanheceu. Devagar, me sento na cama do quarto de hóspedes de Bea e procuro meu telefone celular. Eu o encontro em cima da cômoda e o levo à minha orelha, sem nem mesmo olhar para a pessoa que ligava.

— Alô — minha voz sai rouca de sono. Faço careta para ela, pareço um homem falando.

— Cansou de brincar de pobre? — A voz de papai me faz despertar imediatamente.

— Pai. Bom dia — saúdo e em seguida suspiro. Falar com ele a essa hora não é algo desejado por mim, mas fazer o quê? Ele é meu pai.

Mesmo que tenha me despejado de casa.

— Seria, se minha filha estivesse em seu quarto — ele resmunga de mau humor.

— Eu estou. Não moro mais aí. Você me expulsou de casa — eu o lembro, voltando para a cama e me sentando.

— Então você resolveu morar na favela? — Sua pergunta é tão preconceituosa, mas eu não me surpreendo. David McLaren é um preconceituoso. Sempre foi.

— Não é uma favela, estou morando numa parte que não é rica como a sua, somente. — Eu mordo meu lábio, achando que estou indo longe demais, mas, novamente, eu não ligo.

— Você voltará para casa quando largar esse sonho idiota e tratar de cursar Direito, como seu pai. — Ele muda de assunto rapidamente e eu aperto meus dentes com raiva.

— Não estou pedindo para voltar, então, desculpe, mas tenho que desligar. — Aperto o botão vermelho e jogo o celular na cama.

Que ótimo jeito de acordar no seu primeiro dia na faculdade... maravilhoso.



Capítulo 06

Luca

Deixo Tina e Felipe na escola e caminho para meu carro, que resgatei semana passada, um dia depois da partida de Alícia. Felipe perguntou por ela algumas vezes e eu só respondi que não a vejo desde que ela saiu da nossa casa. O que é verdade.

Naquela noite, Bea ligou e me perguntou o que tinha acontecido. Eu senti que Beatrice iria fazer qualquer coisa por aquela menina. Descobri que Alícia está morando com ela e que ela começou a estudar essa semana.

Todas as informações eu ganhei com facilidade. Bea é facilmente manipulável, eu falei aqui e ali e ela despejou algumas coisas.

Também descobri que Alícia não tocou no assunto referente a Michel ou ao nosso beijo. Não sei dizer o que senti exatamente, mas estou inquieto. Eu quero vê-la, mas não quero que pense que estou a cercando.

Jesus! O que tem de errado comigo?

Estaciono ao lado da oficina de Júlio e saio, me encaminhando até a entrada. Vejo-o debaixo de um carro e escuto sua saudação baixa.

— Ei! — digo, enquanto me aproximo do carro em que eu estava trabalhando ontem.

É um Mustang 1962 que precisa de freios novos e um motor. Durante as próximas horas eu trabalho focado em entregar essa belezinha para seu dono. Vejo pelo canto do olho as vezes em que Júlio me observa e estou começando a me cansar.

— Cospe — murmuro, me levantando e indo lavar minhas mãos.

Preciso pegar Tina na escola. Felipe passa o dia todo estudando, mas ela só fica pela parte da manhã. Minha irmã diz que é uma perda de tempo sair daqui e ir até sua escola, pois, segundo ela, já é uma mulher. Pelo amor de Deus! Que diabos? Uma mulher?

Nem a pau!

— Rick veio aqui. — Minha coluna endurece e eu já não quero mais saber.

— Pare. — Eu me viro, andando até a bancada, onde pego minha carteira e chaves.

— Você não voltou, não é? Se voltou, porra, me fala agora e não volte aqui, Luca! — Seu grito é mais que irado, Júlio está se levantando e seus punhos estão fechados. Porra!

— Júlio...

— Não. Nem fodendo, merda! Você vai sair — ele decreta sem nem mesmo me deixar falar.

— Eu não estou mais, Júlio. Eu juro, pô. — Caminho até sua frente e o olho nos olhos. — Eu não estou vendendo nada. Eu não faço isso desde que minha mãe morreu — digo a verdade, odiando me lembrar desse tempo e, principalmente, de que minha mãe não está mais aqui.

Quando eu era adolescente, minha mãe trabalhava dia e noite para sustentar a mim, Tina e o pequeno Felipe. Eu sempre odiei que ela fizesse faxinas nas casas de outras pessoas e não ganhasse nem a metade do que era previsto para alimentar crianças pequenas. Foi nessa época que Rick apareceu na esquina da minha casa.

Ele sabia que eu corria em rachas, que era uma brincadeira estúpida naquela época, nada como os rachas de hoje, que são respeitados na cidade inteira e vem gente de fora para correr. Ele me ofereceu um trabalho, muito dinheiro e prometeu que minha mãe iria até parar de trabalhar.

Não sou estúpido, eu sabia do que ele estava falando, mas a raiva e a proteção para com a minha mãe e meus irmãos me fizeram aceitar. Um dia depois eu estava na rua com pacotes pequenos de drogas em meus bolsos. A cada passo que eu dava, eu sentia meu coração martelando mais forte e o peso daquela porcaria nas minhas roupas me sufocando. Puxando-me para baixo.

Cada dinheiro que eu recebia eu imaginava o olhar da minha mãe, não o de orgulhosa por seu filho ter dinheiro, mas, sim, o de decepcionada por seu filho ter dinheiro errado.

Dinheiro podre e ilegal.

Depois de oito meses vendendo drogas, Rick queria que eu aprendesse a matar. Sim, ele queria que eu fosse seu matador de aluguel. Isso não aconteceu, no entanto. Naquele dia eu ouvi minha mãe sussurrar em meu ouvido que eu virasse as costas e o deixasse com a porra das suas paradas erradas, e foi isso que eu fiz. Expliquei que eu não queria essa merda para minha vida.

Ele riu de mim e me mandou voltar quando eu tivesse com idade de um homem. Eu, na verdade, me achei mais homem que ele um dia foi. Eu nunca tirei a vida de uma pessoa, não vai ser hoje ou amanhã que vou fazer.

Naquele noite, quando cheguei em casa, minha mãe estava pálida, parada na porta. Ela tinha encontrado drogas em meu quarto. Foi o dia em que eu vi o olhar que eu imaginei durante os meses que passei vendendo. Decepcionada era pouco. Minha mãe ficou desolada.

— *Quando você nasceu eu me perguntei se eu saberia te criar, Luca. Perguntei ao seu pai se a gente saberia criar um homem de bem. Um homem*

respeitável... Ele disse que sim... — Seus olhos estavam molhados com lágrimas enquanto sua mão tremia, segurando o pacote branco. — Eu falhei. Não seu pai, ele não está mais aqui. Somente eu. — Sua voz se perdeu e ela me deu passagem para que eu pudesse entrar em casa.

Minhas pernas fraquejaram e, então, minhas mãos estavam suando. Parada no meio da sala, estava Tina. Seu rosto estava como o de minha mãe. Repleto de lágrimas.

— Luca, você é mau? — Meu peito se contraiu e eu caí de joelhos na frente das duas.

— Nunca mais, mamãe. Eu saí dessa bagunça hoje. Eu juro que saí — eu digo a verdade, encarando seus sapatos, e me retraio quando ela se ajoelha em minha frente e me faz encará-la.

— Repete.

— Nunca mais. Eu saí hoje e eu nunca mais vou fazer isso — prometo, encarando suas lágrimas e sentindo que estou fazendo o certo. — Eu juro.

— Eu acredito, querido. Agora vamos jantar. Todos lavando as mãos. — Ela bate palmas, se levantando, eu a sigo para a pia e todos nós lavamos nossas mãos antes de sentarmos à mesa."

Encaro o único cara que acreditou em mim quando eu precisei de emprego e reforço: — Não vendo mais porra nenhuma. Eu tenho irmãos pequenos, eu nunca faria isso com eles. Nunca. — Júlio engole em seco e acena, me empurrando para trás.

— O que ele quer, então? — Sua pergunta é algo que eu também gostaria de saber.

— Eu não sei, mas em breve vou descobrir. — Engulo em seco e me despeço, indo buscar Tina.



— Vou ligar para Alícia. — Engulo meu suco e levanto minha cabeça para olhar minha irmã.

— Por quê? — pergunto, remexendo a comida em meu prato.

Não entendo o que Tina quer com Alícia. Elas nem tinham se dado bem quando se conheceram.

— Felipe está perguntando por ela. Você a trouxe aqui e ele se apegou a ela. — Ela dá de ombros, teclando em seu celular e o leva até seu ouvido.

— Sim. Eu sei, mas ela é ocupada. — Tiro o telefone das suas mãos. — Deixe para ligar à noite. Quando Felipe estiver aqui — murmuro, enquanto ela torce seu lábio em desgosto.

— Tudo bem. — Suspira e terminamos de comer em silêncio.

À noite eu deixo meus irmãos dormindo e caminho para a varanda. Meu celular toca assim que coloco os pés para fora.

Rick.

— Alô. — Engulo o caroço em minha garganta e aperto meus punhos, querendo saber o que esse filho da puta quer comigo.

— Filho. — Ele ri, me saudando, e eu aperto meus dentes juntos, querendo arrancar esse riso que, aposto, está em seu rosto.

— Você não tem idade para ser meu pai. O que quer comigo, Rick? — Vou direto ao assunto, não querendo alongar essa conversa.

— Entre no carro, quero conversar com você. — Eu me viro, confuso, e aperto o celular quando um SUV preto encosta em frente à minha casa.

— Você está me vigiando? — questiono, ainda parado em meu lugar.

Não quero ir para lugar algum com esse cara. Olho para a porta e imagino meus irmãos dormindo em suas camas. Não posso deixá-los sozinhos. Eu não quero deixá-los sozinhos.

— Entre na porra do carro, Ribeiro. — Meus punhos cerram. sua voz irritada. Filho da puta.

Porém eu não sou estúpido. Ir contra sua vontade só vai me trazer problemas. Eu não quero essa merda. Então caminho em direção ao carro e desligo o celular colocando-o no bolso.

— O que você quer, Rick? — Fecho a porta encarando o homem que está sentado no banco do motorista.

Seus olhos castanhos são risonhos e sua careca parece ter óleo do tanto que brilha. Ele não é um homem muito grande, somos da mesma altura, mesmos músculos. Ele só tem mais poder que eu e isso já me faz ficar em alerta.

Poder no meu mundo é uma grande vantagem.

— Vamos passear, menino certinho. — Ele pisa no acelerador e sai pelas ruas da cidade como se fosse um fodido Deus.

Enquanto Rick dirige por alguns minutos eu mando mensagem para Theo ir para minha casa e ficar com os meninos. Ele não responde, mas tenho certeza de que quando eu chegar em casa ele vai estar lá. Eu chamaria Dona Edith, nossa vizinha, mas ela já deve estar dormindo e eu não vou acordar uma pobre velha uma hora dessas.

Quando o fodido estaciona o carro, eu desço imediatamente reconhecendo o galpão de negócios que Rick usa para comprar e revender suas drogas. Vejo caras parados no portão de ferro e alguns espalhados pelo espaço de chão batido.

Rick acena para que eu o siga e eu o faço, enquanto encaro os idiotas que me encaram de volta. Faz tempo que não me misturo com esses caras, mas eu sei que se eu baixar minha cabeça, eles caem em cima de mim. Fodidos do caralho.

Quando estamos em um quarto escuro, que só tem uma mesa e uma cadeira no meio, eu encaro Rick, enquanto ele se senta. Ele aparenta estar calmo e isso está me irritando demais. Tento me enganar, dizendo a mim mesmo que não sei o que ele quer de mim, mas quando as próximas palavras saem da sua boca, eu estou fodido.

— Quero um homem de confiança durante seis meses. Você é ele. — Mordo meus lábios, apertando meus punhos novamente. Merda.

— Esqueça! Nunca mais volto para essa merda. Nunca mais vou vender drogas para você...

— Não estou pedindo. Estou mandando...

— Está ficando louco? Eu não quero e eu não vou voltar, Rick. Se acostume com a ideia. — Sinto meu corpo tremer inteiro, inclusive minhas mãos que querem se fechar e socar a cara desse desgraçado.

— Em um minuto você vai mudar de ideia. — Ele sorri, como se o mundo estivesse o aplaudindo, e puxa o celular do bolso.

Minha barriga aperta, vendo Tina e Felipe sentados à mesa com suas roupas de dormir, o rosto dos dois estão repletos de lágrimas e eu posso ver que estão com medo. Porra. Alguém está em minha casa.

— Mande seu filhote de cachorro sair da minha casa, Rick. Se eu voltar e meus irmãos estiverem com um arranhão, eu vou te matar. — Minhas palavras são como facas afiadas e eu vejo algo cruzar os olhos dele.

— A decisão é sua. Vai voltar ou vai para o enterro dos seus irmãos? — Em um movimento rápido, eu estou em cima dele, o erguendo pela camisa.

Rick parece inabalável, seu sorriso idiota está em seu rosto e ele acena quando dois de seus homens estão entrando, para verificar o que aconteceu aqui.

— Se você fizer algo com eles, eu juro, Rick. Eu vou te matar. — Ele ri novamente e dá dois tapas em meus punhos, que estão fechados na gola da sua camisa.

Eu me afasto, tentando me acalmar. Deus, meus irmãos.

— Mande-o sair, Rick. Eu vou fazer o que quiser, mas deixe meus irmãos fora disso. — Sinto um gosto cáldo em minha boca. Quero vomitar só de pensar que alguém poderia machucá-los.

— Bom menino. Você fez a escolha certa. — Ele sorri novamente e leva tudo do meu corpo para eu não socar esse sorriso fora. Ele puxa o celular novamente e começa a falar para o filho da puta ir embora e deixar meus irmãos.

Nem um segundo depois eu estou saindo do galpão e indo para a rua. São uns bons quarteirões de onde moro, mas eu não ligo. Só corro para minha casa. Meu celular recebe uma mensagem, mas só a abro quando estou na calçada da minha casa.

Sexta, às 19 horas.

Rick.

Filho da puta!

Abro a porta de casa em um baque e inspiro forte, sentindo meus músculos gritarem. Meus olhos se arregalam ao ver Alícia com meus irmãos em seu colo. Os dois parecem dormir em cima dela, enquanto seus olhos estão abertos e cheios de preocupação. Merda!



Capítulo 07

Alícia

Atravesso o campus da faculdade com os nervos altos. Ao mesmo tempo em que estou muito animada, um medo se instala em meu interior. Eu amo pintar, é o que me mantém sã. Porém as coisas que papai fala me mantêm com um pé atrás. Na verdade, eu estou com medo de ele está certo.

Balanço a cabeça, espantando esses pensamentos negativos, e chego à sala onde acontecerá minha primeira aula. Subo os degraus me sentando no meio dos assentos e suspiro nervosa. Estou adiantada alguns minutos, então uso esse tempo para olhar ao meu redor.

Todos estão meio aéreos. É normal, já que não conhecemos ninguém. Vejo uma garota com cabelos de cores diferentes em cada mecha e eu suspiro admirada. É lindo! Parece um arco-íris. Talvez a garota possa sentir meu olhar em seus cabelos, pois ela logo vira e me vê. Um sorriso se põe em seus lábios e eu sorrio de volta, aliviada.

Ela parece ser mais nova que eu, o que vai ser muito recorrente, já que eu já tenho 21 anos e a maioria dos estudantes entra na faculdade com 17 ou 18

anos. Desvio os olhos dela quando alguém desliza na cadeira ao lado da minha.

Vejo um cara magro e de sorriso fácil me olhar e suspiro, sorrindo de volta. Seus cabelos são longos e, se eu não me engano, seus cílios estão com rímel, porque não é possível alguém ter cílios tão escuros e grandes.

Nossa atenção vai para frente, quando uma senhora entra na classe e pede silêncio, não sei se ela percebeu, mas ninguém está falando. Durante as próximas horas, a Sra. Arantes introduziu a história da arte, como ela denominou. Fiquei quieta e prestei minha total atenção ao que saía de sua boca.

Quando ela nos libera, a garota arco-íris sobe as escadas até onde estou e me estende a mão com um sorriso.

— Olá! Meu nome é Gabrielle, e o seu? — Seguro sua mão e admiro quão bonito seus cabelos são de perto.

— Alícia. — Sorrio de volta e, juntas, descemos as escadas em direção à porta. — Seu cabelo é lindo — sussurro admirada, e ela os balança, agradecendo logo em seguida.

— Muito obrigada! Eu amo essas cores fortes. — Seu sorriso é gentil e eu aceno.

Andamos até um lugar aberto do campus, enquanto ficamos caladas. Porém, o silêncio é interrompido por Gabby.

— Como somos calouras, quero ficar próximo a alguém para, quando o trote acontecer, eu não passar a vergonha sozinha. Você quer me acompanhar? — Eu a encaro, confusa, e seguro minha bolsa, tentando andar com ela em meu ombro.

Coloquei coisas demais nela. Não sei para quê, mas a questão é que agora está pesando.

— Trote? Como ass... — As palavras deixam minha boca quando eu vejo o cara dos cílios com rímel correndo ao nosso encontro, com o rosto cheio de tinta. Jesus!

Em menos de um segundo há vários alunos, os quais imagino que são os

veteranos, com balões cheios de tinta, eu acho, pelo estado do cara do rímel. Então numa hora eu estou limpa e muito bem arrumada, no próximo minuto eu estou completamente encharcada.

Eu me viro, tentando tirar a tinta do rosto, e escuto o grito de Gabby, pelo menos eu imagino que seja ela. Retiro a sujeira e consigo enxergá-la limpando seu rosto também. Quando nossos olhares se cruzam, nós começamos a rir sem parar. Minha barriga dói e eu tento parar, mas é impossível.

Não sei onde está a graça, quero dizer, talvez eu saiba: nossa cara cheia de cores diferentes, que estão se igualando ao cabelo dela.

— Eu quero bexigas também! — ela grita, colocando as mãos na cintura, e um veterano com bexigas para ao nosso lado e entrega duas para ela.

— Faça uma coisa boa com elas. — Ele pisca e sai correndo em direção a mais calouros. Deus, isso vai ficar uma bagunça.

— Ah, eu vou fazer, sim... — ela o responde, olhando diretamente para mim enquanto arregalo meus olhos e corro para longe dela.

Quando ela atira a bexiga, tentando me acertar e, graças a Deus, errando terrivelmente, nós duas saímos em direção ao estacionamento.

— Garota! Nem somos amigas ainda e você me ataca? — questiono rindo enquanto pego uma manta que fica no banco de trás do meu carro. Eu a deixo ali dentro para não passar frio em algum lugar. Não sei, mas eu sou dessas pessoas que anda prevenida. Tenho uma bolsa dentro do carro com coisas que eu possa precisar em algum momento crítico.

— Foi divertido! — Ela faz bico e eu balanço a cabeça rindo enquanto limpo o que dá para limpar, para que eu não suje tanto meu carro.

— Sim, totalmente. Você quer carona? — pergunto, abrindo a porta do meu carro. Ela sorri e balança a cabeça. Quando ela vai me responder, alguém estaciona ao seu lado. Levo meus olhos para a garota que dirige o carro e me surpreendo, vendo quão parecidas elas são.

— Vi que se divertiu... — a garota que deve ter minha idade fala para Gabby e eu aceno, a cumprimentando, mas ela não devolve o aceno. Que garota

mal-educada! Nisso não parece nem um pouco com a Gabrielle, se elas forem mesmo amigas.

— Não enche, Lorena. — Minha nova amiga revira os olhos e me dá um abraço. — Nos vemos amanhã. — Aceno e a vejo andar até o carro da outra garota, que reclama da tinta que está pelo corpo inteiro de Gabrielle.

Entro em meu carro e espero que Bea apareça. Eu disse que a esperaria todos os dias a partir de agora. Não vou deixá-la pegar ônibus, se eu tenho carro. Não tem lógica. Ela parou de dizer que não precisava quando eu apenas bati a porta do quarto na cara dela hoje de manhã.

— Ei! — ela diz entrando no carro.

— Ei! — Sorrio e beijo seu rosto enquanto ela me amassa entre seus braços.

— Como foi o primeiro dia? Estou vendo que te pegaram no trote... — ela murmura, fazendo careta enquanto saio do estacionamento.

— Nem me fale. — Solto um gemido e ela cai na gargalhada.

No caminho para casa, lhe digo que conheci Gabrielle e que, juntas, fomos atacadas pelos veteranos. Bea riu de nós duas e disse que deveríamos ter nos escondidos. Eu revirei os olhos, apenas dizendo que eu nem sabia que algo assim acontecia. Claramente, ela me olhou como se eu fosse um fantasma. O que posso dizer? Eu não tinha amigos e só vivi em meu mundinho cor-de-rosa, sendo vigiada de perto por papai.

Quando chegamos em casa peço a Bea para me ajudar a trazer minhas coisas do carro. Ontem dormi como uma pedra e hoje pela manhã não dava tempo, obviamente.

— Você gosta mesmo de pintar, não é, Ali? — Sorrio, deixando a última caixa no chão ao lado do guarda-roupa que irei usar, a partir de hoje, e encaro Beatrice.

— Sim. É a única coisa que me mantém sã e feliz — respondo a vendo deixar um dos meus cavaletes ao lado da minha cama.

— Fico feliz. Eu não sei manusear um palito, então a arte fica para você mesma. — Ela ri, saindo do quarto, e eu balanço a cabeça.

— Se quiser, posso te ensinar... — grito para que ela possa escutar no outro cômodo.

— Eu passo — ela grita em resposta e eu gargalho.

Passo o resto da tarde arrumando minhas roupas e sapatos. Não que seja muita coisa, mas eu trouxe o suficiente para usar e ir lavando. Desejo pegar o que deixei em casa, mas não quero ver papai. Não quero confronto novamente.

Almocei com Bea uma macarronada que ela aprendeu vendo um programa de culinária na TV. Eu adorei. Depois disso voltei para meu quarto para arrumar meus materiais de pintura. Puxei a cama para a parede e do outro lado fiz um pequeno ateliê com dois cavaletes e uma mesa para minhas tintas e pincéis.

Sorrio, vendo que ficou muito bom, e me sento no banco que eu também trouxe da casa do meu pai. Deslizo o pincel no papel claro, sem qualquer ideia formada na cabeça, mas quando a pintura está com forma, eu engasgo, vendo que pinte Luca.

É seu rosto rigidamente fechado que está entre as cores aquarela. Sua mandíbula está cerrada e seus olhos estão presos em mim. Engulo em seco e quero jogar fora rapidamente, mas eu não posso. Minhas pinturas são a extensão do meu coração. Das minhas emoções. Mesmo que seja totalmente irracional e que eu deseje não ser verdade, é o certo. Eu, de um modo idiota, estou pensando em Luca mais vezes do que é saudável.

Suspiro e o encaro. Aqui ele parece com raiva. Acho que durante o tempo que passamos juntos eu o vi com raiva mais vezes do que posso contar. Porém, isso não o faz parecer menos bonito. Eu estou enlouquecendo, mas eu não vou negar a beleza dessa pintura. A beleza dele.

A aspereza de seus traços e a maciez de seus lábios... Levanto-me, balançando a cabeça, e coloco a sua pintura para secar. Tento esquecer seu beijo, mas parece que cada vez que tento fazê-las evaporar, as lembranças vêm mais fortes.

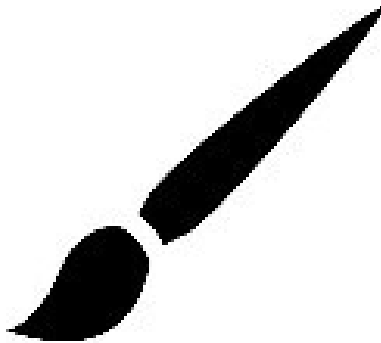
Pulo assustada quando a porta se abre e vejo Bea entrar no quarto.

— Já estou indo para a lanchonete. Se precisar de mim, liga no celular.
— Ela pisca sorrindo e eu tento engolir o caroço do medo que se formou em minha garganta.

Não quero que Beatrice veja a pintura de Luca. Não quero imaginar se ela descobrir que eu estou encantada por seu amante. Jesus, como me meti nisso?

— Alícia? Tudo bem? — Volto minha atenção para ela e sorrio.

— Tudo ótimo. Pode ir. Bom trabalho. — Ela sai depois de me abraçar e eu me jogo na cama, me sentindo uma traidora.



Uma semana depois estou na minha cama, dormindo depois de Bea sair para uma festa — à qual eu não quis ir. Não percebo que acabei dormindo, mas quando o meu celular começa a tocar, eu pulo assustada. Pego o celular embaixo do travesseiro e encaro a tela, não conhecendo o número que aparece.

— Alô? — Eu me sento, apertando o travesseiro contra mim, tentando me situar no quarto.

— Alícia? — Não reconheço a voz, mas a urgência dela me faz ficar em alerta.

— Ela mesma. Quem fala? — questiono com medo de ser alguém a

mando do meu pai. Ou, talvez, que algo tenha acontecido com ele. Peço a Deus que não.

— É o Theo, princesa. — Sorrio relaxando e ele continua: — Desculpa te ligar a essa hora, mas Luca me enviou uma mensagem há um tempo para ir ficar com Tina e Felipe, porém, eu não estou na cidade e só vi a mensagem agora. Você pode me cobrir? — Eu me sinto relaxar enquanto ele vai falando.

Não sei o que eu esperava, mas com certeza isso é melhor. Hoje faz uma semana que não vejo Tina e Felipe, então a saudade está apertando.

— Claro. Estarei lá em alguns minutos — murmuro me levantando e pegando uma calça jeans.

Theo agradece e logo desliga.

Saio de casa minutos depois e dirijo até a casa de Luca. Estaciono em frente e estranho, vendo um SUV preto também estacionado. Saio do carro e ando até a casa. Quando levanto a mão para bater na porta, um homem de cabeça raspada e corpo enorme a abre e entra em minha visão.

Engulo em seco e saio do seu caminho, deixando espaço para ele passar. Ele sai sem me dar um segundo olhar. Entro na casa, a trancando, e suspiro aliviada quando o carro sai pelas ruas. Eu me viro, procurando Tina e Felipe, e sinto minhas pernas fraquejarem quando eu encontro os dois.

Os rostos deles estão repletos de lágrimas e eles correm até mim, abraçando minhas pernas e cintura.

— Ei! — Engulo em seco e tento sorrir. Quem era aquele cara? E por que os irmãos do Atroz estão chorando?

— Você voltou. — Felipe limpa suas lágrimas, eu o pego em meus braços e me sento no sofá, trazendo Tina para meus braços também.

É estranho, já que ela é uma mocinha, mas eu sei que ela também precisa de colo. Não estou entendendo nada, não sei o que aquele homem falou para os dois, ou se fez algo...

— Aquele cara tocou em vocês? — Minha voz sai tremida e eu quero dar

um tapa em mim mesma. Não posso mostrar medo para as crianças. Tenho que ser forte por eles.

— Não. Ele só disse que Luca está sendo ferido. Eu... meu irmão nos colocou para dormir, mas fomos acordados por esse homem. Ele nos mandou ir para a cozinha e ficou parado, apenas encarando eu e Felipe. Eu estava com medo, Alícia. Depois que alguém ligou, ele foi embora e você chegou. — Tina soluça alto e eu reprimo a vontade de chorar também.

Em que confusão Luca se meteu? Será que é alguma coisa sobre os rachas? Jesus, faça-o voltar para casa sem nenhum arranhão.

— Está tudo bem. Luca já está vindo para casa. Não se preocupem — murmuro, fazendo-os se encostarem em mim.

Em menos de dez minutos os dois já estão dormindo. E meus olhos estão vidrados na porta, enquanto rezo para que Luca chegue rapidamente. E as preces são ouvidas, pois a porta se abre e lá está ele. Respirando com dificuldade e me encarando numa mistura de alívio e confusão.

Eu fecho meus olhos agradecendo a Deus e então volto a olhar para ele.

Lindo, é a palavra que meu subconsciente diz para descrevê-lo.



Capítulo 08

Alícia

Luca entra depois de fechar a porta e eu suspiro aliviada. Não aconteceu nada. Ele está intacto.

— Vou levar Tina para a cama — ele murmura baixinho e eu aceno, tirando o braço que envolve o corpo de Tina.

Ele a pega nos braços sem dificuldade alguma e, depois, começa a caminhar para o quarto dela e Felipe. Eu me levanto com Lipe nos braços e caminho pelo mesmo lugar que ele foi, indo colocar Felipe na cama.

Depois que os dois estão na cama e cobertos, eu saio do quarto com Luca e vou para a cozinha. Pego um copo e água na geladeira. Bebo devagar, sentindo o olhar dele em mim.

— Onde está Theo? — Sua voz rouca faz meus olhos se fecharem.

Como posso me sentir tão atraída por um cara? Eu nunca senti isso. Nunca mesmo. Claro, eu já encontrei caras na rua que eu achei incrivelmente

bonitos, mas esse Atroz é tão intenso.

Bea, penso e balanço a cabeça, tirando Luca dos meus pensamentos.

— Ele não pôde vir e me ligou — eu respondo quando me viro e o vejo encostado na parede, de braços cruzados.

— Okay. Obrigado, Alícia — ele sussurra e eu molho meus lábios, dizendo a mim mesma que está na hora de partir.

— De nada. É... eu vou indo — digo, encarando minhas unhas. Elas ainda estão com o esmalte que a manicure usou na minha última ida ao shopping.

— Você pode ficar. Já está tarde...

— Não! — grito, sentindo meu coração apertar, e engulo, tentando me acalmar. — Eu vou indo. — Coloco o copo na pia e ando para a sala.

Pego minha bolsa no sofá e sigo para a porta. Antes de pegar na fechadura, eu me viro e o vejo de pé, encarando meus olhos.

— Não sei o que está acontecendo, Luca, mas eu... eu adoro seus irmãos. Não faça nada que possa machucá-los. — Assim que as palavras deixam minha boca, seu rosto se transforma. Antes suave e agradecido, agora está tenso e irritado. Instantaneamente eu quero engolir cada letra que acabei de derramar.

Dou passos para trás quando o vejo cruzar a sala rapidamente. Minhas costas batem na porta e então ele está prensando meu peito contra o seu.

— Você não me conhece, Alícia. Não se meta nos meus assuntos. Eu nunca faria mal à Tina ou ao Felipe. Nunca. — Tremo com sua voz fria.

— Eu... eu...

— Vá para casa, Patrícia. Eu sou o Atroz, mas nenhuma das definições que você tem sobre mim se estendem aos meus irmãos. Volte para seu carro rico, suas roupas ricas e para sua família rica. — O ar foge dos meus pulmões quando eu escuto suas palavras ridículas e cruéis.

— Eu te odeio — digo, enquanto encaro seus olhos por um momento, e me viro, abrindo a porta e saindo de lá o mais rápido possível.

Idiota! Estúpido!

Entro em meu carro tremendo. É isso que ele pensa de mim? Que sou uma menina mimada? Uma rica e fútil menina mimada?

Acelero na rua e me deixo dirigir pela cidade. Sei que isso é perigoso, mas estou tão irritada com Luca. Irritada comigo mesma por ver que o que ele falou me fez sentir raiva.

Atingiu-me.

Quando estaciono meu carro no acostamento de frente para o apartamento de Bea, eu respiro fundo e relaxo contra o meu banco. Não sei por que estou dando tanta importância ao que ele fala e pensa de mim. Ele não é ninguém. Sua opinião não me importa.

Entro em casa deixando meu carro trancado e com o alarme ligado. Encontro Bea sentada no sofá, tirando suas sandálias, e sorrio, vendo que ela já chegou do trabalho.

— Eu trouxe sanduíches — diz me recebendo com um sorriso. — Eles são as coisas mais saborosas da lanchonete. Você tem que provar. — Ela aponta para o balcão que separa a sala minúscula da cozinha minúscula.

— Obrigada. Estou com fome. — Pego a sacola e Bea se levanta, seguindo para a geladeira. Ela retira dois refrigerantes e se senta no sofá, deixando-os na mesa de centro. Eu me sento ao seu lado e dou uma mordida na junção de carne, pão, salada e bacon.

— Humm... Perfeito — ela geme e eu aceno concordando.

Enquanto terminamos nosso lanche/jantar, eu observo o apartamento dela. Não quero parecer chata, mas aqui é tão pequeno. Tenho que encontrar um advogado de confiança para saber como posso pegar meu dinheiro da herança. Quero comprar um apartamento, ter meu lugar e, principalmente, levar Bea comigo.

— O quê? — ela questiona e eu percebo que estava olhando para ela. — Não diga que é lésbica e está atraída por mim! — Eu caio na gargalhada com a cara espantada dela.

Não que Bea não seja bonita. Ela é. Seus cabelos castanho-chocolate são ondulados e seu corpo tem mais curvas que o meu um dia vai possuir. Sua beleza é simples, mas é tão chamativa ao mesmo tempo. Estranho, mas é verdade.

— Vou procurar um advogado para eu saber como proceder para pegar meu dinheiro... — começo a falar e vejo seu rosto cair, mas ela logo mascara com um sorriso.

— Isso é ótimo, Ali. — Eu a interrompo.

— Eu quero que você vá morar comigo. — digo de uma vez e sua boca se abre em choque. — Eu quero comprar um apartamento, e eu também quero minha companheira de quarto indo comigo. O que acha? — Mordo minha unha, encarando seu rosto surpreso.

— Ali... isso é muito gentil da sua parte, mas eu não posso simplesmente ir morar do lado das pessoas ricas. Você sabe, meu trabalho é aqui perto. Ficaria inviável...

— Mas quem disse que seria longe? Podemos encontrar um por aqui, porém um maior que esse. — Indico sorrindo alegre em pensar que ela vai aceitar.

— É... Eu... não sei, Ali. Preciso pensar. — Ela suspira, desviando seus olhos de mim.

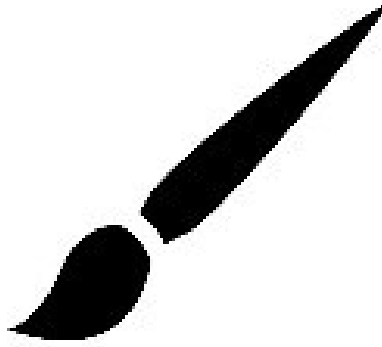
— Tudo bem, mas não pense em dizer não só porque a casa seria comprada com meu dinheiro. Isso é besteira. Você pode ajudar de outra forma — digo firme e ela sorri, me puxando para seus braços.

— Você é maravilhosa. Eu juro que vou pensar — ela diz suspirando, e eu sorrio acenando. — Não vou pagar sendo sua escrava, esqueça! — ela me diz séria e eu abro a boca para falar que isso nunca vai acontecer, mas ela cai na gargalhada.

— Ah, sua vaca! — Jogo a almofada em seu rosto e ela se esquiva,

levantando e correndo para seu quarto.

Depois de tomar um banho rápido, eu caio na cama e durmo.



Hoje é sexta-feira e estou saindo do campus com Gabriela e Lorena. A irmã da minha colega não gosta muito de mim, por quê? Sinceramente, eu não faço ideia.

Paro de andar quando meus olhos visualizam Luca encostado em seu carro. Não faço ideia de qual marca seja, mas ele é preto e tem alguns desenhos nas laterais, isso o deixa perigoso. E é por isso que eu dou um passo para trás, querendo fugir. Seus olhos estão travados nos meus. Sem dizer uma palavra, eu sei que ele quer que eu ande até ele. Deus, isso é tão confuso.

— Alícia? — Gabrielle chama minha atenção e eu a encaro, vendo que ela está a uns bons passos de mim. — Você vem? — Suas sobrancelhas estão franzidas em confusão.

— É... — Desvio de seu rosto e olho para Luca novamente. Ele acena me chamando e eu deixo um suspiro sair, tentando relaxar. — Eu... hum... vou falar com um amigo — aviso, andando até seu lado e caminhando em direção a Luca.

— Tudo bem. Nos vemos amanhã... — Sua frase morre quando alguém grita:

— Luca! — Minha cabeça vira para a voz de Lorena e eu fico confusa,

vendo o sorriso caloroso que ela dá a ele. Nunca vi essa garota sorrir.

— Hum... Oi — ele sussurra levemente, sem olhar para ela quando já estou na sua frente.

— Você conhece ele? — a voz dela entra em meus ouvidos novamente e eu aceno, olhando para seu rosto retorcido de relance.

— Vamos, Lorena! — Gabby grita por sua irmã, que bufa algo sob sua respiração, e logo depois estou sozinha com Luca.

Cruzo meus braços, querendo me sentir mais protegida, uma coisa sem explicação, mas eu instantaneamente me sinto melhor. Eu me movo para perto do seu carro quando ele se afasta e fica na minha frente.

— O que está fazendo aqui? — questiono, quando já esperei que ele começasse a falar primeiro.

Seus olhos castanhos derretidos estão sérios quando ele dá um passo em minha direção, me deixando encurralada contra o carro. Arquejo, precisando de espaço, então espalmo minhas mãos em seu peito e o empurro. Ele não se mexe, obviamente.

— Distância, Luca. Agora. — Minha voz sai firme e eu agradeço por isso.

Não preciso parecer patética e fraca na frente dele. Suas palavras estúpidas ainda rondam minha cabeça. Faz uma semana, mas ainda estão gravadas em meus pensamentos.

— Precisamos conversar. — A voz rouca dele envia arrepios pelo meu corpo. Como sou tão ligada a uma voz? Isso é idiota.

— Não, nós não precisamos. Distância, agora — mando novamente, querendo correr daqui. Seus lábios vermelhos estão molhados, me fazendo desejar beijá-lo. Isso é tão mau.

Seu rosto se contorce, mas ele se afasta. Sua mão corre por seus cabelos rentes à cabeça e eu engulo em seco, saindo de perto do seu carro. Ele dá passos de um lado para o outro e eu começo a me preocupar. O que está havendo?

— Fala. O que é? — murmuro, segurando minha bolsa. Se ele está assim, é algo importante. Eu sinto que sim. — É algo sobre Tina e Felipe? — Meu coração despenca com a possibilidade.

— Sim. — Engulo em seco, nervosa, e me aproximo.

— O que tem eles? — o tom de preocupação da minha voz denuncia meu estado.

— Eu só preciso que você fique com eles essa noite. Eu... eu tenho que sair. E Theo não pode me cobrir hoje. Ele vai estar num compromisso. — Enquanto ele vai falando, meu corpo relaxa. Não é nada de mais.

— Claro. Posso pegar eles e levar para minha casa? Talvez eles gostem de estar lá — indico, querendo que eles saiam um pouco de casa.

Posso levá-los para tomar sorvete, ou até mesmo irmos ao parque.

— Pode. Vou organizar uma mochila para eles. — Eu sorrio feliz e vejo o quanto seu corpo está tenso.

— Você vai correr hoje? — questiono, sentindo um incômodo na minha barriga.

Eu me preocupo com ele. É totalmente irracional, mas é verdade.

— Não — ele não fala mais nada.

Por um momento eu fiquei aliviada, mas se ele não vai correr, o que vai fazer? Aperto meus lábios, me impedindo de falar qualquer coisa. Seu rosto se tensiona olhando para algo além de mim. Eu me viro e vejo Theo caminhando até nós.

— Ei! — Sorrio alegre porque ele pôde vir.

Lembrei que Tina me disse que ele trabalhava como advogado na construtora do seu pai em uma das nossas ligações, essa semana. Como eu estou à procura de um, eu liguei para ele. Ele disse que me ajudaria de graça. Claro que eu não aceitei. Ainda tenho economias, então eu poderei pagar pelos seus serviços.

— Que bom que pôde vir — digo assim que ele já está conosco.

— O que está fazendo aqui? — Luca pergunta com o olhar direto em Theo. Eu me viro com o rosto franzido, não entendendo seu tom.

— Ele veio por mim — esclareço ainda confusa. Eu volto minha atenção para Theo e o vejo revirar os olhos para Luca. — Nós podemos ir agora? À noite vou ficar com Tina e Felipe — digo sorrindo, enquanto o encaro.

Estou muito animada para ficar um tempo com os pequenos. Faz alguns dias que não os vejo.

— Claro. Tem um café aqui perto. Podemos ir até lá. — Ele sorri relaxado e eu aceno, me movendo para olhar Luca.

— À noite passo para buscá-los. As 18h está bom para você? Digo, não se atrasará para o compromisso se eu chegar lá nesse horário? — Seu rosto está retorcido, sua mandíbula marcada e suas mãos estão em punhos.

O que ele tem?

— Você ficará com Theo esse tempo todo? O que vão fazer, que vai demorar tanto? — Ele desvia sua atenção de Theo e a traz para mim. — É um encontro? Uh? — ele reforça arrogante, e eu me afasto dele, sentindo meu colo esquentar.

— Jesus! Você é um idiota — resmungo, me virando para Theo. — Podemos ir? — Ele acena e eu faço meu caminho para meu carro.

Luca fica de pé, olhando para nós dois ainda com as mãos em punhos e o olhar irritado. Vá à merda!

Tenho vontade de gritar uma maldição para ele, mas não faço. Não gosto delas nos meus pensamentos, quanto mais nos lábios.

Mas Luca... Jesus! Ele me irrita.

Eu me sento à frente de Theo no café e explico a ele que minha mãe deixou dinheiro para mim, depois que fugiu de casa. Porém, está numa conta à qual não sei se já tenho acesso. Dei os documentos que compravam que ela

deixou para mim e ele disse que isso vai ser fácil. Graças a Deus!

Enquanto ele fala eu levo meus pensamentos para Luca. O que deu nele? Estava com ciúmes?

Por favor, que seja isso. Eu quero que ele sinta ciúmes. Irracional? Sim, eu sei.



Capítulo 09

Luca

Respiro fundo saindo do meu carro e me encosto nele, observando-a se aproximar. Seu rosto está corado pelo frio, pelo menos é o que eu espero. Não sei se ela passou a tarde inteira com Theo, não me importa, na verdade.

Eu tenho trabalho a fazer. Preciso descobrir que porra Rick quer de mim. Ele me mandou uma mensagem hoje pela manhã, me lembrando de que eu tenho que estar no armazém às sete da noite.

Eu tenho um pressentimento de que isso vai dar merda. Não queria entrar nessa porcaria novamente, mas ir contra Rick é como ir contra sua família. Rick é dono de uma gangue grande e respeitada. Ele é um cafetão idiota. Vende drogas, armas e prostitui adolescentes. É foda, mas é a verdade suja no subúrbio. Essas garotas são iguais aos meninos aliciados em idade de 13 a 18 anos. Ludibriadas com dinheiro, roupas caras e drogas a seu bel-prazer.

Rick comanda todo mundo nessa merda de cidade. Se ele diz senta, a pessoa senta sem outra opção. Eu fui estúpido em tocar nele, fui impulsivo e eu tenho certeza de que ele não me matou ainda porque precisa de mim.

São apenas seis meses, Luca. Depois você pode viver sua vida com seus irmãos. Meus pensamentos me levam para a ideia de fugir disso. Não agora, mas depois desses seis meses eu vou me mandar com meus irmãos. Nada me prende aqui.

Passo a mão por meus cabelos, tentando dispersar os pensamentos frenéticos, e vejo Alícia andar na minha direção. Suas mãos estão entrelaçadas e seu casaco cobre o topo de suas coxas cobertas por uma legging. Eu tenho que parar de desejar essa menina. Ela vai ser outra dor na minha bunda.

E vai ser das grandes.

— Mm... — Deixo um gemido escapar quando seu lábio é mordido por seus dentes.

Assim fica difícil, merda!, penso desviando os olhos dela.

— Eles estão lá dentro? — Sua voz calma se faz presente e eu volto a olhar para ela.

— Nem um "Oi, Luca"? — Sorrio, vendo-a suspirar e suas bochechas corarem mais.

— Oi, Luca. Eles estão lá dentro? — ela pergunta, deixando um sorriso escapar, e esconde suas mãos no casaco.

— Sim — murmuro e ela acena, se distanciando de mim. Quando sua mão toca a maçaneta, eu grito. — Alícia? — Ela se vira imediatamente.

— O quê? — Seus grandes olhos azuis me deixam novamente desejando tê-la. Foda!

— Espero que sua tarde com Theo tenha sido prazerosa — digo sorrindo e vejo quando a faísca de raiva passa por seus olhos e sua mandíbula trinca antes de eu me virar e voltar para meu carro.

Dirijo calmo pela cidade e, depois de quase uma hora, eu estaciono do lado de fora do armazém. Aceno para o homem que vigia o lugar e entro. O espaço aberto está cheio de caixas grandes e médias. Um disfarce para quem chega e não sabe o que há aqui.

Porém, enquanto desço as escadas para o lugar real da merda de Rick, eu vejo a coisa toda. Homens e mais homens trabalhando em drogas para embalar e vender.

Em silêncio, sigo para o mesmo cômodo em que estive dias atrás. Há um homem na porta, mas antes que eu diga que vim por Rick, ele abre a porta e me deixa passar.

— Você está atrasado. — Rick está relaxado em uma poltrona confortável. Ela não estava aqui dias atrás, constato.

— Agora estou aqui — respondo, caminhando até sua frente. — O que quer que eu faça hoje? — pergunto, ouvindo os batimentos calmos do meu coração.

Aprendi a não demonstrar meu nervosismo, medo e insegurança cedo. A morte da minha mãe me mostrou isso, ela me ensinou. Eu cresci de repente com sua partida. Cuidar dos meus irmãos pequenos me fez querer ser melhor para eles. E eu fui.

Até Rick me chamar para essa porcaria novamente.

— Uma cobrança. No Centro. Mandarei mensagem com o endereço completo. — Ele se inclina sobre a mesa e coloca seus cotovelos sobre ela. — Fácil, Fácil. Pegue o dinheiro e venha. É uma porrada de dinheiro, então cuide dele ou vai direto para sua conta...

— Não tenho conta com você — eu o interrompo com um sorriso de lado. Rick sabe melhor de mim. Ele tem total consciência de que não me assusta e isso, em vez de irritá-lo, o diverte. O cara é doente.

— Mas vai ter uma, se não trouxer o dinheiro. — Ele acena para a porta, me dispensando, mas permaneço parado. — O quê? — Seu olhar se torna estreito enquanto ele me olha.

— Seis meses... — começo e me sento à sua frente, sem sua permissão, numa cadeira de couro. — Por que seis meses, Rick? — Encaro seu rosto calmo enquanto ele traga um cigarro.

— Mataram Vini. — Seu rosto não se altera falando que seu melhor

amigo foi morto. — Não tenho muitos em quem confio plenamente e aqueles em que confio estão ocupados. Mais alguma pergunta, Luca? — Ele abaixa a mão, colocando a bituca do cigarro no cinzeiro velho enquanto me observa.

— Seis meses e eu estou fora. Tenho sua palavra? — Olho diretamente para ele. Seus olhos me encaram por alguns segundos e depois ele sorri, levantando e estendendo a mão para mim.

— A palavra do chefe, Luca. — Aperto a mão dele, me levantando e indo embora.



A palavra do chefe. Foda-se!

Estaciono meu carro e saio olhando para os lados. Não tem ninguém na rua, o que é estranho, já que ainda é perto das 22h. Ando até o edifício velho e me pergunto quem diabos viria aqui à noite, então eu já não estranho o fato de não ter ninguém aqui. É o fim do centro, onde a escória dos ricos vive.

Ninguém quer estar por essas ruas, nem eu quero. Entro calado e caminho pelo espaço. Meus passos são silenciosos, mas os de alguém no lugar não são.

Eu me viro a tempo de ver um soco vindo na minha direção e desvio, pegando o punho do cara e o enrolando. Escuto seu grito antes de alguém me acertar por trás. Sufoco um grito, sentindo o ar sumir dos meus pulmões.

Merda, me bateram com um taco de sinuca. Eu me viro, tentando olhar para o cara, mas não consigo, por causa da luz que ainda está apagada. Sinto socos em meu rosto e suspiro.

— Estão de brincadeira, merda? — grito ouvindo o sangue bombear em meus ouvidos. Levanto as mãos, tentando me proteger, mas é inútil.

O próximo soco veio diretamente para minha barriga, me fazendo cair de joelhos. Alguém pega meu cabelo e eu olho para cima só para sentir outro soco.

Não sei quantos caras estão aqui, mas são no mínimo três. Sinto socos em meu rosto e na barriga enquanto o que está segurando meu cabelo segura também meus braços. Estou cansado, mas não vou morrer na merda do subúrbio. E muito menos na mão desses idiotas mudos. Se eu tiver que morrer, morrerei na minha área.

— Vão se foder, porra! — falo, cuspendo o que imagino ser sangue, e tensiono meus braços, fazendo força e puxando o idiota que os segurava. Ele dá um giro por cima de mim e eu o jogo no chão à minha frente.

Pego a pistola no cós da minha calça jeans e coloco na cabeça do homem que geme de dor pela pancada no chão. Foda-se, esse merda deveria apanhar mais. Malditos covardes!

— Começa a falar, porra! Por que me atacaram? — questiono, gritando e enfiando o revólver mais na sua cabeça.

Os outros instantaneamente param de tentar me bater e se afastam.

— Vou matar o amiguinho de vocês. Comecem a falar agora. — Bato com a pistola na cabeça do idiota e o escuto começar a chorar.

Bem, eu gosto disso.

Aperto meu domínio sobre seu pescoço e a pistola contra sua pele e, devagar, me levanto com ele. As luzes são acesas e então eu vejo dois homens na minha frente. Não os conheço. Talvez sejam de uma gangue rival à do Rick. Aquele filho da puta me mandou sozinho para o território de outra pessoa?

— Rick nos mandou. É sua cerimônia de entrada — o cara mais baixo e forte fala com um sorriso e eu aperto o pescoço do cara.

— Sério? Não acredito. De qual gangue vocês são? Falem. — Não acredito que aquele idiota faria algo assim. Só se ele for muito doente, porra!

— É verdade. Somos da mesma gangue, Luca. É somente sua cerimônia — o outro que é loiro e maior reforça ao mesmo tempo em que seu celular

começa a tocar. Ele o levanta e me mostra a foto de Rick.

Jesus! Não estou acreditando. Esse cara só pode ser doente. Não encontro outra explicação.

— Atende — mando me aproximando. — Viva-voz. — Ele aperta o botão e, clara como o dia, a voz de Rick começa a falar, rindo.

— Como foi? Nosso menino já foi iniciado? — Aperto meus dentes, não acreditando nessa merda.

— Não. Apanhei um pouco, mas agora tenho seus três homens na minha mira. Qual você quer que eu mate primeiro? — Os olhos dos homens crescem e Rick ri, mas sua risada treme e eu sei que ele está temendo que eu faça realmente o que propus.

— Você não mata, Luca. Por isso te fiz pegar uma encomenda, mas fique à vontade — ele ri e espera por uma resposta minha.

Fecho meus olhos, sentindo a bile subir, e atiro duas vezes. Os caras caem no chão agarrando suas coxas e começam a gemer.

— Porra, Luca! — Rick grita, parecendo assustado, e eu solto o que eu estava segurando e atiro em sua perna também. — Luca! — a voz alarmada de Rick ecoa e eu sorrio, me abaixando e pegando o celular do chão.

— Mande um carro vir buscá-los, Rick. Seus homens irão precisar de muletas. — Desligo em sua cara. Jogo o celular nos idiotas e saio do edifício.

Respiro fundo, cuspiendo sangue que ainda tenho na boca, e sinto meus lábios inchados. Meu corpo está dolorido, mas a euforia de deixar Rick assustado me faz relaxar e nem sentir nada. Sorrindo, piso no acelerador do meu carro e sigo para onde eu sei que vou encontrar paz.

Alícia.



Estaciono fora da casa de Bea e vejo as luzes apagadas. Saio do carro tirando minha blusa cheia de respingos de sangue e limpo meu lábio. Aperto a campainha e, depois de alguns minutos, vejo a luz se acender e alguém descer as escadas.

Aperto meus punhos quando Alícia abre a porta sem nem mesmo perguntar quem é. Que diabos?

— Oh. Luca... — Seus olhos azuis crescem olhando para mim, e eu sei que estou uma bagunça.

— Entre — mando, abrindo a porta e a encurralando. Alícia se move para as escadas e eu subo, seguindo-a. Entramos na sala e eu suspiro, me sentando no sofá. Porra. Está tudo doendo.

— Não abra a maldita porta sem perguntar quem é antes. Entendeu, Alícia? — resmungo de olhos fechados e suspiro, quando ela fala:

— Você me pediu para ficar com seus irmãos para isso? Para brigar? — Abro meus olhos e a vejo de braços cruzados e muito irritada.

— Não, Patrícia. Só deu errado e eu me fodi. — Solto um gemido quando meu lábio cortado se estica.

— Pare de me chamar assim. — Fecho meus olhos e escuto seus passos se afastando.

— Onde estão Tina e Felipe? — pergunto me levantando e a seguindo para um quarto.

Encaro alguns quadros de pintura nas paredes e um encosto para eles do lado de sua cama. Há uma mesa com tintas e pincel também. Eu me viro, encarando Alícia, e sorrio, percebendo que ela é uma pintora.

— Você está na faculdade de artes visuais, pelo que vejo. — Tento sorrir quando suas bochechas coram e ela acena.

— Eu... hum... vou limpar seus machucados. Senta na cama. — Faço o que me pede e em seguida ela está entre as minhas pernas.

Sua barriga lisa está descoberta, sua blusa do pijama só cobre até o umbigo. Seus shorts são finos e eu vejo sua calcinha. Merda. Gostosa demais.

— A briga deve ter sido feia. Você deixou o outro pior? — ela pergunta enquanto desliza o algodão no meu lábio.

— Os outros. Havia três deles, e, sim, eu deixei eles bem pior que eu. — Pisco, deixando de fora a parte dos tiros. Tenho certeza que Alícia não quer saber.

— Merda... Desculpe. — Suas bochechas voltam a corar e eu levanto minhas mãos, tocando em sua cintura. Alícia engole em seco e continua limpando meus ferimentos.

Deslizo meus dedos em sua pele e me inclino, beijando sua pele pálida. Seus pelos são loiros e minha boca saliva, imaginando os outros lugares que também os possuem. E junto da boca, eu me sinto endurecer com a imagem que criei. Caramba!

— Luca — sua voz sai entrecortada e ela se afasta, suspirando. — Acabei.

Puxo sua cintura para mim e Alícia acaba sentando em meu colo com o puxão que dei. Arrumo suas pernas ao lado da minha cintura, sentindo-a dura e tensa.

— Luca... por favor. — Seus olhos estão apavorados, mas eu preciso dela.

— Um beijo, baby. Somente — imploro, vendo seus olhos olharem para minha boca e de volta para os meus.

— Tudo bem. — Assim que as palavras deixam sua boca, eu a devoro.

Seus lábios são macios quando se abrem para que eu possa provar sua língua. Alícia relaxa em meus braços e leva suas mãos para meu rosto. Enquanto me beija de volta, eu agarro seus quadris para que fiquem parados. Não quero a assustar com a minha ereção.

Seu coque se desfaz, deixando seus cabelos caindo por seus seios, e eu solto um gemido vendo os fios loiros. Deus, ela é bonita demais.

— Você é tão linda, Alícia... eu não consigo ficar longe... — Agarro seus cabelos perto da nuca e aprofundo o beijo.

Engulo um gemido de dor pelo corte, não quero fazê-la parar. Merda, eu acho que vou morrer se ela parar.



Capítulo 10

Alícia

Desejo incendeia meu interior quando Luca aprofunda mais ainda nosso beijo. Eu não consigo parar. Eu deveria parar... isso é certo, mas eu não consigo.

Eu desejo esse Atroz. Ele, de um modo muito intenso, está sob minha pele. Desde o momento em que coloquei meus olhos nele, eu sabia que ele era a definição de perigo.

Todo o meu corpo tem consciência disso. Até mesmo meu coração.

Quando Theo, depois de ficarmos calados por alguns minutos, soltou que Luca estava com ciúmes, eu ri. De verdade, que idiotice, mas quando ele não riu comigo, eu sabia que ele falava sério. Claro, eu escondi a minha reação.

Luca não é para mim como óleo não é para a água. Como a escuridão da noite não é para os raios do sol. Como quaisquer coisas que divergem. E eu, com toda a certeza do universo, não sou para ele.

vê-lo chegar aqui de madrugada e todo machucado fez meu coração

apertar. O que ele estava fazendo? E por mais que eu esteja curiosa, não perguntarei. Não mesmo.

— Luca. — Espalmo minhas mãos em seu peito e tento afastá-lo. Lógico, ele não se move nem um centímetro. Seus braços se apertam ao meu redor, fazendo minhas coxas se fecharem na sua cintura.

Um gemido de dor é emanado por seus lábios, provavelmente pelo corte, e eu me afasto mesmo contra sua vontade, vendo que de fato machucamos seu lábio ao nos beijarmos. Passo o dedo por ele e suspiro, levando meus olhos para Luca.

— O que está fazendo? — questiono confusa. O que ele quer de mim? Luca não parece o cara por quem irei me apaixonar. *Ele é perigoso...* minha consciência me lembra e quase que instantaneamente eu saio do seu colo, colocando distância entre nós.

— Eu? Nada. — Ele sorri de lado e eu quero me aconchegar em seus braços novamente.

— Você precisa ir. — Engulo em seco e prendo meus cabelos em um coque de novo.

— Pare. — Pulo assustada com sua voz irritada. O que fiz agora?

— O quê? — Eu o encaro e mordo meu lábio inferior, observando-o se levantar e caminhar até mim.

— Não prenda seu cabelo. — Minhas mãos caem, deixando meus cabelos soltos novamente.

Não sei por que, mas alguma coisa em sua voz me fez fazer o que queria. Por que faço essas coisas com ele? Por que tudo nele me deixa enfeitiçada?

— Você fica melhor assim. — Sua voz sussurrada me faz arrepiar enquanto seus dedos brincam com os fios loiros.

— Eu... — Mordo meu lábio novamente e logo quero me bater, pois seus olhos seguem para ele.

Jesus! Eu não posso fazer isso com Bea. Não posso.

— Alícia... — Atroz começa a falar, me rodeando, e eu sinto um caroço crescer em minha garganta quando ele para atrás de mim. — Onde você estava com Theo hoje? — Fecho meus olhos, sentindo seus dedos acariciarem meu pescoço.

— Fomos tomar café — respondo com a voz tremida e eu constato que Luca se fortalece da minha agonia. Por que ele faz isso?

— Por quê? — Sua boca se fecha no lóbulo da minha orelha direita e ele o chupa. Eu solto um pequeno gemido e aperto meus olhos fechados.

— Por que o quê? — pergunto sem saber do que ele está falando.

— Por que você saiu com o meu melhor amigo? — Sua voz se torna fria. Então eu acordo da nuvem cheia de desejo em que ele me pôs.

— Ele está me ajudando a pegar minha herança. Preciso de um advogado de confiança e ele é um — digo cruzando o quarto, me afastando dele. A distância é uma segurança. Estar perto do seu corpo me põe boba e estúpida. Duas coisas que ando me tornando mais vezes do que eu gosto.

— Entendi. Você sabe que não pode ficar com ele, não é? — Seus olhos se estreitam e eu cruzo meus braços, irritada.

— Por que não? Tenho certeza que ele pode se interessar por mim... — As palavras se perdem no ar quando Luca anda a passos largos até mim e me coloca em seus braços.

O ar foge de mim quando ele me coloca entre a parede que divide o quarto de Bea, onde os irmãos dele dormem, e seu peito duro.

— Ele unca vai, Alícia. Eu tenho a certeza de que ele fique sem sua mão se ousar. — Eu o encaro e mordo minha língua querendo bater em seu rosto.

— Por quê? — pergunto encarando seus olhos.

— Porque não. Procure playboys na sua área. Aqui ninguém vai tocar em você. — Sinto como se essa frase fosse um tapa em meu rosto. Idiota, idiota e

idiota!

— Luca... — Engulo em seco e me remexo, saindo dos seus braços. — Não toque em mim novamente. E não sei se sabe, mas Theo não é daqui e ele pode se colocar nessa categoria de playboys, que você falou — afirmo atrevida.

Se ele pensa que pode determinar com quem fico, está enganado. Não olhei uma vez sequer para Theo com pensamentos de desejo ou atração. Nenhum vestígio, mas Luca não precisa saber disso. Ainda mais quando isso o irrita.

— Tente. Você só vai me fazer machucá-lo — ele murmura me encarando sério, e eu trinco meus dentes com ódio.

— Saia. — Aponto para a porta, sentindo minhas mãos tremerem.

— Não. Eu vou dormir. Se deite na cama. — Ele pisca e sorri, esquecendo que estávamos brigando segundos atrás. Eu o encaro, tentando ver que ele está brincando, mas meu queixo cai, vendo seu atrevimento. O quê?

— Não vai dormir comigo no meu quarto! Vá para o sofá — mando irritada. Ver Luca sorrindo está me deixando louca.

— Onde está Beatrice? — ele questiona e meu estômago se revira com o pensamento de ele ir dormir com ela ao lado.

— Dormindo fora — minto, caminhando até minha cama. Meu corpo está formigando com a mentira deslavada e principalmente com a ideia de ele dormir comigo, na mesma cama.

— Sério? — ele pergunta sorrindo e eu estranho ele não achar ruim que a sua amante esteja dormindo fora, mesmo que não seja de verdade.

Tina e Felipe estão dormindo em seu quarto, pois lá tem duas camas. Uma de Bea e a outra é de sua mãe, para as vezes em que ela vem dormir aqui. Ela pediu que eles dormissem em seu quarto por causa disso.

— Sim. Você vai ter que esperar até amanhã para ver sua namorada. — Mordo minha língua percebendo quão imatura estou sendo.

Se ele é namorado dela, eu não deveria nem mesmo estar perto dele, e

olha o que estou fazendo? Mentindo para que ele durma comigo, e não com ela. Em que tipo de mulher estou me transformando? Tudo por culpa dele. Deste Atroz estúpido!

— Ótimo. — Ele pega sua camiseta do bolso e joga na minha cadeira, logo depois começa a descer o zíper do seu jeans. Meus olhos se arregalam instantaneamente.

— Luca! — retruco, vendo-o jogar sua calça onde sua blusa descansa.

— Eu durmo nu. Está com sorte que estou de cueca. — Ele sorri e anda até a ponta da cama. Sua barriga é lisa, com pequenos gominhos à mostra. A pele é clara, mas de um tom mais bronzeado que o meu. Só de olhar para ele minha boca seca. O que está acontecendo comigo? Balanço a cabeça, querendo dispersar esses pensamentos.

Luca se senta na cama silenciosamente, ficando de costas para mim, e logo o quarto ganha um silêncio intenso. Estranho sua quietude e começo a observá-lo.

Olho para suas costas por alguns segundos e eu me viro, vislumbrando seus olhos fechados e suas mãos juntas. Ele... ele está rezando. Minhas sobrancelhas se juntam em confusão e eu desvio minha atenção dele.

Eu.... Sério? Nunca imaginei que Luca fosse uma pessoa religiosa. Pelo visto eu estava errada. Preconceito da minha parte, obviamente.

Mordo meu lábio e vejo que suas tatuagens agora estão totalmente visíveis. Nas suas costas há uma cruz grande do lado direito, do ombro até suas costelas. Sorrio imaginando que Luca é devoto a Nossa Senhora, pois logo abaixo tem uma imagem dela belíssima, com traços finos e de um bom gosto excelente. Na imagem está apenas seu rosto de lado, enquanto seus olhos estão fechados dentro de um terço com contas pequenas e grandes. Espreito o lado esquerdo e vejo que nele tem nomes, um abaixo do outro.

Alana Ribeiro

Valentina Ribeiro

Felipe Ribeiro

Imagino que a Alana seja sua mãe, mas não tenho certeza. Eu me assusto quando ele se vira e puxa as cobertas, se deitando logo em seguida.

Fecho meus olhos apertado e me deito, dando as costas para ele enquanto puxo as cobertas também. Sinto o calor emanando dele para mim por baixo dos lençóis. Jesus! Ainda não posso acreditar que ele está deitado ao meu lado. Será que fiz certo em mentir? Bea está dormindo no quarto ao lado. Será que ela vai me expulsar daqui amanhã quando acordarmos e ela ver que Luca dormiu aqui? Comigo?

Solto um gemido de vergonha pensando nisso.

— Lembrei que falou que vou ter que esperar até amanhã para ver minha namorada... — Sua voz corta a escuridão do quarto e eu aperto o edredom entre meus dedos. — Bea não é minha namorada, Alícia. — Sem perceber, eu relaxo. Não pergunte por quê. Eu só sinto o peso de um caminhão ser retirado dos meus ombros.

— Ela já foi uma foda, mas isso é passado. — Meu estômago revira com isso. Foda? É assim que ele chama as garotas com quem já ficou?

— Isso não me interessa. Boa noite — eu o corto, querendo esquecer a sua presença.

Por alguns minutos, eu escuto sua respiração calma, mas não consigo dormir. Meu corpo está quente, ele sabe que Luca está próximo. Isso é tão estranho. Eu nunca fiquei tão ligada à presença de alguém.

Solto um suspiro e me viro de frente para ele. Seu rosto está pacífico. Ele adormeceu. Foco minha atenção em seus lábios e lembro que ele chegou aqui cheio de ferimentos. O que aconteceu com ele? E por que estou tão preocupada? Tento me convencer de que é por seus irmãos. Eu me preocupo com eles, e não com esse Atroz lindo.

Deslizo meus dedos por seu lábio e engulo em seco, sentindo um formigamento nas pontas. Como ele pode ser tão bonito?

Seu rosto é fino, mas nem por isso suas bochechas são magras. Suas sobrancelhas são escuras e cheias, mas são alinhadas. Seu nariz uma vez foi reto, mas agora está torto bem no meio. Deve ter sido uma briga, mais uma para a

conta.

Afasto minha mão e me viro, apertando meus olhos fechados. Quando os abro meus, vejo meu celular no criado-mudo e lembro que papai ligou quando eu estava no parque com Tina e Felipe. O que ele queria eu não sei, pois não atendi. Não quero brigar com ele novamente.

Na verdade, eu só quero que ele deixe essa decisão sem cabimento de querer me obrigar a cursar Direito. Ele não vê quão feliz eu sou apenas pegando em um pincel?

Desvio os olhos do celular e olho para meu cavalete. Devagar, me levanto e puxo meu banco para me sentar à sua frente. A pintura de Luca está escondida perto da minha mesa. Ainda bem que me lembrei de colocá-la em um lugar mais escondido antes de ir buscar os seus irmãos.

Preparo a tinta e, devagar, deslizo o pincel na tela branca. O quarto está meio escuro, só clareado pelas frestas na janela, por onde passa a luz da lua, mas isso não me impede de pintar. A escuridão me tranquiliza, ela me deixa focada. Não preciso estar me preocupando com erros bobos, eu somente pinto. Sem pressão e sem expectativas.

Sorrio quando vejo a forma de duas crianças rindo e constato que elas são Felipe e Tina. Com o passar do tempo, talvez horas ou minutos, seus rostos vão criando formas e logo a pintura ganhou cor e beleza. Trabalho nos detalhes, como olhos, cabelos e contornos do rosto e logo estou satisfeita com o resultado.

Sorrio feliz, descendo do banco, e guardo a tela do lado das outras pinturas que já fiz para secar. Eu me viro devagar e levo um susto quando vejo Luca sentado na cama, me olhando.

— São meus irmãos? — ele pergunta com a voz rouca, fazendo minha garganta secar.

— Humm... Sim — murmuro envergonhada por ele ter me pegado pintando.

Não que isso me incomode, mas nunca ninguém parou para me observar fazendo arte. Literalmente. Nem mesmo papai. E ter Luca olhando me faz sentir como se eu estivesse fazendo algo leviano. Talvez eu me sentisse assim com

meu pai olhando também. Eu não sei explicar, de fato, é apenas um sentimento.

— Eu... Vou lavar as mãos. — Entro no banheiro que divido com Bea e limpo toda a tinta que pegou em mim. Logo saio com uma toalha, as enxugando.

— Ficou muito bonito — Luca elogia olhando para a tela com um sorriso, e eu me aproximo, me sentando ao seu lado.

— Obrigada — murmuro, cobrindo minhas pernas com o edredom e puxando-o até meu queixo, enquanto me deito.

Luca também se deita e eu suspiro quando um de seus braços enrolam na minha cintura. Minha barriga se aperta, sentindo seus dedos calejados passearem sobre minha pele nua.

— Luca... Hum. O que está fazendo? — pergunto baixinho enquanto ele enfia sua cabeça entre meu ombro e cabeça. Sentindo o cheiro do meu pescoço.

— Dormindo, baby. Durma, Barbie. — Fecho meus olhos e relaxo contra seu peito. Isso pode ser uma loucura, mas eu seria uma mentirosa se dissesse que quero me afastar.

Eu sou uma pecadora, mas não me arrependo do meu pecado, se ele for dormir de conchinha com esse Atroz.



Capítulo 11

Alícia

Solto um suspiro, virando de lado, e relaxo sentindo Luca me puxar contra seu corpo. Sua respiração se choca com a pele do meu pescoço e eu solto um pequeno gemido.

Meus pés formigam e eu estranho a sensação de estar sendo observada. Respiro fundo balançando a cabeça em pensamento. Que doidice.

— Eu gostaria que tivesse me avisado. — Abro meus olhos assustada quando a voz de Bea ressoa pelo meu quarto. Tento me sentar na cama, mas a mão de Luca segura meu quadril, me prendendo contra seu peito. Jesus! Olho para minha amiga e ela tem seus braços cruzados e um olhar questionador.

Não a deixe me odiar, Deus!, clamo me sentindo mal. Não quero que Bea pense que eu tomei seu namorado/amante. Eu não estou tentando... Luca mexe comigo. Ele... Deus, ele está sob minha pele.

— Bea... — digo seu nome enquanto puxo o braço de Luca para fora de mim. Ele resmunga se afastando e virando para o outro lado da cama.

— Me deixem dormir — ele murmura sob seu sono e eu me levanto, agradecendo que estou com meu pijama comportado.

— Acorda! — Beatrice caminha para o lado da cama em que Luca está deitado e sacode seu braço. Ele resmunga algo e se remexe, mas não acorda.

— Bea. Eu... a gente não tem nada. Tipo, ele só dormiu aqui... na minha cama porque... — começo minha explicação, mas paro quando vejo que eu não tenho uma. Engulo em seco quando Luca abre os olhos e afasta Bea, que iria sacudir seu ombro novamente.

— Por que está se explicando? — Luca pergunta genuinamente confuso, e eu franzo minhas sobrancelhas, não entendendo sua pergunta idiota.

— Bea pegou você aqui. Se levanta, droga! — peço, me sentindo assustada. Eu não sei o que vai ser de mim em breve. Não tenho para onde ir e eu tenho quase certeza de que ela vai me expulsar. Jesus! Eu vou morrer.

— Espera — ele pede se sentando na cama. — Eu... O que você está fazendo aqui a essa hora? Não tinha dormido fora? — Assim que ele diz isso eu sinto que nenhuma coisa no mundo está mais vermelha do que eu. Minhas bochechas esquentam quando Bea nega isso e Luca se vira para mim sorrindo.

— Senta aqui, Barbie — ele pede e eu molho meus lábios, não entendendo nada aqui.

— Para de me dar esses apelidos ridículos — mando, encarando seu rosto cheio de marcas pelos lençóis que estava contra sua pele e me viro para Bea. — A gente não fez nada. Me desculpa. Ele deveria ter ido dormir com você... Eu só... — Eu me calo, sem saber como terminar, e desvio meus olhos dela.

A verdade é que eu estava com ciúmes. Só de imaginar que ele poderia ter ido para seu quarto e ter dormido com ela, eu não me arrependo de ter mentido. Em que estou me tornando? Numa amiga traíra e falsa. Minha consciência responde minha questão sem um segundo de dúvida.

— Alícia! — Luca xinga alto e eu tremo assustada, mas não me viro para olhá-lo.

Ele deve estar me achando uma idiota. Nesse momento eu queria que um buraco se abrisse e eu pudesse me enterrar. Quão patética eu sou por isso estar acontecendo?

— Ali, olhe para mim — a voz da minha amiga soa alto. Meu lábio treme e eu levanto meus olhos para Beatrice.

— Luca, Tina e Felipe estão na mesa tomando café, você pode nos dar licença? — a sua voz é calma enquanto ela fala com o Atroz, mas seus olhos estão em mim.

Eu não tenho nenhum vestígio de dor ou desapontamento. Ela parece neutra. Como se não tivesse me pegado com seu amante na cama, mesmo que não tenhamos feito nada.

Somente beijar a vida fora um do outro, minha consciência me lembra, mas empurro isso distante. Bea não sabe disso e eu... bem, eu ia dizer que não vou contar, mas mesmo não querendo, eu vou. Deus me ajude com isso também.

— Não. — Eu e ela nos viramos, surpresas, para olhar para Luca sentado na cama só de cueca. Por que ele tem que fazer isso? Por que ele não poderia permanecer com o lençol em volta da cintura?

— Luca — peço, sentindo que Bea quer falar algo importante. — Por favor — reforço e ele se levanta fazendo careta.

Em vez de ele caminhar para suas roupas e sair do quarto, ele caminha para mim, ficando de costas para Bea. Seu peito liso e cheios de músculos fica no meu rosto e eu fecho meus olhos, imaginando que Bea também o está vendo ele seminu, precisamente, sua bunda.

— Nada. É isso que eu tenho com Beatrice. Ela não é minha namorada, ex ou qualquer outra coisa. — Seus olhos estão fixos nos meus e eu aceno, querendo que ele se afaste um pouco.

Não consigo digerir a informação. Eles não são amantes? Estou confusa. Ele se afasta e pega minha mão, nos virando de frente para Bea. Luca me coloca à sua frente, minhas costas contra seu peito. O rosto de Bea tem um sorriso animado e eu arregalo os meus olhos, confusa.

— Bea é minha melhor amiga. Somente isso. — Meu corpo relaxa contra o dele ao ouvir isso. Não que eu esteja pensando em ficar com Luca. Isso nunca daria certo, mas saber que eles não têm nada me faz sentir aliviada porque eu não traí minha amiga.

— Mas você disse ontem... — começo, quando me lembro de suas palavras: *Bea foi uma foda*.

— Eu estava brincando. Eu e Beatrice nunca chegamos perto um do outro para sexo ou beijos — ele murmura no meu ouvido e eu aceno, começando a entender.

— Tudo bem — sussurro e olho para minha amiga. — Você parecia chateada quando me acordou — resmungo quando me lembro de seus braços cruzados. Se eles não têm nada, por que a chateação?

— Porque vocês não me falaram que estavam ficando...

— Mas não estamos. Não tem nada a ver — digo na defensiva. Luca ri atrás de mim e eu me viro, lhe mandando um olhar irritado. Por que ele está rindo? Ele não pensa o mesmo? Só nos beijamos duas vezes, isso não quer dizer quase nada.

— Okay. Tudo bem. Se acalmem. — Bea também ri e faço careta.

— Ele só dormiu na cama. Não aconteceu nada. Bea, você tem que acreditar em mim — peço me distanciando do Atroz.

Nem sei por que quero que ela acredite, talvez seja porque aqui é sua casa e eu nunca faria algo assim debaixo do seu teto.

— Tudo bem. Depois conversaremos, agora você tem que ir se arrumar. Gabrielle está chegando — ela informa e eu mordo meu lábio, confusa por Gabby estar vindo.

— Como assim? — questiono enquanto caminho para frente dela, deixando Luca no mesmo lugar.

— Ela te ligou, mas você não atendeu, então ela ligou para o meu celular e avisou que estava saindo de casa. — Arregalo meus olhos, lembrando que

faremos uma pintura juntas para um trabalho.

— Eu esqueci completamente. Vou tomar banho.

Corro para meu guarda-roupa e pego uma camisa velha que uso para pintar — ela já tem várias manchas que lhe dão um charme — e um short jeans curto.

Quando me viro de frente para a cama, Luca está sentado, vestindo seu jeans. Seu peito ainda está descoberto e o lábio ferido está quase imperceptível. Parece que ele nem mesmo brigou.

— Eu iria tomar banho com você, mas acho que meus irmãos iriam reclamar da minha demora. — Ele sorri, piscando, e se levanta, indo pegar sua camiseta.

— Que gentil da sua parte. — Reviro meus olhos e sigo para o banheiro, mas antes que eu pudesse alcançar a porta, eu já estava presa em seus braços.

— Querida, cadê meu beijo? — Ele sorri de lado e eu quase desmaio com a súbita vontade de me esgueirar na cama com ele novamente.

— Não. Luca, me solta — peço virando o rosto para o lado. Não deixando minha boca próximo da dele, para que ele roube beijos de mim.

— Sua boca murmura palavras que não são verdadeiras. Quão ruim você é em mentir por isso? — Seus braços me soltam e eu dou um passo para trás. — Na próxima vez em que nos beijarmos você será a única a pedir por isso. — Seus olhos me encaram sérios e eu sei que ele vai fazer essa promessa vingar.

Engulo o caroço enorme que se pôs em minha garganta com isso. Luca logo termina de se vestir e pegar sua carteira com as chaves do carro, no criado-mudo, e, então, ele sai.

Minhas mãos tremem e eu me lembro de Tina e Felipe. Preciso me despedir.

— Luca — grito na porta e em alguns segundos ele chega com um sorriso zombeteiro nos lábios finos.

— Já está pronta para pedir um beijo, Barbie? — Ele continua sorrindo e

eu me afasto, me proibindo de revirar os olhos.

— Peço que me espere tomar banho. Quero me despedir de Tina e Felipe — digo rapidamente, e então eu fecho minha porta.

Corro para o banheiro e tomo o banho mais rápido da história da minha vida. Eu me visto com as roupas que separei e penteio meu cabelo, os deixando molhados mesmo. Até porque não tenho tempo para brigar com um secador.

Quando retorno à sala, Tina e Felipe estão sentados no sofá e se levantam em um pulo, gritando meu nome.

— Ei! Vocês já estão indo? — pergunto sorrindo e beijo o rosto de Felipe e os cabelos de Tina.

— Sim. Luca vai nos levar para a pracinha perto de casa — Felipe responde, olhando para seu irmão mais velho.

— Vamos lá — Luca chama, caminhando para as escadas do apartamento.

— Tchau, Barbie. — Felipe beija minha bochecha e eu encaro seu irmão, que ri abertamente. Aposto que ele ensinou Felipe a me chamar assim.

— Tchau, querido. — Eu o observo caminhar para Luca, que o coloca nos braços logo em seguida.

— Alícia. — Encaro Tina e eu estranho suas bochechas estarem coradas.

— Oi, querida. — Sento-me no sofá e ela fica de pé, alternando o peso do corpo de um pé para outro.

— Eu gostaria de... — Ela engole em seco e desvia os olhos dos meus. — Depois eu queria comprar algumas roupas. Luca me dá dinheiro de vez em quando e eu guardei para comprar roupas novas e eu... quero falar sobre outra coisa. — Sorrio, me empolgando para ir às compras com ela, e a vejo olhar para onde seu irmão está brincando com Felipe, alheio à nossa conversa.

— O que quiser conversar, baby. Podemos sair amanhã. — Sorrio animada e ela relaxa, olhando para mim novamente.

— Obrigada. Amanhã você vai me buscar? — ela pergunta ansiosa e eu me levanto, abraçando-a.

— Com certeza. E poderemos conversar. — Pisco e ela sorri, acenando.

Acompanho os três até a porta depois de Bea se despedir, dizendo que sua mãe ligou e precisava dela. Os meninos a abraçaram e agradeceram pela noite.

— Amanhã vou pegar Tina para ir ao shopping comigo. Tudo bem? — pergunto a Luca, depois de ele colocar os meninos no carro e voltar para a porta onde estou.

— Claro. Eu darei dinheiro a ela. — Ele se aproxima e levanta sua mão, a colocando na parede ao lado da minha cabeça.

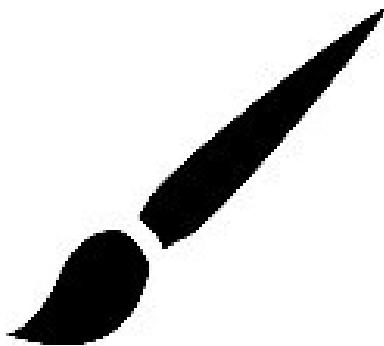
— Não precisa... — começo, não querendo que ele gaste o dinheiro. Eu posso dar a ela de presente. Ainda tenho economias.

— Sim, precisa — ele me corta com a voz dura e eu levanto minha cabeça, olhando para seus olhos. Ele parece irritado e muito contrariado, então eu aceno, não querendo brigar agora com os meninos aqui.

— Tudo bem. Irei às 10h — aviso e ele se inclina, quase tocando meus lábios com os seus.

— Você está pronta para pedir um beijo, Barbie? — Respiro fundo, fechando meus olhos e depois sorrio inocente.

— Não hoje, Atroz. — Passo por debaixo do seu braço e corro para dentro de casa.



— Sabe, eu encontrei uma coisa muito suspeita no seu quarto — Gabby grita do quarto enquanto termino de preparar sanduíches para nós duas.

— O que encontrou, sua sabichona? — Eu me viro rindo e a encontro com o quadro de Luca na frente do seu rosto. Aperto o copo com suco mais forte e sinto minha barriga dar voltas.

Ele ficou tão lindo nesse quadro, eu acho que ele venderia rapidamente em uma Galeria. Porém o quadro é meu. Eu não quero que ninguém o veja. Nem mesmo Gabrielle e Beatrice.

— Onde você pegou isso? Coloque no lugar, por favor. — Mantenho minha voz baixa e controlada. Tento me convencer de que estou irritada por ela ter mexido nas minhas coisas, mas eu sei que não é isso.

Eu tenho medo de que elas me julguem por esses sentimentos que eu não sei explicar ou definir. Não quero ninguém me dizendo que vou me machucar e etc. Esse sentimento de atração é passageiro. Eu sei que sim.

— Ei! Não fique chateada. — Ela sorri depois de descer o quadro, deixando seu rosto à mostra.

— Não estou... eu só... Só quero que coloque no lugar — peço, encarando as pequenas gotas de tinta que caíram em seu ombro enquanto pintávamos juntas.

— Tudo bem. Desculpa. — Ela vai para o quarto e eu suspiro, apertando minhas têmporas. Eu me viro, lavando minhas mãos na pia, e me sento no balcão, esperando Gabrielle voltar.

Assim que ela se senta à minha frente, depois de lavar as mãos também eu deslizo o prato com sanduíches. Ela agradece e começa a comer em silêncio.

— Desculpa pelo modo que falei... eu só estou confusa quanto a Luca — murmuro, alisando minha unha.

— Sem problemas. Eu não deveria mexer em suas coisas. — Ela relaxa e aperta minha mão por cima da mesa. — Eu preciso te contar... — Ela engole em seco e morde seu lábio.

— O quê? Que ele é galinha ou algo do tipo? Isso não seria surpresa, você sabe. Qualquer pessoa que o vê diz isso — resmungo sabendo bem de que estou falando a verdade.

Luca, um bad boy e atroz, não seria um homem galinha? Em que livro de romance eu estaria, se isso não fosse verdade? Pois é.

— Não. Não é isso... é que Lorena pode ser um pouco obcecada com ele... — Faço careta só de ouvir o nome da sua irmã.

Não pode ficar pior. Lorena já me odeia, não tenho a mínima noção do porquê, mas isso fica claro toda vez que ela torce o lábio com desgosto ao me ver pelo campus.

— E bem, ela... Humm... trabalha nos rachas que ele participa.

Sim, merda, pôde ficar pior.



Capítulo 12

Luca

Encaro a porta trancada e sorrio, imaginando Alícia correndo escadas acima. Balançando a cabeça, volto para o carro.

— Alícia vai me levar ao shopping amanhã. Tudo bem, Luca? — Tina torce as mãos no colo e eu aceno.

— Tudo bem. Deixarei dinheiro para você, antes de eu sair. — Coloco o carro em movimento e sorrio para Tina, que agradece alegre.

— Eu quero ir também. — Felipe franze as sobrancelhas e eu desvio os olhos dele para a rua. — Por que Lili não quer me levar? — Tina se vira e sorri, pegando Felipe para seu colo.

— É tão fofo você chamando ela de Lili. — Ela aperta suas bochechas e eu começo a rir da cara do meu irmão mais novo. Felipe detesta ser o mais novo.

— Theo vai te levar para sair. Ele mandou mensagem. Você prefere ir ao shopping do que ir fazer algo de homem com Theo? — Levanto minhas

sobrancelhas enquanto ele se afasta de Tina, voltando sua atenção para seu carro.

— Eu quero fazer coisas de homem, mas eu também quero ficar perto de Lili. — Ele se vira, encarando a janela.

— Você está apaixonado por ela, pequeno Felipe? — questiono, rindo, quando suas bochechas aquecem e ele não me olha.

— Alícia é namorada de Luca. Você viu o beijo deles? — Tina ri levemente e pega o celular que dei a ela de presente ano passado.

— Tina. — Mantenho minha voz baixa, dando um aviso, e ela dá de ombros.

— Não quero beijar Lili. Só quero que ela fique mais perto da gente. Eu gostei quando ela ficou lá em casa e também gostei de dormir aqui — ele explica fazendo careta.

— Eu sei, camarada. Quem sabe à tarde, depois de ela chegar do passeio com Tina, ela fique com você um pouco? — Solto mesmo não tendo ideia se Alícia ficaria.

Felipe aceita meu argumento e voltamos para casa em silêncio. Fiz almoço para ambos e comemos enquanto Felipe fala quantos amigos já fez na sua escola. Tina ficou calada, apenas sorrindo.

Quando Tina vai para seu quarto, eu e Felipe passamos a tarde jogando futebol no quintal de casa. Ele logo se cansou, então o banhei e o coloquei para tirar uma soneca.

Eu me sento numa cadeira de balanço, na varanda, e encaro a rua da minha casa. Aqui é simples, mas eu faço de tudo para meus irmãos gostarem de viver aqui. Eu limpo o quintal, corto a grama e faço brinquedos para eles. Não quero que eles se sintam menos amados. Quando mamãe faleceu, eu me vi desesperado. Eu estava sozinho com duas crianças pequenas para cuidar.

Mas isso não me fez correr. Tina e Felipe precisavam de mim e eu estava e sempre vou estar lá para eles.

Encaro meu celular, lembrando que Rick disse que hoje estaria indo ver

as corridas. Não o quero próximo de mim, preciso focar nesses seis meses para que passem logo e eu me veja livre dele e de suas merdas.

Quando escuto uma porta de carro bater, eu levanto minha cabeça e vejo Theo sair do seu carro e caminhar até mim. Não tive oportunidade de falar com ele essa semana, depois de ele ter saído com Alícia. Na hora eu estranhei os dois saindo juntos, mas isso não me diz respeito, então empurro para o fundo da minha mente.

— Ei, irmão! — Ele se senta nos degraus da escada enquanto eu permaneço na minha cadeira.

— Você vai hoje? — pergunto, encarando a rua, colocando as mãos atrás da minha cabeça.

— Sim. Você falou com a Dona Edith para ficar com Tina e Felipe? — ele pergunta, afrouxando sua gravata depois de retirar o paletó.

Não sei como ele aguenta vestir essas roupas pomposas. Eu nunca iria aguentar vestir essas roupas todos os dias. Eu gosto dos meus jeans e das minhas camisetas. São simples e fáceis de vestir, fora o calor infernal que faz nessa cidade.

Mas Theo é advogado na empresa do seu pai, então só pode usar roupas formais.

— Ainda não. Se você quiser, pode ir lá. — Aponto a casa dela com a cabeça e ele se levanta.

— Eu pago dessa vez. — E ele sai sem me dar um olhar de merda.

Dona Edith fica com Felipe e Tina quando vou correr e eu pago por isso, é claro. Theo é um bom amigo, mas não gosto que ele pague minhas coisas. Eu trabalho para isso. Eu corro em rachas para isso.

Theo foi para casa e disse que me encontraria no local das corridas. Durante o resto das horas, eu limpei meu carro e mexi um pouco no motor, para ver como tudo estava. Tina foi fazer um trabalho da escola na casa de uma amiga na rua de baixo e Felipe acordou e foi brincar.

À noite deixo os dois na sala, vendo TV, e saio depois de Dona Edith chegar e começar a conversar com eles. Acelero meu Mustang e corto pela cidade, indo para um bairro mais baixo de onde moro.

Relaxo contra o banco de couro quando chego e as pessoas abrem espaço para meu carro passar. Aceno para alguns e estaciono meu carro ao lado do GT de Kieran. Saio dele e me encosto no capô, cruzando meus braços. Ele acena segurando um cigarro entre os lábios e eu encaro seu rosto enquanto ele encara a multidão.

Todos sabem que ele está com Rick. Ele deve saber que voltei para essa merda. Kieran é quieto e calado, até demais para mim. Ele observa tudo e não fala nada. É muito estranho e eu não gosto de quem não fala.

Quando as pessoas falam, nós passamos a conhecê-las. Quando elas ficam caladas, elas se tornam um mistério, e é isso que Kieran é. Um mistério perigoso.

— Cospe sua merda e para de me encarar, Luca. — Ele se vira irritado, eu reviro meus olhos, ainda o encarando.

— Foda-se, Kieran. O que está fazendo? Veio me vigiar por Rick? — pergunto, colocando minhas mãos nos bolsos.

— Não sou menino, Luca. Se Rick quer te ver, ele vem até você. Eu não faço essa merda. — Aceno e olho para a pista asfaltada.

Estamos em uma pista de corrida verdadeira. O dono dela deixa o Vigia — apelido do cara que organiza as corridas — fazer seus jogos aqui. É crime, mas isso não quer dizer que a mão dele não seja lavada também. E não é pouco dinheiro.

— Com quem vai correr? — Kieran fala e eu desvio meus olhos das pessoas bebendo cerveja do outro lado da pista, enquanto algumas meninas estão dançando ao som de paredões, e o encaro.

Ele permanece quieto e encarando ao seu redor. Nem mesmo parece que ele falou algo agora.

— Não sei — respondo e giro minha correntinha de Nossa Senhora que

fica em meu bolso.

Minha mãe me deu quando fiz 10 anos de idade. Ela disse que a medalha iria me proteger. Eu estou com ela em todos os momentos.

Kieran fica parado e, de repente, ele se vira, encarando algo além de mim. Estranho o fato, já que ele não dá sua atenção para nada além de alguns segundos e me viro também. Vejo uma garota de cabelos rosa com um cara ao seu lado. A garota sorri e para um momento, olhando para trás, e eu logo tenho meus músculos gritando. Merda.

Alícia, caralho?

Suas pernas estão nuas, ela veste apenas um short jeans de cintura alta e uma blusa sem mangas preta, com um casaco por cima. Seus pés estão dentro de uma bota preta, fazendo suas pernas se tornarem longas e ela, completamente fodível. Jesus! Eu quero suas pernas em volta de mim agora.

E a porra de todos esses homens aqui nesse lugar também.

Ela está sorrindo para a garota de cabelos coloridos enquanto tira alguns dos seus fios loiros do rosto com pouca maquiagem. Merda. Merda. Merda.

— Caramba. — Kieran deixa seus olhos vidrados na direção das meninas e eu me viro, pronto para arrancar seus olhos.

— A loira é minha. Se mantenha longe, merda! — aviso baixo, não querendo começar briga, mas se ele olhar para ela, eu vou.

— Loira? Ah. Não. — Ele faz careta para mim e volta sua atenção para a outra garota. A de cabelo rosa.

Ele é louco? Tem um cara ao seu lado e eu tenho certeza que é seu namorado. O cara tem as mãos na cintura dela enquanto esperam Alícia chegar até eles. Com certeza é seu namorado.

— Está louco? Olha o namorado...

— Eu não me importo. — Ele descarta seu cigarro e cruza os braços, ainda encarando a garota.

Eu desvio o olhar dele para olhar Alícia e a encontro parada, olhando diretamente para mim. Pisco sorrindo e suas bochechas ficam vermelhas, para logo ela desviar os olhos de mim.

— Você chegou... — Eu me viro, deixando Alícia de lado, e encontro Lorena de pé, a minha frente.

— Ei! Como está? — Sorrio educado, enquanto a vejo prender seu lábio entre os dentes.

Lorena trabalha nas corridas dando largada. Seu short jeans, que comparado a isso passa a ser uma idiotice, já que ele parece mais uma calcinha, estão logo abaixo do seu umbigo. Sua blusa não cobre sua barriga e seus seios fartos estão bem no meu rosto, atraindo minha atenção para lá.

Lorena é muito linda e, claro, gostosa demais. Já provei essa garota e eu posso dizer que ela é uma tentação. Uma perigosa tentação.

— Podemos dar uma volta depois da sua corrida? — Sua sugestão de sexo está por todo seu rosto, mas quando penso em aceitar, o rosto de Alícia entra em minha visão.

O que diabos?

Eu me viro, procurando-a, e a encontro no grupo da garota de cabelo rosa e alguns caras em torno de um carro preto rebaixado. Ela ri para algo que a garota fala e mantém seus olhos nas suas botas.

Volto minha atenção para Lorena e a vejo com a atenção na mesma direção que eu. Para Alícia.

— Minha irmã trouxe o cordeirinho. — Ela dá uma risada debochada enquanto alisa suas unhas longas.

— Sua irmã? — Elevo minha sobrancelha, cruzando meus braços em frente ao peito.

— Sim. A garota de cor diferente no cabelo. Gabrielle. — Eu aceno, entendendo, e lembro que ela chamou minha Barbie de cordeirinho. — Você aceita o convite para darmos uma volta? — Lorena reforça, dando um passo em

minha direção, tocando seus seios no meu peito.

— Desculpe, Lorena. Hoje não vai dar — digo e vejo quando ela faz uma careta. Lorena não gosta de ser descartada. A garota é mimada. Ela é uma das garotas que falei serem as patricinhas que vêm para as corridas atrás de caras como eu. Atroz.

— Por quê? — Antes que eu possa responder à sua pergunta, a voz do Vigia surge nos alto-falantes.

— Para a pista, seus moleques! Luca Ribeiro e Caio Moreira. Comecem as apostas e deixem dinheiro para o papai aqui. — O cara ri, achando que é engraçado, e eu suspiro, voltando minha atenção para Lorena.

— Com licença, querida. — Afasto seu corpo, mas antes ela se eleva nas pontas dos pés e beija o canto da minha boca.

Enrugo meus olhos e ela dá de ombros, se afastando.

Entro em meu carro e acelero o motor, vendo as pessoas abrirem caminho para que eu entre na pista. Fecho meus olhos, sentindo o motor rugir, e sorrio. Porra, eu amo isso.

Estaciono na linha de partida e saio do meu carro, me encostando no capô enquanto espero Vigia vir falar alguma coisa. Ele sempre vem. Seja para mandar termos cuidado ou ver nossos carros.

Meu corpo está relaxado enquanto o vejo andar até mim e Caio. Eu já tinha visto Caio por aqui, mas nunca corri com ele. Ele é amigo do namorado da garota que está com Alícia. Ele estava no grupo, quando procurei Alícia minutos atrás.

Nunca o vi correr, mas espero que a corrida hoje seja boa. Não gosto de disputar com quem não tem a noção do que é correr nessa pista. Se for para ganhar sem luta, eu corro sozinho. Simples assim.

— Hoje a corrida vai ser diferente. Dentro dos carros, além de vocês, deverá ter uma mulher. A sua mulher. Onde essas beldades estão? Corram lá e tragam a bunda delas aqui. — Meu queixo cai quando escuto suas palavras.

O que, porra?

— Você está brincando? Eu não tenho namorada, merda! — Caio parece que vai começar a cuspir fogo a qualquer momento.

— Amiga. Mexam suas bundas. Volto em cinco minutos. — Vigia simplesmente nos dá as costas e vai embora.

— Merda! Merda! — Encaro a multidão que assistiu a tudo e suspiro.

Procuro Alícia na multidão e a encontro me encarando, ao longe. Suas bochechas estão coradas do frio e seus lábios estão em uma linha fina. Ela parece irritada. Bem irritada.

— Precisando de mim? — Lorena aparece ao meu lado de repente, sorrindo.

— Lorena... — Paro de falar quando vejo Caio sorrir como se tivesse tido uma ideia e caminhar diretamente para Alícia.

Eu me pego rezando para que ele não esteja fazendo o que acho que está. Porque hoje eu não quero bater ninguém. Hoje eu só queria ganhar essa corrida. Mas quando ela acena e ele pega sua mão, eu quero bater e arrancar seus dedos. Porra Alícia!

Eu me viro para Lorena e suspiro, passando a mão pelo meu rosto.

— Sim. Entre no carro — respondo a contragosto e marcho irritado para meu carro.



Capítulo 13

Alícia

Quando eu neguei várias vezes o convite de Gabby, para vir a essa corrida, eu pressentia que não iria gostar do que veria aqui, e olha a coincidência: eu não gosto.

Eu não gosto do jeito que Lorena e cada mulher nesse lugar olha para Luca.

Eu não gosto de ver que ele parece alheio a elas.

E eu odeio ver que a irmã da minha amiga dá em cima do cara de que estou a fim na minha frente.

Merda, ela o beijou! Ela. O. Beijou! Esfregou seus seios idiotas em seu peito e eu vi quando ele olhou para suas tetas siliconadas. Ridícula! É isso que eu quero gritar na cara dela.

Luca sai do seu carro depois de estacionar na linha de partida, ao lado de Caio. Ele se encosta no capô, alheio a tudo, sorrindo como se fosse o dono do

lugar.

Estranha, é a palavra que uso para denominar a sensação no meu estômago. É tão má. O que anda acontecendo comigo?

Quando um cara moreno e alto chega perto deles, eu escuto a conversa. Sério isso? *Sua mulher?*

Olho para onde Lorena está e aperto meus lábios, irritada, vendo que ela caminha em sua direção. Ela vai com ele. Lorena é sua mulher, por acaso? Ela chega à sua frente e sussurra algo em seu ouvido. Deus, eu queria arrancar seus cabelos. E suas mãos também.

Quando Luca não a responde e se vira, seus olhos batem nos meus, eu o encaro. Não sei por que estou irritada. Eu só estou.

Desvio meus olhos dele quando vejo Caio andar até mim. Ele é legal. Conversou um pouco comigo depois que cheguei e me fez relaxar nas vezes em que Gabby saía com André, seu namorado, para se pegarem.

— Me dê a honra, princesa. — Caio sorri, conquistador, e sorrio acenando enquanto estendo minha mão para que ele a pegue.

Se Luca vai com a Lorena, eu posso muito bem participar dessa corrida. Não que ele não devesse ir, eu só estou irritada com isso. Lorena e suas mãos são a razão para eu estar irritada. Ela não pode ficar um minuto sem tocar no Luca?

Ando com Caio até seu carro e olho para o de Luca ao lado, vendo-o sentado e segurando o volante. Lorena está sorrindo, e eu pego sua mão na coxa dele, massageando. Engulo em seco e finjo esquecer isso.

Nunca vim a corridas ilegais e de um jeito estranho eu estou alegre e ansiosa por isso. Claro, se eu estivesse com Luca seria mil vezes melhor, mas nada é perfeito sempre. Tento me convencer disso em pensamentos.

Entro no carro e espero Caio entrar também. Coloco meu cinto rapidamente com medo dessa corrida dar errado. Os meninos se encaram por um momento e, por último, vejo os olhos de Luca travados em mim.

Sinto meu estômago cair quando vejo que ele está com raiva. Muita

raiva.

— Relaxa, querida. Vamos curtir. — Caio chama minha atenção e eu lhe dou um sorriso, enquanto aceno.

Os gritos das pessoas cortam o céu quando uma garota com uma roupa parecida com a de Lorena vai para o meio da pista para dar a largada.

Eu me seguro firmemente no banco e sinto minha barriga dar uma volta em euforia. Sério? Sim, estou animada. Uma onda de adrenalina entra em minhas veias e eu sorrio. Isso é bom.

Quando a garota baixa uma bandeira vermelha e diz “já!”, os meninos voam pela pista. É surreal. Caio está tenso enquanto Luca, no seu carro, ao nosso lado, está com a mão nos lábios.

Imagino que a corrida esteja acirrada, mas quando, de um segundo para o outro, Luca voa na pista, eu sei que ele não estava na frente porque não queria. Ele permanece à nossa frente a corrida quase inteira, às vezes alternando, ao ficar ao nosso lado

— Filho da puta! Ele está me humilhando — Caio esbraveja, batendo no volante, e pisa mais fundo no acelerador. Meus olhos se arregalam vendo uma curva se aproximar e eu me viro, pronta para gritar com ele.

— Pisa no freio! Agora, Caio, nós vamos sair da pista! — grito assustada enquanto ele ri do meu desespero.

Que cara idiota! Meus dedos tremem, temendo um acidente, e eu quero bater nele, mas o medo me paralisa.

Quando chegamos à curva, o que eu falei se concretiza. O carro dá uma volta inteira e vamos parar no acostamento. Minhas costas doem e eu solto um gemido sentindo lágrimas acumularem em meus olhos. Oh, Jesus!

— Você é louco?! — questiono, tentando retirar o cinto de segurança, mas não consigo. Minhas mãos estão tremendo mais ainda.

Tento respirar fundo algumas vezes para me acalmar, mas minha porta é aberta de repente e eu encontro Luca me encarando. Seus dedos voam para meu cinto e rapidamente ele me tira de dentro do carro.

Engulo meu choro de medo e limpo meu rosto. Solto um suspiro e coloco minhas mãos em seu peito, enquanto ele me segura contra seu corpo.

— Caralho! Eu vou matar esse filho da puta — ele rosna, me segurando pela cintura, enquanto retira fios do meu cabelo do meu rosto.

— Luca — começo sem saber o que falar e me seguro contra ele.

Firmo meus pés no chão e, como num passe de mágica, ele se foi. Eu me viro, vendo-o caminhar em direção a Caio, e ando com minhas pernas ainda bambas atrás dele.

— Me dá uma razão para eu não te matar, porra! Você está de sacanagem? Não sabe mais correr nessa droga de pista? — ele grita, empurrando Caio contra a porta do carro enquanto aperta a gola de sua camisa.

— Cara, vai se foder! Quem diabos você pensa que é? Não estou entendendo seu desespero. Alícia não é nada sua e ela está bem. — Ele tenta se soltar, mas Luca o empurra mais forte.

— Quem disse que ela não é? Se mantenha longe. Ou você vai se ver comigo novamente. E isso não é um aviso, é uma ameaça. — Ele puxa Caio do carro e o empurra para o chão, fazendo-o cair.

Oh, meu Deus!

— Luca — chamo novamente, mas ele não se vira. Pelo contrário. Ele chuta Caio nas costelas duas vezes e, em seguida, dá um murro em seu nariz. Eu escuto a coisa quebrar e fecho meus olhos, assustada com a explosão dele.

Como se ele não tivesse deixado um homem ensanguentado no chão, ele se vira e começa a caminhar até mim.

— Para o carro, Alícia..— Ele pega meu pulso e me puxa em direção ao seu carro, que está logo à frente na pista.

Engulo meu resmungo pela briga dele e Caio e o sigo. Aperto meus dentes quando vejo Lorena ainda em seu carro. Luca abre a porta do lado dela e ela sorri, olhando para mim.

— Passeio divertido, Alícia? — Ela ri descaradamente, e eu me seguro para não estapear seu rosto.

— Para trás, Lorena — Luca manda, parecendo ter ignorado sua frase idiota.

— O quê? Mande ela para trás. Não sairei daqui. — Ela cruza os braços, fazendo seus seios pularem na blusa decotada.

— Agora, porra! Se não quiser passar para trás, sai do meu carro e fique aí até o Vigia vir te pegar. Você escolhe — Luca resmunga irritado, enquanto sua mão acaricia meu pulso.

Como ele pode acariciar uma pessoa estando tão irritado? Eu não sei, mas ele está fazendo. Seus dedos fazem círculos na minha pele e eu umedeço meus lábios, querendo acariciá-lo de volta.

— Foda-se, Luca. Quem diabos é essa menina? Você não conhece ela...

— Fora, merda! Não te interessa se conheço ou não. Agora sai. — Ele me puxa para o lado quando Lorena logo sai do carro, pisando duro.

Ela entra na parte de trás e eu suspiro quando Luca acena para que eu entre no carro.

— Alícia, você não vai querer me ver com mais raiva, então mexa sua bunda e entre na droga do carro — ele manda, me encarando, e eu cruzo meus braços, saindo do seu domínio.

— Eu não sou como suas amigas, Luca. Fale comigo direito — resmungo irritada enquanto o encaro de volta.

Seu rosto se retorce e ele coloca suas mãos nos bolsos, me olhando.

— Alícia, entra no carro. Eu vou te levar para casa — ele fala se inclinando em minha direção, e seus lábios ficam sobre os meus. Se eu

movimentar minha cabeça o mínimo que seja, eu vou estar beijando-o.

— Você...

— Sim, princesa. Eu. Agora entra. — Ele se afasta, indo para o lado do motorista, e eu me sento no banco, batendo a porta logo em seguida.

Eu me viro, ouvindo carros, e vejo alguns indo na direção em que Caio está.

— Você pensa que vai ficar com ele? Repense isso, querida. Eu e a maioria daquelas meninas queremos ele. Você não tem nenhuma chance — Lorena se inclina perto do meu ouvido e sussurra. Eu me viro, olhando para ela, e sorrio.

— Não sei se percebeu, mas quem ele está levando para casa sou eu, não você e não nenhuma delas. Então engole o resto do seu orgulho, Lorena, e fica calada. — Minha língua pesa em minha boca depois que deixo as palavras saírem.

Merda. Volto a olhar para frente quando Luca abre a porta e entra. Não vejo o rosto de Lorena, e não quero ver. Não sei como falei isso para ela, mas eu falei. E, Deus, eu não me arrependo.

Porque é verdade. Ele está indo comigo para casa.

— Já falei com o Vigia. Caio não corre mais aqui. Ele te colocou em risco. Mais um pouco e o carro teria capotado. Ele está bêbado, por acaso? — Luca coloca o carro em movimento e começa a falar, enquanto olha para os carros atrás de nós.

— Ele não está bêbado. Ele disse que você estava o humilhando — digo, me lembrando de Caio esbravejar depois que Luca começou a ficar ao lado e à frente da gente.

— Estava o humilhando, sim. Foda-se, ele tem sorte de eu não ter quebrado seu carro. Quem ele pensa que é para te levar numa corrida? — Seus dedos apertam o volante e eu me viro, olhando para seu rosto.

— Eu fui porque eu quis. Ele não me obrigou, Luca — resmungo

irritada.

Ele está com raiva de eu ter ido com Caio? Ele deveria olhar para trás e ver a sua "amiga", que ele enfiou no carro.

— Eu sei, Alícia. Você não tem juízo na cabeça? Você nem mesmo conhece aquele cara. Como você entra num carro com ele? — Seu rosto está tenso, e ele me observa tirando seus olhos da pista, enquanto os traz para mim.

— Podemos comprar pipoca? A DR de vocês está ótima — Lorena resmunga e eu a olho pelo retrovisor, vendo-a revirar os olhos e cruzar os braços.

— Cala a boca, Lorena — Luca manda, e o resto da pista vamos em silêncio.

Dou tchauzinho para Lorena quando ela desce do carro, na linha de chegada, e sorrio devolvendo o deboche com que ela me trata sempre que pode. Ela me fulmina com os olhos e segue até suas amigas.

— Obrigada por me pegar... — Retiro o cinto e me assusto quando Luca o coloca no lugar novamente. — Luca...

— Eu vou te levar para casa. — Ele se vira e pisa no acelerador, fazendo a gente deixar todos para trás.

— Eu só ia me despedir da Gabby — reclamo, olhando para ele.

— Ligue para ela ou mande um SMS — ele responde com os olhos na pista, e eu suspiro, me virando para a janela.

Retiro meu celular da bolsa e envio uma mensagem para Gabby, dizendo que Luca está indo me deixar em casa e que estou bem. Ela responde me perguntando, novamente, se estou bem e sobre o que aconteceu na pista com o carro de Caio. Depois de trocarmos algumas mensagens, procuro minhas chaves na bolsa. Merda, eu as esqueci em casa.

Olho para os lados e vejo que estamos entrando na avenida que dá acesso à cidade. Suspiro e pego meu celular novamente.

Onde está? — Mando para Bea, querendo saber se ela já chegou do

trabalho.

Como abrirei a porta se não estou com as minhas chaves? Ela deve ter chegado, pois logo responde.

Dormindo fora com um boy. Por quê? — Merda. Como entrarei em casa?

Nada. Curta sua noite. Beijos! — Engulo em seco e me viro para Luca.

Ele está concentrado na estrada e depois de sentir meus olhos, ele se vira me encarando.

— O que foi? — Ele franze as sobrancelhas, confuso.

— Esqueci minhas chaves em casa e Bea está dormindo fora. Eu... Hum... Eu posso dormir na sua casa? — Meu rosto esquenta, mas se eu não pedisse a ele, eu dormiria do lado de fora.

— Claro. Sempre tem lugar na minha cama para você, querida. — Ele sorri de lado e seus olhos brilham em minha direção.

— Você não presta — resmungo, tentando não sorrir, e volto a relaxar contra o banco de couro.

Quando chegamos à sua casa, Tina e Felipe estão dormindo em seus quartos e uma senhora está adormecida no sofá. Luca a acorda e agradece por ter ficado com os meninos.

Ela sorri para mim quando vai em direção à porta e murmura um boa-noite educado. Eu devolvo o sorriso e a saudação também.

— Venha. — Luca lidera o caminho em direção ao seu quarto.

Eu o sigo de perto, apertando minha bolsa. Minhas mãos tremem e eu não consigo entender por que estou tão assustada. Eu já dormi com Luca. Na minha cama.

Por que estou me sentindo como se eu estivesse caminhando para a força?

Paro de andar quando Luca abre a porta e me dá espaço para que eu possa entrar. Seu corpo grande se encosta na madeira escura e seus braços se cruzam em frente ao seu peito. Eu me sento na cama e encaro minhas mãos.

Escuto os passos dele e sinto quando ele se senta na cama também. Suas coxas ao lado das minhas passam calor enquanto ele me puxa para o meio das suas pernas. Eu o ajudo e encosto minhas costas em seu peito. Luca retira meus cabelos do pescoço e, devagar, sinto seus lábios beijarem a minha pele. Seus dentes raspam no lóbulo da minha orelha, e um gemido escapa por meus lábios.

Minha boca seca instantaneamente e minhas mãos se apertam nos seus joelhos. Suas mãos fazem caminho pela minha blusa e devagar ele sobe o pano escuro para suas mãos tocarem minha barriga e perto dos meus seios.

— Luca... — Seu nome é pronunciado por mim como uma pequena oração.

— Quieta, Barbie — ele sussurra devagar, lambendo minha pele.

Meu ventre se aperta enquanto outro gemido sai de mim. Luca volta o ataque de beijos no meu pescoço, me fazendo remexer no colchão. Eu o desejo tanto. Eu o quero mais do que eu já quis algo em minha vida. Eu anseio por seu toque, eu quero que ele me toque intimamente como nenhum outro homem foi capaz.

Eu me viro devagar e seguro seu rosto, encarando seus olhos nublados. Suas mãos me apertam contra seu peito e minha língua desliza por meus lábios, querendo umedecê-los.

— E-eu... eu quero que me beije — sussurro, tentando controlar o descompasso do meu coração. As feições de Luca se fecham e suas mãos param de deslizar por minha pele.

Engulo em seco, nervosa, e sinto minhas mãos tremerem contra seu rosto fino e marcado.

— Se eu começar, não vou parar, Alícia. É isso que quer? — Sua voz rouca e os vincos em sua testa me dizem o quanto o que quer e o que ele pensa ser o certo a fazer vão em contradição.

Luca também me quer. De uma maneira tão forte e intensa como a maneira que eu o quero.

— Eu quero. Desejo mais do que já quis algo em minha vida. — Mordo meu lábio, deixando a frase no ar, e o oxigênio some quando seus lábios caem sobre os meus.

Nada parece mais certo. Eu deveria temer a parte em que ele disse que não pararia, mas não temo, porque eu anseio isso. Eu não espero que ele pare.

Eu quero que ele faça amor comigo.



Capítulo 14

Alícia

Luca parece entorpecido. Completamente meu. Eu me inclino em sua direção e volto a beijar seus lábios firmes enquanto suas mãos descem da minha cintura para minha bunda. Elas apertam e me fazem subir e descer, esfregando meu corpo contra o seu.

Sua boca me beija mais ferozmente e eu puxo seus cabelos pequenos, o trazendo para mim. Gemo totalmente entregue e deixo quando ele pega as pontas da minha blusa e a sobe, tirando-a pelos meus braços. Meu sutiã rosa bebê faz um sorriso se estender por seus lábios e ele se abaixa, beijando o meu colo.

— Você é deliciosa, Alícia. Você vai me fazer ruir. Você tem consciência disso, Barbie? — A voz do Atroz está dura e forte. Arrepios se estendem por minha pele, e eu desejo que ele esteja certo.

Porque eu sei que ele, somente ele, vai me fazer ruir.

— Não, eu não tenho consciência disso, Luca. — Assim que termino de pronunciar as palavras sussurradas, sua boca reivindica a minha mais uma vez.

Mexo meus quadris em seu colo e Luca aperta meus seios por cima do sutiã. Sua língua brinca comigo devagar. Ora lambendo a comissura dos meus lábios e ora chupando minha língua para sua boca. Eu estou tão perdida nele.

Pego a borda da sua camisa preta e a retiro com sua ajuda. Seu peito musculoso me faz desejar lambe toda a extensão da sua pele. Suas tatuagens estão por todo lado. Deus, ele é tão gostoso. Esse ar perigoso dele me faz desejar que eu e ele estejamos dentro de uma bolha, juntos. Para nunca mais sairmos.

— Você é tão lindo. — Engulo em seco, nervosa, e sinto minhas bochechas corarem horivelmente, quando ele arqueia a sobrancelha.

— A única pessoa que pode ser vinculada a essa palavra é você, Alícia. — Ele se inclina, beijando meus seios ainda cobertos. — Sua pele maravilhosa... seus cabelos de boneca... seus olhos brilhosos que me enfeitiçam... você tem noção do que faz comigo? — Pisco completamente atordoada com suas palavras.

Sério que ele pensa tudo isso de mim? Que sou... tão bonita?

— Eu... — Minhas palavras param na minha boca quando ele desliza a alça do meu sutiã.

Seus lábios seguem beijando o caminho que a alça faz. Lambo meus lábios, querendo umedecê-los, e sinto calor incendiar meu interior quando o fecho da peça íntima é desfeito. Nunca fiquei nua na frente de ninguém, mas não me sinto tão tímida quanto pensei que ficaria.

Luca deixa o sutiã cair e eu arfo, à procura de ar, quando seus olhos se prendem em meus seios nus. O bico rosado está intumescido, fazendo os olhos dele acenderem. Seu dedão calejado acaricia a pele sensível e eu solto um pequeno gemido.

— Você é tão autoconsciente de mim... é impressionante — ele murmura segurando minha nuca firme. Seus olhos estão orgulhosos disso. Ele ama saber que pode me fazer desejá-lo quando ele quiser. Os meus dedos dos pés se enrolam quando sua boca assopra meu seio. — Foda-se. Perfeita.

Assim que ele termina de falar, seus lábios se fecham ao redor do meu seio. Sufoco um grito e tento me remexer, lhe dar mais acesso, mas sua mão em

minha nuca me mantém quieta, pelo menos um pouco. Sua língua brinca com minha pele enrugada. Meus gemidos se tornam mais altos, fazendo Luca tirar a mão da minha nuca e a colocar sobre meus lábios.

Sua outra mão aperta minha bunda coberta pelo short jeans que Gabby escolheu e eu me movo contra seu colo novamente. Em alguns segundos, uma onda de prazer me ultrapassa. É tão forte. Tão avassalador.

Quase caio em cima de Luca, mas ele me segura firme. Ele se deita na cama comigo em seu peito e seus lábios beijam minha testa. Sorrio completamente feliz. Eu me ergo em cima dele e o beijo. Chupo seus lábios para minha boca e agarro sua cabeça.

— Baby — Luca sussurra, segurando minha cintura, e eu encaro seus olhos castanhos. As pintas amareladas estão fortes e eu relaxo, observando quão lindos seus olhos são. — Sério que quer fazer isso? Eu... eu sei que nunca fez isso, Lili. — Mordo meu lábio, sentindo a insegurança chegar ao mesmo tempo que meu coração acelera com a menção do apelido que Felipe me deu.

É assim que quero perder minha virgindade? Com o cara que me roubou, que me ameaçou, que me manteve em sua casa por um dia e uma noite? É com esse Atroz que quero fazer amor pela primeira vez?

Sim. A resposta vem tão forte em minha cabeça que não há dúvidas. Se um dia eu me lembrar disso, eu sei que não me arrependerei. Nunca vou me arrepender.

— Eu quero. Por favor... — Ele me vira de repente e eu solto um grito, assustada pelo seu salto surpreendente.

— O único que deveria implorar sou eu, Alícia. Vou cuidar de você, Barbie. Eu juro — sua promessa é sentenciada e logo depois ele me beija.

Lento, doce, bom, nada parecido com o nome com que denominei Luca. Seus toques não têm maldade, crueza. São toques cheios de carinho... de paixão.

Suas mãos descem por minha barriga enquanto seus lábios estão em meu pescoço. Ele cheira, lambe e, por último, morde. Eu me remexo embaixo de seu corpo e aperto seus ombros, querendo que ele me beije mais. Muito mais.

Luca se senta sobre seus joelhos, descendo o zíper do meu short, e eu arqueio meu quadril para que o tecido jeans saia. Minha calcinha de renda é pequena e o quarto a meia-luz dá a Luca a visão dela. Querendo tirar o foco de mim, levo minhas mãos para seu jeans. A calça é preta e lisa. Abraça suas coxas grossas de um jeito quase insano. Lindo.

Desço seu zíper e engulo em seco, vendo seu pênis duro coberto apenas pela cueca. Luca desce sua calça e fica apenas de boxer. Fecho meus olhos com a visão da sua cueca preenchida. Jesus! Eu sei que dói, mas... é muito?

— Relaxa — ele instrui, e eu sigo o seu comando. É tão irritante como apenas uma frase, e eu já estou fazendo o que ele quer.

Luca sorri de lado e sua maldita covinha se faz presente. É minha perdição. Ele sabe tão bem o que me causa. O que apenas seus comandos ou sua covinha boba fazem comigo. Droga!

Seus dedos deslizam pela minha calcinha e me tocam intimamente. Dou um pequeno pulo, mas logo sinto minhas entranhas relaxarem com seu toque maravilhoso. Puxo sua cabeça em minha direção e beijo seus lábios. Forço a entrada em sua boca, lambendo a comissura de seus lábios.

— Você é tão gostosa, Alícia. — Seu murmúrio é sofrido e eu penso que deve estar doendo nele me tocar assim.

Levo minha mão para sua cueca e encontro seu membro duro e longo. Fecho meus dedos ao seu redor e me assusto com a quentura da sua pele. Meu atroz geme, tirando sua boca da minha e arrastando seus lábios pela minha pele. Quando ele chega aos meus seios, volta com o ataque quente dos seus lábios.

Sinto seu membro pulsar em minha mão e eu decido que quero senti-lo dentro de mim. Tipo, logo.

— Luca — chamo seu nome e ele desce, distribuindo beijos por minha barriga. Seus dedos se prendem na minha calcinha e ele desce o tecido de algodão por minhas pernas.

— Calma — ele sussurra se pondo de pé e pegando uma camisinha em sua escrivaninha. — Abra as pernas, baby. — Eu faço o que me pede e vejo quando ele chupa uma respiração pesada. Minhas bochechas coram, mas logo

passa, pois ele sobe em meu corpo.

Devagar, Luca desliza por minhas dobras escorregadias e eu arqueio quando sinto uma pressão começar. A dor seca vem e eu sufoco um grito nos lábios de Luca. Ele me beija devagar, parado, e eu relaxo, segurando seu rosto. Seu dedo desliza por meu rosto e ele os enrola numa mecha loira, puxando para ele.

— Você é a coisa mais linda e sexy em que já coloquei os olhos. Já falei que você está me arruinando? — Sua questão me faz sorrir.

— Sim. E eu gostaria de responder que você também está me arruinando. Você, meu Atroz — sussurro contra seus lábios, e ele sorri, passando a língua pela minha boca.

Seu quadril empurra um pouco e eu sinto quando ele tira minha virgindade. Seus músculos se tornam tensos quando ele fica completamente parado. Encaro seus olhos fechados e relaxo, erguendo mais meu quadril. Uma dica de que eu quero que ele passe a se mexer. Com seu jeito perspicaz, logo Luca começa a entrar e sair de mim. Seus músculos duros, seu rosto concentrado e seus dentes fincados no lábio inferior me dão a noção de que isso é quase uma tortura para ele.

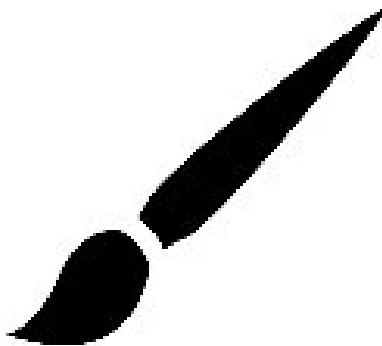
Suas mãos seguram meu quadril, me deixando parada. Solto pequenos gemidos de dor, fazendo Luca se retrair toda vez. Eu me culpo logo em seguida e quero engolir todo o desconforto. Porém, é algo que me incomoda.

— Relaxa, bebê. — Seu sussurro em meus cabelos me faz sorrir. Seguro seus ombros e me viro, encontrando seus lábios.

O beijo é calmo. Luca me enfeitiça com seus lábios e logo me esqueço da dor. Um prazer maravilhoso percorre meu corpo e eu sorrio, sentindo Luca ficar tenso, e um gemido sair por seus lábios.

Forte e arrebatadora. São essas as palavras que explicam nossa noite.

— Durma, baby. — E, mais uma vez, eu sigo seu comando doce. Eu remexo em seus braços, sentindo suas carícias por minha pele nua, por meus cabelos loiros espalhados por seus travesseiros.



Sinto alguém afagar meus cabelos e sorrio, imaginando ser Luca, mas me surpreendo ao ver Tina no pé da cama, ao meu lado. Seu sorriso é gentil e eu me sento, incerta. O que eu devo dizer? Tipo, estou na cama do irmão dela e...

— Não precisa pensar demais, sabe? Eu sei que vocês se gostam. Luca é complicado, Alícia, mas ele gosta de você. — Abro minha boca, mas volto a fechá-la.

Quem é essa menina e onde está a garota de 12 anos que ela deveria ser?

— Tina, eu... — Engulo em seco e aperto o lençol branco contra meu corpo. — Não sei por que, mas estou envergonhada. Você pode me esperar na cozinha? Já estou indo. — Mordo meu lábio, vendo-a acenar e sair do quarto de Luca.

Onde ele está? Será que saiu para não ter que me ver? Ele se arrependeu de ter dormido comigo?

Meu coração e ombros caem com esse pensamento. Respiro fundo, fechando meus olhos. Foi uma noite qualquer para ele, Alícia. Não faça isso maior do que é. Não fantasie, por favor.

Imploro para mim mesma saindo da cama. Levo os lençóis comigo e tomo banho rapidamente. Procuro pelo tecido branco alguma mancha rosa, mas não tem nada. Deveria ter sangue? Eu acho que sim, mas não sei dizer com exatidão. Talvez não sangre em algumas relações... não sei.

Meus olhos pinicam com a expectativa de ver Luca enquanto a água do chuveiro desliza por meu corpo. Eu não queria fazer a caminhada da vergonha

saindo desse quarto, mas é inevitável, então me enxaguo e penteio meus cabelos rapidamente, para depois os envolver em um coque no topo da cabeça.

Visto uma calcinha reserva que sempre guardo na bolsa e o short jeans. Deslizo a camisa depois de abotoar o sutiã no lugar. Pego minha bolsa, caminho devagar até minhas botas e as calço, sentindo meus dedos tremerem um pouco. Eu me obrigo a parar de adiar o encontro e saio do quarto.

Assim que piso no chão de azulejos da cozinha, eu vejo Theo. Eu me viro, tentando enxergar pela janela se Luca está no quintal, mas não o vejo.

— Ele teve um imprevisto no trabalho. — Paro de me mover em direção à janela e me viro, encarando Theo. — Luca. Ele não está aqui...

— Eu... Trabalho? — questiono, sentindo minha testa franzir. — Hoje é domingo, Theo. — Tento parar a onda de medo que se instala em mim. Ele saiu apenas para não me ver. Sou tão boba.

— Sim, eu sei, mas... — Sua voz para e ele se levanta, andando até mim. — Ele não mentiria para você, Alícia. Ele me mandou lhe dizer isso, então eu confio que ele está em seu trabalho. — Seus olhos azuis parecidos com os meus focam em mim e eu suspiro, mordendo meu lábio.

— Não tem problema. Eu... — Bato meus lábios fechados e procuro por Tina. — Vou sair com Tina, então, hum... Felipe vai conosco? — pergunto, verdadeiramente confusa.

Se vamos sair, Felipe não pode ficar sozinho. Theo deve ter algo para fazer num domingo, não é mesmo?

— Levarei o pequeno para a minha casa. Vamos assistir a um jogo de futebol hoje — ele responde, parecendo alegre, e eu aceno apertando minha bolsa.

— Então divirtam-se. — Sorrio fraco e me viro para ir embora, mas paro quando lembro que estou sem meu carro. — Você pode levar Tina e eu até minha casa? Preciso pegar meu carro — peço, e ele sorri, se inclinando para mim.

Seus dedos finos e macios escovam minha bochecha devagar e eu me afasto, franzindo as sobrancelhas. O que ele está fazendo?

— Claro que levo. — Ele sorri gentil e eu relaxo. Não é nada. Ele só é carinhoso. Dou um sorriso tenso e ele ri. — Não sou doido de te tocar de modo impróprio, Alícia. Você é do Luca, eu não mexo nas coisas dos meus amigos. Posso cuidar para eles, mas nunca pegar. — Suas palavras saem com risadas, e eu sorrio, sentindo a inquietação sumir.

— Eu agradeço... quero dizer, não sou uma coisa do Luca. Eu não sou de ninguém e eu não preciso ser de alguém para que você ou qualquer outro homem não me toque. Meu corpo é meu, Theo. Toca nele quem eu permito. — Sorrio, aliviando minhas palavras, mas meus lábios estão juntos.

— Eita. — Ele eleva as mãos e volta para seu lugar. — Eu entendi, Princesa Alícia. Desculpe se te incomodei. — Seus olhos são verdadeiros e eu aceno.

Theo leva Felipe e me deixa com Tina na minha casa. Eu me arrumo rapidamente e logo partimos para o shopping. Depois que compro duas calças jeans para ela e algumas blusas e moletos, nós compramos alguns conjuntos de lingerie para adolescentes. Segurando algumas sacolas, vamos para a praça de alimentação. Percebo a inquietação de Tina e me sento à sua frente com minha bandeja com meu lanche.

— Então... — começo, comendo um pedaço do meu sanduíche.

— Então o quê? — Ela ri atrás do seu milk-shake.

— Você queria conversar comigo, lembra? — pergunto ansiosa, e ela acena enquanto vejo suas bochechas corarem.

— Você jura que não vai contar a ninguém? — Seus dentes mordem seu lábio assim que me pergunta.

— Pelas estrelas, Tina — murmuro sorrindo, e vejo quando seus olhos se acendem de confiança, segurança e algo a mais.



Capítulo 15

Luca

Seguro a pequena mecha de cabelo loiro entre meus dedos, escutando o doce som de sua respiração suave. Alícia adormeceu momentos depois de transarmos. Eu ainda não estou acreditando que tirei a virgindade dela. Merda!

Quão idiota eu sou? Eu não mereço essa garota, eu não mereço ter um minuto do tempo dela. Eu nunca vou merecer ter sido seu primeiro. Ela sempre merecerá alguém melhor e, quando ela descobrir isso, eu que vou me foder.

Vejo os raios de sol banharem o quarto pequeno e fecho meus olhos, pensando nisso tudo. Em Alícia em minha vida, nesses sentimentos loucos que estão em meu peito e no que eu tenho a dar a ela. Esse quarto é a prova. Olha onde aconteceu sua primeira vez! Num quarto minúsculo com paredes gastas e manchadas. Numa cama de colchão fino e mais gasto que as paredes.

Alícia merece algo melhor. Eu nunca sequer perguntei sobre sua vida. O que ela gosta ou o que quer para o futuro. Não fiz nada. Eu só a rondei, a marquei como minha na frente dos outros e enlouqueci com outros caras. Não a conheço. Ela não me conhece.

Nossa diferença de classes sociais é outro ponto forte. Sei que ela está aqui no mesmo bairro que o meu, mas Alícia tem dinheiro. Seus pais devem ser ricos e só estão à sua espera na mansão. Quem vai aceitar um namorado pobre com dois irmãos pequenos? Ninguém, muito menos seus pais.

Suspiro e faço careta quando vejo e escuto meu celular acender, vibrando com uma mensagem. Eu me levanto, deixando Alícia dormir, e pego o aparelho de cima da minha escrivaninha. Aperto meus olhos ao ver a mensagem e de quem é a merda. Rick.

"Me encontre em 20 minutos no galpão."

Resmungo um palavrão e pego uma toalha, correndo para o banheiro. Tomo banho rapidamente e me visto na mesma pressa. Antes de sair de casa, paro na ponta da cama e vejo a pequena mulher loira em meio aos meus lençóis. Alícia. Nome de princesa.

Eu me inclino para frente e deixo um beijo casto em seus lábios macios. Seu cabelo está espalhado pelo travesseiro e eu cheiro seu pescoço. Deus, ela parece a maçã proibida do Jardim do Éden. E eu quero morder.

Saio de casa rapidamente e entro em meu carro. Tina e Felipe ainda estão dormindo, vi quando passei por lá. Isso é bom. Aperto meus dedos no volante e dirijo para o galpão. Assim que entro, vejo Rick na porta da sua sala. Ele acena e eu vislumbro um olho roxo em seu rosto. Andou brigando, bundão?

— Espero que você tenha me chamado para uma coisa importante. Ainda não deu nem sete horas da manhã — resmungo me sentando.

— Ainda não esqueci os tiros que deu em meus homens, Luca. — Ele ignora minha frase e eu reviro os olhos.

— Não fode comigo, Rick. Você me conhece, não tente me testar. Eu entrei nessa droga porque você me obrigou. Mas não vou passar por seus rituais ridículos. Seis meses e eu estou fora. — Encaro seu rosto, calmo, enquanto aperto meus punhos. Foda-se ele.

— Oh, cale-se! Você é apenas a porra de um menino pobre que pensa que é dono do mundo. Não é, Ribeiro. Você é a escória do mundo. — E pela primeira vez ele perde a cabeça na minha frente.

— Se isso é verdade, por que me quer aqui? Se eu sou a escória, por que você, fodido rei dessa cidade, precisa de mim? — grito me levantando. Meu corpo está tenso. Sei muito bem meu lugar na porra do mundo, mas não vou sentar e ouvir esse idiota falar coisas para mim.

— Eu não preciso de você. Eu tenho você. — Ele ri e abre sua gaveta. Em suas mãos, um revólver preto se mostra. Merda. Minha coluna fica tensa quando penso que ele vai me matar aqui mesmo.

— Uma carga está chegando do lado sul da cidade. Você vai comigo. Mexa sua bunda e pegue uma arma no armário. — Ele assopra a pistola e com um pano fino ele a limpa.

— Eu tenho minha própria — aviso e retiro a minha da parte de trás da minha calça jeans.

— Fodido — ele resmunga e eu dou de ombros.

Saímos juntos em seu carro e eu bato meu pé no chão do veículo. Isso está estranho. Muito estranho. Meu celular vibra com mensagem de Theo, perguntando onde estou, eu o respondo, dizendo que surgiu um imprevisto no trabalho.

Depois disso não respondo mais. Quando o porto e alguns containers entram em minha visão, eu relaxo. Não tem ninguém lá. Deve ser apenas uma carga mesmo.

— Kieran estava na corrida ontem? — a voz desinteressada de Rick soa no espaço pequeno do carro e eu me viro para ver seu rosto.

— Sim — respondo olhando pela janela. À luz do dia, tudo aqui parece mais bonito. O azul do mar em linha está logo à frente. O sol é forte, mas isso não retira sua beleza.

— Ele quer subir. Você deve saber, já que estava com ele. — Meu rosto deve demonstrar meu nojo em ouvir isso, mas Rick não vê, pois estou olhando pela minha janela.

— Não. Eu não sabia. Kieran é como uma sombra. Ninguém vê e ninguém ouve — respondo sem lhe dar atenção.

Kieran vai se arrepender um dia e, talvez, nesse dia, seja tarde demais para sair.

— Isso faz dele um ótimo homem para ter ao meu lado. — Ele sorri quando diz isso, e eu dou de ombros. Não é minha história para contar ou opinar.

— Isso faz dele alguém perigoso — resmungo em resposta.

Saímos do carro e andamos em silêncio entre os containers altos. Os pelos da minha nuca se arrepiam e eu me viro, retirando minha arma e mirando bem na cabeça de um homem grande, todo de preto, que surge de repente por trás de um dos containers largos.

— Baixa a arma. É o cara com quem vim fazer negócio. — Rick dá dois tapas em meu braço e eu relaxo, baixando-os. O homem encara meus movimentos sorrindo e eu o encaro sério.

— Seu homem é cuidadoso, Rick. Você deveria aprender mais com ele. — O homem alto não tem cabelos brancos e seus braços estão cheios de tatuagens. Seu jeito não me agrada, mas o de Rick também não, então relaxo.

— Sim. Por isso eu o trouxe. Onde está a encomenda? — Rick pergunta de frente para o homem, cruzando os braços. Na parte de trás de sua calça jeans tem uma arma também, uma maior que a minha, é claro.

— Está logo ali. Vamos lá. — Ele sai andando na frente e eu demoro mais um pouco atrás. A correntinha de Nossa Senhora pesa em meu pescoço. Os cabelos da minha nuca ainda estão de pé e isso é um mau sinal.

Rick o segue de perto e, quando eles estão de frente para um carro, mais dois homens saem do veículo preto, apontando suas armas diretamente em Rick. Ele cessa seus movimentos e, rapidamente, pega a arma que vi em seu cós. Arregalo meus olhos quando ele atira bem na cabeça do homem que andava à sua frente. Porra!

— Vocês deveriam saber que sou mais esperto que isso — Rick ri enquanto fala. Ele dá mais passos, passando por cima do corpo do homem morto, e eu o sigo. Ele parece tenebroso, mas é o conhecido.

Não ficarei para trás. Rick é um idiota sádico, mas eu sei que nesse

momento posso confiar nele.

— Seu filho da puta! — O homem moreno do lado esquerdo do carro atira e começa uma chuva de balas. Eu me abaixo e miro a mão dele, no que atirou em Rick. O outro entra no carro e dá ré, saindo do local. O moreno que tem a mão sangrando com meu tiro corre para entrar no carro e eles fogem pela rua.

Fecho meus olhos, suspirando aliviado. Meu Deus! Tateio meu corpo atrás de algum ferimento, mas estou limpo. Eu viro à procura de Rick e o encontro no chão, gemendo.

— Onde foi? — pergunto colocando minha arma de volta na minha calça. Rick sorri e levanta a blusa, a tirando do corpo. Pego-a de suas mãos quando vejo o ferimento da bala. O sangue desce e eu rasgo a blusa em uma tira longa. Amarro o tecido em volta do braço, em cima no furo, e Rick faz careta.

— Merda. Eu sabia que ia dar algo errado! Quem eram esses caras? — pergunto e me lembro de que o corpo do careca com tatuagens ainda está aqui. Eu me viro e o encontro no chão totalmente ensanguentado.

— Foda-se! Vou matar todos. Vamos embora. — Ele tenta se erguer, mas volta a se retrair.

— Vamos embora? E esse corpo? — pergunto, sentindo meu estômago virar. Essa merda de vida não é para mim. Penso em meus irmãos e quero correr daqui. Foda-se. Eles só têm a mim. Ninguém mais. Se algo acontecer... Jesus! Eles ficariam sozinhos. Completamente.

— Não me importo. Eles voltarão logo para pegar ele. É seu pai, não é? Quem não viria pegar o corpo do próprio pai? — Ele faz careta novamente e eu pego seu braço, colocando em meus ombros, e o ajudo andar até o carro.

— Meu Deus! Você é louco. — FRANZO minha testa, entrando no carro do lado do motorista, depois de ajudá-lo a entrar na parte de trás.

— Eu sou um sobrevivente. Vamos embora. — E eu sigo seu comando.

Deixo-o no galpão e seus homens o ajudam. Não vou dar uma de babá. Deus me perdoe, mas não tenho tempo para isso. Preciso ir para casa, ver meus

irmãos. E Alícia. Minha consciência grita para mim.

Sim, ela também.

Estaciono em frente à minha casa e suspiro aliviado quando vejo que não tem ninguém ali. Alícia ainda deve estar no shopping com Tina, e Felipe, ainda no jogo com Theo. Corro para o banheiro e tomo um banho rápido. Pego minha toalha e minhas roupas para jogar no cesto, mas antes a porta se abre e Alícia entra no espaço pequeno.

Suas bochechas estão coradas e seus olhos digitalizam meu corpo coberto apenas pela toalha. O azul dos seus olhos está límpido e eu coloco a roupa no lugar, me virando para ela.

— Ei, Barbie — sussurro, sorrindo, e em segundos vejo o quanto apenas isso a faz relaxar. O que tem de errado? — O que foi? — pergunto, pegando-a pela cintura e colocando-a na bancada à minha frente.

Meu peito está molhado, mas ela não parece se incomodar, pelo contrário, ela se aconchega mais a mim. Descanso meu queixo no topo de sua cabeça e ela sorri, me abraçando.

— Pensei que tinha se arrependido de... — Sua garganta sobe e eu pego seu queixo, a fazendo me encarar.

— De quê? De te ter? — Sorrio piscando e me inclino, dando selinhos em seus lábios. — Isso é a coisa mais absurda que já ouvi. Eu seria louco se eu tivesse me arrependido de dormir ao seu lado, Barbie — murmuro, e ela sorri suspirando.

Seguro sua cabeça e deslizo minha língua para sua boca. Alícia a recebe ávida e logo nós estamos batalhando pelo controle do beijo. No final, eu ganho e ainda mordo sua língua atrevida. Ela ri divertida e seus cabelos loiros caem do seu rabo de cavalo.

— Aonde foi? Theo disse que houve um imprevisto no trabalho. — Ela ainda tem o sorriso que coloquei em seus lábios, e eu me inclino, lhe beijando novamente.

— Sim. Foi rápido, no entanto. — Seguro sua cintura e a desço da

bancada. — E no shopping? Como foi com Tina? — pergunto, pegando sua mão, e saio do banheiro com ela atrás de mim.

— Foi bom. Comprei algumas roupas para ela. Dei de presente, mas ela também comprou com seu dinheiro — ela se apressa em dizer e eu aceno, não querendo discutir.

Eu me sento na cama e enxugo meus cabelos com uma toalha pequena. Alícia permanece de pé, na porta, e eu sorrio olhando para ela.

— Venha até aqui, baby — chamo, encarando seu rosto agora tenso. — O que está te incomodando? — Seguro sua cintura e a sento à minha frente.

Seu lábio vermelho está preso entre seus dentes. Estico minha mão até ele e o solto. Alícia suspira e sorri por fim.

— Só estou pensando no meu pai. — Ela engole em seco e sorri. — Eu só tenho ele de família, mas estamos distantes agora. — Sua voz sai baixa e eu pego seus dedos entrelaçando nos meus.

— Por que estão distantes? — pergunto curioso. Eu não sei nada sobre a garota que ocupa meus pensamentos. Eu quero saber.

— Ele queria que eu fizesse faculdade de Direito. Porém, eu não me vejo sendo uma advogada. Eu amo meus pincéis e minhas telas — ela explica, sorrindo enquanto aperta meus dedos. — Eu não queria que para conquistar meus sonhos eu o perdesse no caminho, sabe? — Ela dá de ombros e eu a trago para meu colo.

— Eu entendo. Ele já viu seus quadros? Eu gostei muito quando os vi. Acho que ele pode gostar, se vir — indico e ela sorri acenando.

— Ele nunca chegou a olhar, na verdade. Ele nunca entrou no meu ateliê. Talvez, se ele o visse... eu não sei — ela murmura e me abraça. Eu a prendo em meus braços e respiro o cheiro de flores que vem do seu cabelo claro.

— O que você vai fazer comigo, Luca? — Ela esconde seu rosto em meu pescoço, mas a afasto para ver seus olhos azuis com lágrimas.

— Eu vou fazer o mesmo que você está pensando em fazer comigo,

Alícia — sussurro contra seus lábios e beijo a umidade na sua pele.

— Eu estou pensando em gostar. — Sua boca se abre e sua língua sai para lambar seus lábios. Alícia cora e bate seus cílios juntos. — Acho que já estou, na verdade. — Seu murmúrio me faz fechar os olhos e respirar fundo.

É isso? Nós estamos gostando um do outro? Sim, merda. Ótimo Luca. Maravilhoso.



Capítulo 16

Alícia

— Então... O que quer me contar? — pergunto a Tina quando ela olha para as unhas por alguns minutos.

— Essa semana eu tive minha primeira menstruação, quero dizer... tenho quase certeza. — Arregalo meus olhos e suas bochechas coram. Ela é completamente adorável. — Sim, foi estranho. Eu não sei nada disso, Lili. Então eu quis falar com você. — Ela morde seu lábio e eu sorrio, apertando sua mão. Meu coração se alegra por ela querer contar algo assim para mim. Não sei dizer o porquê, mas eu só... fico feliz.

— Alguém te ajudou? — começo com um sorriso gentil. — Ensinou a colocar absorvente na calcinha e te avisou que esse período vai vir todo mês? — questiono, encarando seu rosto.

Não tenho muita ideia do que fazer com ela, mas eu sei o que eu queria que fizessem comigo, quando me apavorei ao ver sangue em meu corpo. Eu queria alguém para me abraçar e dizer que era normal. Eu também era sozinha, sem mãe.

— Não. Não precisou. Foi pouquinho. Só troquei de calcinha e lavei. — Ela dá de ombros e eu aceno, me levantando e seguindo até a cadeira ao seu lado.

— Sabe, eu estou tão orgulhosa de você. Essa é uma nova fase da sua vida, é uma fase importante. — Coloco meu braço atrás dos seus ombros e a puxo para mim. — E é algo normal. Todo mês, talvez não agora, porque está apenas começando e, às vezes, pode demorar para se normalizar, você vai ficar um período menstruada. Palavra feia, né? — Ela gargalha contra meus cabelos.

— Sim. Muito feia. — Ela sorri apertado e me abraça. — Obrigada, Lili. Eu... — Tina se afasta, olhando para as pessoas que caminham pela praça de alimentação, e cruza as mãos no colo. — Eu estou muito feliz que você e o Luca se acertaram. Espero que nunca se afaste de nós. Felipe e eu não vamos aguentar, sabe? Você está se tornando uma... mãe ou uma irmã mais velha. — Seus olhos me encaram, e eu sorrio apertando meu nariz, tentando impedir que meus olhos sejam inundados por lágrimas.

— Eu não sei se vai dar certo com Luca, Tina, mas eu nunca vou me afastar de vocês. Felipe e você também melhoraram minha vida. Você não consegue imaginar o quanto. — Ela sorri e aperta minha mão, que descansa na mesa.

Eu nunca falei palavras mais verdadeiras. Antes eu era sozinha. Claro, eu conhecia Bea, mas eu nunca me apeguei a ninguém. Meu pai sempre foi um pouco frio comigo. Os empregados também, então agora que tenho duas crianças que gostam de mim, eu me sinto necessária na vida deles. Não quero perder esse sentimento.

— Obrigada. — Ela beija minha bochecha e eu sorrio.

— Precisamos escolher absorventes. Você precisa escolher qual gosta mais, se vai querer com abas ou sem. Essas coisinhas — digo rindo, e pelos vincos em sua testa, ela não tem muita ideia do que estou falando. — Depois vou ensinar como colocar. — Pisco e ela acena.

Nós nos levantamos e seguimos para a farmácia. Tina torce o lábio para a maioria dos absorventes, mas no final escolheu um bem confortável. Partimos para casa depois de comprar alguns vestidos. Mesmo ela sendo toda durona, às vezes, ela precisa se arrumar de vez em quando. Claro, mantendo sua

personalidade e seu gosto.

Ela gostou e isso foi maravilhoso.

Quando chegamos em casa, Tina vai para seu quarto e eu saio à procura de Luca. Escuto o chuveiro desligar e caminho para o banheiro. Meus dedos tremem com medo de pegá-lo nu, então paro e espero alguns segundos, dando tempo de ele se vestir. Viro a maçaneta e abro a porta devagar. Meus olhos se arregalam, vendo suas costas largas cheias de pingos de água, enquanto uma toalha branca está em sua cintura. Por que ele tem que ser tão lindo?

Luca se vira, e eu sinto minhas bochechas corarem. Não sei se estamos na mesma página, não sei se para ele, ontem, foi apenas mais uma noite. Mas eu sei que, para mim, foi mais. Muito mais. Quando seus lábios se repuxam em um sorriso, eu relaxo. Talvez tenha sido algo mais para ele também.

Pela manhã fiquei pensando que ele tinha se arrependido. Doeu só de imaginar. Para mim, nossa noite foi perfeita. Nada na minha vida pareceu mais certo.

— Ei, Barbie — ele sussurra sorrindo, e eu baixo meus ombros. — O que foi? — Sua testa franze enquanto a sua pergunta paira no ar. Eu sorrio quando suas mãos apertam minha cintura, e ele me levanta, me sentando na bancada.

Passo meus braços por sua cintura e eu me aconchego contra ele. Não sei o que está acontecendo comigo, mas sei que, se ele me dissesse que tinha se arrependido da nossa noite... eu... doeria. Muito.

— Pensei que tinha se arrependido de... — murmuro, querendo me esconder, mas Luca pega meu queixo e me faz encará-lo. Deus, pareço uma menininha patética!

— De quê? De te ter? — ele questiona rindo, e sua piscadela me faz suspirar. — Isso é a coisa mais absurda que já ouvi. Eu seria louco se eu tivesse me arrependido de dormir ao seu lado, Barbie. — Tento parar o sorriso, mas logo ele explode em meu rosto. As batidas do meu coração correm aceleradas, e eu o deixo beijar minha boca.

Depois que estamos no quarto, eu me sento em seu colo e conversamos um pouco. Sorrio quando ele diz gostar dos meus quadros e fico mais feliz ainda

quando ele diz gostar de mim. Na verdade, eu fico muito feliz. Mais do que a maioria dos dias.

Observo Luca se vestir e viro o rosto para não ver sua nudez. Sim, já transamos, mas não vou ficar olhando. Tenho vergonha.

— Pode olhar, você sabe. — Escuto sua risada e me viro, franzindo o rosto. Luca está com uma cueca preta boxer. Alguém deveria ser punido por tanta beleza. Seu peito está seco enquanto ele veste uma bermuda jeans e uma camisa cavada branca.

— Eu sei. — Mando língua para ele e ele ri, vindo até mim. — Preciso ir. Tina e eu almoçamos no shopping. Você comeu algo? — pergunto, enquanto ele me ajuda a levantar da cama.

— Não, mas como qualquer coisa. Theo deve estar chegando com Felipe. Eles devem ter almoçado também. — Ele me puxa pela mão e saímos do quarto.

Na sala Tina está sentada no sofá enquanto mexe no celular. Ela pula, vendo Luca, e eu pisco enquanto ele vai até ela e deixa um beijo em sua testa.

— Vou comer algo. — Ele nos deixa sozinhas, e eu pulo, sentando ao seu lado.

— Então... — instigo e ela sorri, se levantando, e juntas vamos para o quarto. Eu a ensino a colocar o absorvente e ela prova os vestidos, enquanto eu a olho.

Quando dá três horas da tarde, escuto um grito, me chamando, e corro do quarto para a sala. Engulo em seco quando vejo Bea na sala. Não por sua presença na casa do seu amigo, mas pelo jeito que eles estão. Luca está sentado no sofá enquanto ela coloca suas mãos em seus joelhos, se inclinando para ele enquanto sussurra algo.

Meu estômago embrulha, mas me obrigo a parar com isso. Ciúmes bobo não têm vez... pelo menos eu quero. Eles são amigos. Só isso.

Ela se afasta e eu termino de entrar na sala. Luca sorri para ela e, depois que me vê, se levanta. Isso parece mais ridículo ainda quando ele chega até mim e me beija longamente. Eu me forço a esquecer isso e relaxo contra ele.

— Bea. Como foi ontem? — Sorrio para minha amiga enquanto Luca se senta no sofá e me leva para seu colo.

— Foi ótimo. Fiquei preocupada quando cheguei em casa e não te encontrei. — Ela sorri e se senta à minha frente. — Mas as meninas falaram que saiu da pista com Luca. Por isso vim aqui. — Ela dá de ombros e eu sorrio.

— Sim. Eu dormi aqui. — Sorrio para minha amiga e ela pisca, fazendo sinal positivo escondido no sofá.

— Então, Beatrice... como foi ontem? — Luca pergunta atrás de mim, e eu me encosto no seu peito.

— Foi bom. Você sabe, Kieran demora, mas volta. — Ela ri e eu franzo as sobrancelhas sem entender quem é o garoto.

— Kieran? — pergunto.

— Amigo de Luca. — Ela pisca novamente e eu sorrio. *Viu? Só amigos*, minha consciência grita rindo de mim, e eu relaxo. *Sim. Só amigos.*

— Oh. — Fico calada e logo Bea vai embora, dizendo ter que ir trabalhar mais cedo hoje.

— Felipe chegou! — Tina grita e abre a porta para o irmão com um sorriso largo em seus lábios.

— Ei, garotinha. — Theo ri para ela enquanto entra e eu gargalho, quando Felipe pula em meus braços.

— Lili! — Beijo seu rosto e ele desce, indo para Luca com a mesma alegria que demonstrou a me ver.

— Ei! Como foi o jogo, campeão? — Luca pergunta assanhando os cabelos lisos do seu irmão mais novo e Felipe se empolga, falando sobre um jogo no estádio em que Theo o levou. Luca vai para a cozinha, prestando atenção em tudo, não fingindo, mas querendo que Felipe fale sobre seu dia. É nítido seu interesse.

Theo acena para a varanda e eu me levanto, o seguindo. A rua está deserta e só o carro vermelho de Theo destoa das casas em tons pastéis.

— Dei entrada no processo. Até quarta-feira deve estar pronto. — Sorrio quando ele diz isso, se encostando na cerca de madeira da varanda.

— Aí. Sério? — Mordo meu lábio, reprimindo a vontade de sair pulando pelo chão de madeira escura.

— Sim. Foi tudo rápido. — Ele dá de ombros e eu sorrio, aliviada.

— Muito obrigada! Amo Bea, mas já estou com vergonha de estar em sua casa — confesso baixinho, vendo o sorriso sumir do rosto dele ao me ouvir tocar no nome da minha amiga. Ou talvez seja impressão minha, não sei.

— Ei! — Eu me viro, ainda sorrindo, e encontro Luca na porta. Seus olhos estão em mim e logo seguem para seu melhor amigo.

— Luca. — Theo acena sorrindo enquanto levanta as sobrancelhas claras. Luca me puxa para seu peito e eu relaxo contra ele.

— Mais uma vez obrigada! Não vejo a hora de estar com meu dinheiro. — Sorrio, sentindo pela primeira vez que tudo vai se organizar. Aperto as mãos de Luca que estão em meus quadris, querendo passar algo por meus gestos.

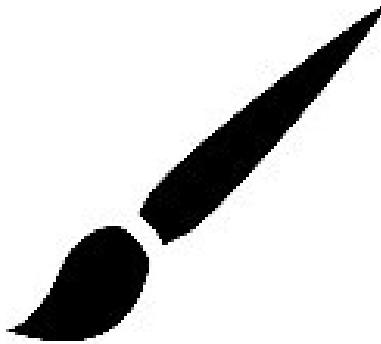
— De nada. Quarta te ligo para avisar. — Ele cruza os braços e olha para Luca. — Hoje tem corrida? — Sua pergunta me faz ficar curiosa. Ontem fui com Gabby e eu até que gostei do lugar. Claro, tirando a parte que Caio quase nos meteu em um acidente.

— Sim. Vou correr mais tarde, no entanto — Luca responde, colocando o queixo no topo da minha cabeça.

— Estarei lá. Não esqueça de avisar a dona Edith. — Theo aponta com a cabeça para a direção de uma casa branca no outro lado da rua e eu me lembro da senhora que estava aqui, ontem, quando cheguei com Luca.

— Vou dar uma olhada nos meninos. — Eu me afasto e sorrio para Theo, em despedida. Luca acena e se inclina, me dando um selinho.

Fecho a porta nas minhas costas, tentando parar o sorriso bobo que quer explodir em meu rosto.



Saio para casa depois de me despedir dos irmãos de Luca. Ele ficou em seu quarto quando avisei que estava indo.

Entro no prédio da casa de Bea e subo as escadas rapidamente. Faço careta quando escuto o barulho ensurdecedor que está por detrás da porta. Funk? Sério? Não que eu tenha algo contra. Acho divertido, mas não sabia que Bea curtia.

Sorrio e abro a porta. Assusto-me quando vejo Bea bebendo uma cerveja enquanto Lorena está dançando até o chão, no meio do cômodo pequeno. Mordo meu lábio, sentindo irritação. Beatrice é amiga dessa cobra?

— Com licença — peço enquanto ando para meu quarto. Bea sorri, levantando a cerveja, e eu tento devolver o gesto simpático, mas quando o olhar de Lorena recai sobre mim, eu faço careta. Não sei em qual momento passei a não gostar dela, ou talvez eu saiba: foi no momento que eu percebi seu interesse por meu Atroz.

Meu.

Talvez seja eu, quem sabe, ele ainda vai se tomar meu. Estou confusa, mas eu sei que ele sente algo por mim. Eu sinto que sim.

— Ora, ora. — Lorena sorri mordendo o lábio enquanto ainda balança sua bunda ao som de algum Mc.

— Olá, Lorena! — Sorrio forçada e volto a caminhar em direção ao meu quarto.

— Luca gosta de me ver dançar assim, Aliiiciia. — Ela arrasta meu nome e eu aperto meus pulsos. — Ele fica excitado, sabe? Fica louco na cama. — Os pelos da minha nuca se arrepiam. Eu sei que é melhor apenas fingir que não ouvi, mas eu não consigo. Então me viro, cruzando os braços.

— Sério? Ontem ele não precisou me ver dançar assim para ficar excitado e louco na cama. — Pisco, inocente, vendo a cara de raiva que Lorena faz e escutando algo cair no chão.

Quando me viro vejo a cerveja de Bea no chão e seu olhar surpreso em minha direção.

Bea sabe que eu era virgem. Ela é minha amiga e deve estar surpresa pela minha revelação. Imediatamente sinto o remorso me atingir. Eu devia ter esperado para confidenciar a minha noite com Luca num momento só de nos duas.

— Bea? Podemos conversar? — peço, deixando Lorena de lado.

Quando estamos sozinhas no quarto, a surpresa no rosto de Bea passou e agora ficou apenas um sorriso.

— Eu deveria ter te falado antes, né? Desculpa. Essa menina me tira o juízo — explico bufando. Lorena está se tornando uma tremenda dor de cabeça. *Ou uma tremenda crise de ciúmes.* Minha consciência me explica o óbvio.

— Sem problemas. Lorena incomoda sempre que pode mesmo. — Bea sorri ao falar e eu torço minhas mãos querendo perguntar sobre essa amizade.

— Você é amiga dela? — decido por fim questionar o que tanto me afligia.

— Colegas. Agora preciso ir. — Ela mais uma vez sorri e vai em direção à porta. Antes que ela se vá Bea se vira e encontra meus olhos. — Espero que sua noite tenha sido boa. — Sorrio aliviada e respondo:

— Ela foi maravilhosa — confesso, sentindo meu coração acelerar.

Luca foi maravilhoso. Ele é maravilhoso.

Um pequeno sentimento de apreensão se instala em meu coração. Eu temo um sentimento que quer me tomar. Eu tenho medo de começar a amar o Atroz.



Capítulo 17

Alícia

Mordo o pedaço do chocolate que comprei enquanto escuto Gabby falar sobre seu namorado, André.

— Ele me deixou lá. Você entende? Eu só corri com o idiota porque era a regra e, se não fosse por esse idiota, eu provavelmente ainda estaria naquela pista estúpida! — Ela bate suas unhas na mesa e eu mordo meu chocolate novamente.

— Kieran te levou para casa? Sério? Acho superestranho o modo como escuto Luca falar dele. Ele é ruim? — Franzo minha testa pensando nisso. Gabby faz um coque em seu cabelo agora totalmente rosa e me responde dando de ombros.

— Eu não sei se ele é ruim, Alícia. Só sei que vou matar André por me deixar lá. — Ela bufa irritada e eu aceno.

— Acho que ele ficou com vergonha... — começo, mas paro quando ela arqueia sua sobrancelha bonita. — Calma. Não estou justificando. Estou dizendo

que ele foi bem idiota ao pensar só em sua vergonha ao perder para Kieran e, claro, por saber que você estava no carro com ele. Enquanto ele o vencia. — Dou de ombros, explicando e ela acena.

— Sim. Ele foi escroto nas piores palavras. E eu não tenho culpa de ter ido com Kieran. Foi a regra idiota que o Vigia colocou. — Ela suspira revirando os olhos e eu aceno, lhe dando total razão. — Mas agora me fala. Como andam as coisas com Luca? Vi vocês no começo da noite, mas depois que ele ganhou, sumiram. — Ela sorri maliciosa e eu sorrio amassando a embalagem do chocolate. Coloco-a dentro da bolsa e encaro minha amiga.

No domingo à noite, Luca passou em minha casa e me buscou para a corrida. Juro que pensei que ele iria sozinho, até falei para ele, mas ele disse que iríamos juntos. Somente isso. Eu não falei nada, até porque, o que eu iria falar? Eu queria estar lá com ele. Eu queria chegar com ele em seu carro para que Lorena e qualquer outra garota visse que eu estou com ele. Ele está comigo.

Pareço estúpida, mas é o que sinto e eu não vou esconder meus sentimentos, pelo menos não de mim mesma.

— Estamos bem. Ele não fica depois que corre, pelo menos foi isso que ele falou quando perguntei — respondo mordendo meu lábio e, por cima da cabeça da Gabby, vejo sua irmã caminhar para nós. — Lorena vem aí. — Faço careta e não tento esconder da Gabby meu desgosto por sua irmã.

— Oh. — Ela vira e vê Lorena enquanto a morena dá um tchauzinho sorrindo falsamente. — Eu preciso ir. Se vir o traste do André, mande-o me ligar. Nem minhas ligações ele atende. Idiota. — Ela suspira levantando e pegando sua bolsa no chão.

— Te ligo se eu o encontrar. — Eu me levanto também e beijo sua bochecha. Saio da mesa rapidamente e ando em direção ao estacionamento.

Não quero bater boca com Lorena. Entendo que ela goste do Luca mais do que é provável que um amigo goste, mas não vou ficar ouvindo seus insultos. Sou boba, mas não tanto a ponto de aguentá-la ser uma cobra na minha frente.

Pego meu celular na bolsa e vejo se tem alguma ligação ou mensagem de Luca. Suspiro ao não ver nada. Nenhuma. Ele deve estar trabalhando. Abro a porta do carro e pulo, soltando um grito fino quando sinto me puxarem pela

cintura. As mãos apertam minha pele e, quando olho pela janela do carro e vejo o reflexo de Luca rindo, eu quero matá-lo.

— Luca! — resmungo séria enquanto meu corpo relaxa contra seu peito. — Não faça isso! Me assustou — reclamo, me virando para ver seu rosto ainda risonho.

— Desculpe, Barbie — ele sussurra fingindo estar arrependido, mas sei que não está, não. — Estava com saudades, bebê. — Seus olhos castanhos estão em meus lábios e nem um segundo depois ele rouba minha boca para si.

Solto um pequeno gemido em apreciação e seguro seus ombros, o beijando de volta com a mesma intensidade. Suas mãos descem da minha cintura em direção à minha bunda e ele a aperta, me puxando contra seu corpo.

— Já falei que senti sua falta? — Sua voz rouca ecoa enquanto seus lábios deixam selinhos pelo meu colo, pescoço e boca.

— Nos vimos ontem, Luca. — Sorrio e relembro dele me deixando em casa depois que eu disse que não iria para a sua.

Não quero me enfiar em sua casa. Não desejo ser a pessoa grudenta. Eu anseio que ele sinta falta de mim e me deseje por perto. Não quero impor minha presença a ele.

— Eu sei. — Ele ri e se afasta. Uma buzina atrás de nós soa e eu me viro, vendo um carro rebaixado preto, com chamas na lateral parar ao lado do meu. — Merda! — escuto seu resmungo e ele sai de perto de mim, se encaminhando para o carro, que baixa somente o vidro, mas nem assim consigo ver, já que o vidro baixou apenas alguns centímetros. Quem é?

Espero por Luca alguns minutos e tento olhar para dentro do carro, mas não consigo enxergar nada pelo vidro também escuro. Encaro as costas largas dele se tencionarem e eu sei que ele escutou algo que não queria. Será que foi algum problema com Tina e Felipe? Ou no trabalho?

Começo a ficar nervosa e suspiro quando ele se vira para mim. Eu penso que ele vai voltar, mas Luca só aponta para o carro e seus lábios sibilam que ele precisa ir. O quê!? Não tento esconder minha confusão e desagrado e eu sei que ele vê isso, mas, mesmo assim, se vira e entra do lado do passageiro no carro

preto com chamuscas.

Assusto-me quando os pneus do carro cantam e a escuridão em rodas sai do estacionamento levando Luca. Fecho meus olhos respirando fundo e entro em meu carro. *Calma, Alícia. Você não é namorada dele para pedir explicações e nem estar chateada.* Tento me convencer disso, mas não consigo pensar assim.

Quando chego à casa de Bea, vislumbro um carro estacionado na rua. Não acredito. Aperto minhas mãos juntas e respiro fundo. Pego minha bolsa e saio do carro, tentando não olhar em sua direção, mas David não deve entender que eu estou fingindo não vê-lo.

— Precisamos conversar. — Meu pai coloca suas mãos nos bolsos e para ao lado do portão de Bea. Seus olhos estão fundos e seu cabelo sempre impecável está um pouco desganhado. Meu coração dói um pouco ao pensar que talvez seja porque estou longe de casa.

— Pai. Como você está? — Mordo meu lábio, em dúvida se tento abraçá-lo ou apenas permaneço parada segurando minha bolsa firmemente.

— Preocupado. — Ele engole em seco e se vira, olhando para o prédio de Beatrice. — Você não deveria morar num lugar como esse. — Seus lábios ficam em uma linha fina e logo seus olhos voltam para os meus.

— Você me mandou embora, pai — murmuro baixo, não querendo brigar. Eu o amo tanto. Dói saber que ele anda preocupado comigo.

— Vamos, querida. Vamos para a nossa casa. Preciso conversar com você, Alícia. Explicar as coisas... — Sua voz sai baixa e eu me aproximo, pegando sua mão.

— O que está acontecendo? Você está bem? — Seus dedos se apertam nos meus e ele me puxa em direção aos seus braços.

— Eu só quero você em casa. Vamos, Alícia. Por favor. — Seus olhos azuis estão incertos e eu aceno concordando.

— Vamos. Eu estava com saudades. — Tento sorrir enquanto ele me leva em direção ao seu carro.

Eu não sabia a falta que eu estava dele e de casa até colocar meus pés em nossa sala. Nosso quadro em cima da lareira me lembra do tempo em que nós dois éramos bem um com o outro. Depois que mamãe se foi, meu pai se fechou, mas em alguns momentos eu o fazia se soltar. Aquele dia foi um deles.

Nós estávamos saindo para a festa anual da sua empresa. Ele estava feliz e eu coloquei Bon Jovi enquanto ele descia as escadas. Eu ainda tinha 15 anos e dançamos na sala. Minha babá nos fotografou sorrindo no final da dança. Foi um dia verdadeiramente bom. Foi incrível.

— Sente-se, querida. — Ele me conduz até o sofá e eu vislumbro uma pintura minha na parede. Minha boca se abre e eu tenho dificuldade de desviar os olhos dela. Ele a colocou aqui?

— Por quê? — Aponto para o quadro encarando seu rosto cansado.

— Porque me lembra de você. Me faz sentir que está mais perto. — Ele sorri triste e eu relaxo, remexendo minhas mãos. Lembro-me do meu ateliê e mordo meu lábio, indecisa.

— E o meu ateliê? — questiono baixinho, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Está como deixou. Eu nunca mexeria em suas coisas, querida. Você não é ela, Ali — ele afirma me olhando de uma maneira quase que impenetrável. Ela. Eu não sou minha mãe. Eu não sou Helena.

— Eu vim aqui como o senhor me pediu, papai. O que quer conversar? — Seguro minha bolsa firme, pensando que ele vai começar a falar de cursar Direito. Não vou fazer isso. Eu espero que ele entenda. Estou cansada de briga.

— Quero que volte, Alícia. Quero... eu me sinto sozinho. — Ele suspira e coloca seus cotovelos nos joelhos, enquanto segura seu rosto.

Nunca vi meu pai assim. Nunca vi meu pai tão sentimental, mas acho que é porque ele nunca teve que lidar com a minha distância. Com a de mamãe, sim, mas com a minha nunca. Eu sempre estive ao seu lado.

Eu quero voltar para casa? Sim. Eu quero. Essa é minha casa, é meu lugar. Porém, não quero voltar se for para fazer suas vontades. Não, eu não quero

e não vou voltar apenas por isso.

— Eu tenho saudades de casa — anuncio baixo e vejo seu rosto se erguer —, mas eu não vou mudar de curso, pai. Cursar Artes Visuais está sendo tão bom. Eu amo, pai. Amo me sujar de tinta, amo ouvir o som dos cavaletes sendo arrastados na sala, do pincel que escorrega e cai ou quando ele pinta a tela completamente branca e sem vida. Eu amo ver as formas que eu fiz. Eu me apaixono toda vez que finalizo um novo quadro e eu não posso viver sem isso. — Meus olhos pinicam com emoção, mas eu engulo em seco e vejo papai sorrir e se levantar. Ele caminha até mim e se senta ao meu lado.

— Um dia ela falou algo parecido com isso para mim, Alícia. Eu amei aquela adoração por algo, pela sua profissão. Dói saber que você herdou o que a tirou de mim. Porque foi a pintura que a levou. Ela escolheu isso a mim. — Inclino minha cabeça, confusa, e ele desvia seu olhar para a lareira sem madeira ou chamas.

— Ela foi embora... por quê? Eu não entendo. — Suspiro encarando seus olhos vidrados nos tijolos alaranjados da lareira.

— Ela se foi porque amava mais isso do que nós dois. Ela escolheu pintar para uma galeria de arte famosa, querida. Eu pedi que ficasse, mas ela se foi no meio da noite. Eu tento compreender, mas não consigo. Você consegue? — Seus olhos me pedem para que eu responda algo, mas estou tão surpresa com suas revelações, que permaneço quieta.

Mamãe foi embora para pintar? Meu queixo treme com o choro e eu me jogo nos braços de papai. Deus, é tão lógica sua dor. Eu entendo.

— Não vou te forçar a cursar Direito, Alícia. Curse Artes Visuais. Viva seu sonho, filha — ele sussurra contra meus cabelos e eu permaneço em seu peito. Molhando seu terno.

— Eu... preciso buscar minhas coisas, não é? — Sorrio, limpando meus olhos, e ele sorri pela primeira vez, parecendo iluminado.

— Posso te ajudar — ele se oferece, mas balanço a cabeça.

— Vou pegar apenas as coisas que dão para trazer no carro. Mais tarde mandamos alguém buscar o restante, tudo bem? — Ele acena e eu me levanto,

seguindo para fora. Peço um táxi e logo estou indo para a casa de Beatrice.

Encontro-a na sala enquanto passa chapinha em seu cabelo longo. Ela sorri quando me vê e eu me sento no sofá. Vou sentir falta de a encontrar se arrumando para ir para o trabalho. Do quarto que ela deixou para mim. Vou sentir falta dela.

— Cheguei mais cedo hoje do campus, por isso não vim com você — Bea começa a falar dando de ombros e eu aceno. Nem mesmo lembrei que a trazia para casa. Balanço a cabeça, me sentindo mal por isso, e sua voz ecoa novamente. — Vou sair à noite e resolvi caprichar. — Ela sorri soltando uma mecha e penteando-a em seguida.

— Que ótimo! Bea, eu... — Engulo em seco e, diante do meu silêncio, ela se vira. Assim que seus olhos batem em mim, ela solta a chapinha, desligando-a, e vem para o meu lado no sofá.

— O que aconteceu? O que ele fez? Esse era meu medo. — Franzo o cenho enquanto Beatrice sussurra, olhando para meus olhos.

— Ele quem, Bea? — pergunto confusa e me sento de frente para minha amiga.

— Luca. Foi ele, né? Eu sempre soube que isso não terminaria bem, Ali. Não falei nada para não te magoar. — Lambo meus lábios e sorrio, mordendo-os Inacreditável. Ela pensa que Luca fez algo?

Ele não fez nada além de me deixar totalmente confusa no estacionamento do campus. Completamente estranho, mas nada de mais.

— Ele não fez nada. Como assim, não terminaria bem? A gente nem começou nada, Bea. — Balanço a cabeça e solto um suspiro, me esforçando a esquecer suas palavras. — Estou voltando para casa. Conversei com meu pai e estamos bem. Eu só queria agradecer a você por tudo. De verdade. Eu não tinha ninguém e você me acolheu. Obrigada por isso. — Seguro sua mão e a abraço. Eu recorri a ela e ela me ajudou. Eu vou ser eternamente grata.

— Meu Deus, Alícia! Não estou entendendo nada. Você e Luca estão bem? Como assim está voltando para casa? — Ela parece incrivelmente confusa e eu explico que papai veio aqui e juntos resolvemos nossas diferenças.

Vou para meu quarto e deixo Bea na sala, alisando seus cabelos, e embalo algumas das minhas coisas. Deixo tudo dentro da mala e a coloco perto da porta, já pronta para quando alguém vier buscá-la. Pego todos os meus artigos de pintura e arrumo juntos no canto do quarto, já desmontados. Ando até meus quadros e sinto meu coração doer quando vejo o quadro do Luca embaixo da mesa, escondido de todos.

Seus olhos castanhos me encaram e eu, pela primeira vez, sei que ele, além de roubar meu carro, roubou meu coração. Meu coração e minha alma são daquele atroz arrogante, estúpido e completamente lindo.

O quadro dos seus irmãos está do seu lado. Eles estão sorrindo para mim, diferente do de Luca. Não sinto esse aperto no peito por ser uma despedida, não entendo o porquê, mas não é isso. Eu sei que vou vê-los. Eu não vou deixar ninguém separar a gente.

E isso também se estende a Luca. Ninguém vai me afastar dele.



Capítulo 18

Luca

Guardo a chave de fenda na gaveta do fundo e me viro, encarando o carro que acabei de fazer uma troca de pneus. Ele é novo, porém parece que seu dono se meteu com alguém e esse alguém furou os quatro pneus. Um prejuízo grande, mas que não pareceu algo que incomodasse o “almofadinha”, dono do carro.

Vou para o banheiro e tomo banho rapidamente. Encaro meu rosto no espelho pequeno do cômodo e foco minha atenção em minhas tatuagens no peito e braços. Fiz a maioria enquanto era apenas adolescente. Passei a só pintar meu corpo quando eu tivesse um significado verdadeiro por trás delas. Comecei por Nossa Senhora, que cuida de mim e da minha família, e depois vieram os nomes dos meus irmãos e da minha mãe. Fiz uma quando comecei a correr em rachas e até hoje me orgulho dela. É o desenho de um carro com fogo. A parte dianteira está à mostra, mas a de trás se perde em meio ao fogo. Ela fica em meu braço, do lado de dentro do cotovelo.

Eu gosto de correr, pode ser errado, mas é uma das coisas que me faz feliz. A adrenalina que domina meu corpo enquanto sinto o motor rugir, quando

os pneus fazem poeira no chão ou apenas o cheiro do couro sendo desgastado pelo contato com o asfalto. Eu amo correr e claro, vencer. Ou eu sou somente um doente.

— Estou indo — Júlio grita do lado de fora e eu saio, vestindo a roupa que eu trouxe na mochila. Coloco-a no canto e saio apenas com minha carteira. Não vim de carro hoje, pois não quero dar bandeira, caso algum daqueles homens que balearam Rick tenham nos seguido.

Só de lembrar-me dessa merda fico arrepiado. Encontrar Alícia e meus irmãos bem e dentro de casa, horas mais tarde, me fez entender que estou caminhando por uma linha tênue. Simplificando: eu vou me foder.

— Preciso de carona até o campus no centro — peço a Júlio, quando o encontro do lado de fora da oficina.

— Claro. Vamos lá. — Entramos em seu carro e, em silêncio, ele dirige até a faculdade de Alícia. Quero saber como ela está. Mesmo tendo-a visto ontem, eu preciso ver como a Barbie anda.

É irracional.

— Não toquei no assunto pela manhã e eu até esperei que me contasse, mas, pelo visto, não vai — Júlio começa a falar quando estamos perto do meu destino. Merda. Olho pela janela, esperando que ele fale algo. Não acredito que ele já está sabendo, porra!

— Peguei as chaves da oficina das suas coisas. Não vou me desculpar. Você fode comigo e eu lhe devolvo na mesma moeda, entende? Não quero ninguém que esteja metido com Rick no meu estabelecimento. Você sabe disso. — Fecho meus olhos, escutando sua voz, e sinto o carro estacionar.

— São somente seis meses, Júlio. Mataram o parceiro dele e ele não tem ninguém de confiança. Mas eu vou sair. Eu não quero isso para minha vida...

— Não tem ninguém de confiança? Você comprou essa merda, Luca? Você verdadeiramente acha que ele não tem? — ele grita, socando a ignição. — Kieran é um homem de confiança dele. Eu perdi meu filho para essa merda, Luca. Eu perdi ele para a droga da gangue de Rick. Você vai e me esquece como eu fiz Kieran me esquecer. — Sua voz está dura e completamente impenetrável.

Ele parece que vai explodir, e eu o entendo.

Kieran escolheu algo além do seu poder. Dói em Júlio. Talvez ele se culpe por isso.

— Eu entendo. Desculpa qualquer coisa, cara. — Saio do seu carro e bato a porta, o vendo ir embora em seguida.

Merda. O que vou fazer agora? Não gasto o dinheiro que Rick me dá. Eu só gastava o da oficina e dos rachas. O que farei agora? Só o dinheiro das corridas não vai dar para sustentar duas crianças. Respiro fundo e tento esquecer isso por ora.

Eu me viro, vendo o prédio enorme da faculdade de Alícia, e me sento no banco afastado. Espero alguns minutos e suspiro aliviado quando a vejo caminhando em direção ao seu carro. Seus cabelos loiros estão soltos e suas bochechas estão um pouco coradas.

Eu me aproximo devagar e respiro fundo quando ela se inclina, jogando sua bolsa no banco do passageiro. Merda, como consegue ser tão sedutora e inocente ao mesmo tempo? Como me enlouquece com as pernas longas e torneadas ao mesmo tempo em que suas bochechas estão coradas? Alícia, você é o perigo para mim.

— Já falei que senti sua falta? — pergunto depois de beijar seus lábios avermelhados.

— Nos vimos ontem, Luca. — Ela sorri ao falar e eu beijo sua pele alva mais uma vez.

— Eu sei. — Tenho vontade de rir de mim.

O que diabos está acontecendo? Eu não sou assim. Nunca fui. Nenhuma mulher me fez ficar assim, mas Alícia, com esse seu jeito inocente de ser, me faz ficar louco. Ela já me deixou louco desde a primeira vez que coloquei meus olhos sobre ela. Escuto uma buzina atrás de nós ecoar e vislumbro o carro de Kieran estacionando.

— Merda — resmungo, deixo Alícia perto do seu carro e ando em direção a ele. Que porra Kieran está fazendo aqui? E o mais importante: o que

ele quer?

— O que diabos você está fazendo aqui? — resmungo, encarando seu rosto pela fresta da janela da porta. Ele está encarando os para-brisas do seu Mustang GT.

— Rick está chamando. Agora. Vi meu pai te trazendo para cá e resolvi te levar, já que está sem carro. Entra. — Ele destrava as portas e eu aperto a lataria do seu carro, querendo bater em algo.

Eu queria ficar com Alícia, ir para a casa dela e depois para a minha, não dar uma de bandido agora porra!

— Não dá para ir sem mim? Eu estava com minha garota, cara — explico e seus olhos olham pela janela de vidro fumê diretamente para Alícia.

— Você deve se afastar dessa menina, Luca...

— Não fode, porra! Não se meta nas minhas merdas. Isso inclui ela. — Aperto minhas mãos, querendo bater no rosto calmo do Kieran. Quem diabos ele pensa que é para me falar isso?

— Era apenas um conselho. — Ele dá de ombros. — Entre. Rick chamou nós dois. Não somente eu, então faça a merda do seu trabalho. — Ele se inclina e abre a porta do passageiro. Solto uma respiração profunda e me viro olhando para Alícia.

Seus olhos azuis estão em mim e eles parecem confusos. Não gosto que ela esteja confusa ou preocupada. Eu queria poder parar de me preocupar com o que Alícia sente. Estou vendo que isso vai ser impossível.

Quando aviso que preciso ir, seu rosto confuso se tensiona, mas me viro dando a volta no carro e partindo com Kieran. Bato meus dedos contra o painel, olhando pela janela.

— Você ganhou ontem? Vigia colocou outra regra? — pergunto em meio ao silêncio chato do carro. Kieran sorri de lado e acena.

— Ganhei. Gostei da regra. Quem não gostou foi o namorado da garota que correu comigo. — Ele dá de ombros novamente, mas vejo o sorriso pequeno

no canto da sua boca.

— Ele que não venha com essa regra estúpida para minhas corridas. Alícia não vai no carro de ninguém, além do meu — resmungo, pegando meu celular para ver se tem alguma chamada dela. Não tem. É melhor assim. Mais tarde vou à sua casa.

Permanecemos calados até chegarmos ao lugar que Rick nos mandou ir. Não entendo no começo onde estamos, mas quando Kieran me manda o seguir para dentro de um prédio um pouco melhor do que estou acostumado, eu sei que aqui é a casa do idiota.

— Bem-vindos, filhos. — FRANZO minha testa vendo Rick se inclinar e cheirar uma carreira de pó no meio da sua sala. Uma mão de unhas grandes desliza pelo seu peito e eu vejo a garota atrás dele. Ela parece uma drogada louca, mas, talvez, antigamente, ela não tenha sido assim. Talvez seja culpa de Rick que ela se transformou nisso.

Antes que eu tenha chance de o repreender por me chamar de filho, a voz rosnada de Kieran ecoa.

— Não somos seus filhos. — Eu me viro, o vendo encostado na porta de braços cruzados. Nem mesmo parece que acabou de falar com alguém.

— Feliz que estão juntos. Preciso que os dois vão a lugar para mim. Como podem ver, ainda estou debilitado. — Rick sorri de lado e a garota senta em seu colo enquanto masca um chiclete já branco, aposto que não tem mais o gosto. Procuro o ferimento da bala e o acho no ombro coberto por ataduras.

— Aonde? — pergunto estranhando seu pedido. — Aqueles caras estão atrás de você? Atrás de mim? — Encaro seu rosto, apertando minhas mãos, e ele morde seu lábio sem falar nada. — Isso é demais! Eu tenho irmãos, caralho! Se algo me acontecer...

— Cala a boca. — Eu giro, olhando para Kieran. Seus olhos estão na parede, mas logo se voltam para mim. — Fica calado. Nada vai acontecer. — Sua boca se fecha e eu me aproximo dele, encarando seu rosto. Não vou permitir que Kieran fale comigo assim. Ele não vai mandar nas minhas merdas.

— Está de sacanagem, porra? Fala comigo direito. Não sou moleque! —

Meu nariz toca no dele e eu aperto minhas mãos mais fechadas, para não ter que socar a cara dele. — Você fez muita merda, Kieran. Aposto que seu pai se pergunta todos os dias como ainda não está morto. — Ele me empurra, mas permaneço o encarando. — Eu tenho pessoas que dependem de mim. Se você não se importa com a sua irmã mais nova, isso é problema seu. Eu me importo com os meus. — Saio de perto dele, vendo sua testa se contorcer e seus punhos cerrarem, e me viro para Rick.

Ele segura um cigarro junto aos lábios como se estivesse vendo uma série, ele sorri quando vê que estou o encarando.

— Vá, Luca. À noite Kieran vai te buscar em casa. — Tenho vontade de mandá-lo ir se foder, mas apenas saio de lá.

Chamo um táxi e vou para casa. Pego meu celular para ligar para Alícia, mas ele toca antes que eu possa colocar o número para chamar. Júlio? Sério?

— Júlio? — questiono, deixando a surpresa transparecer na minha voz. Não imaginei que ele me ligaria depois de me despedir.

— Preciso que faça um favor grande para mim. Estou longe da oficina e um amigo ligou, dizendo que o carro da filha dele teve problemas com a suspensão. Preciso que vá lá. Se puder, é claro — ele fala rapidamente, e eu escuto ao fundo barulhos de trânsito. Ele deve estar preso em algum sinal.

— Claro. Pode deixar. — Aceno para Dona Edith enquanto entro em minha casa. Caminho para a cozinha, ainda ouvindo Júlio.

— Obrigado, Luca — ele desliga.

Olho para meus irmãos e sorrio. Eles estão sentados à mesa comendo. Tina tecla no celular depois de cada garfada e eu me aproximo para ver com quem ela está falando, mas ela me percebe e guarda o telefone. Aperto meus olhos, a encarando, mas ela dá de ombros e volta a comer.

— Cheguei, mas vou precisar sair novamente. Tina pode colocar Felipe na cama mais tarde, não é? Amanhã passo o dia com vocês, eu juro. — Bagunço o cabelo de Felipe e ele arregala os olhos e acena com a cabeça, esperando que eu continue. Aí me dou conta de que não jurei direito. — Pelas estrelas. — Pisco e me inclino, beijando a cabeça dos dois. Dou o dinheiro de Dona Edith e logo

saio, entrando em meu carro.

Estaciono o carro do lado de fora da oficina e me lembro de que Júlio pegou minhas chaves. Merda. E agora? Olho para os lados e procuro a chave reserva no vaso do coqueiro de tamanho médio que ele deixa na entrada. Abro a oficina e troco minha roupa, esperando o amigo do Júlio chegar. Como são problemas com a suspensão, tiro as ferramentas do meio da sala, deixando a passagem livre para o carro entrar e se posicionar no elevador.

Quando escuto um carro estacionar, eu me ergo e me viro, olhando para a entrada. Primeiro vejo pernas longas e brancas, depois vejo um vestido florido, que parece ser caro, e depois vejo o rosto da mulher que ocupa a maioria dos meus pensamentos.

— Alícia? — questiono baixo e sorrio, me aproximando, mas paro quando um homem de terno aparece atrás dela. Ele tem cabelos e olhos castanhos, não se parece com Alícia, mas eu sei que ele é seu pai.

— Boa tarde! Desculpe o incômodo. Júlio avisou que vocês tinham fechado, mas minha filha precisará do carro na primeira hora do dia. — O homem sorri amigoso e eu me pergunto se ele estaria sorrindo se soubesse que eu dormi com sua filha.

— Boa. Não tem problema. — Não encaro seu rosto, só olho para minha Barbie. Seu rosto está surpreso, mas logo ela sorri e eu sinto um peso enorme ser retirado dos meus ombros.

Não sei o que pensei, talvez, que ela fingiria não me conhecer por causa do pai, ou talvez, apenas... eu não sei. Caminho até o lado de fora e trago seu carro para dentro. Enquanto olho a suspensão, seu pai sai para fazer uma ligação e ela se levanta, indo até mim.

— Então essa é a oficina onde trabalha? — sua voz é suave e eu me viro, levando um susto ao ver que ela está quase em cima do meu corpo.

— Sim, querida — respondo sorrindo, mas paro quando ela morde seu lábio e começa a mexer com as mãos.

— A gente precisa conversar. Eu estou morando com meu pai novamente. — Inclino a cabeça, confuso, e sinto meu estômago revirar. Isso não

vai dar certo.

— Merda! Sério, Alícia? — rosno, imaginando o que isso pode significar para nós, e ela acena. Eu me viro voltando ao meu trabalho e a deixo nas minhas costas.

— Não faça isso — ela resmunga baixinho, e eu permaneço parado. Ela não parece entender que não quero falar, pois passa por baixo do meu braço e fica entre mim e o espaço abaixo do carro. — Onde você foi hoje? Quem era que estava naquele carro? Você me deixou sozinha... — Seus olhos estão firmes e eu mordo meu lábio. Foda-se, ela não vai parar de falar?

— Alícia. — Ela pula ao ouvir a voz do pai e eu me encosto no pilar da loja, segurando sua cintura firmemente e a trazendo para meu peito. Seu pai nos encara, parecendo confuso, eu o entendo, mas foda-se, ela é minha.

Alícia vai contar a ele que estamos juntos, e, se não fizer, merda, eu acho que vou matar alguém hoje.



Capítulo 19

Alícia

Meus músculos relaxam contra o peito de Luca. Talvez eu devesse estar com medo da reação do meu pai, mas não estou. Luca é uma das pessoas que eu desejo que se tornem constantes em minha vida. Meu pai vai entender, porque ele sabe o quanto gostar de alguém é importante.

— Pai, esse é o Luca. Ele, hum, é meu... — Minha boca seca e eu sinto minha barriga dar voltas. Não estou com medo, mas estou nervosa, e muito.

— Namorado — ele finaliza por mim, e suas mãos se apertam na minha cintura. Talvez ele esteja tentando me passar segurança, mas não posso dizer com exatidão.

A palavra namorado sendo pronunciada com sua voz me faz derreter. Jesus! Estou completa e irrevogavelmente apaixonada por ele.

— Namorado? — Papai engole em seco e franze as sobrancelhas. Seus olhos nunca deixam os meus. — Vocês não pareciam nem se conhecer quando entrei. Alícia, venha até aqui. — Suspiro e tento sair do domínio de Luca, mas

ele me segura mais firme. Talvez ele ache que vou sair correndo com meu pai, eu quero dizer que não vou fazer isso, mas fico em silêncio e o deixo me manter por perto.

— Pai, eu só fiquei surpresa de o encontrar aqui, mas é verdade. Eu o conheci quando estava morando com Bea — explico tentando sorrir, mas meu pai parece tão confuso que não me deixa rir de nada.

— Tudo bem. É... Só vim avisar que preciso pegar uns documentos no escritório. — Ele para de falar e coloca as mãos nos bolsos do seu terno. — Alícia, você não quer me acompanhar? Voltamos ainda hoje para pegar seu carro — ele murmura e depois passa a mão pelo rosto, me fazendo sorrir aliviada.

Faço Luca me soltar e vou até meu pai. Eu o abraço e o deixo me abraçar, até que ele esteja mais relaxado.

— Não se preocupe. Vou ficar com Luca. Preciso conversar com ele, sabe? — Sorrio encarando sua expressão mais calma.

— Sei. Eu só... — Ele não termina e eu sorrio.

— Está confuso. Eu entendo. Em casa iremos conversar. — Ele acena e sai, me deixando com meu Atroz.

Eu me viro e vejo Luca parado, com os braços cruzados. Minha língua sai para umedecer meus lábios e eu volto a me aproximar dele.

Meus pensamentos voam para nossa manhã no estacionamento e engulo em seco. Ele foi para onde? Com quem? Estou tão confusa, mas eu sei que algo está errado. Ele não me respondeu quando perguntei há poucos minutos e isso deve dizer algo, não?

— Aonde você foi? — volto a perguntar, vendo-o fazer careta e voltar a mexer em meu carro novamente. — Luca. — Cruzo meus braços, irritada por ele estar me ignorando.

Estou nervosa com essa conversa. Por que ele simplesmente não me diz aonde foi? Será que estava com alguma mulher?

— Não foi nada importante... — Corto sua fala.

— Quem era naquele carro? Era uma mulher? — Mordo meu lábio, querendo engolir as palavras. Jesus! Sou tão boba. Por que preciso falar essas coisas?

— Que mulher? — Ele se vira franzindo as sobrancelhas, e eu lhe dou as costas, indo para as cadeiras. Mal chego a me sentar e ele já está me puxando de pé. — Você pensa que eu estava com outra mulher? — Seus olhos castanhos com pontos amarelados me encaram e eu engulo em seco.

Quero responder que sim, mas dentro de mim eu sei que ele não estava com outra. Pelo menos eu tento me convencer de que esse pensamento é certo.

— Eu acho que você me esconde algo. Se não é mulher, eu não sei o que pode ser. — Meus olhos se prendem aos dele e ele me solta, indo para longe.

— Não fico com ninguém além de você. Eu não quero ficar com ninguém, além de você, merda — ele resmunga baixo, voltando para seu trabalho.

Permaneço quieta, voltando a me sentar. Observo-o trabalhar e quando ele baixa meu carro, pronto, já é noite. Clico em meu celular quando o sinto tremer e atendo a chamada de Gabby.

— Ei! — Sorrio ouvindo barulho de festa ao fundo. Luca se vira para me encarar e eu finjo não vê-lo enquanto caminho pela oficina.

— Só avisar que encontrei André, e eu vou matar ele hoje. Talvez amanhã eu esteja presa, então, por favor, leve seu advogado para me tirar de lá. — Eu caio na risada com sua fala arrastada e vejo Luca começar a andar em minha direção.

— Eu o levarei. Não faça nada que eu não faria. Beijos, baby. — Desligo depois de ela me dizer que vai se comportar.

— Baby? Quem é baby? — A voz do Atroz parece raivosa e eu sorrio por dentro. É bom saber que ele sente ciúmes. A louca da história sou eu, mas não. Ele também é, e dentro de mim eu sei que amei saber disso.

— Nada importante. — Eu me viro sorrindo e o vejo morder os lábios. Em um movimento rápido ele me pega pela cintura e me leva até a parede.

Minha bunda se choca contra um armário pequeno quando Luca me senta no lugar onde guarda ferramentas.

Minha boca se abre em surpresa e eu encaro seus olhos perto dos meus.

— Nada? Alícia, você está me escutando bem? — Ele coloca sua mão em meus cabelos e puxa os fios loiros, me deixando com o rosto elevado para olhar para ele. O puxão não dói, mas é firme. — Ninguém é nada importante quando você o chama de baby. Eu não gosto...

— Eu também não gosto que você me esconda as coisas, mas você faz! — Quero gritar, mas não faço. Permaneço calma.

— Com quem estava falando, Alícia? — Seu rosto está vermelho e eu sei que a sua irritação está perto de transbordar.

— Aonde você foi, Luca? — desafio, empinando meu nariz, e ele me solta, indo para a cadeira que eu estava sentada. Pulo do armário e corro atrás dele quando sei o que vai fazer. Ele pega minha bolsa e logo meu celular está na sua mão. — Não toque nele, Luca! Você vai me dar o seu? Não vai, então solte o meu agora! — grito irritada e sinto minhas bochechas queimarem. Nunca estive com tanta raiva em minha vida.

Nem sei por que estamos brigando. Eu só senti que algo mudou quando ele me deixou naquele estacionamento. Luca está se negando a falar me faz ficar mais alerta. O que ele está fazendo que não pode me contar?

— Com quem estava falando, porra? — Ele baixa sua mão e eu aproveito para pegar meu celular. Jogo o aparelho na bolsa novamente. Faço um coque no meu cabelo e me viro, o vendo parado com as mãos em punhos. — Alícia? Tem alguém nessa faculdade, não é? Você está me deixando louco! — Ele se abaixa, ficando de cócoras, e suas mãos sobem para puxar os fios curto. Eu me sento na cadeira, sentindo meu coração bater mais rápido.

Não sei o que ele está pensando enquanto fica lá parado, mas eu sei que a ideia de eu ter conhecido alguém está o atormentando.

— Não tem ninguém. — Cruzo meus braços encarando o meu carro, agora, consertado. — Deixe de ser um ciumento estúpido! — mando e sinto meu queixo tremer.

Que raiva é essa? Respiro fundo, tentando me acalmar, e eu consigo. Luca se levanta e se ajoelha à minha frente. Engulo em seco e ele coloca a cabeça em meu colo. Por que ele parece um garoto indefeso? Ele não é assim. Luca Ribeiro é qualquer coisa, menos indefeso.

— Não faça isso, Alícia. Não me troque por um mauricinho filho da puta. Eu... — Fecho meus olhos apertados e levo minha mão para seus cabelos, tentando acalmá-lo.

— Eu não quero ninguém além de você. Eu estava falando com Gabby. Só isso. — Seguro meu lábio inferior com os dentes e me inclino, deixando minha cabeça em cima da dele.

Permanecemos em silêncio, apenas ouvindo a respiração um do outro, até eu levantar minha cabeça. Mais calma, eu apenas fico parada até ele se levantar. Luca me puxa para meus pés e eu colido contra seu peito duro. Encaro seus olhos e suspiro, sentindo minha barriga dar voltas novamente. Como caí tão apaixonada por ele? Em qual momento eu me apaixonei por esse Atroz?

— Era Kieran no carro. Ele precisava de mim, só isso. — Sua explicação me faz relaxar. Não sei o que eu achava que era, mas só de não ser outra mulher com ele, eu estou aliviada.

— Eu entendi. Eu... não sei o que deu... — Paro meu resmungo e encaro seu rosto, vendo a incerteza fluir entre nós dois.

Por último, eu sei que ele não vai tomar a decisão, então eu faço. Eu o beijo. Seus lábios se abrem para mim e eu me entrego a ele. Sua língua dança com a minha em uma sintonia perfeita. Não sei quanto tempo passamos nos beijando, mas quando já estamos querendo tirar a roupa um do outro, Luca para.

— Seu pai deve estar voltando — ele explica com sua voz rouca, enquanto nós dois respiramos com dificuldade.

— Você está certo — concordo e me afasto um pouco. — Desculpe — peço, e não sei bem por quê. Talvez seja porque o enganei, o fazendo pensar que eu falava com algum homem.

— Me desculpe você, por ter te deixado sozinha hoje. E por isso que acabou de acontecer...

— Está se desculpendo pela cena de ciúmes? — pergunto o abraçando, mas permaneço encarando seu rosto tenso.

— Sim. Eu só me descontrolei — Luca murmura e se inclina, acariciando meus lábios com os seus. Suspiro e mordo meu lábio antes de beijá-lo novamente.

— Só você para pensar que eu tenho alguém na faculdade. Ninguém olha na minha direção. Sou quase invisível. — Arqueio minha sobrancelha e ele franze o cenho para mim.

— Não sei o que dizer; se me sinto bem por ninguém falar com você ou se pergunto por que não falam. — Seu rosto se contorce em uma expressão confusa e eu sorrio, beijando seu lábio inferior.

— Não pense nisso. Eu preciso ver se meu pai chegou. O que vai fazer hoje? Eu posso ir mais tarde ver Tina e Felipe — indico, sorrindo ao me lembrar dos meninos. Estou com saudades dos dois.

— É... eu vou... Os meninos já devem estar dormindo. — Ele acena sorrindo e eu não tenho tempo para dizer que eu dormiria com ele lá, pois meu pai entra tossindo.

Eu me viro para ele e eu tenho vontade de rir, ao ver sua expressão. Seus ombros tensos, seu rosto impassível. Ele está completamente desconfortável.

— Hum. Podemos ir? — ele pergunta e eu aceno. Olho para Luca e lhe dou um selinho.

— Me ligue mais tarde — peço sorrindo, e ele acena, me dando mais um beijo. Saio com meu pai e, juntos, vamos em silêncio para casa.

Quando chegamos, vou tomar banho e desço para o jantar. Papai já está à mesa, então pego meu lugar ao seu lado.

— É... Luca? — ele começa pigarreando, e eu elevo meu rosto o encarando.

— Sim. Esse é o nome dele. Você, hum, gostou dele? Sei que não passaram muito tempo no mesmo lugar. Vocês nem conversaram muito, mas ele

é um cara legal — começo a falar enquanto gesticulo com minhas mãos. Papai sorri na ponta da mesa e acena.

— Você gosta dele. — Sua declaração me faz fechar meus lábios apertado.

— É tão visível assim? — pergunto, franzindo minha testa. Dentro de mim eu já sei que estou apaixonada, mas ver que meu pai percebeu é estranho.

— Sim. Eu não adorei o menino, como você falou, não tive tempo para tal coisa... mas se você gosta dele... — Ele dá de ombros e eu relaxo sorrindo.

— Eu gosto. Ele me faz sentir... viva — declaro, vendo os olhos pretos do meu pai me observarem sorrindo. — Eu descobri o melhor de mim nele. É confuso, mas eu... quando estamos juntos, eu sinto que é certo. — Dou de ombros, imitando seu gesto, e ele se inclina, pegando minha mão que descansava na mesa ao lado do meu prato.

— Entendo. Eu só quero que tenha cuidado. — Seu aviso me faz morder a bochecha. — Cuidado com o seu coração, Alícia. — Aceno entendendo e, juntos, finalizamos nossa refeição.

Saio da sala de jantar e sigo meu pai até a sala. Nós nos sentamos no sofá de couro branco enquanto uma música toca baixinho. Não conheço a música, mas a aprecio.

— Amanhã eu tenho um jantar de negócios para ir. Se você se sentir à vontade, peço que me acompanhe — papai declara baixinho, e eu aceno, terminando a taça de vinho que ele colocou para nós dois.

— Claro. Agora eu vou para meu quarto. Boa noite, papai. — Beijo sua bochecha e me retiro.

Quando chego ao meu quarto, fecho minha porta e caminho até a outra porta do quarto. Ela dá acesso ao meu banheiro e ao meu ateliê. Caminho para o meu lugar e suspiro, vendo a pintura de Luca no centro na sala. Eu a pego e coloco-a sobre um dos cavaletes que não uso mais. Trouxeram minhas coisas mais rápido do que imaginei. Arrumei algumas coisas assim que chegaram, mas ainda faltam algumas para pôr no lugar.

Em vinte minutos tudo está em seu devido lugar. Eu me sento em um dos meus bancos e pego o pincel, deixando-o limpo para uma pintura nova.

Mergulho o pincel em cores aleatórias e sorrio quando vejo que a imagem é os cabelos de Gabby. Aqui eles estão na mesma cor do dia que a conheci. Um arco-íris perfeito. No canto da tela, está visível apenas seu olho esquerdo, seus lábios e nariz partidos. Apenas o lado esquerdo do rosto aparente.

Trabalho mais em seu cabelo e, depois de algumas horas, eu finalizo o quadro da minha amiga. Sorrio comigo mesma e saio do lugar, deixando as coisas limpas e o quadro para secar.

Volto para meu quarto e paro no banheiro, tomando um banho para tirar a tinta de mim. Sorrindo, tento limpar minhas unhas longas, que também foram pintadas.

Pego meu celular no criado-mudo e suspiro, vendo que Luca não ligou. Tento ligar para ele, mas seu celular cai na caixa postal. Aperto o celular, sentindo que algo está fora do lugar. Ele disse que ligaria, não é? Já é mais de meia-noite. Ele devia estar em casa com seus irmãos...

Sento-me na cama e encaro minha janela. Dela consigo ver algumas estrelas e peço a elas que me mande notícias dele. Estreito meus olhos para o celular e ligo novamente. Chama algumas vezes e, quando penso que vai cair na caixa postal, alguém atende.

Não é Luca. É a última pessoa que pensei que estaria com seu celular. E isso me mata.

— Olá, Ali! Seu namorado está comigo na Rua 24, no centro. Você precisa ver o que estamos fazendo. Venha até aqui. — Sua voz se torna um sussurro e eu sinto minhas pernas fraquejarem. Não escuto quando desliga, mas vejo quando uma mensagem com um endereço aparece em minha tela.

Rua 24, número 453, apartamento 62.

Estamos à sua espera.

P.S: Bea.



Capítulo 20

Alícia

Desço do meu carro sentindo meu coração bater na garganta. Peço a Deus que seja uma brincadeira de mau gosto. Que Bea esteja apenas pregando uma peça em mim. Porém, quando a porta no apartamento se abre, sem nem um segundo depois de eu bater, eu sei que meus pedidos não foram ouvidos.

— Por quê? — A pergunta treme em minha língua. Sinto as lágrimas se acumularem em meus olhos, mas não me permito derramar nenhuma delas. Não vou chorar.

Passo por ela, adentrando a casa, e meu estômago dá um nó quando entro no quarto e vejo Luca sem camisa numa cama barata. Meu coração quebra, e o mais incrível nisso é que eu pareço escutar os pedaços caindo. Estilhaçando aos poucos. Fazendo doer. Fecho meus olhos, querendo voltar para casa. Voltar no tempo e estar com ele na oficina. Nós estaríamos bem, eu não o deixaria sozinho. Eu iria para sua casa e a gente estaria dormindo juntos agora.

— Ele é meu, Ali. Sempre foi. — Eu me viro, encarando minha amiga, e travo com as palavras. Beatrice sorri, parecendo orgulhosa e feliz com minhas

lágrimas não derramadas. Ela me conhece e sabe que vai ser questão de tempo até que elas comecem a cair.

Seus cabelos lisos estão bagunçados e seus olhos escuros piscam com uma inocência completamente falsa. Quem é essa pessoa?

— Quem é você? — pergunto baixo, não acreditando que essa garota é a mesma que me deu um teto um mês atrás. A mesma que me consolou quando meu pai me colocou para fora de casa. A mesma garota com quem compartilhei planos para morarmos juntas em um apartamento melhor.

— Eu o amo, Alícia — ela começa sorrindo enquanto alisa seus cabelos. Lembro-me da chapinha que ela estava fazendo e meu estômago revira novamente. Era para ele que ela se arrumava. — Sempre amei, desde que éramos apenas adolescentes. Luca foi meu primeiro homem. Ele não lembra, sabe? Estava bêbado demais, mas eu, sim. Eu lembro. — Bea anda até o balcão e coloca bebida em seu copo de vidro.

— Você está mentindo. — Engulo em seco, apertando meu celular entre os dedos, e me viro, indo até a cama em que Luca está. Ele só adormeceu e ela tirou suas roupas. Já vi isso em novelas, sei que é o que as mocinhas ruins fazem. As bobas caem como um patinho e vão embora chorando. Depois as idiotas precisam pedir desculpas por duvidarem do seu amor.

Empurro o ombro do meu amor repetidas vezes e começo a me preocupar quando ele não acorda.

— Não estou. Eu amo ele, e você, Alícia, não vai me tirar esse homem. Nunca. — Escuto sua voz mais perto e me levanto encarando-a.

— O que deu a ele? O que você fez? — pergunto temerosa. Balanço seu ombro novamente e me afasto aliviada quando ele se senta na cama, passando a mão por seu rosto.

Seus olhos estão desnorteados, mas quando ele me vê, eu sei que algo aqui está errado. Não vejo o reconhecimento lá. Luca não parece com medo de tê-lo visto aqui com outra mulher. Ele só está surpreso pela minha presença. Como se ele não me conhecesse e não esperasse por mim. Só vejo frieza.

— O que você fez? — pergunto, encarando seu rosto. Luca suspira,

pegando sua camisa, e começa a se vestir rapidamente. Eu o observo parada, sem saber o que fazer. Ele pega sua carteira no criado-mudo e eu desperto do meu momento de estupidez.

Sério que vou ficar aqui, só os observando acabar com meus sentimentos? O que ele está fazendo?

— Não acredito que vai ficar calado, Luca. Eu não posso acreditar que você vai ficar calado depois de eu te pegar com Beatrice! — grito andando para mais perto dele, querendo sacudir seu corpo. Quero acertar seu rosto tão forte, que ele vai perceber que eu estou aqui.

A sua namorada está aqui.

— Vá para casa. — Sua voz está dura e eu sigo a passos largos até ficar à sua frente. Minhas mãos se fecham em punhos e eu me seguro para não matar ele.

— Vá para casa? Vá para o inferno com isso, Luca! — Empurro seu peito, sentindo meu queixo tremer, e lhe dou socos repetidas vezes. Para ele é como se eu fosse apenas uma boneca querendo bater nele. Não faz nada. Não dói. — O que você fez, Luca? Luca?... — pergunto tremendo, e as lágrimas começam a descer. — Você me traiu? Você dormiu com essa... com essa garota que eu não sei quem é? Porque eu não sei quem é Beatrice! Ela é uma vadia tão louca ou pior que Lorena! — grito e volto a empurrar o peito de Luca. Ele cambaleia para trás e se choca contra a cama, caindo sentado. Suas mãos vão para sua cabeça e ele permanece lá. Parado, sem falar nada.

O que aconteceu? Em qual momento dessa história eu me perdi e não vi o que estava acontecendo?

— Vá embora, Alícia. Ele não te quer aqui. — Bea tenta tocar em meus braços, mas antes eu me viro, acertando um soco bem no seu nariz. Ela grita, indo para trás enquanto suas mãos vão para seu rosto, que agora está sangrando.

Nunca bati em ninguém na minha vida, mas, pela primeira vez, eu sinto que isso me fez bem.

— Não toque em mim! Nunca mais toque em mim, sua... sua falsa! — minha voz rouca faz qualquer pessoa imaginar que fiquei dias sem beber água, e

o pior, a ironia, é que eu me sinto como se isso fosse verdade. Sinto-me seca.

— Alícia. — Um arrepio segue pelos meus braços quando escuto sua voz pronunciar meu nome. Eu não me viro para olhar para o idiota por quem me deixei me apaixonar. Eu, tão estúpida e ingênua, me apaixonei pelo garoto mau. Só eu não vi que isso não terminaria bem.

— Depois que eu sair daqui, nunca mais quero falar com você. Nunca mais quero te ver. Isso é uma promessa, Luca, e eu vou cumpri-la. — Não me viro para vê-lo, mas eu vislumbro seu reflexo no espelho do lugar. Seus ombros estão baixos e eu pego a umidade em seus olhos.

Tarde demais.

Corro, saindo do lugar, e me choco contra um peito largo assim que abro a porta. O cheiro de cigarro invade minhas narinas e eu me afasto, querendo respirar normalmente o ar.

O homem que me encara parece com raiva, ele tem tatuagens por todo o braço direito enquanto o outro não tem nenhuma. Seu braço me prende pela cintura e eu me sinto tonta, querendo sair do seu domínio.

— Solte-a, Kieran. — Um rosnado alto corta o silêncio e eu sei que foi Luca. Não perco um segundo depois que eu sei que ele está me vendo com o cara de tatuagens e com o rosto torcido de raiva.

Eu só o beijo.

Eu beijo Kieran e ele não me afasta. Pelo contrário; ele parece gostar. Sua língua entra em minha boca e eu a chupo mesmo querendo me afastar o mais rápido possível. Deus, eu me sinto suja. Sinto como se alguém estivesse sussurrando em meu ouvido o quanto eu sou suja, louca e doente.

Braços são amarrados em minha cintura e eu já não estou mais sendo beijada. Luca empurra Kieran para longe de mim e eu aproveito isso, saindo do apartamento podre. Limpo meus lábios com as costas da mão e corro em direção à saída.

— Alícia! — Pego mais velocidade quando escuto seu chamado e entro em meu carro. Minhas mãos tremem, mas eu consigo colocar a chave na ignição

e dar partida no carro. Canto pneus de um jeito que não sei como fui capaz de fazer, e, então, eu corto a noite, correndo pela avenida principal.

Meu pé pisa mais uma vez no acelerador e eu sinto minhas bochechas molharem com as lágrimas que tornam a cair.

O que você fez, Luca? Como foi capaz, depois de hoje? Depois de parecer quase indefeso ao me imaginar com outro homem? Como você se atreve a parecer triste com isso, se você era o único que me enganava?

Vejo o carro escuro com chamas na lateral atrás de mim e eu sei que é Kieran. Acelero mais quando vejo o carro de Luca logo atrás do dele. Não vou deixar que me alcancem. Quero que os dois se explodam.

Meus olhos se arregalam com a claridade em minha frente, então eu percebo que é um carro vindo em minha direção. Não sei como, mas eu desvio do carro e entro na mata densa do lado da rodovia. Meu airbag entra em ação e eu sinto meu rosto ser prensado pelo plástico. Meu carro para e eu tento fazer o airbag diminuir para que eu possa sair. Minha porta é aberta e eu sinto mãos trabalhando para me soltar.

Respiro aliviada quando sou tirada do carro nos braços de alguém. Deitam-me no chão cheio de grama e eu vislumbro as estrelas lá no seu. Lembro-me de Tina e Felipe e sinto o desejo de poder vê-los agora. Queria dizer que nunca vou sair do lado deles. Que eu juro pelas estrelas, que não irei.

Um soluço corta meu peito e eu encaro o brilho no céu. Por que, Luca?

— Alícia, baby. — Escuto a voz dele e me forço a sentar. Não sinto dor forte em nada, então acho que estou bem.

— Não me toque — resmungo e cambaleio, indo para longe dele. Seus olhos estão assustados e eu só consigo ver isso porque as luzes dos postes iluminam a beira da estrada.

— Você está sentindo algo? — Sorrio segurando minha mão um pouco dolorida junto a meu peito.

— Sim. Nojo. Nojo de você e daquela vagabunda. Nojo! É isso que estou sentindo. Tenho pena dos seus irmãos. Pena. Porque você não merece eles. —

Vejo quando o acerto em cheio. Meus socos e empurrões não doeram, mas eu sei que isso doeu.

— Como...

— Não chegue perto de mim. Nunca mais. — Ando devagar em direção à pista e vejo Kieran logo atrás de mim.

Luca permanece parado onde o deixei. E é bom assim. Não preciso vê-lo chorar. Não preciso dele.

Kieran me leva para casa depois de me dizer para ficar quieta. Não discuto. Entro em casa momentos depois e agradeço por não ver meu pai. Subo as escadas e caio na cama, deixando as lágrimas fluírem.

Nada mais vai doer. Eu vou aprender. Eu sempre aprendo.

Uma semana depois...

Encaro a porta fechada e engulo meu nervosismo. Gabby aperta minha mão e eu aceno. Tudo vai ficar bem. Gabby me prometeu que ele não estaria aqui. Fecho meus olhos e me viro, dando as costas para a porta e encarando minha melhor amiga.

Minha única amiga.

— Eu só vou pegá-los e nós vamos. Você tem certeza de que ele não está aqui? — questiono pela quinta vez, apertando minhas mãos juntas, e ela sorri, me puxando para seus braços.

— Amiga, relaxa. Pense neles. Eles estão sentindo sua falta. Juro que ele não está. — Eu aceno e me afasto.

Abro a porta devagar e sorrio quando vejo os dois de pé na minha frente. Parece até que eles já sabiam que eu estava no outro lado da porta. Felipe sorri, segurando as alças da sua mochila, e Tina está mordendo seu lábio. Ela parece indecisa, então me ajoelho, abrindo meus braços para os dois.

Felipe é o primeiro a correr para mim, Tina caminha e, devagar, seus

braços me envolvem. Minha garganta fecha com a emoção de vê-los. Não que a gente tenha passado muito tempo sem nos ver, mas agora... Deus, agora não sou nada para eles. Nada. Ninguém.

— Não deu certo, Lili? — Minha menina de cabelos castanhos e olhos verdes pergunta, me fazendo engolir em seco. As lágrimas se acumulam e eu aperto mais meus braços ao redor deles.

— Não, querida. Não deu — consigo respondê-la e encaro seu rosto, vendo seu queixo tremer. — Mas eu prometi não me afastar de vocês, não é? Prometi até pelas estrelas. Lembra? — Dou de ombros e eles se afastam para me olhar melhor.

— Nós te amamos, Lili. Eu juro pelas estrelas — Felipe sussurra e sua irmã acena, confirmando.

— Eu também amo vocês, pelas estrelas. — Limpo as lágrimas que caíram e beijo seus rostos. — Podemos ir? — questiono, me levantando, e eles acenam.

Um movimento na porta me faz ficar tensa, mas relaxo ao ver que é apenas Theo. Ele sorri acenando e eu lhe dou um pequeno aceno de cabeça.

— Eu te ligo para falar da herança. — Escuto sua voz e aceno sem me virar para encará-lo.

Coloco Tina e Felipe no carro que papai me deu enquanto o meu não é reparado, e sorrio para minha amiga, que entra no lado do motorista. Decidi que ela iria dirigir, não estou no clima para isso.

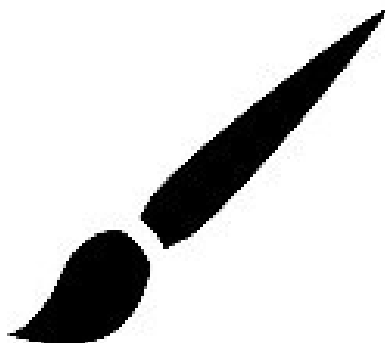
Vamos passar o dia em minha casa com eles. Pedi a ela que falasse com Luca para que eu os trouxesse para minha casa, ela me ligou ontem, avisando que eu poderia pegá-los hoje. Não esperei um minuto a mais depois que o sol raiou, entrei em meu carro e fui até ela para que viesse comigo buscá-los.

Bato meus dedos contra minha perna e levanto a cabeça para ver a rua passar, mas me arrependo em seguida. O carro dele segue a gente quase que colado. Sua janela está aberta e seus olhos estão em mim. Eu respiro fundo, me atrapalhando quando procuro o botão para fechar o vidro rapidamente.

— Era... — Gabby começa, mas sua voz se perde quando Felipe grita:

— O Luca! Ele vai com a gente, Lili? — Encaro seu rosto cheio de expectativa e balanço a cabeça. Não. Não posso estar perto dele novamente.

— Hoje não, Felipe. — Eu me inclino e beijo sua testa. Olho para Gabby e ela imediatamente pega uma rua contrária à que ele pensou que seguiríamos. Eu o deixo para trás.



Quando chegamos em casa eu levo os meninos até meu pai. Eles parecem encantados pela casa enorme e eu vejo nos olhos de Felipe o quanto gostou daqui. Tina olha, mas sei que algo ainda está a incomodando. Meu pai sorri ao vê-los e cumprimenta os dois como se eles fossem adultos. Avisei a ele que Luca tem dois irmãos pequenos e que eu os traria para passar o dia comigo. Papai não pareceu surpreso ao me ouvir. Ele só disse que eu poderia os trazer sempre que eu quisesse.

Ele pergunta vez ou outra por Luca, mas sempre me esquivo de suas perguntas. Não quero falar para meu pai o que Luca fez. Eu tenho vergonha disso. Vergonha do que ele me fez.

Procuro as sacolas que comprei nessa semana no dia em que fui ao shopping com Gabby e retiro o biquíni branco que comprei para Tina e uma sunga azul-marinho para Felipe. Os dois sorriem quando olham para o presente. Eu me sinto grata por eles não recusarem. Arrumo o Felipe, espero Tina terminar de se vestir e, juntos, descemos até lá. Gabby já está nas espreguiçadeiras quando chegamos. Seu biquíni é preto e seus cabelos, agora azuis, estão presos no alto da cabeça.

Ajudo os irmãos de Luca a entrarem na piscina e mostro a Felipe que ele

não pode sair da parte mais rasa. Ele sorri acenando e começa a brincar.

Deixo os dois brincando com uma bola e vou para a borda da piscina. Eu me sento, deixando minhas pernas dentro da água, e encaro a água turbulenta quando as mexo. Gabby sorri para mim, e eu retribuo, mas minha atenção volta para os meninos.

— Talvez, na hora que ele nos seguiu... ele quisesse apenas conversar...
— Corto sua fala incerta.

— Não fale nele, Gabby. Eu não quero conversar com ele. Você sabe disso. — Meus ombros se tornam tensos só de imaginar. Não estou pronta para encarar o que perdi, mesmo que eu saiba que não o perdi de fato. Não se perde o que nunca se possuiu, certo?

— Em algum momento vocês terão que conversar. Ele é irmão deles. — Escuto seus passos e logo ela está sentando ao meu lado. — Você vai se afastar das crianças, Alícia? — Sua pergunta faz meu coração doer. Eu não vou. Acho que eu nem poderia me afastar agora.

— Óbvio que não. Eles... — Engulo em seco e me viro, encarando os meninos jogando bola um no outro. — Eles são parte de mim agora. Sei que pode parecer uma idiotice. Pode parecer que estou sendo melodramática, mas eu só sinto isso em meu peito. É real, Gabby. Eu amo eles. — Seus braços passam por meu ombro, e ela beija meus cabelos.

— Eu sei. Não acho que seja dramática. Eu acho que se afeiçoou a eles rápido, do mesmo jeito que se apaixonou por Luca. — Seu sussurro me faz suspirar.

É essa a definição mais sem lógica que já escutei, e ela é tão verdadeira. Eu me apaixonei por Luca e, ao mesmo tempo, reservei um lugar só para seus irmãos em meu coração.

— Lili, depois podemos ver seus quadros? Gabby falou que você tem um desenho meu e da Tina. — Eu me viro para olhar Felipe e ele está com as duas mãozinhas juntas, como se estivesse rezando para que eu diga sim.

— Claro. Vocês ficaram lindos lá. — Pisco para ele e ele pula, jogando água em Tina.

— Felipe! — ela grita e eu caio na gargalhada, ouvindo Gabby me acompanhar no riso.



Capítulo 21

Luca

Atravesso a rua e vislumbro alguém saindo da casa da mãe de Beatrice. Não consigo ver de longe quem seja, mas quando um carro caro para, eu sei que ali era Lorena. Vejo-a ir embora e caminho até a casa. A rua está deserta e poucos carros passam aqui.

Não sei o que Bea quer, ela só ligou e disse que precisava falar comigo. Meu celular treme em meu bolso e eu suspiro, imaginando que deve ser Kieran, pois vamos mais tarde pegar alguma coisa para Rick. Porém, me surpreendo ao ver que não é ele. O número é desconhecido, confuso, deslizo o dedo pela tela e abro o SMS para ver o que mandaram.

Minha mão se fecha em torno do aparelho e eu sinto um caroço grande se formar em minha garganta. Meu Deus! Eu engulo em seco, tentando assimilar essa merda, e, inferno, não pode ser! Releio as palavras e sinto meu estômago revirar violentamente.

Ela é linda... Já pensei enquanto estou sentado à frente dela em diversas maneiras de fazê-la sofrer...

Opção 01: Vou foder a pequena loira e depois entregá-la aos meus homens...

Opção 02: Vou machucar a menina até ela parecer irreconhecível...

Opção 03: Vou fazer desenhos na pele alva e macia com minha faca.

Luca Ribeiro, eu estou de olho em sua namorada. Cuidado.

P.S: Se lembra de mim?

Merda! São aqueles caras. Onde Alícia está? Ela foi para casa, eu sei que sim. Caralho. Passo a mão pelo rosto e suspiro. Ela *está bem, eles só querem te assustar*, repito em meus pensamentos e fecho meus olhos, pedindo a Deus e a Nossa Senhora que isso seja verdade.

Volto a caminhar em direção à casa da mãe da Bea e suspiro quando ela abre a porta. Reviro os olhos, vendo que ela já tem uma cerveja nas mãos.

— Você demorou. — Ela torce os lábios em um bico e eu entro na casa sem lhe responder. — Você estava trabalhando? — Eu me viro, vendo-a me seguir até o sofá.

— Estava com Alícia — respondo sorrindo enquanto tento relaxar e esquecer aquela mensagem. Vejo seu rosto se contorcer e um suspiro sair por seus lábios. FRANZO as sobrancelhas, sem entender, mas antes que eu pergunte algo, ela fala:

— É sobre ela que quero falar com você. — Seus ombros caem e ela se senta ao meu lado. Não entendo sua expressão preocupada.

— O que tem Alícia? — Eu me inclino, colocando meus cotovelos em meus joelhos. Bea abre e fecha a boca algumas vezes e, por fim, suspira.

Algo está errado. Será que ela sabe de alguma coisa sobre o cara que me mandou mensagem? Espero que não.

— Alícia é rica, Luca. Kieran já comentou comigo que alguns caras estavam de olho nela. Tipo, eles acham que podem conseguir dinheiro... com ela. — Ela dá de ombros e eu aperto meus olhos em sua direção.

— Que merda você está falando? Ninguém sabe que estamos namorando.
— Balanço a cabeça sem entender que porra é essa. Foda-se, alguém sabe disso?

— O quê? Estão... namorando? — Sua testa franzida me tira do sério.

— Sim, e eu quero saber do que você está falando. — Eu me levanto, sentindo meus nervos esquentarem. — Quem falou isso para você? Kieran? Eu vou ligar...

— Ele só me disse que Rick já viu você com ela... Não acredito que estão namorando. — Ela se levanta, vindo para minha frente, e eu encaro seu rosto com maquiagem barata.

— É claro que estamos. Você já olhou para ela? Eu seria louco se eu não a tivesse pegado para mim — resmungo exaltado. — Esquece, agora me fala quem te falou isso...

— Foi Kieran, já expliquei. Alícia não é uma mulher para você, Luca. O pai dela vai intervir. Você já sabe que ela voltou a morar com ele? Quanto tempo vai demorar para Alícia encontrar alguém no mesmo nível social que ela? — Bea fala sem interrupção e eu quero mandá-la calar a boca. Alícia é minha. Eu sei que ela não se importa com meu dinheiro ou com a falta dele.

— Ela não é assim... Você sabe disso, Bea, ela é sua amiga, droga...

— Estou falando isso para o bem dela, Luca. Ela só está deslumbrada com o bad boy perigoso. Ela não gosta de você. — As palavras de Bea parecem ferro perfurando minha pele. Que diabos?

— Ela gosta...

— Não, ela não gosta. — Começo a andar e saio de perto dela. Sigo para a janela e me inclino no parapeito. — Eu estou falando para o bem dela, Luca... — Sua voz se torna um sussurro e eu fecho meus olhos.

Alícia gosta de mim, eu sei. Hoje, na oficina, foi real. Ela até falou para o pai que estávamos namorando. Pelo amor de Deus!

A ameaça explícita da mensagem vem em meus pensamentos e eu soco o cimento. Ela está em perigo, e a culpa é minha. Só minha.

— O que é isso? Estão ameaçando ela? Luca! — Eu me viro e vejo que Bea está com meu celular nas mãos. Minha boca se abre e eu tento engolir ou falar qualquer coisa, mas não consigo. — Você precisa se afastar dela. O que quer? Que ela morra? — Eu me encolho com suas palavras e Bea parece receber mais gás para empurrar. — Se você continuar com ela, eles vão descontar qualquer coisa que tenha feito nela. Você não vê isso? — Mordo meu lábio forte e sinto o gosto metálico do sangue bater em minha língua.

Bea está certa. Isso é uma merda, mas ela está. Eu tentei não pensar nisso, mas é a verdade.

— Eu não posso me afastar dela — murmuro, sentindo vergonha de mim mesmo. A segurança dela está em risco e eu continuo pensando em mim. No que eu preciso, e eu preciso de Alícia. O que estou fazendo, porra?

— Você precisa se afastar, Luca. Agora — Bea afirma e, pela primeira vez, eu sei que ela está certa.

Uma semana depois...

Aperto o celular encarando a casa à minha frente e soco meu painel algumas vezes. Foda-se! Fecho meus olhos, memorizando a tarde que passamos. Seus beijos e suas palavras, mas nada disso me faz esquecer a expressão que ela fez quando me viu na casa de Bea. Nada vai apagar a cara de nojo com que ela me olhou. De decepção.

Nunca chorei por mulher nenhuma além da minha mãe, mas quando a vi tão magoada, naquela noite; eu chorei. Não entendi por que estava doendo tanto, mas, merda, eu sabia que era porque eu a tinha perdido.

Pego meu celular mais uma vez e sinto meus dedos tremerem quando releio a mensagem fodida do filho do homem que Rick matou.

Aperto o revólver entre meus dedos e me inclino, deixando a porra no porta-luvas. *Eu vou matar ele*, eu repito em meus pensamentos desde o dia em que deixei Alícia pensar que a traía. Foi ideia de Bea armar aquele circo. Para o bem da Alícia. Eu não sei o que me deu, mas quando imaginei novamente alguém a machucando... Droga, meu coração virou pó.

Kieran acena ao meu lado e eu aperto meus pulsos, imaginando-o beijar Alícia novamente. Foda-se, só de pensar nisso a vontade de espancá-lo me consome. Como ele a beijou, porra? Ela é minha.

Minha Barbie, minha Patrícia, minha. Sem explicação ou causa. Ela é minha.

— Foi melhor. Você sabe disso. Rick disse que está planejando pegar os filhos de Orlando. Deixe a poeira baixar, ou os caixões, melhor dizendo. Você tenta fazer ela voltar — ele sussurra olhando para a casa branca e bonita à nossa frente.

— Eu estou fazendo isso...

— Em frente à casa dela? — Ele tem o tom risonho na voz e eu engulo meu resmungo. Merda.

— Estou esperando meus irmãos. Se quiser, pode ir embora. — Dou de ombros e ele faz careta.

— Você sabe que não vou. A porra do meu carro está com meu pai. O pneu furou ontem à noite — ele informa com os olhos fixos em um carro 4x4 grande e na cor prata. O carro da amiga de Alícia. — E não vem com essa de estar esperando seus irmãos. Eles só vão para casa mais tarde, ainda não deu nem a hora do almoço. — Ele me encara franzindo a testa e eu lhe dou o dedo do meio.

— Foda-se!

Permanecemos em silêncio e eu esfrego meu rosto rigidamente enquanto o tempo passa a segundos lentos. Eu me endireito quando escuto um carro se aproximar. Olho pelo retrovisor e vejo um carro vermelho como o de Theo se aproximar. Cara, se for ele eu vou matá-lo. O que diabos ele quer aqui?

— O namorado. Isso só melhora — escuto o resmungo de Kieran e me viro para o encarar. — Da Gabby, idiota — ele explica ao ver minha cara confusa e irritada.

— Entendi. — O mauricinho de cabelos espetados sai do carro seguido por Caio, o mesmo que quase colocou Alícia em um acidente. Lembro-me

daquela noite e desejo dar alguns socos nele novamente.

Os dois seguem para a casa e eles entram depois que alguém abre a porta, talvez a empregada. Respiro fundo, tentando pensar com calma, mas não consigo por muito tempo. Pensar que talvez ela esteja ficando com ele me põe louco. Ela não é assim. Eu sei que não, mas e se estiver só para me fazer raiva?

Saio do carro e bato a porta, deixando Kieran dentro. Começo a caminhar até lá e o escuto amaldiçoar enquanto me acompanha.

— Você vai fazer merda — ele murmura, mas finjo não o ouvir e foco minha atenção em entrar na casa. Quando batemos na porta, uma senhora vem abri-la e eu dou meu melhor sorriso, dizendo que vim ver Alícia.

Ela sorri acenando e me deixa entrar junto com Kieran. A senhora olha para nós dois algumas vezes e depois suspira.

— Os outros estão na piscina, mas Dona Alícia está no ateliê com as crianças e Gabby. Gabby já vai descer, se quiserem esperar com os outros rapazes na piscina. — Ela indica a direção da piscina e eu balanço a cabeça.

— Eu vou subir, Kieran...

— O que estão fazendo aqui? — Gabby desce as escadas apenas de biquíni e eu olho para trás dela, em busca de Alícia ou meus irmãos. Nada.

— Kieran — resmungo e ele vai até ela, puxando-a pelo braço gentilmente e sai depois de acenar para a senhora. — Obrigada. Alícia está me esperando. — Eu me viro e sorrio novamente para a empregada.

— O quarto fica na terceira porta à direita. O ateliê é na porta ao lado, mas também tem passagem dentro do quarto — ela informa e acena, saindo em direção ao que imagino ser a cozinha.

Subo as escadas rapidamente e paro quando alcanço seu quarto. Ele é simples, óbvio que seus lençóis são de tecido caro, mas nada aqui é exagerado. Como talvez seja um quarto de uma patricinha rica, mas não o dela. Adentro mais e vejo uma porta. Pego a maçaneta e devagar viro, abrindo.

Quando a encontro, escuto primeiro sua voz ao falar com meus irmãos.

— Ele está aqui. — Ela pega um quadro e eu me movo mais para poder vê-la.

— Uau! Lili, é muito bonito — Tina exclama de olhos arregalados e eu sorrio, me lembrando do quadro que Alícia pintou dos dois.

— Como você faz? Pode ensinar? — Felipe parece alegre quando fala e eu o vejo de pé de frente para mim. Alícia está de costas e não consegue me ver, o que agradeço.

— Claro que ensino, Felipe. Vem cá! — Ela o pega nos braços e o senta num banco um pouco alto. Alícia pega um pincel, o mergulha em um pote com água e depois o seca num pano limpo enquanto sorri para meu irmão.

Procuro por Tina e a vejo franzido o cenho enquanto olha diretamente para mim. Merda. Levo meu dedo indicador aos lábios e peço em silêncio para que ela fique calada. Ela balança a cabeça, me repreendendo, e eu baixo meus ombros. Sinto a vergonha me consumir, mas eu só quero ver Alícia. Eu preciso vê-la como sempre; sorrindo e feliz. Não quero que ela me olhe como olhou, mais cedo, ao me ver no carro ao lado do seu.

Doeu ver aquele olhar vazio dela e depois a janela deslizando. Doeu mais que qualquer surra que já levei. E eu já levei muitas.

— Deslize o pincel e faça algo que desejar. Se quiser pode até fechar os olhos. — Sua voz volta para mim e eu desvio o olhar de Tina para encarar Alícia.

Ela agora está de lado, ajudando Felipe a usar o pincel. Meu irmão sorri e eu sinto meu coração bater mais forte vendo quão feliz eles ficam juntos. Depois de alguns minutos, Felipe parece terminar a pintura e se alegra, pulando nos braços de Alícia. Ela se vira devagar e, de repente, eu não sou mais invisível. Ela está com os olhos azuis arregalados enquanto me encara.

— Calma. — Mexo os meus lábios, não querendo que Felipe escute.

A semana que passou eu tive que responder às suas perguntas, mas em nenhum momento falei que Alícia e eu não estávamos mais juntos. Tina percebeu, é claro, mas também não comentou nada.

— Luca! — Descruzo meus braços e sorrio para Felipe, que corre para mim. Ele está apenas de sunga e com um roupão de criança em seu corpo.

— Ei, campeão — sussurro e beijo seu cabelo. — Gostou da piscina da Lili? — pergunto e escuto quando Alícia solta uma respiração pesada.

— Muito. Vamos lá? Você precisa me ensinar a nadar — ele me lembra e eu sorrio apertado. Procuro Tina e a vejo se erguer da cadeira, vindo em minha direção.

Ela também usa um biquíni que eu não dei, então sei que foi Alícia que comprou para eles.

— Vai com a Tina agora. Já, já eu vou lá te ensinar. — Pisco e bagunço seu cabelo depois de colocá-lo no chão.

— Não. Não precisa. Vamos, Felipe. Eu vou ensinar você — Alícia se apressa em dizer, mas Tina pega nosso irmão e sai do quarto sem lhe dar chance. — Saia. Eu juro por Deus que você vai se arrepender de ter entrado aqui — ela fala ríspida enquanto eu me movo, fechando a porta e colocando a chave no meu bolso.

— Não vou — resmungo e me encaminho para perto dela. Seus cabelos loiros estão molhados e ela está com um biquíni preto e um pano fino que tinha como finalidade cobrir seu corpo, mas não está fazendo isso bem. Molho meus lábios, vendo seu estado quase nu. Merda.

Ela vai descer assim? Aqueles dois idiotas estão lá embaixo, fora o Kieran.

— Como você está? Faz uma semana que não te vejo. — Solto o lábio preso e me aproximo mais. Seu olhar azul pisca e parece que no lugar da minha Barbie, uma outra pessoa entra.

— Ótima. Melhor impossível. — Ela sorri fria e eu engulo meu sorriso. Sei que ela está mentindo. Sei que anda tão miserável quanto eu.

— Eu não.

— Isso não me importa. Então, se puder se retirar, eu vou agradecer. Não

tenho nada para falar com você... — Eu a interrompo franzindo o cenho.

— Eu vim ver como meus irmãos estavam...

— Eles não estão aqui no meu ateliê, querido. — Ela dá de ombros debochando de mim e eu aperto meus dentes. Eu a transformei nisso. Debochada e rancorosa. Fria.

— Você sabe que foi melhor, Alícia. Nós dois...

— Não existe mais. Acabou. — Ela cruza seus braços e eu pisco, não acreditando nem por um segundo no que ela fala.

— Você me ama — afirmo enquanto ando pelo seu ateliê. Encaro os quadros que ela pinta e sinto orgulho encher meu peito. Ela é uma pintora maravilhosa.

— Oi? — Ela ri nervosa e eu volto a olhar para os quadros, ainda caminhando.

— Você ouviu. Eu vejo o quanto doeu me ver com Beatrice. Eu vejo que você quebrou...

— Eu... eu... — Ela balança a cabeça e sela seus lábios vermelhos juntos. Ficando calada.

— Você, Barbie, me ama. É foda! Você não queria, mas ama. — Eu me viro para encarar seu rosto e me surpreendo ao vê-la sorrindo agora.

— Ah, Luca. Você foi um... como foi que Bea falou para mim? Um desafio. Em algum momento eu teria que tentar conquistar e até me apaixonar. Claro, foi fácil quando vi um bad boy.... Não te amo, Luca. Foi paixão. Acabou. — Ela inclina a cabeça ainda sorrindo e descruza os braços, parecendo relaxada ao me falar essas coisas.

— Mentira! — Meus dentes apertam enquanto tento gritar. Esfrego meu rosto mais forte e paro totalmente quando meus olhos batem num quadro no canto da parede.

Sou eu.

Ando até o quadro e o pego. Meu rosto está pintado com vários tons claros. Parecendo uma aquarela. É de tirar o fôlego. Quando Alícia vê o que acabei de pegar, ela corre e tenta tirá-lo de mim.

— O que é isso? — Eu me inclino, a colocando contra a sua mesa com tintas. — Você pinta alguém que não ama, Alícia? Quem é nesse quadro? — pergunto, encarando seu rosto retorcido de raiva. Deus, como é bom ver isso.

— Cala a boca! Vou destruí-lo assim que você sumir! — ela grita em minha cara e me empurra para longe.

Deixo o quadro sobre um dos cavaletes que ela usa e pego suas mãos. Prendo-as contra suas costas enquanto eu a seguro. Alícia parece com tanto ódio, eu nunca a vi assim.

— Diga, Alícia. Fale. — Engulo em seco e me surpreendo ao entender o que diabos eu estou fazendo.

Eu a amo. Quero tanto que ela me ame de volta que estou a forçando a falar. Meu Deus, quando fiquei tão descontrolado?

Eu fiz com que ela se negasse a me amar. No momento em que aceitei mentir para ela. No momento em que deixei que ela acreditasse que eu transei com Beatrice.

Volto minha atenção para seu rosto e me surpreendo ao ver lágrimas brilhantes em seus olhos azuis.

— Eu te amo. — Seu queixo treme quando ela pronuncia as palavras. — Mas nunca vamos ficar juntos. Sabe por quê? Porque você não me merece. Você não merece meu amor, Luca, e nós dois sabemos que nunca vai merecer. — Eu a solto rapidamente, parando de respirar por alguns segundos. Seu olhar determinado se prende no meu e eu fecho meus olhos, não querendo ver mais isso.

— Alícia...

— Vá embora. Eu não quero nada com você! Quando me vir por aí, por favor, troque de caminho. — Suas palavras machucam e ferem. Aperto meus punhos e fecho meus olhos novamente, escutando cada palavra que ela

pronuncia com ódio.

Eu me movo saindo do cômodo e abro a porta, batendo-a nas minhas costas. Respiro fundo e limpo a única lágrima, que desce pelo meu rosto com força, com o dorso da minha mão.

— Eu te amo — sussurro contra a porta e me afasto.



Capítulo 22

Alícia

— Eu te amo.

Aperto a palma da minha mão contra meu peito e deixo as lágrimas caírem. Eu não preciso dele. Não preciso do seu amor. Repito em meus pensamentos enquanto sinto minha garganta fechar com o choro forte.

O que você fez conosco, Luca? O que você fez?

Eu me afasto da porta e ando até um dos meus cavaletes. Sua pintura está ali me olhando como se debochasse do meu sofrimento. Nesse momento eu deveria sentir vontade de quebrar esse quadro. Eu deveria rasgar sua pintura em pedaços, mas eu não posso.

Eu o amo. Como dói admitir isso. Admitir que eu amo aquele idiota. Amo de um modo quase insano. De um modo que eu não deveria amar. Não ele, não a pessoa que me enganou. Encaro seus olhos e pego a pintura, a trazendo para meu colo. Deslizo meu dedo pálido por seu rosto coberto de tinta e mordo meu lábio.

— Você me quebrou — confesso, encarando seus olhos que, ao natural, são castanhos com pontos amarelados nas pontas, mas que aqui estão cobertos por tinta formando aquarela.

Eu devolvo o quadro para o cavalete e me levanto rapidamente, lembrando que os meninos ainda estão aqui. Ando até minha porta e sinto o medo me consumir ao imaginar que ele pode estar aí do outro lado. Engulo em seco e pego na maçaneta, abrindo a porta. Solto um suspiro de alívio quando não vejo Luca por aqui.

Ando a passos apressados indo em direção à escada, mas paro ao ver que ele ainda está aqui. Eu me viro completamente para a janela que dá vista a piscina e sinto minhas mãos suarem quando o vejo de pé com as mãos nos bolsos, olhando para os seus irmãos na piscina enquanto brincam.

Procuro Gabby e a encontro bem atrás, com André ao seu lado e Caio afastado, de braços cruzados. Eles ainda não foram embora? Amanda veio avisar que tinha um André chamando e Gabby correu com sangue nos olhos para matar o infeliz pelo atrevimento.

Suspiro vendo-a gritar, e ele, de braços cruzados. Bem feito! Para parar de ser burro e idiota como Luca!

Meus olhos seguem para mais na frente e sinto minhas bochechas corarem quando vejo Kieran olhando diretamente para mim. Como...? Desvio meus olhos dele e desço as escadas, apertando minha saída de banho contra meu corpo.

— Dona Alícia. A mesa está pronta. Seus amigos vão almoçar conosco?
— Eu me viro e tento sorrir para Amanda.

— Por favor, não me chame de dona. Somente Alícia, está bem? — Espero sua confirmação e ela sorri, acenando. — Ótimo! Não sei se eles irão ficar, mas coloque pratos a mais na mesa, por favor — sussurro encarando seus olhos amendoados e risonhos.

— Pode deixar. Com licença. — Ela se vira, indo para a cozinha às pressas.

Amanda veio trabalhar conosco há duas semanas. Ela já é uma senhora,

mas tem uma alma jovem que conseguimos ver só de olhar em seus olhos.

Devagar chego à piscina e sorrio para Felipe e Tina. Sinto os olhos de Luca me seguirem, mas continuo olhando para seus irmãos. Eu me sento na borda da piscina do lado mais raso e Felipe corre, vindo até mim. Bagunço seu cabelo molhado e me inclino, beijando sua bochecha.

— Vamos almoçar? Amanda já preparou e pôs a mesa. — Ele acena empolgado e eu o ajudo a sair da piscina.

— O que esse cara está fazendo aqui? Gabrielle... — Paro de andar ouvindo André falar e me viro a tempo de vê-lo encarando Kieran.

— Oh, André, cale a boca! — Minha amiga respira fundo apertando as mãos juntas. Aposto que quer bater nele e isso vai acontecer logo, se conheço bem Gabrielle.

— Vim vê-la. — A voz de Kieran é calma e até um pouco gentil, o que contrasta e muito com ele. — Algodão Doce sabe me enfeitiçar...

— Que porra de nome é esse? — André franze as sobrancelhas e se vira para Gabby. — Gabrielle é minha, Kieran! — ele grita, apertando as mãos em punhos e de olhos arregalados. Ele está parecendo um homem das cavernas e eu faço careta para seu jeito estúpido.

— Por que eu ainda não comecei a tentar — Kieran fala ainda totalmente calmo e eu me viro para encarar seu rosto. Seus lábios estão selados. Ele não parece ser a pessoa que falou essa frase, me deixando totalmente surpresa. O que ele quis dizer com isso?

— Você está...

— Cale-se e vá embora! — Gabby empurra o peito de André, fazendo com que ele cambaleie para trás batendo em Caio, que o segura pelo cotovelo e leva seu amigo para fora, ouvindo seus protestos.

— Lili! — Pisco lembrando-me de Felipe, sorrio, me desculpando, e volto a caminhar.

— Luca vai almoçar conosco, Lili? — Eu me viro para Tina e engulo,

vendo Luca atrás dela olhando diretamente para mim.

— Claro, querida. — Aceno colocando meu cabelo atrás da orelha, evitando olhar para Luca novamente.

Amanda se retira depois que todos estamos à mesa e eu aperto a mão de Gabby quando a vejo encarar a mesa por mais tempo do que é normal. Ela sorri para mim e seus olhos vão para Kieran. Ele está sentado à sua frente e ao seu lado está Luca. Ele a encara de volta, e Gabby desvia o olhar. Não sei o que está acontecendo, mas ela vai ter que me contar.

Esprei que Luca escolhesse o lugar para sentar para que eu pudesse escolher um canto mais afastado. Então estou na outra extremidade entre Felipe e Gabby. Tina sentou ao lado do seu irmão mais velho.

— Hum. Eu... — Viro minha cabeça olhando para a irmã de Luca enquanto ela torce as mãos em cima da mesa. Seu prato está intacto.

— Você? — questiono, instigando-a.

— Eu quero conversar com você e Luca depois. Podemos? — Inclino meu rosto e pisco indecisa. Meu coração acelera e eu sinto meu estômago dar um nó. Não quero ter que estar a sós com Luca. Sei que se ele mandar Tina sair de onde estivermos, ela fará em um segundo.

— Pode conversar comigo agora e mais tarde com seu irmão — indico sorrindo e ela balança a cabeça, arregalando os olhos.

— Por favor, Lili — ela pede parecendo assustada, e eu aceno, respirando fundo.

— Depois do almoço — respondo mexendo no meu prato. Ela sorri e agradece, começando a comer em seguida.

Tina está estranha hoje e eu não sei o que está acontecendo. Penso que é porque o relacionamento entre mim e seu irmão acabou, mas não sei dizer com certeza. Também pode ser algo na escola. Será que alguém a está assustando lá?

Fico inquieta com o pensamento. Droga.

Kieran saiu para a piscina depois que terminamos o almoço. Gabby relutou em o seguir, olhando-o pela janela, mas logo começou a caminhar para onde ele estava.

Engulo em seco enquanto subo as escadas com Felipe nos braços. Ele está com sono e logo vai adormecer. Dou um banho rápido nele e o coloco em minha cama. Não demora nada e ele já adormece, aconchegado em meus lençóis.

— Obrigado — Luca sussurra na porta e eu finjo não o ouvir. Não vou ficar conversando com ele como se ele não tivesse me traído com Beatrice.

Eu me levanto e sigo para a porta, ainda sem olhar para ele. Fecho minha porta quando ele se afasta e desço as escadas rapidamente. Seus passos estão atrás de mim e eu respiro fundo tentando descer mais rápido. Suspiro aliviada quando enxergo Tina sentada no sofá da sala. Aceno indicando a sala de jogos e ela me segue com seu irmão logo atrás de nós duas.

— Você está com algum problema? — questiono sentando na poltrona. Tina encara a TV de tela plana e morde o lábio, virando para o lado oposto, mirando sua atenção na mesa de sinuca que papai comprou há alguns anos.

— O que houve com vocês? — Sua pergunta sai baixa, mas eu a escuto. Prendo meu cabelo, querendo ignorar sua pergunta, mas por fim eu a respondo.

— Eu já expliquei. Agora, por favor, fale o que queria conversar comigo e com seu irmão. — Minha voz sai firme e ela acena, sentando no sofá afastada de mim. Não sei aonde seu irmão foi parar, mas não o procuro.

— Eu quero ir para o cinema. Um... uma pessoa me chamou para ir...

— O quê!? — Não me viro, mas escuto a voz de Luca retumbar completamente chocada.

— Luca...

— Pelo amor de Deus... Não, Tina! — Escuto seus passos e logo ele está caminhando para sua irmã.

— Lili. — Tina inclina a cabeça, me pedindo ajuda, e eu respiro fundo,

me levantando.

— Vamos lá, Alícia! Ela só tem 12 anos. — Luca se vira para mim e eu franzo minhas sobrancelhas, vendo o desespero em seus olhos.

— Quase 13 — Tina murmura cruzando os braços.

— Esperem. Tina, vamos por partes, com quem você vai ao cinema? — pergunto caminhando até ela.

— Com o Henrique. Ele estuda na minha escola. — Ela sorri ao falar e eu me rendo ao ver que ela está gostando do garoto.

— Quantos anos o Henrique tem? — Luca pergunta ainda caminhando pela sala.

— Ele tem 15...

— Ainda não, Tina. Desculpe, mas não vai a nenhum lugar com esse garoto. — Ele cruza os braços em frente ao peito e encara a janela que dá para o jardim. Nem mesmo olha para ela. Tina parece que vai chorar a qualquer momento e eu selo meus lábios, não querendo me meter.

Porém, ela queria que eu estivesse presente para alguma coisa, não era? Eu me viro para Luca e o vejo ainda sem encarar nenhuma de nós.

— Tina, me espere na sala. Preciso falar com seu irmão — peço calmamente e escuto Tina sair enquanto vejo Luca negar com a cabeça, andando até se jogar no sofá.

— Ele tem 15 anos, Alícia. Você sabe no que esse menino pensa antes de dormir e depois de acordar? Isso mesmo. Sexo — ele começa a falar enquanto continua negando com a cabeça. — Com minha irmã, não! Ela é uma criança. — Luca se cala e permanece quieto enquanto o observo.

Ele está tenso e muito preocupado, o que eu entendo. Eu acho que ele nunca pensou que esse dia chegaria. Coitado dele.

— Ela é quase uma adolescente. Se você proibir vai ser pior. Ela vai passar a fazer as coisas escondido de você. Todos são assim — argumento

enquanto encaro minhas unhas.

Isso é tão estranho. Parece que nós dois somos os pais de Tina e estamos discutindo um possível romance entre ela e alguém. Eu quero rir dessa ocasião. Porque eu não deveria estar aqui. Eu não deveria falar com Luca ou até mesmo estar no mesmo lugar que ele.

Não é isso que as pessoas normais fazem depois que ocorre traição no meio do relacionamento? Então o que eu ainda estou fazendo?

— Você... não entende. E se alguém for mau com ela? — Seus olhos ainda estão preocupados, e eu suspiro.

— Ela vai crescer. É isso que fazemos. Crescemos com as rasteiras que a vida nos dá — murmuro me levantando e ando a passos calmos até a janela. O jardim daqui de cima parece ainda mais verde. Daqui consigo ver a entrada da casa e sorrio, vendo o carro do papai entrar.

— Eu dei uma rasteira em você? — Faço careta com a sua pergunta sem noção.

— Não. Você me atropelou — respondo baixo e saio da sala rapidamente.

Encontro Tina na sala e pisco um dos olhos, dizendo que está tudo okay. Luca desce atrás e logo vai até ela, dizendo que ele vai deixá-la e buscá-la nesse cinema.

— O-olá! — Papai entra na sala e seu rosto, antes risonho, se torna totalmente confuso quando vê Luca.

— Senhor. — Luca o cumprimenta e eu sorrio, andando até ele.

— Que bom que veio cedo. Você já almoçou? — questiono, imaginando que a reunião não deve ter se estendido até a hora do almoço.

— Já, querida. — Ele sorri agradecido e se vira para Luca. — Sr. Ribeiro. Como vai? — Eles dão um aperto sem jeito depois que Luca responde que está bem.

— Hum. Eu vou tomar banho, então... — Dou de ombros, estranhando esse clima pesado, e subo as escadas, deixando-os para trás.

À noite, depois de todos terem ido embora, eu me enrolo sob minhas cobertas. Escuto meu celular vibrar na cabeceira da cama e suspiro quando me estico e vejo o nome de Gabby na tela.

— Olá — respondo, puxando mais minhas cobertas por causa do frio.

— Você quer ir comigo à corrida? Hoje quero apostar. Estou precisando de grana. — Minha amiga fala, parecendo nervosa, e eu me sento, começando a me preocupar.

— Como assim? Você tem dinheiro de sobra, Gabrielle — eu a lembro e ela ri nervosa do outro lado. Oh, meu Deus. — Você quer ir vê-lo, não é? — instigo sorrindo ao imaginar quão raivosa ela vai ficar com minha insinuação.

— O quê!? Claro que não! Alícia! — Eu sorrio contra meu travesseiro e deixo minha gargalhada sair.

— Claro que é. Boba. — Eu mordo meu lábio, esperando sua confirmação.

— Merda, sim. Eu sou tão estúpida — ela geme do outro lado da linha e eu sorrio, suspirando.

— Hoje não, amiga. Talvez na próxima semana. Hoje eu só quero dormir. — Eu me jogo de volta na cama e a espero responder.

— Claro. Eu também quero...

— Próxima semana, sem falta — eu juro antes de desligar.

Não sei como vou fazer isso, já que Luca deve estar lá, mas, por Deus, eu vou ajudar minha amiga. Sempre.

Eu me aconchego entre minhas cobertas e respiro fundo, procurando sentir o cheiro dele entre meus lençóis. Uma burrice sem tamanho, admito. O que ainda preciso que ele faça para que meu coração o esqueça? O quê?

Um estalo na minha janela me faz sentar rapidamente. As cortinas estão separadas e meus olhos se arregalam quando vejo uma figura escura de frente para mim. Os ombros largos me fazem ter certeza de que é um homem, mas não consigo enxergar nada mais.

Porém, sinto um frio subir pela minha espinha, fazendo o meu coração correr acelerado. Oh, Jesus! Quem é?



Capítulo 23

Alícia

Eu me levanto sentindo minhas mãos tremerem e caminho devagar até a porta. O homem permanece parado na minha varanda e eu luto contra a vontade de correr.

— Como entrou aqui? — questiono, ainda tremendo, e sofro ao perceber que minha voz está completamente trêmula.

— Sou bom em entrar escondido. — Fecho meus olhos apertado e suspiro aliviada.

— Você não deveria estar aqui — sussurro apertando meu robe fechado. Levanto minha cabeça e seus olhos encaram os meus. Os pontos amarelados brilham com a luz da lua.

— Eu não deveria fazer muitas coisas, Barbie. — Luca começa a andar em minha direção e eu engulo em seco, tentando fazer com que minhas pernas se movam para longe dele.

— Mas estar aqui é a principal — consigo dizer enquanto meus olhos seguem suas mãos abrindo minha porta e entrando em meu quarto.

— Eu não consigo ficar longe de você — ele diz me encarando, e se eu não soubesse que ele me traiu com uma garota que se dizia ser minha amiga, eu pensaria que ele está triste.

— Não? Pois não parecia que não conseguia ficar longe de mim quando te encontrei com Bea na cama. — Mordo meu lábio cruzando os braços e ele fecha seus olhos.

— Eu tentei, sabe? Foda-se, ninguém pode dizer o contrário, mas não dá. Observar você e não poder te tocar me quebra. Meus dedos coçam para sentir sua pele, Patrícia. — Sua voz sussurrada faz com que seja minha vez de fechar os olhos. Por que ele ainda consegue chegar até mim? Como ele consegue penetrar toda minha mágoa e tristeza e me fazer o querer de volta?

— Do que está falando? — pergunto quando relembro suas primeiras palavras. Luca dá mais passos até mim e, quando tento me afastar, sinto minhas panturrilhas contra a cama.

— Só leia. — Ele chega até mim rapidamente, e eu espalmo minhas mãos em seu peito. Seu celular está em meu rosto e eu engulo em seco, me remexendo para tentar afastá-lo.

— Se afaste, Luca — peço tentando me calmar, mas ao contrário do que peço, ele se encosta mais em mim, fazendo com que meu corpo caia para trás, aterrissando na cama macia. O Atroz segue logo atrás, se jogando em cima de mim. Seu corpo duro cobre o meu e meus seios empurram o seu peito.

— Luca — chio incomodada, mas ele não parece me ouvir. Seus olhos estão em minha boca e eu sei que logo ele vai me beijar. — Eu vou ler, mas você precisa se afastar. Por favor — peço, virando meu rosto para o lado enquanto sinto meu coração correr acelerado.

Parece que eu vou enfartar a qualquer momento, mas isso é só a resposta que eu tenho para nosso contato físico e emocional depois de todos esses dias. Depois de sua traição.

— Não. Eu só quero que leia, só isso, baby. — Seu hálito quente atinge

minha pele e eu sinto os pelos do meu corpo se arrepiarem. Aceno suspirando e pego o celular da sua mão. Meus dedos ainda tremem, mas quando as palavras vão ganhando significado, eu tremo mais. Oh, meu Deus!

Ela é linda... Já pensei enquanto estou sentado à frente dela em diversas maneiras de fazê-la sofrer...

Opção 01: Vou foder a pequena loira e depois entregá-la aos meus homens...

Opção 02: Vou machucar a menina até ela parecer irreconhecível...

Opção 03: Vou fazer desenhos na pele alva e macia com minha faca.

Luca Ribeiro, eu estou de olho em sua namorada. Cuidado.

P.S: Se lembra de mim?

Meu estômago revira e eu pisco, não acreditando que alguém escreveu isso. Jesus! O que é isso? Aperto meus dedos no celular de Luca, tentando fazer as tremidas cessarem.

— Quem te mandou isso? Como? Eu não entendo... — Encaro seu rosto retorcido de raiva e tento reprimir a vontade de tocá-lo. Ele parece tão chateado, mas eu não posso. Ainda não. Não entendo nada que ele está querendo dizer com essa mensagem.

— Foi alguém perigoso. Não vou falar sobre essa merda. Você só precisa saber que eu nunca fiquei com ninguém depois de você, Barbie. Eu só tentei te proteger, mas eu vejo que isso foi bem pior. — Sua voz está amargurada e eu fecho meus olhos, sentindo o alívio me consumir.

— Você não me traiu, não é? Bea mentiu também? Ela ainda... ela é minha amiga, não é? — Eu tento sorrir com isso, mas ainda estou tão confusa e surpresa.

— Eu só quero que me ame de volta — Luca pede me encarando e eu engulo em seco. — Eu te amo, Lili. — Seus lábios cobrem os meus depois de um segundo.

Sua língua serpenteia por minha boca numa busca incessante por mim. Eu sei disso, pois estou fazendo o mesmo. Minhas mãos tateiam seu peito, ombros e rosto, tentando tê-lo. Em busca do meu Atroz. Sua língua envia uma onda de prazer por meu corpo e eu o beijo mais forte.

— Você não vai ser machucada, baby. Eu juro — ele murmura em meio aos nossos beijos e eu fecho meus olhos mais apertado.

Talvez isso seja um sonho, talvez eu esteja fantasiando tudo. *Por favor, não deixe ser*, clamo sentindo que, se eu acordar, eu morrerei.

— Você me ama, Alícia? Fale. — Eu abro meus olhos, aliviada por ele ainda estar aqui, e aceno, abraçando seu corpo mais ainda.

— Eu te amo. Não faça isso comigo novamente, Luca. Por favor, não faça. Nem mesmo pela minha segurança — peço sentindo seus lábios beijarem meu colo e pescoço. — Não faz ideia do que senti ao ver você com ela. Você não entende o quanto doeu. — Minha garganta se fecha com as lembranças e ele se afasta alguns centímetros para olhar meu rosto.

— Eu não sei o que senti, Alícia, mas eu sei o que eu senti quando você beijou Kieran. — Seus lábios selam juntos e uma linha fina transforma seu rosto em severo.

— Fui estúpida! Eu estava magoada... eu não pensei direito. Me desculpe — peço enquanto ele sai de cima de mim e se deita ao meu lado.

— Eu sei, eu sei. Não precisa se desculpar... — Sua voz some quando seu celular treme na sua mão. O nome de Kieran aparece e eu me encolho mais. — Isso não quer dizer que eu não queira matá-lo por beijar você de volta — ele resmunga chateado, jogando o celular no colchão.

Eu me ergo e me movo para cima do seu peito. Separo minhas coxas, me sentando em seu colo. Luca permanece com o braço no rosto enquanto eu me deito sobre ele. Coloco meu ouvido em cima do seu coração e engulo em seco, ouvindo seus batimentos cardíacos.

— Não vamos pensar nisso. Estamos bem agora, não é? — questiono baixinho enquanto sinto Luca se mover embaixo de mim.

— Sim. Estamos. Eu preciso fazer algumas coisas amanhã, então vou passar o dia fora. Hoje eu quero dormir com você. Não diga não, eu preciso estar aqui. — Eu ergo minha cabeça e aceno, me inclinando lentamente em direção aos seus lábios.

— Eu preciso que esteja aqui — sussurro contra seus lábios antes de ele me segurar pela cintura e encostar seus lábios suaves sobre os meus.

Não pensei que um dia eu diria a palavra suave e Luca na mesma frase, mas é verdade. Seus lábios são suaves, me deixam em êxtase e querendo mais.

Suas mãos desfazem o laço da fita do meu robe, seus dedos afastam o tecido macio por meus ombros e ele cai atrás de mim, em cima de sua cintura. Minha camisola preta é um pouco transparente e eu quero me cobrir quando os olhos de Luca se prendem em meus seios.

Puxo sua blusa pela cabeça e logo ele se senta, me deixando sentada em seu colo. Suas mãos sobem o pano escuro pela minha cabeça e eu fico só de calcinha em sua frente.

Reprimo a vontade de me cobrir. Eu gostaria de fazer isso, mas sei que Luca logo iria me reprimir. Ele me encara com um ar maravilhado e eu sinto seus dedos subirem pela minha pele logo acima da minha bunda.

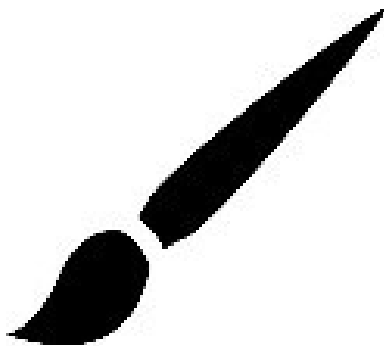
— Luca — sussurro, sentindo seus lábios marcarem minha pele alva.

— Diga que me ama, baby — ele pede baixinho e eu tremo, ouvindo sua voz completamente rouca.

— Eu te amo, Luca. Tanto... — Mordo meu lábio e sorrio quando seus olhos se prendem nos meus.

— Eu te amo, Alícia — suas palavras são cortadas pelo choque entre nossos lábios.

Em silêncio e lentamente nós nos amamos. Meu coração incha cada vez que ele me preenche e me devota com seus olhos com pontos amarelados. Amo tanto seu olhar sobre o meu corpo. Sobre tudo que faço. Sobre minha vida.

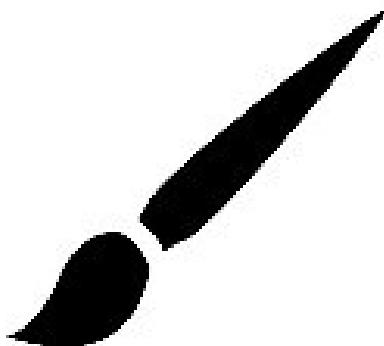


Encaro o céu pela minha janela e sorrio sentindo Luca se esgueirar ao meu lado. Tomei banho antes dele e me sentei perto da janela, num canto acolchoado que me dá conforto quando estou querendo ver a lua e estrelas.

— Vamos para a cama. Preciso dormir... — Ele para de falar quando um bocejo lhe interrompe. Eu aceno e o sigo até minha cama.

Deito com a cabeça sobre seu peito e relaxo contra meu Atroz. Meus olhos pesam, mas antes de adormecer, eu o encaro me observando com devoção. Eu posso duvidar de suas palavras, mas nunca do seu olhar.

Luca me ama. O atroz que roubou meu carro, a mim e o meu coração me ama. Esse é meu último pensamento antes de adormecer em seus braços.



— Onde você está? — Mordo a ponta da minha unha enquanto ando de um lado para o outro em meu quarto.

Acordei há menos de cinco minutos e não encontrei Luca aqui. Eu esperei meio minuto imaginando que ontem foi um sonho. Porém, quando senti seu cheiro em meus lençóis, eu sabia que era verdade. Luca só foi estúpido e saiu me deixando adormecida.

— Saindo de casa. Eu falei que iria passar o dia fora, lembra? — Sua voz está apressada e eu estranho seu jeito nervoso.

— Aonde você vai? Pode passar no campus antes? Por favor? — peço ainda mordendo minha unha, mas a afasto, não querendo estragá-la.

— Hoje é domingo, Alícia — ele me lembra e eu aceno. É verdade.

— Eu preciso pegar uns papéis que esqueci lá e a gente poderia tomar um café...

— Lili, eu vou sair agora. Você não pode me ligar, beleza? Eu vou explicar tudo, mas, por favor, faça o que estou pedindo. — Engulo em seco, apertando meu celular, e tento fazer com que essa sensação estranha na boca do meu estômago vá embora.

Eu tive um sonho ruim. Não lembro direito como foi, mas eu me vi chorando e gritando o nome dele. Eu estou assustada e só preciso que estejamos juntos novamente. Quero tocar e ver que nada está fora do lugar.

— Você não pediu nada...

— Fique em casa. Não saia. Você pode fazer isso? — Escuto barulho de carros no fundo e eu me sento em minha cama.

— Eu preciso te ver. Eu juro que depois disso ficarei em casa e só sairei depois que vier me buscar para irmos com os meninos ao parque. Eles me pediram há algum tempo...

— Alícia...

— Por favor...

— Merda. Estou indo. — Ele desliga e eu corro para meu guarda-roupa, pegando uma calça jeans qualquer e uma camiseta sem mangas. Visto um sutiã

rosa e depois pego as peças que separei, terminando de me vestir.

Desço a passos apressados e calço meus sapatos baixos na porta de casa. Espero cinco minutos e logo o carro dele entra na propriedade da minha família. Luca estaciona e rapidamente sai do carro, andando até mim.

— Eu estava com saudades — murmuro sorrindo enquanto ele me suspende no ar. Rodeio sua cintura com minhas pernas e o beijo forte. Aperto meus braços envolvendo seus ombros e os levo para seu rosto bonito.

— Eu também, Barbie. — Ele suspira e sorri. Isso é minha perdição. Eu o beijo mais uma vez e suspiro apaixonada.

Quando nos separamos, Luca me põe no chão e eu o abraço.

— Eu te amo — sussurro novamente. — Cuide-se. — Eu lhe dou um selinho e sorrio quando ele me beija novamente.

Seu carro sai depois de ele se despedir de mim. Meu coração corre acelerado e eu sei que algo está errado. O que ele está fazendo?

Entro em casa e sorrio quando vejo papai sentado no sofá da sala. Ele ainda está de pijamas e eu estranho isso, já que eu quase nunca o vejo fora dos seus ternos.

— Bom dia, pai — saúdo me aproximando e ele sorri, levando uma xícara de café até seus lábios.

— Cuidado com seu coração Alícia. — Eu abro e fecho a boca, tentando formular uma resposta, mas não consigo. Então papai continua: — O Luca é um bom garoto... eu gosto dele e eu vejo quão apaixonada está. Porém, tenha cuidado. — Eu aceno entendendo seu ponto e peço licença, subindo as escadas em seguida.

Na hora do almoço ligo para Tina e descubro que ela e Felipe estão passando o dia com Theo em sua casa, então lhe desejo um bom dia com seu irmãos e tio postiço. À tarde ligo para Gabby, depois de fazer uma pintura de uma praia deserta muito bonita. Ela fica no Havaí.

Minha amiga me diz que não foi a lugar algum ontem e perguntou se

poderíamos sair hoje. Falo que vou esperar Luca vir até aqui, claramente Gabby teve um pequeno surto quando expliquei que a gente voltou, que não houve traição nenhuma e que Luca só estava me protegendo. Foi quando finalizei a ligação que eu soube que precisava ver uma pessoa.

E é ela que está na minha frente agora. Sua maquiagem está borrada e seus olhos inchados. Não sei o que aconteceu, mas eu quero a embalar em meus braços.

— Bea? Hum, você está bem? — questiono remexendo meus dedos. Olho ao redor da sua casa e sinto vincos se formarem em minha testa quando vejo a casa completamente destruída. Tudo está desarrumado.

— Essa é a última coisa que estou. — Ela faz careta para mim e eu suspiro.

— Eu só vim dizer que Luca e eu estamos bem novamente. Ele me explicou o porquê da encenação de vocês. Agradeço a sua ajuda, mas... — Paro de falar quando ela começa a rir. Sim, ela gargalha loucamente.

— Encenação? Por parte de quem? Dele? Porque só foi ele quem encenou. — Ela morde seu lábio e eu me torno mais confusa. — Eu o amo de verdade, Alícia. Luca tirou minha virgindade, o cara que é apaixonado por você é para ser meu. Sempre foi. — Meus olhos piscam com umidade e eu balanço a cabeça. Sério?

— Como você pôde? Como deixou que eu me apaixonasse por ele?

— Eu não te dei permissão. Nosso coração não precisa disso. — Ela junta seus cabelos em um coque e eu engulo em seco.

— Eu sei, eu só... não sei o que falar — confesso baixinho enquanto remexo minhas mãos. Deus, como isso aconteceu?

— Suma daqui Alícia. Não consigo sequer olhar para você. — Eu aceno mordendo meu lábio e começo a caminhar para fora, porém, sua voz me para quando passo da porta. — Você não vai ser forte por vocês dois quando a bomba estourar, mas eu estarei aqui para ele. Eu sempre estive. — E então ela fecha a porta em minha cara.

Quero gritar perguntando o que diabos ela quis dizer com isso, mas eu não tenho que esperar muito. A bomba que ela disse estourar cai em cima de mim assim que chego em minha casa e vejo Theo com Tina e Felipe.

— O que aconteceu? — pergunto a Theo baixinho enquanto eu pego Felipe adormecido em meus braços.

— Nós precisamos conversar. — Seus olhos estão escuros e apertados. Tina morde seus lábios repetidamente e seus olhos têm lágrimas que ainda vão cair. É a partir disso que eu sei que tudo vai desabar.

Eu só não sabia o quanto.



Capítulo 24

Luca

— O que anda acontecendo com você? — Elevo meus olhos pra Theo e suspiro ao ver seus braços cruzados e seu rosto sério.

Cheguei com meus irmãos da casa de Alícia momentos atrás. Quando cheguei, o carro do meu melhor amigo estava estacionado na rua, e ele, sentado na minha varanda.

— Não é nada — resmungo baixo, não querendo acordar Felipe. Já está tarde da noite e ele está cansado das brincadeiras na piscina de Lili. Tina ainda está acordada, sei disso, pois fui até seu quarto conversar com ela sobre sua ida ao shopping.

Não consigo colocar na cabeça que minha menina já quer namorar. Não vou mentir dizendo que gosto e que quero aceitar essa merda, porém Alícia está certa. Se eu proibir, vai ser pior.

— Luca, algo está acontecendo. Sei que fiquei distante esses dias. Meu pai me enfiou numa conferência de merda. — Ele faz careta e eu sorrio. — Você

e Alícia estão bem? Cara, não quero me meter em nada, mas você está diferente. Mais calado, e isso me preocupa. Fora hoje, quando ela veio buscar os meninos, ela parecia com medo de te ver. — Theo parece realmente preocupado e eu sinto a realidade me bater como um soco forte.

Meus ombros caem e eu encaro o chão com pedras pequenas, em meio à grama. Eu deveria falar para ele sobre Rick, sobre toda a merda em que me meti. São seis meses, mas eu sinto o peso da mentira sempre que encontro meu amigo ou Alícia.

— Terminamos. — Levo a cerveja aos meus lábios e bebo um grande gole.

— Por quê? — Ele franze as sobrancelhas e puxa a cadeira, se sentando em seguida.

— Você já viu ela? A casa que ela mora? Aliás, ela voltou a morar com o pai. É por isso tudo — minto, desviando minha atenção para minha lata de cerveja.

— Ela te ama — ele afirma sério, me fazendo voltar a encará-lo. — Só de ver aquela menina te olhando, eu sei disso. — Ele sorri ao falar e bate em meus ombros. — Não a deixe escapar, seu bundão!

Encaro Theo e suspiro, acenando. Eu deveria ter pensado melhor antes de fazer essa sujeirada toda com ela. Em toda minha vida, nunca senti a dor que tomou conta de mim quando estávamos em seu ateliê e ela me encarou, dizendo com todas as letras que me amava, mas que nunca ficaríamos juntos.

Eu sei que ela merece alguém melhor que eu. Realmente, Lili merece um cara legal, honesto, e não um corredor de rachas que anda metido com gangues e com coisas ilegais, mas nós não mandamos em nossos corações.

Se o meu bateu mais rápido por ela desde que a conheci, não é culpa minha ou dela. Foi a vida, e mesmo que eu saiba que não sou o melhor para ela, ainda a quero. Eu a quero com toda minha força e coração.

Eu me levanto e, depois de ver que Tina adormeceu, deixo Theo com os dois e vou atrás de Alícia.

Subo sua janela com dificuldade, mas quando chego à sua varanda valeu a pena. Alícia parece assustada quando me encara. Só depois que falo ela suspira em alívio.

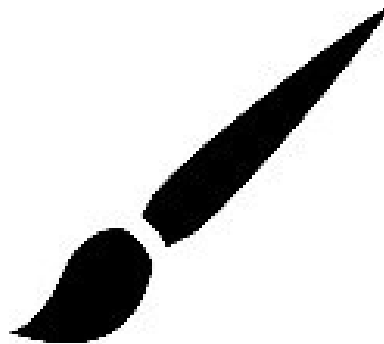
— Sou bom em entrar escondido — sussurro, respondendo sua pergunta de como entrei aqui.

— Você não deveria estar aqui — ela me lembra abraçando seu próprio corpo.

— Eu não devia fazer muitas coisas, Barbie — digo, começando a me mover em sua direção.

Eu não devia vir até sua casa, não devia ter mentido e inventado aquelas coisas para mantê-la distante. Eu sei que não devo estar aqui, mas eu estou e eu não vou partir até que ela seja minha novamente.

E sim, eu a consigo de volta.



Na manhã seguinte eu acordo com meu celular tocando. Alícia está deitada em meu peito, dormindo tranquilamente. Não quero ter que acordá-la para que eu possa pegar o aparelho, mas hoje é o dia que Rick marcou a emboscada para os filhos de Orlando e, mesmo que eu deteste a ideia, não posso perder. Vou descobrir quem me mandou a mensagem ameaçando Alícia e essa pessoa vai receber alguns socos.

— O quê? — Atendo o celular depois de tirar Alícia de cima de mim. Eu me sento na cama e deslizo meus dedos pela sua pele clara.

Seus lábios vermelhos e inchados dos nossos beijos formam um pequeno coração. Eu quero me inclinar e beijá-la mais um pouco, mas a pessoa na linha fala e eu me afasto.

— Você já está vindo? — É Theo.

— Sim. Chego em alguns minutos. — Desligo depois de ele dizer ok.

Procuro minha calça jeans e minha camisa e logo estou vestido. Alícia se mexe na cama e eu tenho vontade de acordá-la, mas não posso. Preciso passar em dona Edith antes de sair com Rick e os outros. Hoje é domingo e eles ficam o dia em casa. O cinema de Tina é na sexta que vem, o que me alivia um pouco, pois terei tempo de pensar em algo a respeito.

Saio de sua casa pela janela. Meus pés se chocam contra a grama e eu corro em direção ao meu carro. Meus pelos se arrepiam e eu me viro, sentindo que alguém me observa. Estou verdadeiramente surpreso quando o pai de Alícia, David, acena da sua janela.

Merda.

Assim que estaciono em frente à minha casa, Theo sai na varanda já com suas chaves na mão. Ele sorri para mim e eu caminho até ele, lhe dando um abraço. Por alguns segundos ele fica imóvel, talvez pensando no que deu em mim, já que nunca o abracei, mas logo ele também passa seus braços por mim.

— Obrigado. A gente voltou — murmuro me afastando e ele acena, batendo em minhas costas.

— Vocês merecem — ele afirma ainda sorrindo. — Eu preciso ir. Vou passar o dia com minha mãe na cidade ao lado, mas, se precisar, me liga. Estou sempre aqui — ele diz se afastando e eu aceno.

Entro em casa e descubro que meus irmãos ainda dormem, então preparo café da manhã para eles e vou até Dona Edith. Quando volto, os dois já estão na mesa, comendo.

— Bom dia! — saúdo beijando a testa de Felipe e a da Tina em seguida.

— Bom dia, Luca — eles falam juntos e eu sorrio, sentando na ponta da

mesa entre os dois.

— Hoje tem jogo na quadra da esquina, Luca. Podemos ir? — Felipe pede enquanto dá uma mordida no seu pão.

— Claro. Que horas vai ser? — questiono pegando pão para mim.

— Às sete. Vitor que me disse — ele sorri falando e eu aceno. Minha atenção vai para Tina e eu balanço a cabeça, vendo-a digitar no celular rapidamente. Inclino e estico minha mão, pegando seu celular.

— Luca! — Ela arregala os olhos e eu encaro seu rosto.

— Estamos comendo à mesa, Tina. O seu celular fica no seu quarto ou você não mexe, entendeu? — pergunto calmo, enquanto ela tenta pegar o aparelho.

— Não abra minhas coisas. É minha privacidade, Luca — ela reclama e eu sorrio, apertando meus lábios.

— Você faz algo que eu não posso saber? — questiono, ainda sorrindo e inclinando minha cabeça, mas ela para de se debater e seus ombros caem.

— Não. Só que você não queria me deixar ir ao cinema, se não fosse Lili, eu não iria. Não quero que veja minhas mensagens. Só isso. — Ela dá de ombros e pega sua xícara com café.

— Eu acho bom, Tina. Não quero deixar você ir porque não imagino minha irmã namorando, okay? Mas já resolvemos isso. Então eu quero que pegue seu celular e guarde. Eu e Felipe estamos falando, seria bom você conversar com a gente. — Ela acena suspirando e pega o celular, guardando em seguida.

— Desculpem.

Terminamos de tomar café e logo os dois vão para seus quartos; Felipe brinca no videogame que ganhou ano passado, no Natal, e Tina checa algo em seu celular. Enquanto eu tento arrumar a sala de casa, recebo uma mensagem do Kieran avisando que sairemos às 10h30. Mando outra dizendo que estarei no galpão antes disso. Dona Edith chega e eu sorrio, a cumprimentando.

Pego minhas chaves na mesma hora que o meu celular toca no bolso. Caminho para fora e sorrio, vendo o nome de Alícia.

— Onde você está? — Ela não me deixa nem falar *oi* enquanto eu ando mais rápido em direção ao meu carro. Já são 10 horas, não quero chegar atrasado.

— Saindo de casa. Eu falei que iria passar o dia fora, lembra? — digo nervoso, abrindo a porta do meu carro.

— Aonde você vai? Pode passar no campus antes? Por favor? — Paro meus movimentos com seu pedido. O que está acontecendo?

— Hoje é domingo, Alícia — eu a lembro, estranhando sua urgência.

— Eu preciso pegar uns papéis que esqueci lá e a gente poderia tomar um café...

— Lili, eu vou sair agora. Você não pode me ligar, beleza? Eu vou explicar tudo, mas, por favor, faça o que estou pedindo. — Sento no meu banco e apoio minha cabeça no volante.

— Você não pediu nada... — Seu sussurro é mais baixo que o normal e eu lembro que não pedi mesmo.

— Fique em casa. Não saia. Você pode fazer isso? — peço ligando o carro e saindo do acostamento.

— Eu preciso te ver. Eu juro que depois disso ficarei em casa e só sairei depois que vier me buscar para irmos com os meninos ao parque. Eles me pediram há algum tempo...

— Alícia... — Suspiro olhando para os lados na pista. Como vou até sua casa e voltar para o galpão?

— Por favor...

— Merda. Estou indo. — Desligo e acelero em direção à sua casa.

Assim que estaciono eu abro a porta do carro e ando rápido em sua

direção.

— Eu estava com saudades. — Ela sorri e eu a pego em meus braços. Seus lábios caem sobre os meus e eu suspiro feliz.

— Eu também, Barbie — digo sorrindo e seus olhos azuis brilham de felicidade. Como, meu Deus, essa mulher me ama? Por quê? O que fiz de tão bom em minha vida para merecê-la?

Ela me beija novamente e eu a aperto mais em meus braços. Quando nos separamos, eu a coloco sobre seus pés e ela me abraça apertado.

— Eu te amo — ela sussurra mordendo seu lábio vermelho inchado por causa dos meus beijos.

— Eu também, baby.

Quando chego ao galpão já passa das 10h30. Estaciono meu carro e me surpreendo ao ver todos em seus carros. Rick está no seu com a janela aberta me encarando. Vejo Kieran do outro lado com a porta aberta para mim, mas antes de seguir até lá, vou em direção a Rick.

— Tive um imprevisto. Indo com Kieran, ele me passa...

— Essa menina vai te arruinar — ele me corta e eu me inclino, ficando bem perto do seu rosto.

— A mulher é minha, o problema é meu. Não se envolva com as minhas merdas — aviso sério, encarando seu rosto calmo. Eu me viro, o deixando lá e sigo para o carro de Kieran.

Ajeito a pistola em minha cintura e me sento no banco do passageiro. Kieran só acena e, então, saímos seguindo o carro de Rick e de seus homens.

Meu pé bate repetidamente no piso do carro enquanto encaro a paisagem pela janela fumê.

As ruas passam em borrões pela velocidade que Kieran corre.

Procuro com minhas mãos minha correntinha da Nossa Senhora e xingo

quando lembro que a deixei em meu carro. Eu me viro para Kieran e sua sobrancelha se eleva.

— Precisamos voltar. Esqueci minha correntinha — exclamo engolindo o grande caroço que pareceu crescer na minha garganta.

Merda! Como posso ter me esquecido dela? Ainda mais hoje, com essa confusão do caralho?

— Correntinha? — Kieran franze as sobrancelhas e volta sua atenção para a estrada. — Está de sacanagem? Não podemos voltar. Você já chegou atrasado, Rick te mata se nos vir voltando — ele fala ríspido e eu esfrego meu rosto rigidamente.

— Você está certo — murmuro contra a minha vontade. Meus dedos procuram a corrente o caminho inteiro e eu sinto meu coração correr acelerado.

Kieran me olha durante nosso trajeto como se eu fosse um louco. Porém, não me importo. Minha mãe me presenteou com essa corrente para me proteger. É isso que eu ouvi de sua boca, então nunca mais saí sem ela.

O carro para do lado de uma boate. O sol bate na fachada do prédio, dando reflexo em direção a nós.

— Você precisa me explicar como a merda vai ocorrer — resmungo.

— Rick falou que vamos entrar na boate. O proprietário era Orlando, agora ficou para seus filhos. — Aceno, o mandando continuar. — Eles não estão aí agora, só ao meio-dia. Então vamos entrar antes deles e esperar os dois.

— Entendi. — Mordo meu lábio e relaxo contra o banco. Observo o carro de Rick parado à nossa frente e, depois de alguns minutos, ele acena para que saíamos do carro.

Caminho a passos curtos até a porta da boate com Kieran logo atrás de mim. Rick entra no local como se fosse o dono do lugar de merda.

O corredor está vazio, mas só por alguns segundos. Um homem de terno sai já tirando sua arma, mas antes que ele a colocasse em punho, Rick atirou em seu peito.

Tento deixar de encará-lo morto no chão, mas é mais forte que eu. Olhando para seu rosto sem expressão, me pergunto se ele tem família. Se alguém vai chorar sua morte.

Balanço a cabeça e continuo meu caminho. Mais dois homens saem no corredor quando já estamos no final e, dessa vez, quem atira é Kieran. Viro minha cabeça para o encarar, chocado. Seu rosto está calmo, apenas encarando ao nosso redor à procura de mais caras, como se ele não tivesse acabado de matar dois homens.

Deixo de encará-lo e volto a caminhar. A boate é forrada com paredes vermelhas, estofados caros pretos e vários mastros pole dance pelo salão. Procuramos mais homens, mas parece que só os três guardavam o lugar.

— Se posicionem. Orlando já me causou muitos problemas, seus filhos estão querendo foder comigo e eu não vou deixar. Não quero nenhum deles vivo. Nenhum. Então apertem a porra do gatilho. — Rick se vira e olha em minha direção enquanto tira sua arma do cós da calça. — Isso também inclui você, Luca.

Aceno sem falar nada e retiro minha arma do cós também. Eu me aproximo de uma parede e vejo Kieran me seguir, ficando na mesma parede, só que mais afastado.

— Vou cobrir sua bunda — ele resmunga e eu me viro arregalando os olhos. — Sei que não vai ter coragem de matar ninguém. Eu mato por mim e por você. — Ele sorri falando e eu balanço a cabeça.

— Cara, que diabos aconteceu com você? O seu pai não merece isso, Kieran...

— Não fale do meu pai aqui, Luca. Meu gatilho pode ser apertado sem querer e uma bala voar até sua testa. — Seu rosto se torna sombrio e eu aperto meus dentes juntos.

— Foda-se.

Com alguns minutos, risadas irrompem no lugar vindo do corredor. O primeiro que eu consigo ver é o cara em que atirei na mão. Ele está de terno e anda como se fosse um rei. Seu rosto perde a cor quando Rick se eleva e aponta

a arma diretamente para ele. Rick leva o dedo aos lábios, o mandando ficar calado.

De um por um, eles vão entrando e vendo armas apontadas para eles. Os irmãos são os da frente enquanto seus homens estão logo atrás, prontos para pegarem suas armas.

— Que bela surpresa — um dos irmãos fala e o que atirei na mão o manda calar a boca.

— Podemos conversar, Rick? Não vejo motivo para suas armas estarem apontadas para minha família — ele resmunga e dá um passo, mas para quando escuta o som do tiro que Rick dá.

— Cale-se. Sua voz me irrita mais do que a voz do idiota do seu pai — Rick fala com nojo e então se vira, encarando um de seus homens. — Agora. — E sem nenhuma palavra a mais, os tiros ecoam.

Meu estômago revira vendo os homens caírem um por um. Puxo minha arma para atirar também, mas antes que um tiro saia, todos estão mortos no chão.

Uma poça enorme de sangue se faz ao redor dos corpos e eu desvio de lá para encarar Rick de pé sorrindo.

— Vamos lá. — Saímos às pressas da boate.

Entro no carro com Kieran e ele começa a dirigir. Antes que saíamos da rua da boate a rua é fechada por carros de Polícia.

Meus olhos se arregalam e eu procuro uma saída pela lateral ou atrás, para que Kieran possa seguir, mas está tudo fechado por viaturas de merda.

Caralho!

Fecho meus olhos, esfregando meu rosto rigidamente enquanto meus pensamentos voam para Alícia e meus irmãos. Foda-se. Meus irmãos, porra!

O que eu fiz?

— A gente se fodeu. Merda. Quantos anos se pega por porte ilegal de arma e associação a quadrilha? — Kieran questiona encarando os policiais enquanto eles saem dos seus carros.

— Não sei — respondo a contragosto.

— Saiam dos carros! — o policial manda mirando a arma no carro de Kieran.

Rick e os outros homens já estão fora de seus carros e deitados no chão com outros policiais em seu encalço.

— Todos estão presos por quadrilha e porte ilegal de armas. Claro, até a gente encontrar mais podres envolvendo Enrick. — O homem de farda e bigode longo nos encara irritado, e eu permaneço calado.

Eu e Kieran nos deitamos no chão. Enquanto encaro as pedras da rua e me lembro da minha corrente. Como pude a esquecer? Isso só está acontecendo por isso.

O que vou fazer agora?

A stylized illustration featuring a paintbrush with a dark handle and a light-colored bristle tip, positioned as if it has just finished painting the text. The text 'Capítulo 25' is written in a bold, black, cursive script. The background of the illustration is a soft, light blue gradient.

Alícia

— Theo, o que houve? — pergunto, descendo as escadas depois de deixar Tina cuidando de Felipe enquanto ele dorme.

Ela parecia fora do ar enquanto se sentava na minha poltrona e observava seu irmão. Ela apenas acenou quando eu lhe disse para cuidar de Felipe.

— Senta — ele pede elevando sua cabeça das mãos que seguravam seus cabelos rigidamente, enquanto seus cotovelos estavam apoiados nos joelhos.

Eu me sento mesmo não querendo. Dentro de mim eu sei que algo ruim aconteceu. Desde a manhã que estou com essa inquietude no peito.

— Foi algo com Luca? — pergunto apreensiva. Ele não me encara, seus olhos permanecem no chão, olhando para seus sapatos. Eu sinto como se algo estivesse me sufocando. O que está acontecendo é bem pior do que eu imaginei.

— Por favor, Theo, fale algo. Você está me deixando nervosa — falo me pondo de pé e ele suspira longamente e começa a falar.

— Luca foi preso — ele sussurra e eu sinto meus dedos tremerem e o chão que piso se abrir. — Eu estava pegando os irmãos dele na casa da Dona Edith quando me ligaram. — Os olhos de Theo parecem perdidos e os meus, tão arregalados, que temo que a qualquer momento eles possam pular do meu rosto.

— Como assim preso? E-e-ele estava aqui hoje de manhã... Como assim preso, Theo? Por quê? — Minha voz falha e eu começo a andar pela sala. Encaro qualquer coisa além de Theo. Não pode ser. Ele deve estar enganado.

— Ele estava metido com uma gangue. Eu não sabia dessa merda. Luca estava distante. Saía e eu não perguntei nada — ele fala enquanto gesticula com as mãos, parecendo desesperado.

— Pelo amor de Deus, ele não faz isso. Ele não é louco de fazer isso, ele tem os irmãos dele... ele não faria isso, Theo, eu tenho certeza que ele não fez. — Encaro o seu rosto, certa de que o Luca não pode ter feito isso e, se fez; eu não o conheço, porque o cara que eu conheço nunca faria algo assim. Nunca.

— Eu preciso ir em casa me trocar para ir para a delegacia, mas eu não sou advogado criminalista. Eu não tenho certeza se vou poder defendê-lo da melhor forma, você entende, Alícia? — Theo se põe de pé e eu aceno, entendendo.

— Eu sei quem possa defender ele. — Meu queixo treme enquanto dou passos até minha bolsa. Pegó-a e corro até o quarto do meu pai.

Bato algumas vezes na porta e só agora sinto meu rosto banhado de lágrimas. Tento limpá-las, mas logo descem mais, molhando minhas bochechas novamente. Volto a bater na porta e ela se abre.

— Alícia. O que foi filha? — Papai sai ainda de terno e eu soluço contra minha mão. — Você está me assustando, Alícia. O que houve? — Seus olhos castanhos estão confusos enquanto ele dá passos em minha direção.

— Pai, o Luca. Ele foi preso. Eu preciso do senhor, tudo bem? Eu só conheço você como um bom advogado e Theo disse que não pode defender Luca porque não é advogado criminalista... Por favor, papai — imploro depois que ele me puxa em direção aos seus braços.

— Como assim? Ele foi preso? — Suas mãos se põem em meus ombros

e ele me afasta para que nos encaremos. — Alícia... O que ele fez? — Meu pai me encara procurando respostas que eu não sei.

— Eu não sei. Eu estou indo para a delegacia agora, por favor, venha comigo. Você precisa defendê-lo. — Puxo sua mão em direção às escadas, mas ela cai quando ele não se move.

— Não, Alícia. Esse garoto é um marginal, se foi preso. Nenhum de nós sai dessa casa para... ajudar um vagabundo...

— Ele não é vagabundo! — grito sobre seus protestos. — Não fale assim dele... Pelo amor que sente por mim, pai, me ajude — peço, ainda tremendo, e aperto meus olhos quando ele nega com a cabeça.

— Não, Alícia. Luca não merece você, se fez algo fora da lei. Eu quero que se afaste desse garoto... — Eu ignoro seu protesto e foco minha atenção em seus olhos.

— Eu nunca pude contar com você para nada. Me enganei ao pensar que hoje seria diferente. — Dou de ombros e saio de lá correndo. Limpo minhas lágrimas e encontro Theo já do lado de fora.

— Você precisa tirar ele de lá. Meu pai se negou a ajudar — sussurro dentro do seu carro enquanto ele sai do estacionamento.

— Eu vou tentar. — Ele acena e ficamos em silêncio.

Depois que ele subiu até seu apartamento e desceu, já com seu terno e pasta, ele dirige até a delegacia. No caminho ele me explica que foi o delegado que ligou avisando.

Meus olhos doem por causa do meu choro, mas me forço a parar. Limpo as bochechas e respiro fundo, de olhos fechados. Não preciso bancar a menina mimada em uma delegacia. Luca precisa de mim. Principalmente, eu preciso que ele me explique essa sujeirada toda.

Saímos do carro e eu vou andando na frente do Theo. Ele respira fundo, parecendo exausto, e eu engulo em seco, com medo do que irei ver aqui.

— Preciso falar com o delegado — Theo avisa para um policial que está

parado, sorrindo ao falar no celular.

— Claro. Por aqui. — Ele nos mostra a sala do homem e nós somos autorizados a entrar.

— Por qual motivo Luca foi preso? — Theo pergunta assim que o delegado nos manda sentar.

— Seu cliente faz parte da gangue de Enrick Suarez. Você o conhece? — Eu me viro para ver Theo e seu rosto está branco. Não reconheço esse nome de nenhum lugar, mas ele parece que sim.

— Gostaria de falar com meu cliente — Theo avisa, encarando o homem.

Encaro a sala completamente pálida sentindo meus dedos tremerem contra minha perna e vislumbro porta-retratos dele e de uma mulher pela sala. O homem não é tão velho e quando seus olhos encontram os meus, ele suspira.

— E a moça? — pergunta suavemente.

— Ela é namorada dele — Theo explica antes que eu possa falar qualquer coisa.

— Ela não pode entrar. Já está tarde — ele sentencia enquanto passa a mão pela barba e eu pulo, ficando de pé.

— Eu preciso. Por favor, eu preciso conversar com ele. — Encaro seus olhos sentindo o pânico se instalar em meu corpo. Eu preciso falar com ele.

— Tudo bem. Porém, que sejam rápidos. — Eu aceno aliviada. Theo se vira e acena para que eu entre.

— Vá primeiro. Recolha o máximo de informações possíveis. Toda a verdade e toda a mentira, Alícia. Eu sei que ele vai te falar. — Eu tremo assentindo.

Quando entro num corredor com grades e vejo alguns homens dormindo, começo a sentir o pânico me dominar. Eu me viro para o policial que nos acompanhou até a sala do delegado e me inclino em sua direção.

— Podemos ir para uma sala? Não sei... — Eu me calo, imaginando que devo estar parecendo uma idiota.

— Estou levando você até ela. Ela fica no fundo. — Eu aceno mesmo não achando isso a coisa mais segura a ser feita.

Eu me sento numa cadeira de madeira gasta e coloco meus cotovelos na mesa à minha frente. Descasco meu esmalte enquanto os segundos passam e ninguém aparece.

As lágrimas secaram e meu rosto agora está borrado com maquiagem e resquícios do molhado em meu rosto. Eu não sinto nada. Eu pareço dormente, sentindo apenas o latejo do meu coração.

Eu me viro quando a porta é aberta. Luca está de cabeça baixa e o mesmo homem que me trouxe o escolta até a cadeira à minha frente. Nenhuma vez seus olhos chegam aos meus. Sua roupa é a mesma que ele usava hoje de manhã quando disse que me amava.

Meu queixo treme e eu sei que em breve vou recomeçar a chorar.

— Vou estar do lado de fora da porta. — Eu aceno e tento dar um sorriso de agradecimento.

A porta bate fechada e eu respiro fundo, encarando a parede velha ao meu lado. Luca não faz um movimento para me olhar. Nada.

— Eu acho que o seu silêncio diz muito — resmungo olhando diretamente para ele. — Quando te conheci, eu achei que você era um marginal. Você estava armado... Você roubou meu carro... — Eu tento sorrir irônica. — Porém, quando passei a conviver e me apaixonar por você, eu pensava que era um homem íntegro. Bondoso... — Eu me calo, fechando meus olhos. — Luca, olha para mim. Fala alguma coisa — peço apertando minhas mãos juntas.

Seu rosto se eleva e eu soluço quando vejo as lágrimas em seus olhos descenderem, deixando rastro por suas bochechas.

— Eu... — Ele morde seu lábio, parando de falar.

— Você o quê? — pressiono, engolindo minhas lágrimas.

— Eu quero pedir perdão, Barbie. Por ter feito essas coisas... — Sua voz se parte e eu finco minhas unhas na minha palma.

— Que coisas? — pergunto. — Você mata pessoas? Você vende drogas? O delegado falou que você está numa gangue... É isso mesmo, Luca? — Eu me inclino em sua direção, sentindo meu sangue esquentar.

— Eu estou. Estava...

— Como você pôde? — pergunto balançando a cabeça. — Você não pensa nos seus irmãos? O que eu vou falar para eles? — Mordo meu lábio até sentir o sangue em minha língua.

— Foi por eles, baby. O cara dessa gangue os ameaçou. No dia em que você voltou à minha casa, depois que nos conhecemos, e os encontrou... No dia em que cheguei e você estava no sofá com eles, baby, o cara ameaçou matá-los. O homem que estava com eles em casa ia fazer mal a eles, se eu não aceitasse — ele fala frenético enquanto eu aceno, me lembrando daquela noite.

— Eu lembro. — Entreabro meus lábios, deixando passagem para minha língua umedecê-los. Pego suas mãos que estão presas com algemas. Dói vê-las presas. Dói vê-lo aqui como um marginal de verdade. Ele é um, não é? Só pode ser, para estar aqui.

— Onde eles estão? Você vai cuidar deles, não é, Alícia? — Ele coloca peso na mesa para chegar mais próximo de mim. — Não espero que me perdoe, Lili. Só quero que cuide deles. Quando eu sair daqui eu vou cuidar deles. Eu juro. — As lágrimas banham seu rosto e eu levo minhas mãos, limpando-as.

— Eles estão em minha casa. Eu vou cuidar deles. Não se preocupe com eles, por favor. Nós temos que tirar você daqui — sussurro me inclinando e beijando seu rosto. Seus olhos se fecham como se estivessem apreciando e querendo prolongar o nosso momento.

— Eu não vou sair assim, baby. — Ele suspira e se afasta um pouco para me encarar. — Eles nos pegaram em flagrante. Eu...

— Em flagrante do quê? Luca, hoje eu sabia que algo estava errado. Foi para fazer coisas ruins que saiu o dia todo? — pergunto mais calma, apertando suas mãos novamente. É ruim perguntar se o homem que amo saiu para fazer

coisas erradas. Coisas que repudio.

— Não vamos falar sobre isso...

— Eu quero. Preciso saber para falar ao Theo. Ele vai te auxiliar. Ele vai ser seu advogado. — Sorrio, o informando.

— Ele não é advogado criminalista — ele me lembra e eu suspiro. A sala escura está me deixando mais apreensiva do que já estou.

— Sim, nós sabemos. Pelo menos por hoje ele vai ser o seu. Amanhã eu procuro um que esteja mais adequado para seu caso... — tento tranquilizá-lo e sorrio. Amanhã procurarei um advogado criminalista, tenho certeza que com meu dinheiro poderei fazer isso.

— Não quero que gaste seu dinheiro comigo... — Eu o interrompo, balançando a cabeça.

— E você acha que eu vou te deixar aqui? Eu não preciso de dinheiro. Eu preciso de você. Só de você, entende? — Eu me inclino novamente, encarando seus olhos. O amarelo reluz e eu aperto meus lábios contra os seus.

— Eu preciso de você, Barbie. Mais do que eu posso explicar. — Eu sorrio e o beijo novamente.

Seus lábios se abrem para minha língua e devagar nós nos beijamos. Seus lábios são gentis e amorosos. O nosso beijo é apenas um carinho entre nós. Eu acho que a gente precisava dele.

Eu me afasto e encosto minha testa na sua. Luca respira profundamente e eu inclino minha cabeça sorrindo.

— Agora me fala o que estava fazendo — peço e logo ele começa a explicar.

Luca me diz que estava numa emboscada para alguns rivais do homem que se chama Rick. Ele disse que os homens mataram alguns, mas ele me prometeu que não atirou em ninguém. Eu acreditei.

Eu me retraio quando ele fala que era um deles que estava me

ameaçando. Ele diz que não sabia qual, mas era um deles. Por último, Luca retrata quando os policiais os prenderam.

Quando ficamos calados, apenas absorvendo suas palavras, o policial entra e diz que preciso ir. Eu encaro Luca, não querendo sair. Minhas lágrimas estão secas e só por este motivo não começo a chorar.

— Vá, baby — ele manda deixando um beijo em meus lábios e eu me levanto. — Não quero que volte aqui, beleza? Cuide dos meus irmãos e se forme — ele sussurra sorrindo. — Seja a pintora que tanto sonha, querida. Eu não te disse, mas eu tenho muito orgulho de você. Você merece o mundo, Alícia, uma pena que eu não posso te dar ele. — Seus olhos estão sérios e eu volto a sentar para encarar seu rosto triste. — Eu não vou sair agora. Eu sei disso porque faz tempo que eles procuravam um motivo para prender o Rick...

— Do que está falando? Claro que vou voltar. E você não se atreva a se negar a me ver ou mandar os policiais não me deixarem entrar... — arfo atropelando as palavras. O que ele pensa? Que vou apenas deixá-lo aqui e seguir minha vida? Pelo amor de Deus!

Luca morde seu lábio e acena. Eu respiro fundo, alívio correndo pelo meu corpo, e me inclino deixando um selinho em seus lábios.

— Eu te amo e estou muito feliz por você ter orgulho de mim — sussurro contra seus lábios e vou embora.

Ando a passos rápidos até onde deixei Theo e ele sorri apertado. Eu dou um passo em sua direção, mas paro, sem reação, quando vejo meu pai ir para seu lado.

— Cuide dela. Vou ver o que posso fazer aqui. — Meu pai não sorri ao falar. Ele só diz como se estivesse falando com um robô.

— Pai — chamo andando até sua frente.

— Eu quero que vá para casa. A garota acordou e te procurou. Vá ficar com eles. Eles precisam de você agora. — Ele me encara ainda sério e eu mordo meu lábio e aceno.

Ele está certo.

— Obrigada. Eu sei que o senhor não queria... — Paro de falar quando sua voz chega a mim.

— Eu quero, querida. Vá. — Eu aceno e abraço seu corpo. Papai suspira e beija minha testa.

Theo não pode entrar para falar com Luca hoje. O delegado disse que só o advogado dele poderia entrar agora, então papai entrou. O melhor amigo de Luca me deixa em casa e segue para a sua, dizendo que amanhã vai à delegacia falar com Luca.

Abro a porta do meu quarto e vislumbro Tina e Felipe deitados juntos. Ela está de olhos abertos, me encarando, enquanto seu irmão está dormindo.

— Ele foi preso, não é? — Seus olhos piscam diversas vezes, mas o brilho me mostra que ela está quase chorando.

— Sim, querida — sussurro. — Vamos conversar? — peço e ela desce da cama com cuidado para que não acordar Felipe.

Nós nos sentamos de frente uma da outra na minha janela. Ela abraça suas pernas enquanto eu deixo as minhas descansando no acolchoado em que estamos sentadas.

— A gente vai para um abrigo agora, Lili. Você sabe disso? — Ela me encara mordendo seu lábio.

— Claro que não, querida. Vocês são meus. Morarão comigo enquanto seu irmão não sair de lá, o que vai acontecer logo. Não se preocupe — peço me inclinando e beijando seus cabelos.

— Seu pai vai deixar, Lili? — ela questiona enquanto eu a puxo para meus braços.

— Sim. Ele é legal. Vocês vão ver. — Pisco divertida e ela sorri.

As estrelas no céu brilham, eu observo Tina fechar os olhos e silenciosamente pedir algo a elas. Eu repito seu movimento. E peço a elas que tragam meu Luca para mim.

O pensamento dele dormindo naquela delegacia me deixa doente.

— Mamãe uma noite olhou para as estrelas e pediu que Luca chegasse da rua. Ela tinha achado drogas em suas roupas... — Tina corta o silêncio e eu suspiro ouvindo. — Ele abriu a porta em seguida...

— Tina...

— Mamãe tinha medo que ele fosse preso. Que ele fosse uma pessoa ruim. — Ela soluça e eu a aperto mais.

— Ele não é ruim, Tina. Ele é um dos homens mais bondosos que conheci. Ele se meteu nisso por coisas além do poder dele. Ele não queria. Você entende? — pergunto ansiosa. Não quero que ela pense que seu irmão é um homem ruim. Ele não é.

— Eu sei. Ele cuida da gente como pode. Nunca nos faltou nada depois que mamãe morreu. Ele... Ele se fortaleceu por mim e Felipe. Eu o amo, Lili, e o quero aqui. — Eu limpo as lágrimas que banham meu rosto.

— Ele vai estar. Eu juro pelas estrelas, querida — sussurro e ela sorri, voltando sua atenção para o céu escuro e, ao mesmo tempo, completamente brilhoso.

Deixo Tina dormindo e desço para a sala. Ando de um lado para o outro enquanto pensamentos bombardeiam minha cabeça. Pego meu telefone, querendo ligar para meu pai. Será que ele conseguiu tirar Luca de lá? Sei que meu pai é um advogado bom. Ele pode tirar Luca de lá.

Eu sento encarando a porta da minha casa. Sinto meu celular tremer e suspiro quando vejo o nome de Gabby.

— Oi — minha voz é baixa. Encaro minhas unhas e sinto meu coração doer quando escuto a voz da minha amiga.

— Seu pai me ligou para ver como você estava. Não entendi nada, mas resolvi te ligar. Aconteceu algo? — Gabby parece preocupada e, quando soluço, escuto algumas coisas caírem.

— Luca foi preso — murmuro respirando fundo. — Eu estou louca de

preocupação. Já fui visitá-lo, mas estou com tanto medo, Gabby. E se ele ficar lá?

— Jesus! Como assim preso? Por quê? — ela pergunta aflita.

— Ele e Kieran estão metidos com uma gangue, mas Luca não queria... — suspiro não querendo falar essas coisas por telefone. — Gabby, você pode vir aqui? É melhor conversarmos pessoalmente. — Limpo as lágrimas e engulo em seco.

— Kieran? Ele também está preso? — Sua voz se torna um sussurro e eu confirmo. Ela desliga dizendo que já está vindo.

Assim que desligo o celular a porta se abre. Papai entra devagar e, quando me vê, seu rosto cai. Ele não precisa dizer muito. Eu sei que Luca ficou preso e não vai sair tão cedo.

Papai me puxa para seus braços e eu me aperto contra ele, sentindo minhas lágrimas descenderem mais.

— Perdão, querida. O porte ilegal de arma é afiançável, mas formação de quadrilha, não. Ele não vai sair agora, Alícia. Luca vai esperar o julgamento preso. Desculpe, filha — suas palavras saem apressadas e eu soluço contra seu peito.

O que vai ser dos seus irmãos agora? Como vou explicar isso para Felipe e Tina? Meu Deus, como vou cuidar de duas crianças?



Capítulo 26

Alícia

Uma semana depois...

Meus olhos estão vidrados no ponteiro do relógio. Ele anda devagar, fazendo com que meus nervos aumentem gradativamente. Minhas unhas batem contra a madeira do meu criado-mudo enquanto estou deitada de lado na cama.

Falta pouco mais de meia hora para que Tina chegue da escola. Felipe está na escola também, mas só sai à tarde. Hoje Theo vai pegar Tina e a trazer para minha casa. Ontem eu a peguei, só que hoje verei Luca e eu queria ficar em casa antes de ir. E é por isso que estou encarando o relógio. Está perto do horário que eu vou sair.

Eu me levanto e me visto no automático. Quando já estou pronta, eu paro à frente do espelho e penteio os meus cabelos loiros. Meus olhos azuis estão opacos, mas em contrapartida não existem mais lágrimas. Elas secaram, não tinham como não secar. Tem dias que durmo chorando. Não fui à faculdade e nem saí de casa.

— Você vai vê-lo? — Eu me viro a tempo de ver Tina encostada na porta.

Ela está com o rosto corado e não sorri para mim. Seus braços estão em seus bolsos. Caminho até ela e sorrio, tentando esquecer um pouco dos meus problemas.

— Sim. Papai ajustou para que eu pudesse vê-lo hoje. — Mordo meu lábio e me encosto na parede. — Se você quiser que eu leve algo para ele... — Dou de ombros e ela sorri apertado acenando.

— Espere aí — ela diz e corre até o quarto de hóspedes, onde está dormindo com Felipe.

Fico de pé na porta por uns cinco minutos e logo ela volta com um pedaço de papel.

— É uma carta. Eu escrevi por mim e Felipe. — Ela olha para suas unhas e eu me inclino, a abraçando.

— Ele vai amar. — Beijo seus cabelos e ela se vira, indo para seu quarto.

Ontem Theo foi pegar as roupas dos dois e fechar a casa de Luca. Os meninos estão bem, na medida do possível. Felipe pergunta por Luca à noite e eu reprimo minhas lágrimas. Não quero contar a ele que Luca está preso. Não sei nem como começar a falar algo assim para ele. Tina sempre o envolve em seus braços e diz que Luca está trabalhando e que virá depois.

Mas ele não chega.

Saio no meu carro e minutos depois estou estacionando em frente à delegacia. Desço devagar e cumprimento os policiais quando entro no local. Paro em frente a Marcelo, o policial que me levou até Luca da outra vez. Seu rosto não está risonho hoje, ele parece triste, talvez com pena.

— Boa tarde! Eu vim visitar o Luca. — Tento sorrir, mas o gesto morre quando o homem balança a cabeça.

— Desculpe, senhorita. Ele não autorizou sua entrada — ele fala calmamente e eu engulo em seco.

— Deve haver algum engano. Ele... Eu preciso falar com ele — murmuro nervosa. Como assim? Luca não quer me ver?

— Volte depois com o advogado dele. Talvez deixem você entrar — ele fala sorrindo levemente, solidário, e eu aceno prendendo meu lábio.

Saio de lá e entro em meu carro. Permaneço parada por alguns minutos, absorvendo isso. Eu disse a ele que não fizesse isso, o que esse idiota tem? Meu interior borbulha com raiva e eu soco o volante, ganhando em seguida uma unha quebrada.

Merda.

Volto para casa rápido e encontro um carro diferente na entrada. Não conheço, mas deve ser algum amigo de papai. Não estou no clima para fazer sala para ninguém, mas forço um sorriso e desço do meu carro, seguindo a passos curtos até onde uma mulher loira e gordinha desce do carro. Ela está com uma pasta de lado e, em seu rosto; óculos quadrados.

Ela se vira quando escuta que me aproximo.

— Olá! Você procura? — instigo-a a falar e ela me dá um sorriso gentil.

— Alícia McLaren — ela responde e eu aceno, dizendo que sou eu. Abro a porta de casa e, juntas, entramos. Amanda parece em seguida, perguntando se queremos algo, e eu peço água.

— Sente-se. Então... — Sorrio, juntando minhas mãos e me sentando também.

— Obrigada. Então, eu me chamo Suzana — ela se apresenta sorrindo e para quando Amanda retorna com nossas águas. — Eu sou assistente social e preciso levar Tina Ribeiro e Felipe Ribeiro para as dependências do abrigo São Vicente, por ordens de um juiz. As crianças estão aqui, certo? — Assim que suas palavras vão ganhando significado eu vou arregalando os olhos e sentindo meu coração acelerar.

— Desculpe, Suzana. Eu não entendo... sou namorada do Luca, eu posso e tenho condições de ficar com os irmãos dele...

— Não é bem assim, Alícia. Você não faz parte da família. Para os meninos ficarem com você, você teria que adotá-los, o que é um processo bem longo, ou pedir a guarda provisória deles — ela explica gentil e eu afago a almofada em meu colo.

— Eu não sei o que dizer... — Mordo meu lábio sentindo o gosto cálido do sangue bater em minha língua. — Eu devo fazer o quê? Eu não posso deixar que eles vivam em abrigos. — Meus olhos piscam repetidamente, tentando espantar a vontade de chorar.

— Se acalme. Eu tenho que levá-los em até 24h e, como estou vendo que você não esperava por isso, voltarei amanhã — ela sussurra. — Você precisa arranjar um advogado e pedir a guarda provisória deles, se os quer com você provisoriamente. Desejo boa sorte. — Ela sorri afagando minha mão e se põe de pé.

Eu a acompanho ainda em silêncio e a vejo ir embora. Viro-me e encaro a parede branca. Meu Deus! Como vou falar isso para os meninos? Eu me forço a sair do meu estado de inércia e vou atrás de Tina.

No caminho, sinto meu celular tocar e respiro fundo, atendendo Theo.

— Veio uma assistente social aqui. Ela vai levar eles, Theo. Ela vai levar eles e eu estou entrando em surto. Eles podem ficar comigo, não é? Eu sou namorada do Luca... Sou a pessoa mais próxima que eles têm no momento — minhas palavras saem apressadas. Estou engolindo em seco tantas vezes, querendo parar o choro, mas sei que é em vão quando um soluço irrompe por meus lábios.

— Eu deveria ter pensado nisso. Ela está certa, Ali. Não somos a família deles, eles precisam ir para um abrigo e depois vão colocá-los em filas de adoção — a voz dele treme e eu sei que ele deve estar assustado como eu.

— Não. Eu não posso deixar que isso aconteça. Tina me pediu, ela me implorou que eu não os deixasse em abrigos. Devemos fazer outra coisa. Podemos pensar em algo — sugiro enquanto ando de um lado para o outro.

— Podemos pedir a guarda provisória deles. Vou ligar para seu pai e fazer isso até hoje à tarde. Não se preocupe — ele fala respirando fundo e eu suspiro aliviada, me sentando em meu sofá.

— Eu só sei que preciso cuidar deles e mantê-los aqui, você entende? Eu faço o que for preciso. Eu só preciso que eles fiquem comigo. Eu jurei a Luca que eu cuidaria deles e eu não posso falhar. Só não posso, Theo — murmuro em meio ao silêncio.

Eu não posso. Não quero nem imaginar os dois em lares adotivos. Não quero imaginar Tina quando souber. Não quero nada que os mantenha distante de mim.

— Vou fazer todo o possível para eles ficarem com você. Se acalme. Pegue Felipe na escola hoje, ok? Preciso agilizar o pedido de guarda provisória. — Eu desligo logo depois que afirmo que pegarei Felipe.

Minha cabeça vira quando escuto passos na escada e me surpreendo quando vejo Tina.

— Eu já sabia, Lili. Pesquisei sobre isso na escola. — Ela morde seu lábio e eu me levanto, indo até ela.

— Não é muito tempo. Logo vocês estarão comigo novamente. Eu juro, Tina. — Beijo seus cabelos e ela me abraça apertado.

— Quando Felipe chegar, quero estar com você na hora de dizer. Ele já desconfia que algo aconteceu com Luca. Não quero que ele sofra com isso, mas ele merece saber, Lili. — Ela se afasta parecendo decidida e eu aceno respirando fundo.

— Eu sei. Assim que ele chegar vamos conversar. — Sorrio e ela acena, se afastando.

— Estarei no quarto — ela avisa e sobe as escadas rapidamente.

Eu me sento no sofá e puxo minhas pernas, abraçando-as em seguida. Encaro a TV no outro lado da sala e me pergunto o que eu vou fazer da minha vida. Preciso me preparar para as provas que estão chegando, preciso manter os irmãos de Luca comigo e principalmente preciso conversar com Luca.

Parecendo ler meus pensamentos, papai entra pela porta. Ele dá um sorriso pequeno e eu me levanto.

— O senhor sabia que ele me proibiu de visitá-lo? — pergunto apreensiva. Papai suspira e desvia sua atenção de mim para o chão.

Suas mãos afrouxam a sua gravata e eu dou passos em sua direção. Ele não me encara e eu entendo que não foi Luca quem proibiu minha entrada.

— Você mandou eles mentirem para mim? Dizendo que Luca não queria me ver? — pergunto encarando seus olhos.

— Não. Eu expliquei o óbvio a Luca e ele aceitou não deixar mais você entrar lá. — Ele se afasta e eu balanço a cabeça, cruzando meus braços.

— Você não podia ter feito isso! Eu preciso falar com ele. Uma assistente veio hoje e vai levar os irmãos dele pai! Eu preciso falar para ele...

— Eu vou falar para ele hoje. Não se preocupe com isso, Alícia. Você só vai vê-lo quando ele sair de lá. Se ocupe com sua faculdade, em ter os irmãos dele conosco. Na delegacia, e muito menos no presídio, você não vai — ele deixa suas palavras no ar e começa a subir as escadas.

— Eu não vou me esquecer dele como o senhor se esqueceu da mamãe! — grito tremendo e ele para por um segundo, mas logo termina de subir as escadas como se o que falei não fosse nada.

Como Luca aceitou isso? Apesar desse questionamento, eu sei que papai tem o poder de persuasão elevado. Deve ter feito a cabeça de Luca. Fecho meus olhos e silenciosamente me levanto, indo para meu ateliê.

Pego meu pincel limpo e me sento de frente para meu cavalete. Não tento fazer nada perfeito, só preciso me acalmar, e, para isso, eu preciso estar pincelando minhas telas. Afundo meu pincel na tinta e devagar deslizo pela tela branca.

Minutos depois minha porta é aberta. Giro no meu banco e me surpreendo ao ver papai na porta. Seus olhos focalizam a sala toda, menos eu.

— Papai...

— Amanhã eu levarei você para vê-lo. Mas é a última vez, Alícia. Depois você só o verá quando ele sair de lá. — Sua voz está rouca e eu assinto

rapidamente.

— Obrigada.

— Theo deu entrada no pedido de guarda provisória. — Ele me avisa e seus olhos vêm para mim.

Não preciso dizer o quanto me choco quando seus olhos brilham com lágrimas. Levanto, deixando meu pincel e tela no lugar e ando até ele.

— O que foi? — pergunto inclinando meu rosto para o lado. Nunca vi papai chorar, a não ser no dia em que saí de casa.

— Preciso falar outra coisa. — Ele engole em seco e eu aceno, lhe dando total atenção.

— Fale.

— Sua mãe... — Ele engole novamente e eu fico mais confusa ainda.

— O que tem ela, pai? — questiono pegando sua mão, que treme.

— Ela enviou cartas... — Ele suspira, parando de falar, e eu engulo em seco.

— Como assim? — Minha voz treme e ele pisca, fazendo as lágrimas descenderem por seu rosto.

— Ela envia cartas, desde que foi embora. Eu...

— Você as escondeu de mim? — pergunto sentindo meu coração bater mais forte.

— Sim — papai me responde sem qualquer indecisão. — Não vou me desculpar. Você já deve até esperar isso. Aquela mulher não merece nós dois. Nunca mereceu e eu só tentei te proteger... — Ele aperta as mãos e dá passos até a minha porta. Quando ele volta, nas suas mãos tem um envelope pardo de tamanho grande e que parece abarrotado. — Todas estão aqui. Eu nunca abri nenhuma delas, nem mesmo as que ela endereçou a mim. — Ele suspira e estende o envelope em minha direção.

Meus dedos tremem e eu pego o envelope. Não entendo bem o que estou sentindo dentro de mim. Parece um vulcão prestes a explodir.

— Eu... obrigada. — Ele acena e se distancia, indo embora.

Entro em meu quarto e me sento na cama, tirando as várias cartas de dentro do envelope. Fico indecisa por alguns minutos sobre qual carta abrir, mas decido que as últimas são as mais importantes. A última tem mais de meio ano e eu estranho, pois a diferença de data de uma para a outra é de, no máximo, um mês.

Alícia,

Como vai, querida?

Nessa carta quero lhe confidenciar algo; alguns meses depois que fugi de casa eu voltei para te ver. Você estava no jardim enquanto seu pai estava te observando da janela.

Você brincava com bonecas e eu senti que algo me puxava em sua direção. Porém, eu parei ao perceber o quanto você estava feliz. Vi seu rosto se iluminar quando David saiu para o jardim para brincar com você.

Eu fui embora naquele momento. Eu sabia que só iria tirar sua felicidade. Eu sempre soube que um dia eu iria tirá-la de você.

O que eu quero te dizer com isso é que hoje eu quase me arrependi de não ter tirado sua felicidade. Eu digo quase me arrependi, pois eu percebi que ao não tirar a sua, eu tirei a minha. Eu passei esses últimos anos fazendo minha arte. A arte que eu pensava ser uma coisa importante, mas o que eu não sabia era que a maior arte da minha vida era você.

Eu te amo, Alícia, e é por isso que eu não me arrependi de ter ido embora naquele dia. Eu estou morrendo e eu juro que nunca quero que sinta a dor de me perder.

Talvez essa seja a última carta. Então, viva com amor, Alícia. Não viva para o trabalho, viva com ele, não para ele. Eu te amo. Espero que seja muito feliz.

Helena, sua mamãe.

Franzo a testa pegando a próxima carta. Ela está morrendo? Mas está com seis meses que essa carta chegou... Balanço a cabeça e pego a próxima.

Olá, Alícia.

Sou Ferdinando. Um amigo próximo de Helena. Ela falava muito sobre você. Como você era linda e é uma menina boa.

Não sei a história de vocês, mas ela me pediu que eu enviasse essa última carta. Sua mãe dormiu e não acordou mais. Ela estava com câncer de mama e ele a levou.

Enfim, nessa noite ela me disse que morreria e que seu último desejo era que você soubesse que ela te amava. E, sim, querida, ela te amava. É difícil dizer que um dia ela não amou alguém.

Fique bem,

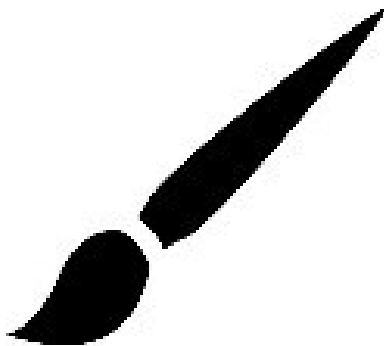
Ferdinando.

As lágrimas banham meu rosto e eu respiro fundo, tentando me acalmar. Não escuto entrarem em meu quarto, mas quando sinto braços me prenderem, eu sei que papai voltou.

— Ela morreu — soluço o abraçando. Meu pai arregala os olhos e silenciosamente nós dois choramos juntos.

As minhas lágrimas são de um sofrimento brando. Eu não a conheci. Eu não sinto como se alguém tivesse ido embora. Eu só choro por saber que não a conhecerei. Meu pai é outro caso, ele chora porque a amava. Mesmo ela tendo escolhido sua arte a ele. Ele sempre a amou, sempre sofreu por ela. Sofreu por sua fuga para longe de nós dois.

Ele a perdeu. Isso dói. É impossível não doer.



Horas depois, meu pai me deixa sozinha. Guardo as cartas em meu closet e me arrumo para ir buscar Felipe. Ainda estou confusa e triste por saber que minha mãe faleceu. Balanço a cabeça para espantar a tristeza e foco em Felipe.

Ele sorri ao me ver e pula em meus braços. Outras mães sorriem para mim apertado, sempre olhando em direção a meu carro. A escola de Felipe é do lado mais humilde da cidade, é normal que eles se espantem quando veem um carro tão caro na rua.

Beijo os cabelos de Felipe espantando isso e o levo embora.

— O Luca vai para casa hoje, Lili? — Sua voz parece ansiosa e eu o encaro pelo retrovisor.

— Ainda não, Felipe. Quando chegarmos em casa vamos conversar um pouquinho. — Ele acena encarando suas mãos, e eu engulo em seco.

Entro em meu quarto e espero Felipe e Tina. Ele foi tomar banho e ela estava em seu quarto. Sorrio quando Lipe entra e aceno quando Tina entra em seguida. Os dois se sentam contra minha cabeceira e eu à frente deles.

— Felipe, hum... — Lambo meus lábios devagar, querendo encontrar palavras para dizer a uma criança de seis anos que seu irmão mais velho está preso e que não vai voltar por enquanto.

— Eu já sei, Lili. Luca vai demorar a voltar porque tem muito trabalho. A Tina me explicou. Ela disse também que como ele não está aqui, vamos para um lugar onde tem outras crianças. — Abro e fecho a boca algumas vezes enquanto encaro Felipe e me viro, encarando Tina. Como ela...? Meu coração incha de orgulho e amor por ela.

— Por que está chorando, Lili? — Levo minha mão para meu rosto e constato que Felipe está certo, eu estou chorando.

— É que eu sentirei saudades. — Começo limpando meu rosto. — Porém, como falei para Tina, eu vou visitar vocês todos os dias. E logo estarão aqui novamente — eu sussurro nervosa e ele sorri, vindo para meu colo.

— Não precisa chorar. Eu sei que você ama a gente. — Seus olhos brilham com lágrimas e eu o abraço soluçando.

— Eu amo mesmo e juro, por todas as estrelas do universo, que logo estaremos juntos novamente.

E eu sei que essa promessa eu nunca quebrarei.



Capítulo 27

Luca

Os meus passos ecoam no corredor escuro. O suor corre frio pela minha pele e meus olhos pinicam com vontade de chorar. Seus olhos azuis entram em minha mente e mais uma vez quero correr de volta para a cela em que eu estava.

Era escura, suja e tinha mais presos junto comigo, porém era mais seguro, para mim, lá do que encarar minha Alícia.

A porta se abre e o guarda me leva até a mesa onde eu a vejo sentada. Não elevo meus olhos, apenas encaro o chão, com vergonha de mim mesmo. Do que eu fiz e do que eu estou a fazendo passar para entrar aqui. Eu me sento silencioso e a escuto respirar fundo.

— Eu acho que o seu silêncio diz muito — ela resmunga e eu aperto meus olhos fechados. — Quando te conheci eu achei que você era um marginal. Você estava armado... você roubou meu carro... — Ela dá uma risada e eu me retraio. Sempre soube que ela me achava um vagabundo, isso não é novidade. — Porém, quando passei a conviver e me apaixonar por você, eu pensava que era um homem íntegro. Bondoso... Luca, olha para mim. Fala alguma coisa. —

Atendo seu pedido mesmo não querendo.

As lágrimas se acumulam em meus olhos e Alícia chora quando nossos olhares se encontram.

— Eu... — Eu tento começar a me desculpar, mas me calo quando não sei o que falar.

— Você o quê? — ela pressiona, engolindo suas lágrimas.

— Eu quero pedir perdão, Barbie. Por ter feito essas coisas... — Minha voz quebra e eu fecho meus olhos.

— Que coisas? — pergunta. — Você mata pessoas? Você vende drogas? O delegado falou que você está numa gangue... é isso mesmo, Luca? — Sua voz raivosa me faz retrair. Será mesmo que ela acha que sou capaz de matar alguém?

— Eu estou. Estava...

— Como você pôde? — pergunta balançando a cabeça. — Você não pensa nos seus irmãos? O que eu vou falar para eles? — Eu respiro fundo, tentando não pensar em meus irmãos, e lhe digo a verdade.

— Foi por eles, baby. O cara dessa gangue me ameaçou com eles. No dia em que você voltou à minha casa, depois que nos conhecemos, e os encontrou... no dia em que cheguei e você estava no sofá com eles, baby, o cara ameaçou matá-los. O homem que estava com eles em casa ia fazer mal a eles se eu não aceitasse — eu lhe digo tudo encarando seus olhos azuis tristes.

— Eu lembro. — Ela entreabre seus lábios, deixando passagem para sua língua umedecê-los. Alícia pega minhas mãos que estão presas com as algemas. Tenho vergonha delas, mas isso é o resultado dos meus atos.

— Onde eles estão? Você vai cuidar deles, não é, Alícia? — Eu coloco peso da mesa para chegar mais próximo dela. — Não espero que me perdoe, Lili. Só quero que cuide deles. Quando eu sair daqui eu vou cuidar deles. Eu juro. — As lágrimas banham meu rosto e ela limpa minhas bochechas carinhosamente.

— Eles estão em minha casa. Eu vou cuidar deles. Não se preocupe com

eles, por favor. Nós temos que tirar você daqui — ela me avisa e meus olhos se fecham quando seus lábios beijam minha pele. Uma sensação de paz me preenche e eu quero que isso dure para sempre. Para sempre ter Alícia por perto.

— Eu não vou sair assim, baby. — Acordo do meu transe e suspiro, me afastando um pouco para encarar seu rosto. — Eles nos pegaram em flagrante. Eu...

— Em flagrante do quê? Luca, hoje eu sabia que algo estava errado. Foi para fazer coisas ruins que saiu o dia todo? — Alícia pergunta mais calma, apertando minhas mãos.

— Não vamos falar sobre isso... — Tento mudar sua mente, mas ela me interrompe.

— Eu quero. Preciso saber para falar ao Theo. Ele vai te auxiliar. Ele vai ser seu advogado. — Ela sorri me informando.

— Ele não é advogado criminalista — digo e ela engole em seco.

— Sim, nós sabemos. Pelo menos por hoje ele vai ser o seu. Amanhã eu procuro um que esteja mais adequado para seu caso... — Eu a interrompo quando percebo o que falou.

— Não quero que gaste seu dinheiro comigo... — aviso baixo. Não quero que as pessoas pensem que estou com ela pelo seu dinheiro. Eu a amo. Não ao seu dinheiro.

— E você acha que eu vou te deixar aqui? Eu não preciso de dinheiro. Eu preciso de você. Só de você, entende? — Ela parece aflita e eu aceno.

— Eu preciso de você, Barbie. Mais do que eu posso explicar — digo a verdade e ela sorri, como se tivesse ganhado o mundo.

Abro meus lábios e a beijo de forma carinhosa. Alícia merece tudo, e se meus beijos são suficientes para mantê-la feliz, eu a beijarei para sempre.

— Agora me fala o que estava fazendo — ela pede e eu explico tudo.

Assim que termino de falar, o policial entra e diz que Lili precisa ir. Seu

rosto cai e eu quero me levantar e a embalar em meus braços.

— Vá, baby — eu mando beijando seus lábios, e ela se levanta.

Em um segundo decido que Alícia não pode mais voltar aqui. Não quero que ela fique indo e vindo nessa delegacia e, em breve, num presídio. Eu quero que ela seja feliz e que se forme.

— Não quero que volte aqui, beleza? Cuide dos meus irmãos e se forme — eu sussurro forçando um sorriso. — Seja a pintora que tanto sonha, querida. Eu não te disse, mas eu tenho muito orgulho de você. Você merece o mundo, Alícia, uma pena que eu não posso te dar ele — digo tentando sair, sério, e ela volta a sentar para encarar meu rosto. — Eu não vou sair agora. Eu sei disso porque faz tempo que eles procuravam um motivo para prender o Rick...

— Do que está falando? Claro que vou voltar. E você não se atreva a se negar a me ver ou mandar os policiais não me deixarem entrar... — Suas palavras saem apressadas e me fazem suspirar.

Eu aceno mesmo não querendo. Ela está certa, mesmo que eu não goste da ideia. Sei que vou ficar mais tranquilo cada vez que eu a vir. Ela respira fundo e se inclina, deixando um selinho em meus lábios.

— Eu te amo e estou muito feliz por você ter orgulho de mim — sussurra contra meus lábios e vai embora.

O policial fica na porta por alguns minutos e começa a andar pela sala.

— Você deve ser um bom garoto para aquela mulher te amar. Só se meteu em merda. — Ele suspira e se senta à minha frente. — Seu advogado vem em seguida. Te aconselho a falar toda e qualquer merda que fez. Ele vai saber te defender...

Ele se levanta assim que a porta é aberta. Meus olhos crescem quando vejo que, no lugar de Theo, é David McLaren que entra. Seus olhos castanhos estão frios e impessoais. Não quero imaginar o que esse homem deve estar pensando de mim. Não quero imaginar de quantas maneiras ele já pensou em me tirar da vida da sua filha, ou pior, as maneiras que ele pensou de que nós não tivéssemos nos conhecido.

Ele senta à minha frente e eu engulo em seco, nervoso. Elevo eu rosto e encaro o pai da mulher que amo.

— Júlio estava errado sobre você — ele sentencia devagar, se inclinado na mesa. — Ele me assegurou que você era um cara legal e que cuidaria de Alícia. Agora eu não vejo como você vai fazer isso. — Ele suspira e eu me retraio.

— Eu... Desculpe, senhor — peço sem saber o que diabos falar.

— Você só precisa saber que estou aqui por Alícia e por seus dois irmãos pequenos. — Baixo minha cabeça e encaro a madeira velha da mesa. — Comece a falar as merdas que fez e como elas foram feitas. Você não vai sair daqui, pois não tem fiança para formação de quadrilha, então, vamos focar numa pena menor. — Eu aceno entendendo e sob seus olhos explico tudo que fiz com Rick e Kieran.

David me olha sério o tempo todo, fazendo anotações em um papel. No final, ele se levanta e me dá a mão.

— Serei seu advogado, Luca, mas minha filha não vem aqui. Alícia não é mulher de estar em presídios e delegacias. Estamos de acordo? — Suas palavras saem firmes enquanto seu rosto está rígido como uma tábua.

— Ela não quer isso...

— Ela te ama. Ela não sabe o que quer fazer. — Eu fecho meus punhos com suas palavras, pois elas são suficientes para que eu tome minha decisão.

— Sim. Temos um acordo. — Ele sai sem outra palavra.

O guarda que me disse que se chama Marcelo me levou de volta para minha cela. Os outros detentos estão dormindo, mas ao longe vejo Kieran sentado com seus joelhos junto ao peito.

— Eu sempre soube que eu terminaria aqui — ele sussurra quando eu me sento ao seu lado.

— Vamos sair em breve — eu digo olhando para seu rosto.

— Você, talvez, mas eu? — Ele ri. — Eu matei pessoas, Luca. Eu roubei, trafiquei e matei para o Rick. Você acha que saio daqui? — ele fala rindo e eu trinco meus dentes.

— Eu acho que você vai encontrar uma saída. Júlio vai vir te ver amanhã e trazer um advogado bom. Senão, eu peço a Alícia para seu pai ser seu advogado também. Ela vai ajudar, Kieran. — Tento mudar sua mente e ele suspira, rindo novamente.

— É melhor irmos dormir. — Eu aceno e depois de minutos nós dormimos.

No outro dia quem me espera na sala é meu melhor amigo. O mesmo sentimento de vergonha se alastra por meu corpo quando me sento e seus olhos vêm para mim.

— Como você está? — ele pergunta com um sorriso forçado.

— Bem. E você? — pergunto olhando para suas mãos juntas na mesa.

— Bem, também. — Ele suspira e ri baixo. — Eu gostaria de te perguntar por que se meteu nisso, mas eu já sei. Eu sabia antes mesmo de chegar aqui ontem. — Ele bate em meu ombro duas vezes e coloca seus cotovelos na mesa.

— Como assim? — pergunto franzindo o cenho.

— Foi por seus irmãos. Você é bom, amigão. Sempre foi e eu tenho certeza que só se meteu em merda porque alguém ameaçou as pessoas que ama. Você é assim. Você os protege antes mesmo de você mesmo. — Ele sorri e bagunça meu cabelo um pouco maior.

— Eu queria ter contado a você, mas eu não queria que se envolvesse nesse tipo de merda...

— Protegendo novamente.

— Ok. Foda-se. Eu sou assim e, agora que estou aqui dentro, não tenho mais o poder de proteger você, meus irmãos ou Alícia — resmungo, esfregando meu rosto.

Theo suspira acenando e eu aperto sua mão.

— Te amo, irmão. Você não precisa se preocupar com Alícia, Tina ou Felipe. Eu vou tentar cuidar deles. Quando você sair, nós vamos estar lá fora te esperando — ele murmura sorrindo e eu sinto o aperto presente desde ontem em meu estômago evaporar.

— Obrigado. Cuide deles para mim — repito e ele acena. O guarda diz que ele precisa ir e eu concordo, o vendo se erguer. Quando Theo já está na porta, eu elevo minha voz. — Eu te amo, irmão. Se cuide. — Ele dá um pequeno aceno ainda sorrindo e vai embora.

Uma semana e um dia depois...

Eu estranho quando me dizem que tenho visita. David me disse que só viria amanhã e avisou que Theo vem com ele. Mas, mesmo assim, eu caminho para a sala escura onde acontecem as visitas para mim.

Assim que passo pela porta avisto cabelos loiros e eu sei que Alícia deu um jeito de entrar aqui com ou sem a permissão do seu pai.

— Barbie — chamo dando passos curtos até ela. Alícia se ergue e corre para meus braços. Minhas mãos agora estão sem algemas, então eu posso abraçar e tocar minha mulher.

— Barbie? Você a chama disso? — Marcelo ri na porta de braços cruzados, e eu reviro os olhos, quase lhe mandando o dedo do meio.

— Podemos ficar sozinhos? — pergunto e ele acena, indo para fora. Em seu rosto ainda tinha um sorriso brincalhão.

— Ei! Como está? — questiono a afastando do meu peito. Seus olhos azuis estão vermelhos e fundos. Parece que Alícia não dorme há dias e eu franzo o rosto sem saber o que está acontecendo.

— Bem. — Ela tenta sorrir, mas seu rosto se contorce em uma careta. — Podemos sentar? — Eu aceno e a ajudo se sentar.

Eu me sento à sua frente e pego suas mãos delicadas. Suas unhas estão curtas, diferente do jeito que ela usa constantemente.

— Aconteceu algo? — Encaro seu rosto e, mesmo antes que a pergunta esteja completa, seus olhos começam a encher de lágrimas. — Baby, você está me assustando — murmuro realmente assustado. — Tina e Felipe estão bem? — Meu coração bate frenético e, quando Alícia desata a chorar, eu sei que algo aconteceu com eles.

— Uma assistente social os levou para um abrigo. — Suas palavras sussurradas me deixam inerte.

O rosto da minha mãe entra em minha mente e eu me retraio quando sei que a decepcionei. Ela me pediu que cuidasse dos dois e que eu nunca faltasse... Como deixei isso acontecer?

— Theo já entrou com o pedido de guarda provisória. Ele está confiante. Disse que não deve demorar tanto e eu... também estou confiante, amor. — Ela segura meu rosto entre suas mãos delicadas e eu fecho meus olhos.

— O que eles... O que eles disseram? Eles me culpam, não é? Tina deve me odiar, Felipe... Felipe deve estar confuso... O que eu fiz com minha família? — eu me questiono, sentindo nojo de mim. O que eu fiz para eles, senão deixá-los na mão?

— Tina não te odeia. Ela sabe que você a ama e que essa situação não foi porque você quis. Felipe pensa que você está trabalhando. Eu não tive coragem de dizer, então Tina inventou isso. — Alícia engole em seco e se inclina em minha direção, beijando meu rosto. — Em breve estaremos juntos novamente. Eu jurei pelas estrelas. Eu tenho que cumprir. — Ela tenta sorrir e eu a abraço do jeito que a mesa nos permite.

— Por favor... eu preciso que eles voltem para você — sussurro desesperado, e ela acena.

— Eu juro. Eles vão estar comigo logo e estaremos todos juntos te esperando sair daqui. — Eu aceno, tentando fazer com que suas palavras finquem em meu coração.

Depois de minutos abraçados, eu a afasto, tentando me acalmar. Seus

olhos estão ainda tristes e de um jeito bem doido eu sei que tem algo a mais. Eu sei que ela quer me contar mais.

— Alguma outra coisa aconteceu. O que foi, Barbie? — Puxo-a pela mão e a faço se erguer. Alícia dá passos até mim e eu a sento em meu colo.

— Eu... — Sua garganta sobe e desce enquanto ela engole em seco, e eu beijo sua pele alva. — Descobri que minha mãe me enviava cartas. Eu li todas essas noites. Ela morreu alguns meses atrás. — Ela dá de ombros enquanto mais lágrimas descem por suas bochechas.

— Sinto muito, querida — sussurro contra sua pele. Alícia suspira e lambe seus lábios.

— Papai escondeu de mim as cartas e ontem ele as entregou para mim. — Ela beija minha mandíbula. — Enfim, eu só estou emotiva. Ontem foi as cartas, hoje ver Tina e Felipe serem levados para longe de mim. Eu só preciso que me abrace, Luca. — Eu não preciso escutar seu pedido duas vezes. Meus braços a envolvem e, juntos, permanecemos abraçados.

Durante uns dois minutos só escutamos nossas respirações juntas. Eu deslizo meus dedos pela pele acima do cós da sua calça jeans, fazendo desenhos aleatórios enquanto ela só me aperta, segurando meus ombros.

— Meu pai disse que você aceitou que eu não viesse mais te visitar...

— Sim. Aqui não é lugar para você. Nunca vai ser.

— Você está aqui, então eu quero estar com você...

— Não, Alícia. Essa é a última vez. Me mande cartas por seu pai ou Theo. — Ela abre a boca para me contrariar, mas a fecha quando eu a invado com urgência.

Nossas línguas se misturam quase sincronizadas e eu chupo seu lábio quando um gemido baixo sai da sua boca. Seus lábios macios beijam os meus sem demora e seguem para meu rosto enquanto suas mãos entram por meu cabelo e seguram os fios um pouco maiores.

— Eu te amo. Eu vou te esperar para sempre. Você é meu Atroz, o tempo

não vai ser páreo para o sentimento que você fez nascer em mim — ela murmura encarando meus olhos e eu sei que pode passar o tempo que passar, quando esses portões se abrirem para eu partir, ela vai estar lá fora me esperando.

— Só você, Barbie. Logo vamos estar juntos — prometo baixinho contra seus fios loiros.

E eu sei que é assim que vai ser.



Capítulo 28

Alícia

Cinco dias depois...

Meus pés se chocam contra o carpete velho diversas vezes. Aliso minha unha longa pintada de rosa-claro e sinto Theo suspirar ao meu lado.

— Acalme-se — ele pede apertando meu ombro e eu aceno, engolindo em seco.

— Só estou nervosa... — Minha voz para quando a porta se abre e Suzana entra sorrindo.

— Eles estão vindo — ela anuncia parecendo verdadeiramente feliz por mim e pelos meninos, e eu quero abraçá-la, porém, meus olhos fogem para a menina de cabelos castanhos que agora estão trançados e o pequeno garoto arteiro, que correm para mim.

— Ei! — Sorrio largamente abraçando os dois. — Como estão? — questiono, passando a mão por seus corpos, tentando ver se estão bem,

realmente.

— Estamos bem. Podemos ir para sua casa? — Tina pergunta rindo levemente quando Theo a puxa para seus braços.

— Sim. Podemos. — Eu beijo a bochecha de Felipe e o coloco em meus braços.

Hoje de manhã Theo correu em minha casa com o documento que me dava a guarda provisória dos dois. Ele parecia radiante e eu me vi correndo pela casa para me trocar e vir buscar Felipe e Tina.

— Eu estava com saudade de você, Lili — Lipe sussurra colocando seus braços em meu pescoço.

— E de mim? — Theo pergunta rindo, e Lipe o responde que também estava com saudades dele.

Eu me viro para Suzana e agradeço pela ajuda durante essa semana. Ela me deixou ver os meninos mesmo de longe. Esses dias têm sido os piores da minha vida. Juntando com não poder ver Luca, tudo está muito pesado para eu carregar.

— Fiquem bem — ela deseja e eu me viro, levando os irmãos de Luca comigo.

Quando chegamos em casa mostro a eles os quartos que eu decorei para cada um. A semana foi superparada, então eu decidi que iria transformar os quartos impessoais em algo onde eles gostassem de dormir. A pintura dos dois está no quarto de Felipe e eu fiz uma de Tina na noite que eles foram embora.

Eu me sento sobre um dos meus bancos e sorrio quando meus olhos pousam no quadro de Luca. Eu o coloquei na parede do meu ateliê. Tenho pensado em mudar para meu quarto e vou fazer isso hoje.

Eu o pego e ando para meu quarto. Olho ao redor, mas não encontro um lugar perfeito. Por enquanto, o deixo em cima da minha escrivaninha. Eu me sento de frente para ele enquanto tiro papel e caneta da gaveta. Seus olhos parecem me desvendar mesmo sendo apenas uma imagem no papel.

A saudade machuca meu coração, mas eu estou tentando ser forte por seus irmãos e por ele. Meu pai vai visitá-lo hoje e essa será a primeira carta que vou enviar a ele.

Devagar, a caneta forma as palavras que escolhi dizer para ele.

Meu Atroz,

Como você está? Eu passei a semana imaginando como você estava, se dormindo bem, se estava comendo corretamente... Eu estou preocupada.

À noite eu me pego pensando nas coisas que você fez para proteger seus irmãos. Se você pensa que te amo menos por isso e etc. Gostaria de dizer que não, Luca. Eu não te amo menos. Pelo contrário, te amo mais por sempre pensar em seus irmãos antes de você mesmo. Por proteger as pessoas que ama.

Enfim, tenho uma ótima notícia para te dar. Tina e Felipe estão comigo novamente. Foi concedido a mim a guarda provisória dos dois e eu acabei de chegar com eles do abrigo. Você deveria ter visto o rosto dos dois quando eu disse que estávamos indo embora.

Eles ficaram em êxtase. Eu espero ficar assim também quando você sair daí. Sabe, eu já fiz planos para nós dois. Pensei que podemos comprar uma casa bonita, talvez dar um cachorro para os meninos... Eu quero tudo com você, Luca. Eu quero ser feliz contigo.

Você quer também, não é?

Sei que iremos ficar um tempo distantes. Sei também que esse tempo vai ser difícil, mas meu coração bate por você e ele está transbordando de amor.

Eu só quero que não pense nem por um momento que eu estarei melhor sem você. Eu não estou e nunca estarei.

Não se preocupe com seus irmãos. Eu vou cuidar deles. Eu juro.

Eu te amo, Luca.

P.S: Mudei os dois de escola. A nova é mais perto de mim e eu achei que seria melhor. Me deixe saber o que acha sobre isso. Te amo.

Eu dobro a carta e coloco dentro do envelope. Beijo o papel e espiro um pouco do meu perfume. Suspiro me levantando e levando para papai. No caminho escuto Felipe e Tina brincando e meu coração se enche de alívio. Eles estão bem.

Chego ao escritório e bato na porta. Ele responde me mandando entrar, então abro a porta. Ele está sentado ao redor de alguns papéis e eu sorrio indo até ele.

— A carta. — Eu lhe dou minha carta e junto dela deslizo a que Tina pediu que eu entregasse a Luca semana passada, mas que eu esqueci completamente depois que descobri que meu pai e Luca tinham concordado em me manter longe da delegacia.

— Hoje eu entrego. Ele vai responder, então amanhã Theo vai trazer a dele. Não se preocupe — ele murmura e eu aceno cruzando as mãos.

— Obrigada. — Eu me viro para ir embora, mas paro, voltando a encará-lo. — O senhor está bem? — questiono pensando nas cartas da minha mãe.

— Estou, querida. E você? — Ele suspira passando a mão pelos cabelos.

— Indo. — Dou de ombros e saio do seu escritório em passos rápidos.

No outro dia eu e os meninos estamos animados enquanto esperamos Theo. Ele levará os dois para um passeio no parque da cidade. Fiquei de levá-los há alguns dias, mas com toda a confusão nada fiz.

— Vamos, Lili. Vai ser supermaneiro — Felipe pede puxando minha mão. Eu sorrio me abaixando.

— Tenho certeza que sim, mas eu tenho que estudar para minhas provas e Gabrielle vem para cá hoje — explico arrumando sua camisa e bermuda.

Ele parece um pequeno homenzinho. Não me atrevi a comprar nada para os dois, mudá-los de escola foi uma coisa que me deixou muito apreensiva, mas também achei necessária. Todos os dias eu e Theo íamos ao outro lado da cidade para busca-los e deixá-los. Achei melhor assim, e eles não reclamaram.

— Tudo bem. — Ele suspira e eu lhe dou um beijo na bochecha.

— E como anda a escola? — Arqueio a sobrancelha para Tina e ela sorri.

— Tudo certo — responde cruzando os braços. — Henrique sumiu, então... — Ela engole em seco e desvia os olhos dos meus. — Foi melhor assim. Ele era bem mais velho. — Ela tenta sorrir e eu balanço a cabeça, indo para perto dela. Eu a puxo para meus braços e beijo seus cabelos.

— Não se preocupe, querida. Logo, logo você estará bem. — Ela concorda e me dá outro sorriso.

Depois de alguns segundos, escuto um carro se aproximar e vejo Theo sorrindo enquanto estaciona.

— Vamos lá? — chama, e os meninos entram em seu carro.

Eu me inclino para a janela do passageiro e lhe dou um sorriso. Ele arqueia a sobrancelha e eu lhe dou um tapa de leve.

— Ei! O que foi? — Theo faz cara de dor e eu reviro os olhos.

— Minha carta, Theo — explico lhe dando língua. Ele finge ter se lembrado e pega um envelope no porta-luvas.

Puxo o papel da sua mão e sorrio em agradecimento. Dou adeus aos meninos e corro entrando em casa. Estou parecendo criança no Natal, mas não me importo. É isso que teremos um do outro por um tempo. Eu aprecio e quero imaginá-lo escrevendo para mim.

Eu me sento na cama e abro o envelope. Dentro dele tem duas cartas; uma endereçada a mim e outra a Tina. Guardo a dela para entregá-la mais tarde e abro a minha.

Barbie,

Eu nem sei como começar. Sei que já conversamos sobre o que fiz. Mas eu não sei como sua cabeça está, eu não sei se você pensa à noite se eu fiz mal a alguém... eu não fiz. Pelo menos não diretamente.

Se eu disser que me arrependo, eu estarei dizendo que eu preferia meus irmãos mortos do que estar agora atrás dessas grades. Isso seria mentira.

Eu vou pagar qualquer preço para que eles estejam bem. Me sinto aliviado em saber que não me ama menos pelo que fiz.

Não fique se preocupando comigo. Eu estou bem. Estou comendo e dormindo corretamente. Foque nos seus estudos, saia com Gabby. Não se prenda em casa por mim, baby.

Lógico, isso não quer dizer que você deva dar atenção para outro cara. Você é minha, Alícia. O cara que se atrever a mexer com você vai encontrar meus punhos quando eu sair daqui. Eu não estou brincando.

Seus planos estão completamente iguais aos meus, como quase sempre estão. Depois da sua visita eu sonhei com nós dois daqui a alguns anos. Eu sonhei que estávamos em nossa casa, casados. Eu tinha feito algo de útil e bom com a minha vida. Você era feliz ao meu lado, bebê.

Isso é o que eu mais quero. Quero um dia sair daqui, Alícia, te buscar na sua casa. Quero te levar para um lugar distante ou somente para a praia. Assim que eu sair desse lugar eu quero passar longos momentos apenas olhando para você. Para seus cabelos claros e seus olhos da cor do mar.

Eu quero entender como você me ama, por que você me ama, mas agora, escrevendo essa carta, eu sei que isso não existe. Porque o amor tem disso; você só ama.

Estou muito feliz que Tina e Felipe estão com você novamente. Você não sabe quantas vezes, nessa semana, eu me peguei pensando se eles estavam bem, se eles me odiavam por estarem em um lugar estranho, com pessoas estranhas. Porém, agora estou mais tranquilo por eles estarem com você. Sei que você vai cuidar bem deles, eu acho que eu soube disso no momento em que você estava na minha casa e cuidou de Felipe com febre.

Quanto à escola, faça o que achar melhor. Fique de olho para ver se eles estão se adaptando. Não quero que sofram nessa nova escola. Você faz isso por mim?

Eu sei que não estará melhor sem mim, pois eu não estarei feliz sem você, Barbie. Nunca vou ficar meio dia feliz se eu não tiver você.

Te amo, Alícia.

Limpo meu rosto cheio de lágrimas e respiro fundo, me acalmando. Encaro sua carta olhando para suas palavras tão cheias de sentimento e a aperto contra meu peito. Quando vejo meu reflexo no espelho, vislumbro meu sorriso largo. Sei que pode parecer estranho, mas, sim, somente essas palavras deram toque de alegria em minha vida.

Enxugo meu rosto novamente quando abrem minha porta. Primeiro vejo os cabelos ainda completamente rosa-bebê e Gabby aparece com um sorriso no rosto.

— Posso? — pergunta suavemente e eu me levanto.

— Que pergunta mais boba. Venha logo. — Nós nos encontramos na metade do caminho e eu a abraço apertado.

Gabrielle veio à minha casa dias atrás, me consolou e dormiu aqui. Não quero envolvê-la no meu drama, então a deixei um pouco por fora.

— Ainda no rosa? — pergunto, me referindo à cor do seu cabelo, e ela dá de ombros.

— Vou permanecer nele por um bom tempo. — Ela tem um sorriso pequeno nos lábios. — Como está? Vai voltar para as aulas mesmo amanhã? — Gabby questiona enquanto me sento na cama e a puxo para se sentar também.

— Estou bem. E, sim, vou voltar amanhã. Quero focar nos estudos, esquecer um pouco os problemas — eu digo dando de ombros, e Gabby acena.

— Você está certa.

— E você? Como está? — pergunto, olhando para seu rosto um tanto tristonho.

— Bem...

— Hum... Você teve notícias de Kieran? — pergunto desviando dos seus olhos para minhas mãos.

— O quê? Claro que não.... Meu pai me mataria se eu... — Ela se cala e eu arqueio a sobrancelha. — Meu pai é policial federal. Você tem noção do quanto eu... Ele surtaria se soubesse que ao menos penso em Kieran. — Ela balança a cabeça e eu afago sua mão, querendo lhe passar conforto.

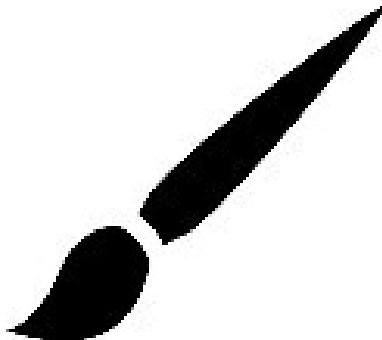
— Estou trocando cartas com Luca. Vou perguntar sobre ele e te dou notícias...

— Trocando cartas? Você não o visita? — Ela franze as sobrancelhas completamente confusa.

— Ele e meu pai concordaram em não me deixar ir lá. Estou proibida. — Reviro os olhos ainda chateada por essa decisão.

— Eu acho que eles estão certos. Delegacia não é lugar para uma princesa como você, amiga. — Ela me abraça e eu suspiro. — Vou querer as notícias sobre Kieran. — Seu sussurro é quase inaudível e eu sorrio acenando.

— Vamos trabalhar? — Pulo da cama e ela ri me seguindo.



— Gostaria de saber como vai a escola. — Corto o silêncio enquanto sirvo a comida de Felipe.

— Eu gosto. Já fiz amigos e eles gostam de mim — Felipe fala parecendo muito animado e eu sorrio.

— Que ótimo, Lipe! Muito feliz por você. — Pisco deixando seu prato à sua frente. — E você? — Eu me viro para Tina e ela engole sua comida.

— Tudo certo. — Ela sorri, mas não pego tanta firmeza nisso.

— Quaisquer problemas me avisem. Por favor. — Eles dois acenam e eu relaxo contra a cadeira.

Mais tarde, naquela noite, eu rolo na cama algumas vezes. Eu me levanto e sigo para a minha janela. Puxando minhas pernas contra meu peito, eu encaro as estrelas. Elas parecem mais brilhosas e eu sorrio por isso. Pulo rapidamente e vou até meu ateliê. Pego um cavalete, tinta e pincel e me sento na frente da janela.

Respiro fundo e relaxo, deslizando o pincel na tela branca. A calmaria da noite me faz perder a noção do tempo e, quando olho para o relógio, já passa das três da manhã. Meu quadro está bonito, mas ainda faltam alguns ajustes. A pintura mostra um céu estrelado quase irreal.

Com mais algumas pinceladas, as estrelas estão mais brilhosas e o céu com o reflexo do brilho delas. Abaixo da imagem, coloco a frase que aprendi com os meninos quando os conheci e me apaguei tão rapidamente a eles:

Pelas estrelas.



Capítulo 29

Alícia

Um ano e seis meses depois...

— Você está de ressaca? — Tina pergunta assim que eu coloco meus pés no chão. Ela está sentada à minha frente enquanto segura seu notebook no colo.

— Um pouco de dor de cabeça apenas — respondo sorrindo.

Ontem levei Gabby para sair. Ela está tão estranha ultimamente. Triste e cabisbaixa, já tentei perguntar o que se passa, mas ela se esquivava e diz que são problemas em casa. Enfim, ela bebeu demais e eu tive que deixá-la em casa, no fim, cheguei à minha mais tarde do que era suposto eu ter chegado.

— Hum. — Ela muda seus olhos de mim para a tela do computador. Tina morde a ponta da unha e eu sei que ela quer falar algo.

— Pergunte, querida. Não escondo nada de você e Felipe. — Eu lhe dou um pequeno sorriso e ela arregala os olhos, talvez, surpresa por eu saber que ela quer dizer algo.

— Oh, não é nada. — Sua cabeça balança de um lado para o outro e seus cabelos agora mais curtos se mexem.

— Claro que é, e eu quero que me fale — insisto, segurando seu olhar, e ela suspira deixando o aparelho de lado e se erguendo.

— Não quero que ache que estou me metendo na sua vida, eu... — Ela esfrega o rosto e lambe os lábios antes de falar de uma vez. — Você está saindo com alguém? Lili, eu não estou te cobrando nada. Só que está estranha esses dias... Você está saindo mais e eu e Felipe estamos... — Ela pisca tentando parar as lágrimas que se acumulam em seus olhos. — Estranhando. — Ela respira fundo e se aproxima de mim.

Seu corpo ganhou curvas e ela parece agora realmente uma adolescente. Tina parece mais adulta do que sua idade. Ela chega com palavras formadas à minha frente e quase sempre eu fico sem saber o que falar. Exatamente como agora.

— Ele te ama. Ele repete isso em todas as cartas que eu ou Felipe trocamos com ele. Ele se preocupa de a gente estar te dando problemas... Eu só quero que você não faça ele sofrer quando sair daquele lugar... — Eu me levanto quando seus ombros balançam e ela chora baixinho.

— Tina, querida. É claro que não estou saindo com alguém. — Afago seus cabelos e a abraço. — Eu amo seu irmão e eu estou o esperando, vou esperar o tempo que for preciso. — Ela se afasta um pouco e eu encaro seus olhos. — Eu o amo. E em todas as cartas que eu troco com ele, ele tem mais certeza de que esse sentimento é verdadeiro. — Ela acena respirando em alívio e eu a abraço novamente. — Nunca senti meu coração acelerar novamente, Tina. A última vez foi quando o vi e isso já vai fazer dois anos. Você ainda não encontrou a pessoa que vai te fazer esperar por ela o tempo que for. Você, minha menina, ainda não encontrou a pessoa que vai te fazer querer correr contra as ondas, só porque ela estará no outro lado. Eu encontrei e pode levar o tempo que for, eu estarei aqui o esperando. Não ligo se passaram anos ou minutos, eu vou esperá-lo. Quando eu, finalmente, estiver ao lado dele, saberei que valeu a pena, e, sim, nesse momento meu coração estará batendo tão acelerado como o carro em que ele corria nos rachas. — Ela sorri com o final e me abraça mais forte.

— Desculpe. Eu sou uma boba. — Ela sorri limpando as lágrimas e eu

balanço a cabeça.

— Não é, não, você cuida e protege seu irmão e isso não te faz boba, muito pelo contrário; isso te faz uma irmã maravilhosa. — Beijo sua bochecha, observo seu rosto corar e ela sai do meu quarto depois de pegar seu notebook na cadeira.

Tomo um banho rápido e desço as escadas ouvindo risadas. Encontro Felipe e meu pai sentados no sofá, jogando videogame, e eu sorrio me jogando ao lado do pequeno. Beijo seus cabelos e ele se afasta, fazendo uma careta.

— Nada de beijos, Lili. Não sou mais criança e isso é somente para bebês. — Minha boca cai aberta com suas palavras e eu gargalho quando papai me olha duplamente aterrorizado.

— Sério? Então eu devo ir atrás de outro Felipe. — Levo minha mão ao meu queixo, fingindo pensar, e ele dá pausa no jogo, fazendo papai sorrir.

— Não, Lili. Outro Felipe, não. Pode me beijar, mas só em casa. Tudo bem? — Eu sorrio e me sento, o puxando para meus braços, e beijo sua testa.

— Obrigada, Lipe. Sabe, seria superdifícil encontrar outro Lipe tão fofo quanto você. — Ele ri voltando para seu jogo e eu me levanto, ouvindo o som de panelas.

— Amanda está em casa? — pergunto confusa. Hoje é domingo, dei folga a ela.

— Não... — Papai para de falar quando seu celular começa a tocar. Eu me levanto e sigo para a cozinha. Minha boca se abre quando vejo Karine parada na minha cozinha enquanto coloca calda de chocolate em um bolo.

— O quê? — Eu tenho o rosto franzido e ela pula com minha voz. — Karine, não acredito! — Eu pulo em meu lugar, olhando para seu rosto completamente vermelho.

— Cale a boca! Eu... Oh, Jesus! Eu dormi aqui... com seu pai? — Ela olha para os lados completamente envergonhada e eu sorrio muito feliz pelos dois.

Karine é a nova secretária do meu pai. E de nova, eu digo também pela sua idade. Ela não tem nem trinta anos. Seu corpo é maior que o meu, pois é mais gordinha e seus cabelos são vermelho-vivo. Suas bochechas parecem com eles nesse momento. Eu me tornei sua amiga nas vezes que visitei papai. Eu sempre peguei seus olhares para ele, mas ela fingia que eu estava louca sempre que perguntei.

Meu pai é reservado, porém também peguei olhadas dele para ela. Eu atravesso a cozinha e a abraço.

— Você não está com raiva? — ela pergunta escondendo seu rosto entre as mãos.

— Claro que não! Eu quero é saber como vocês finalmente se entenderam. — Eu a puxo para sentar na banquetta e ela sutilmente me conta como eles ficaram juntos ontem.

Karine sorri contando que estava em um bar com algumas amigas e papai chegou logo depois. Ela fica mais vermelha quando conta que papai deu uma de homem das cavernas quando ela dançava com um garotão. Eu gargalho, porque não imagino meu pai fazendo isso.

— Alícia. — Meu pai aparece na porta da cozinha e eu me viro para o ver. Seu rosto está completamente sorridente e eu agradeço por Karine ter entrado em sua vida. Sei que agora meu pai vai ter alguém para confiar. Para cuidar dele e o amar.

— Oi. Eu já falei com Karine e estou superfeliz que decidiram ficar juntos. — Aperto a mão da minha amiga e papai desvia os olhos de mim para ela e sorri.

— Obrigado, querida. Porém... — ele começa a falar e eu franzo as sobrancelhas, vendo seu olhar concentrado.

— O quê? — questiono levantando e dou passos para perto dele. Olho por cima do seu ombro e vejo Felipe ainda brincando.

— Hum. Eu preciso dar uma saída. Cuide de Karine por mim? — ele pergunta caminhando até ela.

— Não sou um bebê, David — ela resmunga baixinho e ele revira os olhos, se inclinando e beijando a cabeça dela.

— Às vezes parece. — Ela abre a boca, talvez tentando formular uma resposta, mas ele a beija e sai em seguida.

Eu gargalho de sua cara e grito quando ela me manda o dedo do meio.

— Felipe, tem bolo, querido. Venha. — Sua voz amolece com Lipe e ele logo desliga o brinquedo e vem correndo para a cozinha.

Rindo, eu e ele comemos bolo de chocolate. Subo para meu quarto e passo pelo de Tina, vendo Clarisse sentada na cama. As duas se tornaram inseparáveis semanas depois que Tina chegou à escola nova. Eu sorrio e paro, a cumprimentando. Ela mora duas quadras abaixo da nossa casa e sempre está por aqui. Hoje não é diferente.

Teve um tempo que Tina estava aérea e muito triste, pensei que algo na escola nova tivesse acontecido, mas parece que só foi por causa do irmão. Não tenho certeza, mas agora ela está mais leve. Não se esconde no quarto, pelo contrário, até começou a ir a algumas festinhas das amigas da escola.

Eu suspiro feliz por ela e volto para o meu caminho em direção ao meu quarto. Sorrio, abrindo meu closet. As roupas de Luca estão todas aqui, eu as trouxe de sua casa. Eu sinto meu coração apertar quando vejo a camisa com que ele estava quando nos conhecemos naquela noite. Tiro-a do cabide e a abraço apertado. No fundo das roupas tem uma caixa que eu personalizei. Retiro a tampa e sorrio, vendo as recordações desse tempo que ele está fora.

As fotos são de dias especiais, como a feira de ciências de Tina, sua formatura do ano passado, a de Felipe também. Procuro entre elas uma que estou na faculdade apresentando um trabalho. Esse dia era um dia quase que bobo. A professora pediu que levássemos a pintura que mais gostávamos e que ela representasse algo. Eu escolhi a dele. Eu falei para meus colegas e professora que o quadro dele representava o amor. Simples e puro. Era o tipo de amor que só encontramos uma vez na vida. Eles sorriram e minha professora me disse que eu não perdesse esse amor.

Dentro da caixa também tem alguns bilhetes que eu escrevi em alguns momentos. Volto a caixa para o lugar e seguro sua blusa sorrindo. Eu respiro

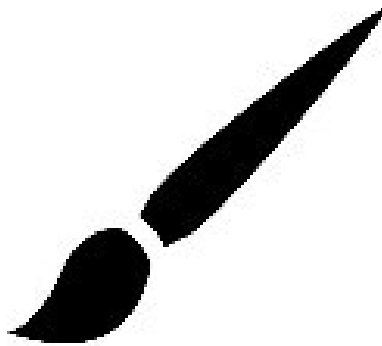
fundo quando sinto lágrimas se acumularem em meus olhos.

Tem dias que vou dormir sem chorar, mas tem noites que eu não durmo, pois meus soluços não permitem. Sinceramente, eu acho que essa dor que ataca de vez em quando é um lembrete de que eu não posso ser completamente feliz. Não enquanto ele não estiver aqui, ao meu lado.

Eu me sento contra a porta e abraço a blusa, deixando as lágrimas fluírem. Um dia, eu não terei por que chorar. Luca estará comigo e eu nunca mais vou sentir necessidade de chorar por sua falta.

Está perto.

Eu repito diversas vezes durante meu choro que dura quase uma hora.



Três meses depois...

— Você está bem. — digo a mim mesma enquanto me olho no espelho. Meus cabelos loiros estão mais longos e quase batem na minha cintura. Eu os enrolei hoje e no rosto passei mais corretivo do que o de costume.

Ontem eu dormi chorando. Luca está ignorando minhas cartas. Não sei o que aconteceu, mas já enviei duas e ele nunca manda a resposta por Theo ou papai. Meus pensamentos correm para algo pior. Será que ele decidiu que é melhor não nos comunicarmos?

Por Deus, que não seja isso.

— Podemos ir? — Tina pede na porta e eu aceno. Ela quer ir em sua casa

hoje. Eu a acompanharei, pois não tenho certeza de que é seguro para ela ir sozinha lá.

— Sim. Onde Felipe está? Ele disse que iria? — pergunto pegando minha bolsa e seguindo para fora do quarto com ela em meu encalço.

— Está lá embaixo. — Eu aceno e juntas saímos de casa. Meu pai saiu cedo dizendo que precisava estar no fórum. Karine estava aqui, mas já foi para o trabalho também.

Estaciono no acostamento da rua e sinto meu corpo tremer quando encaro a casa à minha frente. Ela está mais nova que antes, pedi a meu pai para reformar e ele aceitou depois que convenci Luca por cartas. Desço do carro e escuto Tina e Felipe descenderem também.

A grama verde parece quase imaculada. Entro na casa com os dois em minha cola e vislumbro o sofá arrumado e tudo no seu devido lugar. Eu suspiro aliviada, mesmo sabendo que ninguém mexeria na casa.

— Eu vou até meu quarto — Tina murmura, mordendo seu lábio, e eu aceno, vendo-a sumir logo depois com Felipe.

Também me movo, mas em direção ao quarto de Luca. Sua cama está no lugar de sempre e eu fecho os olhos, me lembrando da vez que dormimos de conchinha nela. Parece que isso foi ontem, no entanto, já faz dois anos.

Ando em direção ao seu armário e sorrio, vendo uma caixa com algumas fotos. São dele, dos meninos e da sua mãe. Diversas fotos mostram quão felizes um dia eles foram, quando ela ainda era viva e fazia parte da família.

Eu me sento em sua cama e encaro o cômodo todo. Não venho aqui há alguns meses. Não por não gostar, mas porque dói estar aqui sem ele. Parece errado. Eu acho que é, na verdade.

Escuto um motor rugir na rua e sinto todos os meus pelos arrepiarem quando me lembro desse som quando Luca corria ou quando ele me levava em casa. Um tremor atravessa meu corpo e eu forço meus pés a se moverem. Ando até a janela e pisco quando o carro dele entra na garagem. Não consigo ver quem o dirige, e mesmo que seja realmente uma loucura, eu corro escadas abaixo escancarando a porta.

Meu coração parece uma bateria de escola de samba. Eu tento pensar com clareza e saber que isso é uma loucura. *Não é ele*, grito em pensamento, mas minha cabeça fica em segundo plano com a esperança que ressurgir em todo o meu corpo como uma onda elétrica.

Meu equilíbrio se torna escasso quando a janela do motorista desliza e ele aparece sorrindo largamente. O motor ruge novamente e eu levo minhas mãos ao meu rosto, esfregando, querendo que essa alucinação vá embora, pois sei que vou chorar o resto da semana por isso, mas antes que eu consiga sua voz ecoa.

— Barbie, venha aqui — ele grita saindo do carro e eu não sei como ou quanto tempo levo para correr até ele, eu só sinto meu coração ressurgir assim que seus braços envolvem minha cintura.

— É você mesmo? Luca, é você, não é? — Eu não controlo minhas lágrimas e Luca ri beijando cada uma delas.

— Sim, Patrícia. Sou eu. Deus, como senti sua falta. — Ele respira fundo contra meus cabelos e eu me derreto. Seu cheiro me envolve e eu o seguro comigo tanto quanto posso.

— Eu te amo. Te amo tanto — sussurro contra seus lábios e o beijo profundamente.

Abro meus lábios para sua língua entrar e eu me delicio com sua boca, enquanto me aperto contra seu corpo. Suas mãos me seguram pela bunda e cabelo e logo estou sentada no capô do seu carro. Eu o prendo com minhas pernas e seguro seu cabelo, agora um pouco grande, e o puxo em minha direção. Minhas mãos parecem sedentas dele. Da sua pele, dos seus músculos. Do seu corpo por inteiro. Não consigo pará-las de se moverem por sua pele clara.

Contorno suas tatuagens e beijo seu rosto em todo e qualquer lugar que eu consigo. Abraço seu corpo e sorrio quando ele chupa a pele do meu pescoço, me marcando.

— Minha — ele sentencia devagar, lambendo e beijando onde me mordeu.

— Sempre — respondo e ele me dá mais um beijo, e, por último, um

selinho.

— Luca! — Tina e Felipe gritam em uníssono e eu sorrio largo os vendo descer as escadas da varanda, correndo em nossa direção.

Luca sorri, se virando, e eu deixo minhas pernas caírem. Em menos de um segundo seus olhos piscam a umidade, fazendo lágrimas grossas caírem. Desço do capô e me ponho atrás dele, assistindo com prazer ao reencontro dos três.

— Jesus! — Ele se ajoelha diante dos dois e eu soluço contra minha mão, vendo os seus irmãos se ajoelharem chorando enquanto tentam juntos abraçá-lo.

Meu coração bate descontroladamente e eu me seguro no carro, temendo cair a qualquer momento. Vê-los assim me dar a certeza de que a minha força durante esse tempo valeu a pena. Valeu cuidar dos dois para ele, valeu esperar por meu grande amor durante esse tempo.

— Vocês estão tão grandes. — Ele bagunça o cabelo de Lipe e ele gargalha, segurando Luca pelo pescoço.

— Sou um homem. Lili quer me dar beijos, mas eu disse que só pode dentro de casa — Felipe fala parecendo uma pessoa grande, eu sorrio piscando.

Do outro lado da rua eu vislumbro meu pai em seu carro. Não sei por que, mas eu sei que essa surpresa foi obra dele.

— Eu te amo — sibilo para ele e ele acena, me mandando beijo antes de entrar no carro e partir.

Volto minha atenção para os meninos e eu respiro fundo, completa. Hoje eu não tenho por que chorar. Luca está comigo e eu nunca mais vou chorar por sua falta. Posso chorar de felicidade em tê-lo, mas nunca mais de tristeza.



Capítulo 30

Luca

— Você ainda está rabiscando esse papel? — Kieran pergunta andando até mim.

— Sim, não quero responder o que estou pensando, então só fico desenhando formas idiotas. E você? Ainda enchendo meu saco? — questiono revirando os olhos enquanto me ergo e amasso a folha onde eu escrevia para Alícia.

Ela já enviou duas cartas essa semana. Na segunda me perguntou por que eu não a respondia. Seu pai disse que eu estou perto de sair daqui. Não estou criando expectativa, mas ficar trancado em uma cela por um tempo longo me faz desejar qualquer saída.

— Você já pensou no que te falei? — Kieran pergunta batendo seus dedos ritmicamente na parede. Está de madrugada e a maioria dos presos estão dormindo, como sempre, eu e Kieran ficamos acordados.

— Não pensa mais nessa porra. Já falei que não vamos fazer isso e o

"vamos" inclui você. — Aperto o papel amassado na palma da minha mão enquanto meu corpo fica completamente rígido.

— Claro que vou pensar, Luca. Não vou sair dessa merda agora... você, talvez, mas eu, não. — Eu aperto minha mandíbula, encarando seu rosto decidido.

— Você não vai fugir daqui. David já está cuidando do seu caso. Você vai sair logo. Não faça merda, Kieran. — Caminho até ele sussurrando e ele desvia os olhos de mim.

Alguns caras estão organizando uma fuga, eles chamaram a mim e a Kieran, mas eu me neguei. Não vou fazer merda logo agora que eu estou perto de sair. Kieran, ao contrário, parece decidido, e eu temo por ele.

— Se fugir, vai ficar vagando pelo mundo sozinho. Temendo que alguém te traga de volta para cá. Você quer isso? — questiono, cruzando meus braços. Ele torce o rosto e se vira engolindo em seco.

— Eu quero ser livre. — Sua voz é apenas um sussurro.

— Fugir não é sinônimo de ser livre. Muito pelo contrário — sentencio e ele suspira, saindo de perto de mim.

Na manhã seguinte David chega cedo e me diz que posso ir embora. Minhas mãos tremem quando pego minha blusa e a visto. Eu me viro e encaro Kieran de pé, atrás de mim. Ele bate em minhas costas sorrindo e eu sei que consegui um amigo para a vida toda.

— Eu vou fazer de tudo para te tirar daqui. Não faça merda — murmuro temendo que amanhã eu saiba que ele fugiu daqui. Puxo seus ombros e o abraço.

— Fique bem — ele sussurra e eu aceno me distanciando.

— Você também.

Marcelo, o policial que se tornou meu amigo, me espera na porta e eu aceno sorrindo para ele.

— Como falei antes, você é um garoto bom. Não se meta em encrencas

novamente. — Ele dá dois tapas em minhas costas e eu aceno rindo.

— Não vou.

Vejo David sorrindo abertamente para mim quando chego à entrada. Ele me puxa para seus braços e eu o abraço de volta. Ele foi, depois de Kieran e Theo, a pessoa que me manteve mais perto do meu passado. Alícia tem sorte por tê-lo como pai.

— Vamos? — Ele bagunça meus cabelos e eu aceno sorrindo.

— Vamos. — Eu elevo minha cabeça para procurar por Alícia, mas fico confuso quando não a vejo.

— Ela está na sua casa. Levou Tina e Felipe lá. Faça uma surpresa, ela não sabe que está livre. — Ele sorri largo e eu aceno, rindo de verdade em um longo tempo.

No estacionamento meus olhos quase caem quando vejo meu carro. Merda. Aliso a pintura e suspiro aliviado quando me sento no meu banco de couro. Acelero conforme as batidas do meu coração e em menos de 10 minutos eu estou entrando em minha rua.

Meus olhos se prendem nas casas tão conhecidas e sorrio. Paro meu carro na minha entrada e meus olhos se arregalam quando eu vejo a minha casa. Ela está pintada de branco e marrom. Parece uma casa de verdade. Tão bonita que eu fico embasbacado por alguns segundos. Eu sorrio, agradecido por Alícia ter a reformado. No começo eu não queria. Eu achava que ela só estava gastando dinheiro à toa, mas ela pediu tanto que eu deixei.

Acelero meu carro quando ela aparece na porta. O sorriso em seu rosto faz meu coração ressurgir. Deus, como senti falta de olhar seu sorriso e seus olhos. Como amo essa garota, meu Deus.

Vejo quando suas pernas tremem. Acelero o meu carro a vendo limpar seu rosto, o esfregando levemente. Deslizo a janela e sorrio largamente. O motor ruge novamente e ela esfrega o rosto mais uma vez. Alícia deve pensar que sou uma alucinação. Eu pensaria também.

— Barbie, venha aqui — eu grito saindo do carro e, tão rápido quanto

pode, ela está pulando em cima de mim.

— É você mesmo? Luca, é você, não é? — Lili tem lágrimas pelo rosto todo e eu beijo cada uma delas com um sorriso.

— Sim, Patrícia. Sou eu. Deus, como senti sua falta. — Eu respiro fundo contra seus cabelos e ela relaxa contra meus braços. Seu cheiro de flores tão conhecido me invade, e eu inspiro novamente, querendo que ele me envolva inteiro.

— Eu te amo. Te amo tanto — Alícia sussurra como uma prece e eu sei que esse tempo valeu a pena só por ouvi-la falar isso.

Faço-a ela abrir os lábios para minha língua entrar e logo a tomo em êxtase por novamente poder está tocando-a. Seguro sua bunda e cabelo e a sento no capô do meu carro. Suas pernas me rodeiam enquanto eu seguro seu rosto, querendo que a gente possa ser um só. Seu corpo se encaixa no meu e eu quero me perder nele. Quero ter Alícia McLaren em minha cama.

Essa mulher é minha.

Seus lábios contornam minhas tatuagens e ela me beija em todo e qualquer lugar que alcança. Alícia me faz sentir que sou único. Que sou dela, e isso a faz feliz. Ela me abraça e sorri quando chupo a pele alva do seu pescoço, marcando-a como minha.

— Minha — pronuncio devagar, lambendo e beijando onde a mordi.

— Sempre — responde respirando com dificuldade, e lhe dou mais um beijo.

— Luca! — Escuto a voz dos meus irmãos e meus lábios tremem quando me viro e os avisto descendo as escadas da varanda, correndo em nossa direção.

Em poucos momentos minhas lágrimas grossas caem.

— Jesus! — Eu me ajoelho diante dos dois e sinto minha pele queimar quando eles tentam, juntos, me abraçar.

Mãe, eu... desculpe por tê-los deixado sem mim. Eu estou aqui agora,

mamãe. Juro cuidar deles até meu último suspiro.

— Vocês estão tão grandes. — Eu bagunço o cabelo de Lipe, o fazendo gargalhar, e encaro minha Tina. Ela sorri, chorando, e eu a abraço pela cintura.

Ela está maior. Tão linda que preciso saber de Alícia se ela já está com namorados. Só o pensamento me faz engolir em seco.

— Sou um homem. Lili quer me dar beijos, mas eu disse que só pode dentro de casa — Felipe fala sorrindo, e eu beijo sua testa.

— Tenho certeza que vai querer beijos mais tarde — respondo brincando e ele gargalha. — E você? — pergunto encarando Tina.

— Eu nada... mentira... eu te amo. Estava com tanta saudade. — Ela suspira tentando segurar as lágrimas, porém elas descem e um soluço corta sua respiração.

— Oh, Tina. — Eu beijo suas lágrimas e os aproximo mais de mim. Beijo a cabeça dos dois e choro, abraçado a eles.

Alícia vem para mais perto de nós dois e eu suspiro aliviado, agora que tenho os três novamente. À noite, irei agradecer as estrelas por isso.

— Vamos entrar? — Lili sussurra e eu aceno, levando meus dois irmãos nos braços enquanto eles gargalham.

Não sei o que eu fiz para merecer Lili ou eles dois, mas eu não vou deixar nada no mundo separar nós quatro. Nada.

Me viro vendo Lili de braços cruzados encostada na porta enquanto os meninos assistem um seriado na TV.

— Barbie — sussurro, a fazendo sorrir. Ela dá dois passos em minha direção e para, elevando o rosto.

— Atroz. — Sua cabeça inclina e seus cachos loiros caem enquanto seus olhos azuis brilham felizes, me fazendo me perguntar se ela verdadeiramente foi um anjo enviado por Deus e mamãe.

Eu acho que sim.

Fim.



Alícia

Mordo a parte interna da minha bochecha novamente e bato meus dedos contra minha coxa repetidamente.

— Vai furar sua perna e fazer um corte na bochecha... — Escuto a voz risonha de Luca ao meu lado e engulo em seco.

— Aonde está me levando? — questiono sem rir e ajeitando o pedaço de pano que ele colocou sobre meus olhos.

O carro acelera mais um pouco e eu volto a morder a bochecha. Luca ri ao meu lado e eu viro minha cabeça, sentindo o vento contra meu rosto.

— Estamos chegando. Não seja chata — ele resmunga, ainda rindo, e eu suspiro.

Hoje faz dois dias que ele saiu daquele lugar. Durante esse tempo, ele se dividiu entre mim, Lipe e Tina. Num momento ele estava brincando com Lipe, no outro estava ensinando alguma atividade a Tina e, depois, vinha para mim,

me observando pintar e depois me levando para a cama, para nos amarmos.

Hoje pela tarde ele me avisou que queria me levar em um lugar. Eu estranhei, mas logo aceitei. Onde ele estiver eu quero ir com ele. Não importa onde.

No entardecer ele me disse que era a hora. Então saímos, mas, antes da avenida principal, ele me vendou. Ajeito a venda novamente e ele começa a rir.

— Vamos, Luca! Posso tirar? — questiono muito ansiosa.

— Um minuto — ele pede, apertando minha coxa, e eu aceno, suspirando.

Em menos de um minuto o carro para e ele salta. Espero alguns segundos e logo ele abre a porta, me dando ajuda para sair. Respiro fundo quando meus pés batem no chão.

Luca pega minha mão e me guia enquanto dou alguns passos em direção a algo. Surpreendo-me quando sinto alguns degraus e Luca me avisa para tomar cuidado. Eu aceno, mordendo meu lábio, e sinto um beijo dele em meu pescoço, me fazendo rir apaixonada.

Quando paramos, sei que estamos em algum tipo de tenda. Sinto Luca me rodear e se colocar em minhas costas. Suas mãos trabalham no pano, desfazendo o nó da venda, e eu sorrio, aliviada.

Minha visão demora a se normalizar e eu aperto os olhos antes de olhar para frente. Meu estômago dá cambalhotas e o meu coração, antes muito nervoso, passa a completamente confuso e, depois, feliz.

— Você... — tento formular algo, mas eu paro, levando a mão aos meus lábios.

Estamos na pista onde Luca correu há alguns anos. O lugar está maior e mais organizado, mas não é isso que está me fazendo chorar e tremer. Meu coração bombeia rápido enquanto encaro a maior quantidade de luzes que já vi lá embaixo formarem a melhor frase que eu poderia ler vindo de Luca.

Casa comigo?

Eu me viro hipnotizada pela junção de todas aquelas luzes de Natal, porém, de apenas uma cor: amarela, e me assusto quando não vejo mais Luca atrás de mim. Eu me viro novamente em direção às luzes e me surpreendo quando o vejo ele lá embaixo, de joelhos.

Na sua mão tem um tablet de tamanho grande e nele começa a passar frases para mim. Eu sorrio ao ler a primeira.

Você deve me achar um louco...

Eu sou...

Quero te roubar novamente, Barbie...

Para sempre, dessa vez...

Você ainda quer esse Atroz?

Se não quiser, não tem problema...

Eu roubo o que não me quer também...

Eu sempre vou roubar você...

Eu sempre vou ser seu Atroz...

E você sempre vai ser minha Barbie, Patrícia e Lili...

Você quer casar comigo?

Eu soluço diante de tanta fofura e autoconfiança. Ele ri, fazendo reverência a mim, e eu engulo em seco, me virando e descendo os degraus ao lado de uma arquibancada.

Assim que estou à sua frente, eu sorrio e me jogo em seus braços. Luca me recebe, apertando-me contra ele. Parecemos tão sedentos um pelo outro. Tanto amor em um único abraço.

— Eu queria estar com meu cavalete e meu pincel... — Bato meus cílios realmente ansiosa. Eu queria mesmo.

— Para que, Baby? Você só precisa dizer sim...

— Eu queria dizer sim em aquarela — sussurro contra seus lábios macios, sentindo a verdade dessas palavras.

Luca aproxima nossas cabeças, em lentidão, os olhos vidrados e felizes nos meus, e, finalmente, se fecham, quando nossas bocas se juntam.

Meus pés saem do chão e eu penso estar voando, mas isso só é o resultado de quando seus lábios tocam os meus. Desde a primeira vez ao lado do seu carro, depois que ele me roubou. Sinto-me fora do ar, com tanto amor.

— Sim. Te amo e quero ser, para sempre, roubada por você. — Ele sorri largo ao me ouvir e eu volto a beijá-lo.

Luca me guia para trás e eu me assusto quando paramos ao lado da arquibancada. Meus olhos se arregalam quando eu vejo uma coberta estendida e várias almofadas em cima. Luca me deita sobre a manta macia devagar, e eu levo minhas mãos para seu rosto. Sua barba está feita e eu a acaricio, trêmula. Seus lábios beijam meus dedos e eu tremo, sentindo seus olhos vidrados em mim.

Lentamente, Luca despe meu corpo e beija cada extensão da minha pele clara como se eu fosse a pessoa mais importante do mundo, e eu o reverencio cheia de amor em meus olhos.

Nosso amor é lento e tão carinhoso, que eu imagino que esse Atroz deve me achar frágil, ou, talvez, apenas esteja fazendo amor da maneira mais sublime. Eu me entrego sem reservas ao grande amor da minha vida e encaro seus olhos enquanto, juntos, alcançamos o prazer. Luca me avisa uma e outra vez o quanto me ama em meio aos nossos beijos e eu respondo dizendo o mesmo.

Sua testa descansa contra a minha quando paramos de nós beijar. Nosso amor se rende a nós dois e, juntos, elevamos nossas cabeças e encaramos as estrelas.

Obrigada, falo em pensamento, e ele sorri, piscando, ao saber que fiz o mesmo que ele.



Epílogo 2

Molho a ponta do pincel novamente na cor marrom e desvio a minha atenção do meu quadro quase pronto para o homem que descansa em minha cama.

Luca dorme tranquilamente enquanto seus braços estão elevados acima de sua cabeça. Sua postura está tão relaxada, e eu sei que isso foi obra da massagem que fiz em seu corpo.

Ele está trabalhando mais do que eu gostaria. Faz dois anos que ele saiu da prisão. No dia do seu aniversário, depois de sair daquele lugar, eu o presenteei com uma oficina. No primeiro momento, ele ficou bravo, sim, ele ficou terrivelmente bravo. Disse que não queria o meu dinheiro, que queria me dar o mundo, e não receber presentes de mim.

Eu revirei os olhos escondido e falei que em nenhum momento penso que meu dinheiro é algo tão importante que vai ocasionar brigas entre nós dois, só porque eu quero presentear-lo. Sei, o presente foi caro, mas eu posso dar a ele. E eu o convenci disso.

Em um ano e meio ele depositou dinheiro em minha conta. Sim, ele

devolveu o dinheiro todo que gastei com ele. A sua oficina é maravilhosa e ele já tem até funcionários. Kieran é o mais novo contratado.

Ele saiu da prisão um ano depois que Luca. Nunca vi Luca tão aliviado ao ver um amigo. Ele sorriu largo quando Kieran saiu daqueles portões. Eu estava ao seu lado, obviamente.

Volto meu foco para a tela e sorrio, pintando meu marido. Sim, nos casamos uma semana depois que ele fez o pedido. Em Las Vegas.

Claro, ele disse que aquele não foi o casamento de princesa que eu mereço e que logo iríamos casar na igreja, com tudo que eu tenho direito. Eu agradei às estrelas novamente por ele naquele momento.

— O que você está fazendo, Alícia? — Pulo assustada quando escuto sua voz rouca ao pé do meu ouvido. Nem percebi quando ele se levantou da cama.

Sorrio quando suas mãos, agora mais grossas do trabalho, pousam em meu ventre inchado. Estou com 20 semanas de gravidez. Semana passada descobrimos que serão gêmeos; dois meninos. Dizer que Luca ficou feliz é um eufemismo.

Acho que foi o nosso grande momento. No dia em que contei a ele da gravidez, ele me encarou por minutos, o que me fez chorar. Chorei ao pensar que ele não queria bebês comigo. Eu estava tão nervosa, com tanto medo de ele me deixar, mas quando o susto passou, ele apenas se ajoelhou e agradeceu.

Disse que me amava e que eu o fazia o homem mais feliz do mundo.

— Outra? — ele questiona enquanto eu dou os últimos acabamentos em mais uma pintura sua.

— Sim. Outra. Adoro pintar você. Adoro saber que eu posso pintar você a hora que eu desejar e, mais ainda: eu amo admirar os quadros que pinto de você — sussurro com um sorriso e ele solta o ar, me ajudando a descer do banco.

— Eu sei, Barbie. Mas você precisa dormir. Vamos para a cama — ele pede, cheirando meus cabelos, e eu aceno, deixando o cansaço falar mais alto.

Luca me observa entrar no banheiro e lavar as mãos sujas de tinta. Beijo

seus lábios antes de dormimos e, no meu sonho, eu vejo Tina e Felipe brincando com meus dois bebês. Antes de eu apagar, um sorriso grato se estende por meus lábios.

Agradecimentos

Atroz foi um livro no qual eu me envolvi bem mais do que costumo. Alícia e Luca nasceram de uma brincadeira com as minhas leitoras do Wattpad. Eu queria ir escrevendo e postando, e assim foi. Escrevi e postei. Foi uma surpresa enorme ver o quanto elas amaram esses dois, o quanto elas ficaram envolvidas. Luca e Alícia foram crescendo e o amor deles se tornou tão crível que não tinha como eu e elas não nos envolvermos.

Enfim, essa história foi incrível de escrever. Eu me apaixonei intensamente por esses personagens e eu espero sinceramente que eles também tenham conquistado você.

Queria agradecer às minhas leitoras pelo apoio que elas sempre me dão. A você que está lendo esses agradecimentos. Espero que #Lulícia tenha conquistado você também <3

Com amor,

Evilane Oliveira.

Sobre a autora

Evilane Oliveira é uma cearense de vinte anos que conheceu o mundo da literatura aos quinze, quando cursava o ensino médio. Começou a escrever aos 17 anos, pelo Wattpad, e conquistou alguns leitores que a acompanham desde seu primeiro romance New Adult.

Casada e com uma filha, a nordestina sonha alcançar o coração de mais leitores.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Grupo no Facebook](#) | [FanPage](#) | [Instagram](#) |

[Wattpad](#) | [Skoob](#) | [Site](#)

Gostou de Atroz: Uma Fuga Inesquecível? Compartilhe sua opinião nas redes sociais e na Amazon, indicando-o para futuros leitores. Muito obrigada!

Table of Contents

<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 2</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 3</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 4</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 5</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 6</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 7</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 8</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 9</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 10</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 11</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 12</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 13</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 14</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 15</u>	<u>Luca</u>
<u>Capítulo 16</u>	<u>Alícia</u>
<u>Capítulo 17</u>	<u>Alícia</u>

[Capítulo 18](#)

[Luca](#)

[Capítulo 19](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 20](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 21](#)

[Luca](#)

[Capítulo 22](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 23](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 24](#)

[Luca](#)

[Capítulo 25](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 26](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 27](#)

[Luca](#)

[Capítulo 28](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 29](#)

[Alícia](#)

[Capítulo 30](#)

[Luca](#)

[Epílogo](#)

[Alícia](#)

[Epílogo 2](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)